

SÉRIE CADERNOS NIGS

NOITES DE NATAL NO BRASIL

Impressões do cotidiano e dos costumes
germano-brasileiros para a juventude alemã

Julia Engell-Günther

Com quatro gravuras de Haun



Berlim
Verlag von Julius
Springer
1862

GÜNTHER, Julie E. **Weihnachtsabende in Brasilien.** Deutsch-brasilianisches leben und treiben. Für die reifere deutsche jugend. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1862.

Cadernos NIGS é uma publicação do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, do Laboratório de Antropologia Social (LAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Reitora: Roselane Neckel

Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Paulo Pinheiro Machado

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Edviges Marta Ioris

Editoras gerais dos Cadernos NIGS: Miriam Grossi e Beatriz Nedel.

Revisão deste número: Izabela Liz

Editoração deste número: Beatriz Nedel

Capa e contracapa: Arte de Pablo Mayer, diagramação de Beatriz Nedel

Conselho Editorial

Alinne Bonetti (UNIPAMPA)

Bernadette Grossi dos Santos

Carla Giovana Cabral (UFRN)

Caterina Rea (UNILAB)

Claudia Lee Williams Fonseca (UFRGS)

Elisete Schwade (UFRN)

Fátima Weiss de Jesus (UFAM)

Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA)

Marcelo José de Oliveira (UFV)

Mareli Graupe (UNIPLAC)

Marlene Tamanini (UFPR)

Miriam Adelman (UFPR)

Patricia Rosalba Moura Costa (IFSE)

Paula Pinhal de Carlos (UNILASALLE)

Rozeli Maria Porto (UFRN)

Sonia Malheiros Miguel (SPM)

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

PREFÁCIO

Mais do que um desejo de memória¹, “Noites de Natal no Brasil” nasceu de um desejo de vida!

A edição desta obra teve início a partir do trabalho de um grupo despretenhoso de mulheres paulistanas que se reúne, semanalmente, há mais de 30 anos, para discutir sobre publicações brasileiras e alemãs, como manutenção de suas identidades teuto-brasileiras por meio da língua e da cultura.

O velho livro de 1862 foi parar neste círculo de leituras por volta de 2009.

“Julie Engell-Günther? Quem seria esta mulher, afinal?”

Elke Dislich, que já fazia trabalhos de tradução, passou bons anos correndo atrás de outros livros, artigos, interlocuções e cartas para responder suas perguntas. No grupo de Relações Linguísticas e Literárias Brasil-Alemanha (Rellibra), da Universidade de São Paulo (USP), ela encontrou o suporte científico necessário para o trabalho de tradução.

Certamente, muitas outras dúvidas surgiram depois que a sua rede se uniu, ainda, aos interesses da pesquisa apoiada pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Não por acaso, escolhemos lançar a tradução desta obra no dia da defesa da Tese: “Os Natais da livre pensadora alemã Julie Engell-Günther: relações de gênero e interétnicas no Brasil do século 19”.

O processo de tradução ganhou novo sentido a partir do encontro entre tradutora e pesquisadora (Elke Dislich e Izabela Liz Schindwein), em 2011. O entendimento da visão de Julie Engell-Günther sobre o Brasil a partir de uma perspectiva feminista pós-colonial passou, portanto,

¹ NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

pela interpretação de “Noites de Natal” (tanto da leitura original quanto da versão traduzida). E é com o suporte técnico-científico do NIGS que esta parceria se concretiza.

Obrigada a vocês:

Elke Dislich, Eva von Rautenfeld, Gertraud Marcus, Elsa von Adamovitsch, Mari Luise Erps, Gisela Theiser, Astrid Budweg e Erika Bender.

Izabela Liz Schlindwein

Caros jovens amigos!

Queiram, em primeiro lugar, aceitar as minhas sinceras saudações, que envio, movida de profundas emoções e com o coração repleto de afeto, das longínquas plagas sul-americanas, do outro lado do Oceano Atlântico, no isolamento do hemisfério ocidental da nossa Terra.

É com especial satisfação e alegria que apresento, aqui, minhas experiências de muitos anos em um país estrangeiro, pois acredito ser motivo de orgulho poder, pela descrição da natureza e dos costumes daquela região singular, prestar uma oportuna contribuição ao enriquecimento dos seus conhecimentos e de sua compreensão.

Tentarei desfraldar este “Novo Mundo”, que é muito diferente daquele que vocês conhecem e que é familiar, diante dos seus olhos, em imagens vivas e verdadeiras. Devo, no entanto, alertá-los de que não poderão esperar de mim uma sequência de relatos fantásticos e episódios românticos, pois não é a minha intenção, ater-me a histórias de vida de algumas poucas pessoas. Quero, com a minha narrativa, mostrar-lhes as maravilhas da natureza tropical exuberante, bem como os costumes e o modo de vida dos habitantes deste vasto país; transmitindo a vocês como reconhecer, através dos registros do passado, as sementes do presente e do futuro, trazendo, desta forma, à tona a essência, a evolução e o desenvolvimento de tantas forças criadoras.

A melhor maneira de alcançar o objetivo que almejo, acredito que será pegá-los pela mão e conduzi-los pelos mais diferentes rincões deste Império, chamando sua atenção para a diversidade dos relacionamentos, e permitindo seu acesso aos diferentes segmentos das atividades humanas.

Levarei vocês até as choupanas dos pobres escravos negros e também aos salões da mais seleta sociedade local. Vocês terão a oportunidade de observar a vida dos mestiços no interior das províncias, bem como aprender a compreender os costumes dos brancos e de seus descendentes nas grandes cidades litorâneas. Certamente, vão se surpreender com o mais faustoso luxo, em oposição ao contentamento mais modesto; a maior ambição, em contraposição a mais profunda indolência, que chamam a atenção do observador em todos os lugares.

Mais adiante, mostrarei o imigrante, em sua luta diária contra a densa floresta, na qual tenta construir uma primeira moradia para os seus familiares, enquanto que, também o forasteiro culto, que ganha seu sustento negociando com seus parceiros brasileiros, merecerá a nossa simpatia.

O índio de pele cor de bronze, sobrevivente de um povo ancestral, de cuja descendência os mais abastados do país, nos dias de hoje, costumam vangloriar-se, também será merecedor da nossa consideração e, mesmo os animais, ao lado da imensa vegetação, deverão cativar a nossa atenção, uma vez que não devemos deixar de conceder-lhes uma importância considerável.

Juntos, percorreremos as bacias fluviais de altas temperaturas no Norte do país, onde participaremos da colheita do cacau, do tabaco e do algodão. Na região central do Brasil, visitaremos as plantações de açúcar e café, bem como as lavouras de milho, mandioca e feijão. Também conheceremos as colônias constituídas por muitos dos nossos conterrâneos, cujas condições peculiares nos convidam a empreender um exame mais minucioso.

Na província mais setentrional do Império, o cultivo do solo, introduzido por agricultores alemães, merecerá a nossa aprovação, pois promete um auspicioso desenvolvimento; também dedicaremos alguns momentos à extração do “chá paraguaio” (que aqui é conhecido por ‘mate’), uma vez que iremos nos dirigir aos campos no interior da província, onde se desenvolve a pecuária.

Acredito que sua aprovação ao meu modo de proceder não me será negada, quando vocês realizarem que a visão clara de muitos assuntos, que até hoje pareciam distantes, e que, portanto, requerem algumas considerações mais extensas, das quais eu julguei não poder poupá-los; e quando o encanto da verdade, que é inerente a essas cenas por mim presenciadas, não parecer desprovido de valor diante dos seus olhos!

Na Europa, a natureza já se apresenta, em grande parte, vencida e subjugada diante da mente humana. Ou, em outras palavras: “O ser humano conseguiu colocar as forças da natureza a seu serviço. E, com isso, diminuir, em grande parte, a sua própria subserviência, o que deve ser considerada uma das mais nobres tarefas da civilização.

Na América do Sul, no entanto, a luta pelas necessidades vitais primárias ainda se renova a cada dia, apesar do clima, no geral, ameno e de uma fertilidade extraordinária do solo, exigindo do homem os mais severos esforços; motivo pelo qual ainda não recebeu o reconhecimento devido.

Acrescenta-se a isso, o fato de que a imigração europeia, que se propõe a colonizar uma terra bruta, um solo que nunca foi cultivado, na prática, terá de, a partir do nada, com auxílio de seus conhecimentos trazidos da pátria distante, desenvolver uma nova forma de cultivo do solo, para a qual não dispõe de parâmetros. Não é, portanto, de se admirar que ela se apresente, muitas vezes, de maneira bastante desajeitada, para não dizer errada; como, por exemplo, frequentemente, pode-se observar que essas pessoas demonstram uma forte aversão à necessidade de adaptar-se aos costumes, que as condições naturais do país impõem, e cujo desprezo os nativos consideram uma ofensa. Enquanto que eles, por outro lado, se apressam, sem que haja necessidade, em renegar e deixar para trás os melhores e mais nobres costumes da sua terra natal. Manter, neste caso, o equilíbrio necessário, nem sempre é fácil. O ganho, no entanto, sem dúvida, seria muito grande; uma vez que suas consequências benéficas e seu bom exemplo trariam vantagens para ambas as partes.

* * *

Espero ter conseguido, de maneira satisfatória, chamar sua atenção, caro leitor, para estes e outros pontos de vista semelhantes!

Foi para vocês, meus jovens amigos, entre os quais um ou outro talvez, já tenha sido escolhido pelo destino a trilhar, no futuro, os mesmos caminhos, que eu, agora, tenho o privilégio de descrever, com o intuito de fornecer alguns conselhos e recomendações, que eu pesquisei, pensei e escrevi!

É a vocês, então, que cabe julgar, se consegui conquistar o seu interesse e sua gentil simpatia; e se é aconselhável, em breve, apresentar uma sequência destes singelos relatos!

Primeira Noite de Natal
no
Brasil
I.

Estamos no Rio de Janeiro e vocês sabem, portanto, que nos encontramos na capital do Império do Brasil, a maior cidade da América do Sul, o único domínio monárquico deste continente.

* * *

Rio de Janeiro! Linda Pérola do Sul, não há lugar no mundo, cujos encantos possam resistir a uma comparação com tua beleza singular! Quantos foram os viajantes que esqueceram os perigos da travessia do oceano, a sofrida lembrança da pátria amada, a incerteza ameaçadora do futuro que se avizinha, diante do enlevo arrebatador que teu magnífico esplendor incita! E qual o mortal que, com a mente embevecida de tantas maravilhas, poderá esquecer o deleite, a emoção, o júbilo que invade sua alma, ao contemplar, pela primeira vez, tua imagem deslumbrante, que surge diante de si em inigualável formosura, banhada de luz, no reflexo do espelho das águas espriadas.

Onde o céu se arqueia mais límpido, onde o sol brilha mais claro? Onde as estrelas cintilam mais afáveis? E a terra, com sorriso manso, envolta em vaporosos trajes festivos de brisa amena, não parece ela vestida para a recepção dos deuses, a quem preparou a mais aprazível morada?

* * *

Não obstante, infelizmente, sabemos todos nós, que os abraços dessa sereia, muitas vezes, são mortais.

Lembremo-nos dos horrores da “febre amarela”, que pune tão severamente os desavisados, que não sabem fazer uso da moderação?!

Rio de Janeiro

Pois os deuses deixaram de visitar o nosso mundo, ao menos em sua aparência terrena. E aos seres humanos é delegada a missão de estudar, reconhecer e empregar os ricos tesouros que a natureza oferece para o seu próprio bem-estar, bem como o de seus semelhantes.

Vamos, então, caros leitores, verificar até onde as aspirações humanas se mostram apropriadas para o alcance de tão nobre objetivo. Entretanto, não faltará oportunidade para percorrermos a cidade do Rio e seus arredores a fim de conhecê-la de todos os lados.

No lugar dos deuses, que, por assim dizer, esperávamos encontrar como moradores de um paraíso como este, quem é que se apresenta, em todos os cantos, aos nossos olhos estupefatos, tão logo pisamos em solo brasileiro?

É ele o pobre negro! O qual, mesmo que nem sempre escravo, pode ser considerado primordialmente como a classe trabalhadora do país. Não importa a direção para onde o nosso olhar se volta, nos navios, no porto, no cais, em todas as ruas, deparamo-nos com uma multidão de vultos escuros; enquanto que poucos homens claros e nenhuma mulher branca costuma ser vista, exceto aquelas que, por detrás das janelas semi-cerradas contemplam o movimento nas ruas.

* * *

No Colégio de Meninas

Hoje, o sol levantou-se realmente ardente e, desde as 7 horas da manhã, uma estranha bruma paira sobre a paisagem, envolve as montanhas próximas, os vales, os morros e as várzeas, com um véu incandescente e, invade, tremeluzente, as ruas da cidade, agora silenciosas e vazias.

O céu jaz com ímpeto pungente sobre a terra oprimida, enquanto que nenhuma brisa se faz sentir para trazer o tão esperado frescor do mar terra adentro. A população branca, que a essa hora do dia raramente se vê perambulando ao ar livre, permanece invisível, e mesmo o filho negro da África, enquanto livre e não escravo, que nesta condição não tem escolha e precisa trabalhar para o seu dono, passa as horas de maior calor sonhando sobre sua esteira de palha.

O escravo, por sua vez, não pode parar; mas o seu canto, de poucas variações, com o qual costuma apressar seus passos, vergado sob a pesada carga que carrega sobre a cabeça, não lhe quer sair bem; mudo, amuado, ele se arrasta pelas sombras das casas, para escapar, ao menos, da brasa ardente que repousa sobre o meio da rua.

Registramos, hoje, o dia 24 de dezembro, o que aqui significa alto verão, e o calor por volta das 11 horas da manhã parece querer sufocar-nos. Seria, realmente, quase impossível resistir, não fosse a brisa, que invariavelmente sopra por volta da hora do almoço, trazendo frescor da direção do mar.

Nós, no entanto, queremos adentrar o amplo edifício, cujas portas (que aqui quase sempre substituem as janelas), que dão para a varanda, estão escancaradas, permitindo que entreouçamos sinais de intensa atividade no interior desta casa, o que não notamos em nenhuma outra pela qual passamos.

Somos surpreendidos por uma balburdia de corridas diligentes, animação vibrante, cochichos confusos e risadas divertidas.

Temporada de férias

Logo, percebemos que nos encontramos em um Colégio de Meninas (como é chamado por aqui). Porém, a ordem, em geral, mantida à custa de muito esforço, foi posta de lado e a mais viva e irrequieta movimentação se faz presente. Hoje, os professores não virão, pois, ontem, as aulas já foram encerradas para o corrente período, e a maior parte das pupilas esperam que pais ou parentes, que moram próximo (ou seja, há poucas milhas de distância), venham buscá-las para passarem o tempo de férias em família.

O grande salão, onde são ministradas as aulas, serve, agora, de arena para a inquietação e impaciência do grupo de meninas menores e maiores (nenhuma, no entanto, com mais de 13 anos).

Quando a façanha de encenar para um dos vendedores mulatos de bananas, ou para alguma vendedora de abacaxis, for coroada de êxito, todas se apressam em gastar suas últimas economias, constituídas de enormes moedas de cobre, que restaram.

Para que guardar o dinheiro? Os bondosos pais, certamente, não hesitarão em abastecer novamente as caixas das suas princezinhas, já que os dias de festa e as férias, como bem se sabe, exigem alguns sacrifícios.

Vocês, meus caros leitores, não devem imaginar uma delicada caixinha ou bolsinha, quando se fala em “caixa”. Aqui, usa-se um pequeno caixote de boas proporções para guardar o dinheiro, uma vez que cada “vintém” (pronunc.: “Wintehm”), ou seja, uma moedinha de cobre, que vale vinte “Reis” (pronunc.: “Rehs”), não mais que 5 Pfennigs, tem o tamanho de uma moeda de prata prussiana. Fica claro que uma única dessas moedas preencheria um porta-moedas inteiro e que um saco com 50 “Mil-Reis” (pronunc.: “Mihl-Rehs”) não pode ser transportado facilmente.

O divertimento alegre e tagarela das nossas pequenas amigas só é interrompido quando uma carruagem chega diante da casa. Então, todas as crianças correm para o balcão, onde tentam descobrir quantos assentos possui o veículo, se são dois ou quatro, e se o senhor que acaba de apontar debaixo da capota é um conhecido.

Carruagens e cocheiros

Ao mesmo tempo, são passadas em revista as mulas e feitas observações pertinentes sobre os arreios e adornos das parelhas, como objetos de grande importância; pois, como todos os pais dessas meninas pequenas são proprietários de um grande número de cavalos e muares, mesmo que nem sempre possuam carruagens (porque, aqui, no Brasil, é mais usual andar-se a cavalo), elas falam desses assuntos com muito desembaraço e conhecimento.

Em seguida, chamam o cocheiro negro, principalmente quando ele pertence a uma família do círculo de amizades, o que quase sempre é o caso, e transmitem recomendações às senhoras da casa do seu patrão, sem que dêem atenção aos seus trajes estranhos, como uma coisa com a qual convivem desde sempre.

Nós, ao contrário, vamos lançar nosso olhar atento sobre o casaco guarnecido de galões e o chapéu de cano alto enfeitado de fitas douradas e prateadas do condutor da carruagem, e estranhar as enormes esporas, presas nos seus pés descalços. Pode, no entanto, acontecer que nos deparemos com cocheiros ou cavaleiros que, apesar de serem escravos, têm a permissão de usar botas, enquanto que é justamente o andar descalço que identifica a situação de escravo.

O visitante, entretanto, apressou-se em subir as escadas; pois, no Rio de Janeiro, e em todas as outras grandes cidades do Brasil, nas casas de dois ou três pavimentos, somente os andares superiores se prestam como moradias das classes mais abastadas da sociedade local, enquanto que os cômodos e salões do pavimento térreo são usados por estabelecimentos comerciais, armazéns e oficinas.

Palmas anunciam a presença de um forasteiro, que será encaminhado, imediatamente após esse sinal, pela criadagem que se apressa em atendê-lo, ao salão de recepção. É preciso saber que, no Brasil, ninguém ousaria adentrar uma moradia sem ser anunciado; e, como o costume de bater à porta ou fazer soar a campainha não é usual, uma vez que todas as portas sempre permanecem abertas, é dessa maneira que se pede permissão para entrar.

Somente a nós, caros leitores, será feita uma exceção, já que em todos os lugares nossa presença se dá de maneira silenciosa e invisível. Em um colégio, as salas de aulas, na maioria das vezes, presta-se também como sala de visitas. O que não deve causar estranheza, uma vez que a uma casa como essa, dificilmente outra visita chegará que não aquela, que vem para tratar de assuntos relacionados à instituição, com a diretora ou com suas pupilas.

Visita

O visitante que acaba de ser introduzido no recinto atrai a atenção das nossas meninas, que deixaram o seu lugar nas janelas para apertarem-lhe a mão e informarem-se sobre sua saúde e a de sua família. À frente das outras, no entanto, a alegre e sorridente Amanda se apressa em cumprimentar o bondoso pai, beijando-lhe as mãos, como é costume no país. Ela já sabe que ele pretende levá-la consigo para a “chácara” (pronunc.: Schakarah). É, no entanto, necessário aguardar a chegada da diretora, antes que possam ser tomadas as últimas providências para a partida.

Excepcionalmente, nesse caso, uma senhora pode receber um visitante homem, devido ao seu exercício profissional, enquanto que as mulheres, em geral, jamais recebem pessoas do sexo masculino, e no mais, quase nunca estão presentes nas conversas entre homens.

A diretora do internato

Nossa diretora, a “senhora” dona Fortunata, não é brasileira, mas portuguesa, nascida na Ilha da Madeira, motivo do qual muito se orgulha. Seus filhos nascidos no Brasil, entretanto, estão convencidos de que é justamente esta circunstância que importa. Mas a divergência de opiniões sobre este assunto não impede que um grande afeto mútuo uma mãe e filhos (apesar de que, no Brasil, muitas vezes, brasileiros e portugueses se enfrentam com considerável animosidade), já que a nossa dona Fortunata é uma senhora idosa tão primorosa que frequentemente precisa ouvir o comentário jocoso: “Portugal certamente não foi digno de abrigar uma filha de tamanha grandeza de coração, permitindo, assim, que o Brasil conseguisse conquistá-la para si”.

Suas feições simpáticas, nas quais se espelha sua generosidade sensata e sua força de vontade consciente do seu valor, logo ganham a nossa confiança e nós não duvidamos de que ela execute sua laboriosa profissão, sempre com a mesma lisura, há quase 30 anos.

Viúva há quase 30 anos, ela teve de encarregar-se sozinha da educação de seus filhos e filhas. Foram os recursos advindos do Colégio de Meninas que fundou, que permitiram que mandasse seus três filhos homens para a Europa, onde estudaram nos melhores colégios e depois cursaram a universidade.

Ela conseguiu superar a dor da longa separação com o auxílio do consolo trazido pelo convívio cotidiano com suas filhas. Desde bem cedo, elas souberam assumir suas funções de ajudantes da mãe, compartilhando com ela a esperança de, ao assim agirem, experimentarem uma alegria tanto maior quando os filhos, então crescidos, voltassem para a pátria.

Nisso ela não foi desapontada e, apesar de ainda manter a supervisão como a respeitada diretora, são suas filhas e seus genros que lhe facilitam o trabalho de tal maneira que sua vida tornou-se praticamente livre de preocupações. Afortunada pela presença amorosa de seus filhos e filhas, ela não teme o futuro e não possui quase que nenhum desejo mais, que pudesse dirigir ao destino; a não ser aquele: “Ter o privilégio de poder trabalhar mais algum tempo no fomento do progresso e da paz”.

Ensino e educação

São esses os pensamentos que expressa em palavras dirigidas ao pai da pequena Amanda, que a ouve com atenção respeitosa. Sua mãe já foi educada por ela no seu Instituto, mais tarde sua irmã, sua esposa e, agora, ela conduz gentilmente o ensino de sua filha.

O costume, neste país, de casarem-se as jovens ainda com pouca idade e a longa existência deste Colégio de Meninas (o primeiro dessa espécie a ser fundado no Brasil), podem nos fornecer a devida explicação de como isso foi possível. Em tempos passados, os brasileiros abastados mandavam seus filhos e filhas para Portugal para receberem educação formal, e aquelas filhas, que tinham poucas perspectivas de se casarem cedo, eram colocadas em conventos portugueses. Mesmo depois de ser fundado, em 1677, na Bahia (naquela época, a cidade mais importante do Brasil), um convento de freiras, era considerado mais elegante enviar as meninas para Portugal, do que instalá-las nesse convento para serem educadas ou vestirem o hábito de freira. Somente na época do famoso Ministro “Carvalho”, conhecido pelo nome de Marquês de Pombal, pôs-se um fim a essa prática reprovável. Foi esse homem também vitorioso em acabar com muitos outros maus costumes.

Desde a Proclamação da Independência do Brasil, quando os filhos dos portugueses que já haviam imigrado há algum tempo, começaram a designar-se “brasileiros”, para distinguirem-se daqueles chegados recentemente, que o pendor para manter-se um relacionamento mais estreito com Portugal começou a declinar, desaparecendo quase por completo. Em alguns casos, o distanciamento transformou-se em inimizade. Procurou-se desvincular também a educação, mais e mais, da influência portuguesa. O fato, no entanto, de as freiras e padres locais demonstrarem pouca erudição, não permitia que lhes fosse confiada a educação, como ocorria em outros países católicos.

Em vez disso, deve-se, em uma cidade cosmopolita, de comércio internacional, como é o Rio de Janeiro, conferir importância especial ao estudo de línguas estrangeiras e, portanto, franceses e ingleses não encontraram empecilhos para fundarem Colégios de Meninos, para o quê sua língua pátria já parecia qualificá-los.

O valor do conhecimento de línguas estrangeiras

Na época em que Dona Fortunata fundara seu primeiro Instituto Educacional para Meninas, o conhecimento das línguas francesa e inglesa ainda não era considerado de grande valor para o sexo feminino. No decorrer do tempo, no entanto, as exigências aumentaram, vendo-se a diretora na obrigação de contratar professores e professoras que dominassem essas línguas e pudessem assumir as respectivas aulas, agora requeridas, se não quisesse ser sobrepujada pelos muitos estrangeiros que se propunham a também fundar Colégios de Meninas.

Já tivemos oportunidade de constatar que seus esforços foram coroados de êxito; e queremos então aproveitar o ensejo para chamar a atenção dos nossos conterrâneos alemães para o fato de que somente poderão almejar um futuro promissor no Brasil, se forem capazes de fazer uso das línguas citadas e, principalmente, do português, em suas conversações. Porque, somente assim, terão condições de apresentar seus outros conhecimentos de forma adequada, queiram eles atuar como médicos, comerciantes, professores ou funcionários do governo imperial.

Mas não nos esqueçamos de lançar um olhar sobre a nossa pequena amiga Amanda. Rapidamente, ela trocou seu vestido, penteou os cabelos e calçou os sapatos novos.

Devemos saber que para quase toda aparição em público, são necessárias botinhas ou sapatos novos, porque o couro muito fino que é usado aqui para a confecção de calçados não costuma resistir por mais de alguns dias; motivo pelo qual crianças e adultos (mesmo entre a classe mais abastada), no interior de suas residências, na maioria das vezes usam chinelas toscas ou andam descalços.

Entretanto, onde estão o chapéu e o xale, ou a sombrinha e a mantilha, (estes últimos mais adequados ao costume local) para que se possa finalmente iniciar a viagem, que não é longa?

Uma escrava negra, que serve como mucama, traz os objetos desejados e é chegada a hora das despedidas, com apertos de mão e os habituais votos de: Que passem muito bem!

Tomemos assento na caleça, ao lado da radiante Amanda, para acompanhá-la até a casa de seus pais! A chácara é tida pela menina como seu verdadeiro lar, uma vez que lá chegou ao mundo e somente raras vezes viera à cidade em companhia de sua mãe e suas irmãs, antes de ser levada

ao Colégio.

As famílias brasileiras de recursos, e mesmo as estrangeiras, vivem nessas pequenas propriedades campestres nas cercanias do Rio. Os homens, no entanto, possuem seus escritórios, armazéns, magazines etc. no centro da cidade, onde ficam ocupados das 6 da manhã às 5 da tarde. Após o desjejum, pega-se o caminho da cidade, de carro, ônibus ou tilbury, a cavalo ou montado em mula, ou, talvez, de barco, cruzando a bela baía. Lá, toma-se o pequeno almoço, o assim chamado “lunch” inglês (que, normalmente, é constituído de queijo, pão de trigo, frutas e limonada). E, encerrado o trabalho do dia, retorna-se à chácara para o almoço e o convívio familiar, no tempo que restou da tarde e à noite.

A chácara

Aos domingos e em dias de festa, quando todos os negócios permanecem fechados, amigos e conhecidos se reúnem logo cedo, uma vez nessa, outra vez naquela chácara, para desfrutarem o dia com conversas agradáveis, banquetes, passeios e música; enquanto que a cidade, agora calma, fica à disposição da população negra e laboriosa.

Somente nas horas das grandes procissões, também as senhoras apressam-se em chegar ao centro, para apreciarem-nas, muito bem paramentadas, do alto de alguma varanda.

Os beijinhos que são atirados com as mãos pelas coleguinhas da nossa amiga, que ficaram para trás, ela já os retribuiu. E seguimos em frente, tão rápido quanto as sempre, ou um pouco, instáveis mulas desejam andar. Para onde? Primeiro passamos pelas vielas estreitas e esburacadas, nas quais não há nada que possa prender nossa atenção; principalmente porque o calor e a poeira não permitem que o olhar vagueie despreocupadamente. Detenhamos, no entanto, nosso olhar, enquanto passamos, naquela casa, na esquina das ruas “Matta-Cavallas” e “Matta-Porcos”, que serviu de morada, há quase 80 anos, ao grande navegador e descobridor James Cook, durante o tempo em que permaneceu no Rio de Janeiro.

Estamos, agora, na planície que, apesar do calor, recebe a agradável brisa marinha e se estende até o pé da serra, salpicada de casinhas, e onde se pratica alguma horticultura. Encontramos, aqui, algumas plantações de frutas e verduras; a saber, várias espécies de repolhos e couves, algumas raízes e, além de bananas, laranjas, abacaxis e melões. Também é colhida uma grande variedade de outras frutas doces e suculentas. Como essa produção não consegue ser suficiente para o abastecimento da população do Rio de Janeiro, diariamente são trazidos grandes carregamentos de produtos alimentícios de todos os lados, em parte, das colônias alemãs próximas (Petrópolis e Nova Friburgo), em parte, das províncias mais longínquas deste vasto país. Dessa forma, podemos observar inúmeras mulas, carregadas com pesadas sacas e cestos em ambos os lados, trotando, uma atrás da outra, fazendo-se notar, já de longe, pela poeira levantada. Pior para nós, no entanto, é quando nos deparamos com uma boiada que, quase sempre, é trazida de muito longe, no interior do Rio de Janeiro, por muitas milhas, para abastecer a população com carne fresca.

Vocês se perguntarão: “Mas, por que, de uma distância tão grande?”

Porque, nos arredores, não se pratica uma pecuária propriamente dita, o que torna necessário que se traga o gado de corte das longínquas pastagens no altiplano; cujas características detalharemos mais adiante.

Zona portuária e relações comerciais

Por ora, nosso percurso ao longo da orla permite que possamos apreciar uma maravilhosa vista da baía, que reflete, como um precioso espelho, o azul do céu. Os inúmeros mastros embandeirados, cujas múltiplas cores permitem que distingamos as diferentes nações a que pertencem, muitas vezes, elevam-se, de maneira encantadora, por cima dos telhados das casas e dos morros mais próximos.

Os ruídos da urbe ficam para trás e a paz dominical, que nos envolve, preenche nosso coração de terna satisfação. Lembremo-nos, agora, com prazer, do intenso comércio que diariamente se desenvolve nesta magnífica baía, uma vez que a localização da capital do Brasil, também neste aspecto, precisa ser considerada inigualável; de forma que, no futuro, quando todas as condições se tornarem mais favoráveis, sem dúvida, será conferida, em grau ainda maior, uma importância extraordinária.

Em razão de ser a indústria no Brasil, atualmente, ainda bastante insignificante (fato que ocorre em todos os países escravagistas), a importação de roupas, acessórios, tecidos, utensílios, móveis, artigos de luxo, e mesmo de alguns produtos alimentícios (como, por exemplo, farinha de trigo, cerveja, vinho etc.) alcança proporções consideráveis; apesar das altas taxas alfandegárias, através das quais procura-se aumentar a produção interna de um lado, e, de outro, suprir a maior parte das arrecadações do Estado.

O Brasil, em contrapartida, oferece para exportação somente o café, o tabaco, o açúcar, o algodão e o cacau, sendo que entre estes, o café está conseguindo destacar-se cada vez mais, uma vez que seu plantio não oferece dificuldades (em comparação aos outros produtos agrícolas); mas também porque a demanda deste produto aumenta na mesma proporção, provocando uma procura cada vez maior.

Porto e subúrbios do Rio

Mais adiante, poderemos nos certificar de que o café, devido ao seu efeito benéfico em muitos sentidos, na Europa, está conseguindo cada vez mais adeptos e, portanto, poderá propiciar ao Brasil perspectivas muito auspiciosas; pois será ele que, provavelmente, fará uma oposição cada vez maior, na proporção da sua crescente importância, à prática abominável da escravidão neste país. Uma vez que sua cultura não exige uma extensão muito grande de terras, nem expensas pecuniárias e de mão-de-obra, como acontece com o açúcar, o algodão e o tabaco. Ele se presta muito bem para pequenos proprietários de terras, que, sem possuírem muitos recursos, estiverem dispostos a por mãos a obra e, com isso, verem seus esforços recompensados com boa colheita.

Além disso, chegam das províncias meridionais do país, principalmente, couros, arroz e tapioca, para o abastecimento dos mercados europeus.

Deixemos, no entanto, o porto e as observações que ele nos propicia para trás. Acabamos de dobrar a esquina, para entrarmos num caminho de saibro levemente ascendente, sombreado de árvores de rara beleza, que nos oferece uma paisagem salpicada de simpáticas vivendas, que povoam os arredores da urbe, como os subúrbios de Andaraí, Rio Comprido, Engenho (pronunc. Enjehnjo) Velho (pronunc. Wehljo), Laranjeiras, Botafogo e muitos outros.

Construção e localização das chácaras

Os exuberantes agrupamentos de montanhas e rochas a nossa frente, absorvem ainda mais nossa atenção; principalmente porque a diversidade das já citadas construções não é muito grande. Tanto mais diferente nos parece, no entanto, em um exame mais detalhado, como são feitas as construções no Brasil, se comparadas às que predominam no Norte da Europa. As casas, em geral, são menos altas e mais espaçosas e, apesar de não possuírem ornamentos, apresentam aspecto agradável, devido às cores claras e muitas janelas. Em especial, os telhados não são tão inclinados e altos, como aqueles que nós conhecemos (apesar de serem também inclinados e cobertos de telhas), talvez, para melhor poderem resistir às tempestades e aos temporais. Além disso, só são usadas janelas de correr, isto é, aquelas em que a parte superior arqueada, permanece fixa, enquanto que, para abrir-se a janela, a parte inferior pode ser empurrada para cima e novamente para baixo, quando se quiser fechá-la. Predomina essa forma de janelas nas construções de andar térreo, nos arredores da cidade, enquanto que, no centro, nas construções de vários andares, são usadas as portas-balcão de abrir, como já vimos anteriormente. Os pequenos casebres da população pobre e dos negros possuem várias portas, que sempre permanecem abertas e, eventualmente, são fechadas à noite.

Todas as chácaras são rodeadas de pequenas plantações e separadas da estrada e das propriedades vizinhas por muros ou cercas vivas. Sua localização é quase sempre especialmente bela. Em primeiro plano, vê-se uma parte da cidade, cujas torres delgadas delineiam-se graciosas na atmosfera límpida. Em um dos lados, cercado por picos rochosos, estende-se um belíssimo vale verdejante, onde murmuram riachos cristalinos. Mais adiante, eleva-se o bosque de palmeiras em tons cinzentos opacos, sobre a mata verde escura, que sombreia prados suculentos. E, aqui, podemos distinguir uma faixa cintilante da baía, emoldurada por belos arvoredos, enquanto trepadeiras de flores perfumadas guarnecem os portões das propriedades e frutas apetitosas acenam convidativas de todos os lados.

Um entorno tão primoroso certamente nos reconcilia com a falta de elegância nas áreas interna e externa da chácara; apesar de não podermos negar que a completa ausência de qualquer “conforto” (isto é, das amenidades tão caras a nós europeus) não nos cause uma impressão desagradável.

Interior das vivendas do campo

Passamos, agora, pelo portal, guardado, de ambos os lados, por leões, para o interior do pátio da chácara, onde nossa pequena amiga Amanda já está sendo esperada com ansiedade. A moldura de alguns canteiros bem cuidados com pequenos fragmentos de porcelana chinesa colorida, no meio dos quais sobressaem algumas figuras de aspecto bizarro, não deve tomar nosso tempo.

Uma vez que a casa tem apenas um pavimento, a entrada já é usada como sala de visitas, que nos parece bastante desprovida de mobílias. As paredes, livres de quaisquer ornamentos, são muito mal caiadas. E, além de um sofá de cana-da-índia e algumas cadeiras do mesmo material, uma mesa de centro maior e duas pequenas mesas laterais, que servem de apoio aos candelabros (normalmente prateados e com braços de vidro), não há nada mais a ser descoberto nesse recinto.

Pequenos quartos escuros, enfileirados de cada um dos lados do salão central, não nos parecem igualmente convidativos. Em armações de cama de madeira tosca, foram colocados colchões de crina vegetal, travesseiros em forma de rolos, com forração vermelha e fronhas brancas (para descanso da cabeça e nuca) e uma colcha leve de algodão ou lã, para proteção contra o frescor da noite e as picadas dos mosquitos. Além disso, eventualmente, uma cadeira e um lavatório do tipo mais simples - o que já deve ser considerado um grande luxo.

Acompanhamos nossa jovem guia, que não perde muito tempo para livrar-se do chapéu e do xale, através das portas abertas que levam ao grande salão dos fundos, que em todas as casas brasileiras presta-se para quarto de vestir, sala de estar, sala de trabalho e de almoço, aposento da criadagem e das crianças, quarto de passar roupas, salão de recepções e de danças, portanto, um local de múltiplos usos para tudo e para todos. Trata-se da assim chamada, não com muita propriedade, “varanda”; pois, para um átrio aberto, sustentado por colunas, mesmo o clima agradável do Rio de Janeiro (apesar de nos encontrarmos sob o Trópico de Capricórnio), não seria ameno o suficiente; ao menos não, em todas as épocas do ano.

Uma varanda brasileira

Durante os meses de inverno, de maio até fim de setembro, os dias raramente são quentes demais e as noites podem ser bastante frias e úmidas. Acrescente-se a isso que o calor intenso e ininterrupto do verão acostuma mal o corpo humano, tornando-o sensível às temperaturas mais severas, principalmente contra os ventos cortantes, úmidos e frios.

Uma “varanda” no Brasil, portanto, não é mais nada do que um recinto amplo, que não pode faltar nos fundos de nenhuma casa, onde, além das muitas portas e janelas-balcão, não vemos mais nada de especialmente notável; além de, talvez, devermos registrar que a escassa mobília, como já é sabido, precisa atender a todas as aplicações de uso doméstico.

Uma mesa comprida, muito simples, no meio do ambiente, e dois bancos de madeira, de cada lado. Em um dos cantos, uma rede; no chão, perto das janelas-balcão, algumas esteiras de palha e, talvez, ainda, algumas cadeiras... Isto é tudo! E ninguém aqui, em tempo algum, sentirá falta de algum apetrecho a mais para sentir-se plenamente satisfeito com sua moradia e seu modo de vida.

O ser humano pode contentar-se com pouco! Porém, vejam, meus caros amigos, como a fronteira entre o bem e o mal, em todas as ocasiões, é muito sutil: o contentamento é bom, mas o esforço contínuo por melhoria de todas as situações e condições é mais digno. Portanto, ninguém deveria contentar-se com tudo para sempre; ao contrário, não deveria nunca esquecer-se do fato de que vivemos, para, através dos nossos próprios progressos, fomentarmos o progresso de toda a humanidade!

O retorno da Senhorinha

Retornemos, entretanto, à varanda onde a dona da casa levanta-se da rede para abraçar sua filha, que retorna ao lar, e que lhe beija a mão, perguntando-a sobre seu estado de saúde. A conversa esgota-se, rapidamente, uma vez que normalmente são poucas as novidades que acontecem no círculo de parentes e amigos mais próximos e, ademais, não há outro assunto relevante a ser tratado.

As mucamas negras, ocupadas com trabalhos de costura, de cócoras sobre as esteiras de palha, também merecem um cumprimento da parte de sua jovem dona, e o irmãozinho, no aconchego do peito de sua aia, recebe um mimo, apesar de seus esforços rebeldes para escapar dos carinhos, que lhe são dispensados pela irmã, que para ele tornou-se uma estranha.

Seus outros irmãos, entretanto, reuniram-se, curiosos, juntamente com seus pequenos colegas de brincadeiras negros e pardos, junto às portas abertas e, resabiados, aproximam-se daquela pequena dama, elegantemente paramentada, que há poucos meses ainda costumava, como eles, correr descalça e despreocupada pelo quintal, vestida somente com uma camisinha de cambraia.

A “Senhorinha” (Senjorinhja), ou seja, a jovem sinhazinha, no entanto, não lhes deixa muito tempo para o espanto. Ela abraça seus irmãos e irmãs, sem importar-se com a precariedade e falta de limpeza da sua indumentária, e recebe, com alegres gracejos, as boas-vindas que lhe são oferecidas pelas crianças escravas. Entre elas, destaca-se seu irmão de leite, o filho de sua ama, que, na sua ausência, tornou-se um “moleque” (Molehk) robusto, isto é, um jovem negro que já se presta para executar pequenos serviços.

Ele parece bastante lisonjeado com atenção especial que a “Senhorinha” lhe dispensa e oferece a ela uma linda camélia (aqui chamada de “rosa japonesa”), para que ela a coloque nos cabelos (como é usual em todo o país).

Nossa Amanda não sabia, ainda, que essas flores tinham sido plantadas no jardim da casa paterna; e alegre-se por ouvir de Antônio que, na sua ausência, muitas novas plantas foram colocadas no jardim, e que um amigo da família enviou uma dúzia dessas “roseiras japonesas” como presente, das quais somente uma não vingou, enquanto que as demais estão todas floridas.

A ama da Senhorinha

Antes, porém, que se possa correr para admirar aquelas obras-primas, é necessário fazer uma visita à velha Estásia, sua antiga ama, na cozinha, localizada lateralmente, no quintal. Ela que não fora somente sua ama, mas até pouco tempo atrás, sua aia e criada pessoal.

Depois que a Senhorinha deixou a casa dos pais, sua Estásia foi designada para a função de supervisora do departamento de cozinha, devido à sua reconhecida habilidade nessa matéria e, também, para, dessa forma, prepará-la ainda mais para o serviço que, no futuro, prestará a sua verdadeira dona.

Bem sabe, essa velha, que é ela o mais precioso dote quando a Senhorinha se casar e, apesar de não lhe faltar inteligência para perceber os grandes males de uma vida escrava, ela ama essa criança, que criou e nutriu juntamente com seu próprio filho, de tal maneira que, por sua causa, considera todo o trabalho leve e se coloca à disposição para qualquer serviço.

Também Amanda nutre grande afeição por sua velha amiga e manifesta sua mais viva alegria pelo reencontro. Aqui, a conversa não cessa tão cedo. Como a Senhorinha cresceu e ficou bonita nesse meio ano de ausência! E que lindo vestido está usando! Será que ela pensou muitas vezes na velha Estásia? Ela pedia, frequentemente, a Antônio, para que perguntasse, no Colégio, por seu bem estar, quando ele ia para a cidade para fazer compras. E como ela ficava contente, quando Amanda lhe mandava “lembranças” e “saudades”. No entanto, a Senhorinha certamente teve muito que aprender! Estásia gostaria de conhecer algumas de suas novas habilidades!

A cozinha e o quintal

Amanda não se cansa de contar tudo a sua velha ama e de confiar-lhe as grandes e pequenas emoções que agitam seu coração. Isso, no entanto, não impede que ela prove dos mais variados quitutes preparados por Estásia. Quantos “doces” (ou seja, frutas cozidas em calda de açúcar) são saboreados! Essas existem em incontável profusão, como: batata, cará, abóbora, lima, limão, pêra, côco, marmelo e outras dos mais variados tipos, todas, porém, extraordinariamente doces, de onde também se deriva o nome.

Agora Estásia traz um tipo novo de doce de ovos que acabara de inventar, e que arranjou em forma de estrela sobre uma travessa, especialmente destinado para a sobremesa da senhorinha. Que lindo! Porém, que pena que as colegas do Colégio não possam ver e saborear essa delícia! A ama, então, apressa-se em garantir que, por ocasião do regresso à cidade, vai preparar uma nova remessa aprimorada e aumentada, a fim de que um bom número de pequenas gulosas possa participar do banquete.

Antes do almoço, porém, é necessário fazer uma rápida visita ao quintal, que se pronuncia: “Kintal” (área atrás da cozinha). Já faz algum tempo que Antônio está oferecendo seus préstimos como acompanhante!

O primeiro local a ser visitado é a cocheira (caso ela possa ser denominada como tal), para cumprimentar a mula favorita. A primeira que se apresenta é a “Mula Vermelha” (wermelja). Logo atrás, a “Cor de Cinza”. E, mais adiante, a “Pretinha” (pronunc. Pretihnja). Todas as três são animais de montaria e, portanto, bem protegidas dos raios escaldantes do sol, debaixo de um tipo de caramanchão. Enquanto que os demais cavalos e mulas permanecem no pasto, sem qualquer abrigo.

Cão, mula, cavalos e ovelhas

“Mas onde está minha Mula Amarela?” O olhar que se volta a Antônio traz uma pergunta tão triste e expressiva, que este apressa-se em responder: “O animal foi enviado à fazenda (“Fasenda”) para recuperar-se, pois ficou magro e doente; mas o José, que na semana passada foi mandado lá para cima (isto é, para as montanhas) para buscar milho (Miljo) e mandioca, trouxe boas notícias, de que a mula em breve estará de volta, pois já apresenta uma aparência lisa, bonita e bem gorda.”

Essa informação traz pouco consolo, pois nutria-se a esperança de desbravar a redondeza no lombo desse dócil animal, porém, veja, quem vem pulando é o bom Suspiro, aquele enorme cachorro preto peludo, que Amanda sempre amou com fervor. E que, fora de si de alegria, salta, late e uiva, e coloca seu focinho frio na bochecha da nossa amiguinha, quando ela se curva para ele, lambendo-lhe o rosto e as mãos.

Ela mal pode defender-se dessa profusão de carinhos, contudo, um novo objeto faz valer os mesmos direitos à sua antiga afeição. O tio Luiz (Luihs), irmão de seu pai, acaba de entrar no quintal, montado no conhecido cavalo ruano Rosilho (Rosiljo), que pertencera à sua mãe. E quem o segue, sempre no mesmo passo, como se não pudesse ser de outra maneira?

“Ora, mas é meu querido carneiro, no qual aprendi a montar quando não tinha mais de quatro anos. Já naquela época, eu nutria uma amizade tão sincera por ele, que o acompanhava no pasto e em todos os outros caminhos, sem se cansar. Não sabia que Rosilho havia sido vendido.” Antônio apressa-se em contar que o patrão trocou o Rosilho pela bela e esbelta mula para a Senhora, isto é, para a mãe, por tratar-se de um excelente animal de montaria para senhoras, mas Amanda já não o ouviu mais, pois está ocupada com seu bom carneiro Branquinho (Brankinjo), cujos graciosos saltos de alegria dão testemunho de que ele não a esqueceu. Por isso, é ele quem recebe o pão destinado à Mula Amarela. Porém, também o Suspiro que, um pouco invejoso, permanece de lado, precisa receber a sua parte, pela qual Antônio é enviado à cozinha para buscar mais suprimento para todo aquele bando de animais.

O mico e os galináceos

Sorridente, o tio observa o grupo, acena um “Bom dia” para a sobrinha e adentra a casa. Enquanto isso, o carneiro apressa-se em voltar para perto do seu amigo Rosilho, e Amanda permite que Antônio a guie até o cercado que serve de moradia a um galo imponente com toda sua corte.

Uma galinha choca com 11 pintinhos encontrou abrigo na sombra de uma bananeira e, somente agora, levanta-se para não ser excluída do banquete coletivo. É engraçado observar aquele pequeno bando alegre e ágil, que se esforça em correr atrás do melhor bocado. A maioria dos pintinhos apresenta coloração branca imaculada, da mesma forma que sua mamãe choca, que sempre foi a galinha preferida da Senhorinha. Antônio gostaria de ter conseguido 15 pintinhos brancos e, para isso, escolheu cuidadosamente os ovos e colocou 15 debaixo da galinha choca, porém, a Senhorinha também se contenta com os 11 bichinhos bonitinhos que aí estão.

Que bicho mordeu o Suspiro, que não quer permitir que o pobre mico, um pequeno macaco marrom de rabo comprido, chame a atenção de sua dona? Mas é justamente o latido descortês do cachorro que faz com que a Senhorinha dirija seus passos até o pé de laranjas, onde o macaco pula de galho em galho, preso por uma fina corrente, que impede que ele deixe a árvore. Ele tenta atraí-la com suas mais divertidas caretas e, quando ela já se encontra bem próximo, ele pula em seu pescoço e a envolve com seus bracinhos, como uma criança, soltando altos brados de alegria.

Apesar dos protestos do Suspiro, que não tem paciência diante de uma animação de proporções tão descabidas. O mico, no entanto, sem receio, pula, num júbilo insano, nas costas do cachorro, e começa a acariciar aquele ranzinza, coçando o topo da cabeça e afagando as orelhas, para, logo em seguida, de um salto, alcançar o galho mais alto da árvore, de onde parece gargalhar, ao contemplar as consequências das suas travessuras.

Traquinagens de macaco

E, realmente, rasgou a gola de rendas de sua dona e sujou o seu vestido. Isso, no entanto, não o abala. Com seus pequenos dedos pretos, ele descasca uma laranja e lança as lascas da casca com agilidade no meio dos rostos das crianças, que o aplaudem com júbilo, variando a expressão de sua carinha de um olhar esperto para um arregarhar dos dentes branquinhos. Toda vez que um dos pequeninos, a fim de provocá-lo, tenta tomar-lhe sua presa, ele responde com um chiado estridente, guincha, mostra a língua, ou geme de maneira bem triste e comovente, enquanto procura proteger a tão querida fruta dos ataques dos seus pretensos inimigos. Terminado seu trabalho, a despeito das interferências relatadas, ele estala com a língua, a cada pedacinho que empurra para dentro da boca, revirando de prazer os pequenos olhos castanhos redondos, e sorve o suco doce com verdadeiro deleite, até que, depois de revirar e observar cada fiapinho, percebe que o resto não serve para ser consumido.

Triste e desconsolado, ele, então, estica as mãozinhas vazias para a frente, sacode a cabeça pensativamente e afaga sua cauda peluda com ar de profundo constrangimento; quando não se enrola nela completamente, alguns instantes depois, apoiando seu braço sobre o joelho e a face em uma das mãos, assumindo uma posição muito compenetrada.

De repente, lança-se para cima e, com auxílio da cauda, pendura-se em um dos galhos, balançando para lá e para cá, saltando para outro galho fazendo graça, ora zombando das crianças, ora arregalando os olhos para elas. Agora, ele pega um pedaço de papel, que alguém lhe oferece, e senta-se diligentemente para passar o olhar sobre as linhas, como se soubesse ler, bem como ele deve ter observado alguma pessoa fazer; porém, cansando-se rapidamente daquele entretenimento, pica o papel em pequenos pedacinhos, que lança ao vento. Em seguida, apanha um retalho de chita ou linho, mergulha-o numa poça, que se encontra ao seu alcance, e começa a lavar o tecido com grande empenho, até que acaba perdendo o mesmo, pois sua atenção já foi dirigida para alguma outra direção.

O entorno atrás da casa

Voltemos nosso olhar, no entanto, para a “Chácara” propriamente dita, isto é, para o pomar nos fundos, coberto por uma exuberante vegetação, onde árvores frutíferas se misturam a um emaranhado de plantas silvestres.

Sem nenhum cuidado, crescem ali os pés de bananas, laranjas, limões, tamarindos, figos, abacaxis, melões e, principalmente, as maravilhosas mangueiras, cujas frutas amarelas, do tamanho de uma mão fechada, as mangas, assemelham-se a gigantescas ameixas amarelas e representam um dos produtos dos mais preciosos deste continente tropical.

Não devemos esquecer-nos, no entanto, de que a manga também é uma das frutas mais perigosas; uma vez que ela, como quase todas as frutas muito suculentas que crescem no Brasil, agrada sobremaneira ao paladar dos estrangeiros que chegam ao país depois de uma viagem marítima cheia de privações, porém causa sérios danos à saúde, quando consumida em grande quantidade.

Muito mais útil, sim, de longe a mais útil, entre todas as delícias na área das frutas, mostra-se a banana: de formato muito grande e comprido (caso assim nos seja permitido chamá-la), que cresce em grande número em torno de um talo, quase como se fosse um cacho de uvas colossal. O sabor assemelha-se àquele de uma pêra madura; no entanto, mais seca e farinhenta; e sua utilização pode processar-se de várias maneiras, (uma vez que a banana pode ser consumida crua, ou cozida e assada, e preparada de inúmeras maneiras). De maneira que podemos afirmar que se trata de muito mais que uma simples fruta, ela representa por si só um prato completo. Um alimento do qual, em caso de necessidade, pode-se sobreviver durante algum tempo. Enquanto que as outras frutas possuem somente um efeito refrescante, sem serem nutritivas.

As bananas e as caixas de bananas

Observemos, agora, o pé que nos fornece este delicioso produto em abundância. O caule baixo constitui-se quase todo de um conjunto de talos de folhas caniçosos, muito unidos e compactos, que, mais acima, abrem-se em folhas verdes claras, suculentas, de dois a três pés de comprimento e de 12 a 14 polegadas de largura, formando uma linda coroa.

Essas plantas notáveis nunca aparecem sozinhas, mas sempre em grupos, oferecendo ao espectador, que as contempla ao longo do ano, ou mesmo de um dia, uma imagem sempre diferente.

Que aspecto, por exemplo, poderia ser mais alegre do que aquele oferecido pelas folhas esvoaçantes, que reluzem ao sol, alegremente movidas pela leve brisa, que as faz tremer como um samambaial ao vento, e que se inclinam, protetoras, sobre a densa penca de frutas, que é presa ao caule imediatamente abaixo?!

Essa, que, no Brasil, é denominada “Caixa de Bananas” (pronunciado: ka'scha), isto é, um agrupamento de coisas, um homem forte não carrega sem esforço, e muitos famintos e desfalecidos podem ser deleitados, saciados e reanimados com a quantidade generosa dessas frutas (do tamanho de um pepino, elas repousam em sua casca verde-amarelada de fácil remoção).

O pomar de bananas (Bananal)

Por outro lado, sentimo-nos entristecidos quando o vento sopra sibilante pelas longas folhas, que, frágeis demais para resistirem à sua rude fúria, desfazem-se em milhares de tirinhas soltas, unidas somente pelas nervuras das folhas. Implacável, a chuva cai sobre essas pobres folhas sacudidas e desgrenhadas pela tempestade, até que elas, mais se assemelhando à cabeleira de um afogado, desabam no chão encharcado.

O sol abrasador, que costuma aparecer logo depois de um temporal, acelera ainda mais a decomposição dessa bela árvore, colorindo suas folhas pendentes de tons de amarelo e marrom ressecados, e entregando essas pobres criaturas dilaceradas a uma nova tormenta, para a destruição final. Uma verdadeira imagem de luto e desesperança!

Porém, vejam só, bem próximo do local, já despontam os novos rebentos, impacientes, para que seja aberto espaço suficiente, onde possam se espalhar e ascender à claridade. Como acontece com todas as plantas da família das gramíneas (à qual também pertence à banana), um caule produz somente uma vez flor e fruto. Em seguida, ele morre para dar lugar aos novos rebentos, e, dessa forma, sem qualquer cuidado, forma-se um pequeno bosque impenetrável, cujo colorido vibrante muito contribui para a exuberância encantadora da paisagem tropical, em especial quando projetada sobre um fundo de rochas cinzentas ou uma mata densa de tons verde escuro.

O sapateiro e o papagaio

Entretanto, ouve-se o sinal da sineta, anunciando que o almoço está servido. Amanda interrompe a conversa animada em que se envolveu com o negro Marcelino, o “mago dos couros”, sobre a confecção de um novo par de botinhas (Marcelino domina a arte da sapataria e selaria como nenhum outro, tem muita experiência no trabalho com couro, motivo pelo qual recebeu esse apelido jocoso). Todos, porém, apressam-se agora em atender ao chamado bem vindo.

O papagaio que se equilibra em uma haste ao lado da entrada para a varanda, não se cansa de gritar:

- Vem cá, vem cá!
- Loro tem fome!
- O almoço está na mesa!
- Dá o pé, Loro!
- Quero pão!

- Loro quer comer!, enquanto assobia e solta gargalhadas, canta e guincha, até que Amanda, que hoje não se cansa de renovar, com gentileza, velhas amizades, serve-lhe sua parte. Agradecido, ele encosta o bico na sua face para, em seguida, dedicar-se, satisfeito, à sua refeição.

Entretantes, a dona da casa levantou-se da sua rede para inspecionar os arranjos da mesa. As mucamas já guardaram suas costuras na cesta e apressam-se em trazer as bandejas de comida, para, depois, tomarem posição atrás dos assentos dos seus patrões para os devidos serviços. E, então, os hóspedes, que até agora permaneceram no salão com os homens da família, conversando sobre assuntos políticos e economia, são introduzidos no recinto, pelo chefe da casa, apresentados à esposa e à filha, e convidados a tomarem assento em ambos os lados do seu lugar na cabeceira da mesa.

Em seguida, em ordem decrescente, encontram-se enfileiradas as crianças, de maneira que a mais nova senta-se ao lado da mãe, cujo lugar fica na outra extremidade da mesa, de frente para seu marido, como os costumes do país exigem.

O almoço, os hóspedes e a hospitalidade

Por aqui, também, não é incumbência da dona da casa servir os convidados, mas é o chefe da família que cumpre essa função, apesar de isso não ser necessário, uma vez que todos os pratos são colocados na mesa ao mesmo tempo, ficando ao bel-prazer de cada um escolher os alimentos que mais agrada e que serão servidos por um dos escravos, o que torna desnecessários os convites de “Tenha a bondade” ou “Sirva-se, por favor” tão usuais na Europa.

Também é o dono da casa que conduz as conversas à mesa, das quais as crianças, mesmo que já sejam crescidas, nunca, e as mulheres raramente participam, a menos que sejam explicitamente convidadas a fazê-lo pelo chefe da família. Como, também, é comum que todos os membros da família prestem provas de grande respeito.

Filho algum, por exemplo, ousaria sentar-se na presença do seu pai, sem permissão, permanecendo, sempre que lhe dirigir a palavra, com o chapéu na mão, ou com a cabeça descoberta, e nunca se atrevendo a fumar no recinto onde está o pai, ou dar qualquer demonstração de intimidade, apesar de que essa atitude nunca lhe tenha sido ensinada ou exigida com severidade. Pelo contrário, as crianças, nesse país, são quase sempre tratadas com muita bondade e benevolência.

Vejamos, no entanto, o que se costuma comer em uma casa brasileira.

Hoje, como em todos os outros dias, o primeiro prato a ser servido é um caldo, normalmente preparado com carne de vaca fresca e carne seca em partes iguais, com um pouco de toucinho salgado, muito arroz e alguns tomates, temperado com vinagre. Em cada prato de caldo, costuma-se colocar uma fatia de cada tipo de carne, acrescida de uma porção de mingau” de farinha de mandioca (misturada com água quente e cozida), temperado com molho de pimenta e vinagre, uma refeição bastante saborosa, mesmo para quem não traz muita fome, por incrível que possa parecer a um europeu recém-chegado.

O molho ao qual se faz referência, isto é, um líquido muito usado, que se torna ainda melhor quando acrescido de algumas gotas de suco de lima ou limão, também serve de tempero para o prato principal que nunca pode faltar na mesa dos brasileiros, ou seja, os feijões pretos, cozidos em água com toucinho, de maneira semelhante às lentilhas. E, depois, engrossados com farinha de mandioca, consumido por todos em quase todas as refeições.

Após o almoço. De volta ao Colégio.

Certamente, pode-se afirmar que brasileiro algum sobreviveria sem esses cereais altamente nutritivos, já que, na ausência de batatas e trigo, ele não teria quase nenhum alimento à base de farinha à disposição. Carne bovina ou de porco assada, acrescida de ervas frescas picadas e escaudadas, acompanhadas de arroz cozido, não podem faltar e em dias de festa (como o de hoje). Ainda é servida uma galinha assada ou cozida no próprio sangue, seguida das compotas de frutas cozidas na calda de açúcar, os famosos “doces”, acompanhadas de queijo, e, novamente, farinha de mandioca, consumidas, principalmente, pelas crianças em quantidades quase excessivas.

Logo após o almoço, serve-se café preto e os adultos retiram-se para a hora da sesta, enquanto as crianças procuram um local à sombra, no quintal, onde possam brincar e prostrar tranquilamente.

Deixemos, no entanto, nossa Amanda na roda dos seus irmãos e seus coleguinhas de cor, contando suas aventuras no Colégio, e voltemos ao Instituto de Ensino para Meninas, para sabermos com que se ocupam as dez pequenas pupilas, com idade entre seis e 12 anos, que por hora ainda lá se encontram. Como seus pais ou tutores moram muito longe da Capital (a saber, em parte, a muitas milhas de distância, no interior do País, ou até do outro lado do Oceano, na costa africana) e, portanto, não se encontram em condições de levar as pequenas para casa por algum tempo, não lhes resta outra alternativa senão se conformarem. O que, ao que tudo indica, elas fazem, mantendo uma conversação muito animada entre si.

Descendentes de portugueses africanos e brasileiros

As jovens africanas revelam-nos através de seus cabelos encrespados, seus lábios e narizes mais grossos, seus dentes salientes e sua tez ligeiramente verde oliva, além de seus olhos pretos reluzentes, que sua descendência, ao menos de um dos lados, origina-se da raça negra, mesmo que seu avô tenha sido um europeu genuíno, isto é, um branco, que se casou na África com uma negra ou mulata.

Tanto mais, podemos notar nessas meninas pequenas, o esforço que fazem para mostrarem-se descendentes de sangue europeu puro e, para tanto, dedicam especial atenção aos seus cabelos, fazendo uso de todos os meios para alisá-los. Enquanto seus vestidos vistosos em tons de vermelho e amarelo parecem destinados a amenizar a coloração mais escura de seus rostos.

Uma grande benevolência, associada a uma certa porção de travesura e agitação, que, no entanto, não são desagradáveis, tornam a maioria dessas crianças criaturas muito simpáticas. E devemos confessar que as jovens brasileiras também não possuem a tez muito mais clara e fina, ou os contornos do rosto mais delicados, para que possam ser distinguidas, de imediato, umas das outras. Encontramos, no entanto, entre as brasileiras, os narizes mais longilíneos e os lábios mais estreitos, bem como o longo cabelo liso brilhante, e a estatura mais delicada, predominante entre os portugueses, como também a pele nos parece mais bronzeada, com bochechas rosadas e lábios bem delineados, que servem de moldura aos belos dentes muito brancos.

Apesar de que no Brasil, mesmo entre crianças, seja hábito usar-se o tratamento “dona” ou “senhora dona” (e “senhor” para os meninos) antes do nome, reproduziremos a seguir a conversa das nossas alunas sem darmos atenção para esse costume.

Encontramos reunidas a impulsiva Elisiária, a retraída Perpétua, a mal-humorada Sevéria e a sempre alegre e divertida Honória. Esta última empenha-se em contar às outras sobre seus parentes aristocráticos na África, na esperança, certamente, de afastar qualquer suspeita de que ela pudesse, talvez, possuir parentes próximos da raça negra.

Peculiaridades

As pequenas brasileiras, que representam o alvo principal desse discurso, chamam-se: Maria Angélica, Maria do Carmo, Felizbela, Anna Maria, Cândida e Eulália. Aqui, muitas vezes, são usados dois nomes de batismo em vez de um só, porque não se costuma acrescentar o sobrenome ao dirigir-se a palavra a uma pessoa, e porque existem tantos nomes iguais, principalmente as “Anas” e as “Marias”, o que levaria a inúmeros mal-entendidos.

Agora, é a vez de Elisiária, que já completou 11 anos e, portanto, em termos brasileiros, já pode ser considerada quase adulta, tomar a palavra para contar, entusiasmada, a suas amigas, sobre as belezas de sua terra natal; como é uma das peculiaridades por aqui, já que ninguém considera uma outra paisagem ou um outro lugar mais bonito do que unicamente aquele onde nasceu e que é a pátria de sua família.

Nossas jovens africanas elogiam, da melhor maneira possível, as qualidades superiores da sua terra natal, apesar de, ao que nos parece, não se lembrarem mais muito bem de algumas peculiaridades.

“Meu pai”, diz ela, “possui uma casa e uma propriedade muito maior e mais bonita do que todas aquelas que se vêem por aqui. As árvores que lá existem também são muito mais lindas e os navios, que tive oportunidade de ver, também eram muito maiores e belos do que aqueles que aportam no Rio de Janeiro. E os papagaios africanos! Acredito que vocês bem sabem como são belos, de cor acinzentada, eles brilham como prata e possuem uma cabeça vermelha; e eles aprendem a falar muito melhor do que os verdes que vocês têm por aqui”.

“Certamente, os navios que chegam à costa africana não são melhores ou diferentes daqueles que vemos por aqui”, retruca Cândida, rindo; “pois são exatamente os mesmos que navegam de um país para o outro e permanecem uma vez aqui, outra vez lá, por um certo tempo para desembarcarem as mercadorias que trouxeram e carregarem outras produzidas no país”.

Comparações infantis das condições africanas e brasileiras

“É possível”, manifesta-se Perpétua, que, normalmente, não é de fazer muitas palavras, “mas os nossos papagaios são mais mansos; e todos os outros animais são mais bonitos”, ao que as pequenas brasileiras não podem deixar de responder com fundados protestos, que, no entanto, são interrompidos pela irrequieta Honória, que imediatamente afirma: “Os avestruzes, sem dúvida, são as aves maiores e mais bonitas que existem. Que belas penas possuem na cauda e nas asas. E meu pai me disse que elas são vendidas, por um alto valor, para todos os países do mundo, pois são muito apreciadas como adornos e enfeites”.

“É possível”, diz Maria do Carmo, “mas os avestruzes nem conseguem voar, porque suas asas são muito curtas”.

Ao que Honória se apressa em responder: “Isso eles não precisam saber. Suas pernas são tão compridas que eles correm tanto melhor. E com seus pescoços levantados eles são muito altos, quase da altura de uma casa”. Suas companheiras riem e Maria Angélica diz: “Por que não? Só que nesse caso, as casas no seu país devem ser muito baixas”.

Para que essa afirmação não se faça valer, Elisiária rapidamente interfere: “Nossas casas são boas o bastante e muito mais arejadas e frescas que as daqui. Aqui, deixam-se as janelas abertas à noite, mas nós também deixamos nossas portas abertas, pois preferimos nem tê-las, e não precisamos delas, pois não temos medo de gatonos”.

“É porque nas suas casas não existe nada que pudesse ser roubado”, diz Felizbella em tom zombeteiro. “Essas cabanas podem ser encontradas às centenas na fazenda do meu pai, na província de Minas, são as moradias dos escravos que trabalham nas nossas plantações de cana de açúcar.” A morena Perpétua, no entanto, reforça que: “Mesmo que isso vos aborreça, no nosso país, tudo é mais bonito”.

“Sim”, confirma Honória; “meu pai tem uma girafa amestrada, um animal com pernas dianteiras bem altas, como não existe nenhum por aqui”. “Trata-se de um pássaro?”, pergunta a pequena Eulália, no que é imediatamente instruída por Elisiária: “A girafa é um mamífero, que tem quatro patas e um couro peludo”.

“Um pássaro precisa saber voar!”, exclama Maria do Carmo, sendo logo corrigida por Felizbella: “O avestruz é um pássaro, apesar de não poder voar por causa de suas asas muito curtas, porque ele põe ovos e os choca”.

Cândida conta que: “Nosso professor nos explicou que antigamente acreditava-se que os avestruzes deixavam seus ovos no sol para serem chocados, mas que agora se sabe que não é assim”.

Os animais na África

“Como é que se parece uma girafa?”, pergunta Eulália. E Honória apressa-se em responder: “Esse animal assemelha-se a uma mula, só que suas pernas dianteiras são mais altas, e ele possui um pescoço muito comprido, e é maior, apesar de a cabeça ser relativamente pequena e delicada. Entre as orelhas, despontam duas protuberâncias, semelhantes a chifres, que fazem com que, de frente, o animal se pareça ainda mais alto, enquanto que a parte traseira seja bastante baixa”.

“A girafa pode correr muito depressa”, acrescenta Elisiária, “o que é muito necessário para escapar do tigre, que fica à sua espreita em toda parte”.

“O nosso tigre”, observa Sevéria, que também quer ser ouvida uma vez, “é muito mais forte e tem um pelo muito mais colorido do que a onça que se vê por aqui, que, na realidade, não é nada mais do que um gato selvagem...”.

“Sim”, interrompe-a Maria do Carmo, “eu, no entanto, não gostaria de ver a delicadeza com que brincaria com você. Não seria bom para sua saúde, se um gato desses resolvesse presenteá-la com um abraço carinhoso!”

“Assim como um deles fez, a pouco, com o Isidoro na fazenda (grande propriedade rural) do meu pai, que por pouco não perdeu a vida”, acrescenta Cândida.

O agregado e a onça

“Mas, como isso pôde acontecer? – Por favor, conte-nos!”, muitas vozes manifestam-se e Cândida retoma a palavra:

“Um dos nossos agregados, justamente esse Isidoro...”

“O que é um agregado?”, interrompe-a Eulália, no que recebe a seguinte resposta: “Logo se vê que você nunca esteve numa fazenda, senão saberia que as pessoas que se instalam numa propriedade rural com autorização do proprietário, ou seja, que lá constroem uma cabana e plantam um roçado com milho, ou batata doce, ou feijão, são chamados de agregados”.

“Essas pessoas recebem a terra de que precisam de graça?”, alguém exclama. E Felizbella responde: “Certamente, totalmente de graça, sem que lhe cobrem qualquer tributo ou serviço, pois, para um proprietário de terras, sempre é muito vantajoso que encontre pessoas dispostas a preparar a terra em boa parte de suas propriedades, o que aumenta, em muito, o seu valor. No entanto, essas pessoas não se tornam proprietárias das terras em que plantaram, sua presença é somente tolerada, isto é, o único direito que possuem é o de morar e viver naquela gleba, pelo tempo que o proprietário permitir. Com isso, é claro que eles se tornam muito dependentes da boa vontade e do humor desses grandes Senhores”.

“Já basta desses assuntos!”, exclama Elisiária. “Queremos, finalmente, ouvir a história do Isidoro e da onça”.

A luta do Isidoro com a onça

Cândida, então, retoma seu discurso: “O agregado Isidoro morava bastante afastado, até então, da fazenda e estava empenhado em abrir um novo roçado a várias cem passadas de distância da sua cabana, para dentro da floresta, quando foi atacado por uma onça.

Isso se deu da seguinte maneira: de manhã, bem cedinho, ele dirigiu-se para a roça a fim de semear milho, entre os troncos que sobraram, no solo adubado com as cinzas, enquanto o seu filho de dez anos divertia-se atirando, com uma espingarda de chumbinho, nos passarinhos que pretendiam assar para o almoço. E, para tanto, afastara-se um pouco para dentro da floresta. De repente, uma onça saltou para fora da mata densa que ainda cercava o roçado, acreditando, talvez que o homem teria notado sua presença, pois, escondida pela vegetação, já estava observando seus movimentos há algum tempo.

Acredita-se que uma onça somente ataca um ser humano, quando acredita que já foi vista e que, portanto, será caçada. Neste caso, no entanto, ela certamente se enganou no seu pressuposto, já que Isidoro não desconfiava da presença do animal e não estava preparado para defender-se, quando ele, de um salto, aproximou-se, com as garras esticadas e os olhos faiscantes.

Não havia um cão por perto, que pudesse tê-lo prevenido com antecedência ou prestar-lhe auxílio, e apesar de, no primeiro momento, ter levantado a enxada para desferir um golpe, logo, ele percebeu que essa ferramenta simples não lhe poderia servir de arma.

Largou-a, portanto, de lado, e enfrentou, corajosamente, a onça enfurecida com suas mãos desprotegidas, agarrando, com firmeza, as duas patas dianteiras, e tentando manter-se longe dos dentes afiados.

O filho salva o pai

Ao mesmo tempo, ele gritava, menos para pedir socorro, do que para alertar seu filho do perigo e persuadi-lo a fugir rapidamente daquele local. O jovem, no entanto, ouvindo os brados do pai, rapidamente se aproximou e, longe de seguir suas recomendações para que fugisse, apertou, com força, sua arma contra o peito do animal e, segurando firme, puxou o gatilho, ferindo o felino de tal maneira que seu pai pode desvençilhar-se dele sem grande dificuldade.

A arma estava carregada somente com chumbinho, mas a proximidade do tiro causou um abalo no animal e provocou uma forte perda de sangue, de maneira que ele pôde, então, ser facilmente dominado. O rosto do bom Isidoro, no entanto, estava bastante machucado e, ainda hoje, podem ser vistas as cicatrizes das feridas profundas que aquele monstro, provavelmente durante a queda, causou com suas garras e seus dentes afiados, apesar de já terem se passado vários anos.

Todas as crianças elogiam a coragem do jovem Anastásio, que, dessa maneira, salvou a vida do pai, e tentam lembrar-se de casos semelhantes de perigos e lutas, que tinham sido contadas, para apresentá-las em seguida.

Ana Maria inicia seu relato explicando que no local onde ainda hoje se ergue o portal principal do distrito, bem próximo da casa da sua família, há 20 anos atrás ainda existia uma densa floresta e que a mulher de um caçador de onças, que dormia durante a noite com seu marido numa cabana de folhas e palmeira, foi cruelmente dilacerada por um desses animais, morrendo algumas horas depois.

Morte da mulher do caçador de onças Jerônimo

“O homem era conhecido em toda a região como “o valente Jerônimo” e acostumara-se a viver, na maior parte do tempo, no meio da floresta, motivo pelo qual havia construído aquela cabana de folhas de palmeira, cuja cobertura pendia até quase o chão. Sua mulher, que o abastecia com alimentos que trazia da fazenda, que o contratara para o serviço de proteção contra animais e seres humanos selvagens, de vez em quando, pernoitava lá com ele. E foi numa dessas ocasiões que um tigre (como a onça também é chamada) aproximou-se furtivamente e, com sua pata pesada, rompeu a cobertura de folhas e agarrou, com suas garras afiadas a cabeça da pobre mulher.

Ele não conseguiu puxar o corpo todo para si, como certamente pretendia fazer; mas os ferimentos foram tão graves, que qualquer socorro chegaria tarde, não restando mais outra coisa ao pobre Jerônimo na manhã seguinte, do que chorar sobre o cadáver desfigurado de sua pobre esposa. Na firme convicção de que não se deveria afastar nenhum passo do corpo inerte, se não quisesse presenciar a volta da onça para terminar o serviço que deixara inacabado, resolveu carregá-lo por um bom trecho até um casebre mais resistente, onde pudesse guardá-lo com mais segurança, tendo o cuidado de travar a entrada com galhos grossos, bem amarrados com cipó. Tomadas essas providências, apressou-se em chegar à aldeia mais próxima, pertencente à fazenda, para pedir aos seus amigos que o auxiliassem na preparação de um enterro digno para sua esposa. Como sempre em casos como esse, todos se mostraram dispostos a colaborar e logo vários homens estavam a postos para auxiliar Jerônimo a acomodar o cadáver numa rede e transportá-lo até a igreja mais próxima, para que lá recebesse a extrema-unção cristã antes do enterro em terra consagrada”.

“Logo depois que o túmulo foi fechado, Jerônimo não conseguiu conter sua ansiedade. Despediu-se dos seus amigos e disse que teria que seguir o rastro do animal que havia matado sua esposa; certamente esse voltara ao casebre na mata, onde farejara o cheiro da morta, e de onde seria possível descobrir o paradeiro da onça, seguindo suas pegadas.”

“Os amigos tentaram dissuadi-lo de uma empreitada tão perigosa, mas ele não deu ouvidos e, tranquilamente, seguiu seu caminho, onde já no segundo dia de jornada, seguindo os rastros da onça, que encontrara junto ao casebre, conseguiu chegar até a toca do animal.”

O abate da tigresa

“A luta foi mais fácil do que imaginara, pois a tigresa, em cuja goela enfiara o cano de sua espingarda bem carregada, parecia um animal já muito velho e enfraquecido pela fome, que não teria mais muito tempo de vida pela frente. Ele já havia perdido todos os dentes e o caçador pôde observar seu corpo miserável e depauperado, onde somente as fortes patas com as garras afiadas ainda poderiam parecer ameaçadoras. Como era de se esperar, Jerônimo levou a bela pele malhada do animal para casa, como um valioso troféu, onde chamou a atenção de todos pelo tamanho e pela história que a acompanhava. Hoje, essa pele enfeita nosso salão, em frente ao sofá; pois aquele fazendeiro, o senhor Barros, que foi o patrão do Isidoro, enviou-a de presente para meu pai, algum tempo depois”.

Todas as nossas amiguinhas elogiam Ana Maria pela maneira cativante com que contou esse episódio lastimável e assustador de um encontro com a onça. “Nesse caso, os macacos representam uma raça bem melhor”, diz Elisiária. “E mesmo que os nossos orangotangos na África sejam do tamanho dos homens, e podem caminhar eretos como eles, e mesmo que eles às vezes desferem golpes com pedaços de paus, ou atirem pedras, sempre nós podemos pôr a salvo, o que se torna bem mais difícil diante dos dentes e das garras dos tigres”.

“Bem”, retruca Felizbella. “Assim tão gentil acredito que o tratamento não seja, que podemos esperar daqueles corredores das selvas, caso tenhamos a infelicidade de experimentarmos sua cólera contra nós. Porém, penso que, na juventude, eles podem ser domados facilmente e, então, eles podem apresentar-se de maneira muito graciosa, quando tentam imitar vários dos comportamentos humanos, como servir a mesa, por exemplo”.

“Ah, eu conheço uma história de orangotangos que é muito engraçada”, exclama Honória, e muitas vezes pedem para que apresente sua ideia imediatamente. Ela, então, inicia sua narrativa: “Certa vez, um europeu, que queria estudar as plantas e os animais de uma região (acredito que era da Ásia), viajava por uma densa floresta. Ele vinha acompanhado por um nativo que sabia bem como encontrar os caminhos sobre rochas e montanhas, através de vales e penhascos. E os dois homens carregavam pesadas espingardas, além de alguns mantimentos e uma boa porção de munição pendurados nas costas. Dessa maneira, eles caminhavam ao longo de um desfiladeiro que abrigava uma centena de plantas, flores e ervas raras, o que os obrigava, inúmeras vezes, a deter seus passos para que pudessem fazer a coleta, a catalogação e o armazenamento”.

Encontro com orangotangos asiáticos

“Bem”, retrucou Felizbella, “assim tão gentil, certamente, não será o tratamento que podemos esperar desses corredores das florestas, quando temos a infelicidade de despertarmos sua ira. Penso, no entanto, que quando jovens, eles podem facilmente ser domados, e, então, mostram-se, na maioria dos casos, bastante engraçados, quando tentam imitar algumas ações de nós, humanos, como servir à mesa, por exemplo”.

“Ó, conheço uma história de orangotangos, que é muito interessante”, exclamou Honória, e um enxame de vozes se fez ouvir, exigindo que ela, logo, inciasse a narrativa.

Ela, então, pôs-se a contar: “Certa vez, um europeu que empreendera uma viagem para conhecer mais de perto e pesquisar a vida dos animais e as plantas de uma região (acredito que se tratava da Ásia), atravessava uma densa floresta. Tinha como acompanhante um nativo da região, que sabia encontrar as trilhas que levavam sobre rochedos e penhascos, por vales e desfiladeiros, e ambos carregavam nas costas boas espingardas, além de alguns mantimentos e bastante munição. Assim bem equipados eles caminhavam, certo dia, pela encosta de um morro, coberto de uma grande variedade de plantas, flores e ervas raras, motivo pelo qual se viam forçados a parar a cada instante, a fim de colhê-las, selecioná-las e guardá-las.”

“Subitamente, chegaram aos seus ouvidos gritos lamuriosos vindos do outro lado da encosta. Ao que tudo indicava, tratava-se de um ser humano em apuros, e como o assunto despertava sua curiosidade, trataram de alcançar rapidamente o cume do morro, o que proporcionou-lhes a oportunidade de testemunharem um espetáculo curioso.”

“No vale próximo a eles, porém, fora do seu alcance devido à posição elevada que ocupavam, avistaram um bando de orangotangos, que corriam de um lado para outro, soltando guinchos desesperados, e que, aparentemente, não sabiam o que fazer de tanto medo e sofrimento, mas que por outro lado, viam-se impedidos de fugir. O motivo para esse comportamento incomum nossos observadores puderam perceber prontamente, quando descobriram que, quase totalmente escondida pela vegetação rasteira, havia uma cobra de proporções gigantescas, que conseguira apoderar-se de um filhote de orangotango e preparava-se para quebrar todos os ossos com seu forte enlaçamento, para, em seguida, engoli-lo por inteiro.”

Luta de macacos contra uma cobra

“O terror e a compaixão dos colegas da triste vítima era tão contagiante e seu desespero tão comovente, que os viajantes foram impelidos a partilhar desse sofrimento e socorrer a pobre criatura. Seus esforços, porém, foram em vão, pois mal se preparavam para descer pelo declive, quando a abominável refeição do réptil já havia chegado ao seu final.”

“Em um piscar de olhos, toda a cena se transformou. Os macacos, que, até aquele momento, corriam chorosos e desorientados para lá e para cá, de repente, soltaram um bramido de fúria assustador e, como se alguns deles tivesse dado o sinal, investiram com paus e pedras, com pedaços de rocha até, contra a cobra, que jazia imóvel e sem vontade própria, incapaz de se mover após aquela fausta refeição, obrigada a submeter-se a todo o castigo que a turba em fúria quisesse infligir.”

“É curioso notar como os macacos, que, normalmente, mostraram-se misantrópicos, em sua exaltação furiosa, não tinham percebido a presença dos estranhos que correram em seu auxílio, e de que forma os dois homens participaram dos esforços para matar aquele monstro. Eles, por sua vez, sentiram-se tão encorajados pelo espetáculo que presenciavam, que atiravam, de forma incansável, galhos e pedras, com toda sua força, até que a cobra fosse transformada em uma massa disforme.”

“Também os macacos cansaram-se, finalmente, de aplacar sua raiva naqueles restos insensíveis, e, quase que no mesmo instante, aperceberam-se da presença dos seus aliados incomuns, fato que trouxe um susto tão grande, que desapareceram na floresta próxima em um piscar de olhos.”

Açúcar no Brasil

“O europeu que contou essa aventura ao meu irmão, disse, naquela oportunidade, que não pôde conter o riso, quando se viu abandonado sem sequer ter recebido um agradecimento, mas que prosseguiu sua jornada, com alegre disposição, apesar do grande esforço físico, uma vez que o episódio rendera bastante assunto para pensar.”

Todas se alegraram com essa bela narrativa e teceram considerações a respeito. A pequena Eulália disse: “Nossos micos, é claro, não são tão grandes como os macacos africanos, mas são bastante espertos. Um desses, que temos em casa, sempre rouba açúcar com o dedo molhado e finge, depois, que não foi ele quem fez a traquinagem.”

No Brasil, atualmente, conhece-se pouco o açúcar duro, formado em pedaços, sendo que aquele que é apresentado para consumo, é encontrado, quase sempre, na forma de farinha ou pó. O açúcar não refinado, isto quer dizer, aquele que não passou pelo processo de retirada das impurezas, possui uma cor acinzentada, ou mais para o marrom, ou mesmo quase preta, enquanto que aquele que é clareado em casa com clara de ovo apresenta uma cor bem branquinha).

“Você vê alguma esperteza no fato de se lambiscar açúcar?”, disse Eliasiária, rindo. Mas Eulália apressou-se em responder: “Não. Porém, o mico sabe como abrir o açucareiro e depois fechá-lo – como uma pessoa faria. E é muito engraçado, quando ele vê sua imagem refletida e, depois, tenta pegar com as mãos, atrás do espelho, uma vez do lado direito e outra do esquerdo, o macaco imagina estar lá.”

“Sabem”, exclamou Maria do Carmo, “que o nosso mico outro dia colocou seu rabo no tinteiro e depois pulou como louco para todos os lados, de maneira que as paredes da nossa sala de estar receberam uma pintura bastante peculiar, e ninguém, até agora, encontrou uma boa solução de como essa obra de arte poderá ser retirada.”

Todas as crianças riram até que Maria Angélica falou, suspirando: “Eu gostaria de estar de volta a Sorocaba; pois é lá o melhor lugar para se viver. Minha mãe sempre afirma que não poderia se acostumar a nenhum outro lugar! Lá podem ser encontrados os mais belos muares! Depois de passarem o verão em Curitiba e seu pelo tornar-se lisinho e brilhante, é um prazer observar as manadas desses valentes animais; e acostumá-los à sela e aos arreios requer grande habilidade. Se não tivéssemos o ‘laço’ sempre a mão, que os animais logo aprendem a temer, de modo que basta tocá-los com a ponta da corda para conseguir que parem, dificilmente seria possível domá-los.”

Muare e os Pampas

“Por que tantos muare são levados justamente para Sorocaba?” perguntou Perpétua. E Maria Angélica respondeu: “Porque essa localidade presta-se muito bem como local de venda de cavalos e muare, devido à sua localização privilegiada, uma vez que a estrada que vem do Sul (isto é, das várzeas de Buenos Aires e do Paraguai, onde nossos mercadores compram os animais) leva diretamente a Sorocaba. Lá, nos assim chamados Pampas (isto é, grandes extensões gramadas), vivem inúmeros cavalos e muare em total liberdade até que alcancem a idade certa para prestarem serviços, quando, então, são capturados com o laço e reunidos em grandes manadas, que são levadas, primeiramente, para Curitiba e, em seguida para Sorocaba.”

“Cada animal é conduzido em separado pelo cabresto?”, quis saber Sevéria. E Felizbella retrucou, sorrindo: “Isso, certamente, tomaria muito espaço!”

Doma e transporte dos equinos

Maria Angélica, no entanto, disse: “Não é uma tarefa fácil conduzir uma tropa de cavalos ou muares selvagens, de várias centenas de cabeças, mantendo-os unidos. Logo após a captura, eles são confinados em um local cercado, a “mangueira”, onde são mantidos muito próximos, por no mínimo dois dias, sem forragem, além da que cresce no local, a fim de que se tornem mais fracos e, com isso, possam ser guiados com maior facilidade. Para acostumá-los a seguir, durante a viagem, o sino da “madrinha” (como é chamado o cavalo manso, ao qual se delega a condução de toda a tropa), esse animal, com seu repique, é preso na mangueira juntamente com os animais selvagens, mas, mesmo assim, na hora da partida, são necessários, no mínimo, 20 homens a cavalo, que cavalgam em galope incessante em volta de toda a tropa, para evitar que nenhum animal se desvie, e que se instale a desordem geral. A uma distância de duas a três milhas, já deve ter sido construída anteriormente uma mangueira, onde os animais serão presos para o pernoite, para, ao alvorecer do próximo dia, dar continuidade à viagem da mesma forma.”

“Caso, durante a jornada, não tenham a infelicidade de depararem-se com um ou mais cavalos que se perderam de um comboio e que correm abandonados e novamente selvagens ao encontro da tropa, que segue seu caminho, quando, então, todo o grupo corre o risco de dispersar-se, após o decurso de oito dias, a metade dos peões contratados já poderá ser dispensada, e, no decorrer das próximas semanas, a doma já terá avançado tanto, que uma tropa de 500 muares ou cavalos poderá ser conduzida por apenas quatro ou cinco homens providos de boa montaria.”

“A viagem até Curitiba costuma levar aproximadamente dois meses, sendo que então se torna necessário permitir que os animais enfraquecidos e magros retomem sua boa forma nos campos suculentos do planalto.”

Cruzes por assassinatos pelo caminho

“Qual a distância que ainda precisa ser percorrida até Sorocaba?” perguntou Elisíaria, ao que Maria Angélica respondeu: “Não mais que 25 a 30 léguas.” (Uma légua mede pouco menos que uma milha alemã; como quase todos os caminhos no Brasil, no entanto, como encontram-se em condições muito precárias, deve-se, na média, contar com bem mais do que o tempo que se levaria para trilhar um dos nossos.)

“Eu gostaria de saber”, perguntou Honória, “se é verdade que lá para o Sul ainda existem muitos selvagens que ficam à espreita dos viajantes para matá-los?”.

“Sim”, respondeu Felizbella. “Meu tio me contou que lá podem ser vistos muitos cruzeiros na beira das estradas, às vezes um a cada meia hora, e cada um deles foi colocado em memória de um viajante morto pelos índios, para que aqueles que passam, orem um ‘Pai Nosso’ ou uma ‘Ave Maria’ por sua alma”.

“Por que devem ser feitas orações pelas almas dos mortos?”, indagou Eulália.

“Ó, criatura ingênua!”, exclamou Maria do Carmo. “Você ainda não sabe o porquê?, apesar de ter sido batizada católica! Vou lhe dizer: Quando morre alguém, sem que tenha recebido a extrema unção, sua alma queima no purgatório, até que seja remida daquele sofrimento através de orações. É por isso que os ricos pagam tanto dinheiro aos sacerdotes para as Missas de Réquiem, para que as almas dos seus parentes sejam purgadas mais depressa e possam ascender aos céus.”

“Isso é verdade mesmo?”, quis saber Eulália, sendo informada pelas outras, muito assustadas, que uma pergunta como essa, não seria permitida a nenhum católico.

Índios selvagens, coroados e bugres

Maria Angélica continuou sua narrativa: “Naquelas paragens, ainda existem dois tipos de índios selvagens. Os ‘Coroados’, que vivem no interior, são muito perigosos para os viajantes porque os atacam com muita valentia e roubam seus pertences. São chamados de Coroados, devido ao enfeite, em forma de coroa, que usam na cabeça. Ao contrário dos araucanos e outros silvícolas que vivem na costa Oeste da América do Sul e conhecem o trabalho com cavalos, os Coroados não sabem lidar com cavalos e não sabem montar. Os tropeiros, portanto, que acompanham as tropas de mulas e cavalos, como já descrevi, não correm o risco de serem atacados; tanto pior, no entanto, para os viajantes que fazem a rota inversa a partir do Norte, principalmente aqueles que carregam muitas moedas de ouro.”

“Para que aqueles selvagens querem o dinheiro?” perguntou Honória, “já que não vão às feiras, onde se pode comprar belos artigos, mas produzem tudo aquilo de que precisam eles mesmos?”

“Eles não usam o dinheiro para a compra de objetos, ao menos a maioria deles certamente que não”, retrucou Maria Angélica, “mas usam as moedas de ouro e prata como adornos e enfeites.”

“Meu tio contou de um Coroadado que, finalmente, pôde ser capturado, após ter matado muitas pessoas”, disse Fellizbella. “Ele usava um colar de várias centenas de dobrões espanhóis, enfileirados em uma corda, ao redor do seu pescoço nu, por mais pesada que aquela carga fosse pesada.

“Por lá, ainda existem ‘bugres’?, perguntou Maria do Carmo. “Minha ama, que já viveu em Curitiba, disse que aqueles selvagens costumavam atacar moradias para matar os moradores e roubar mantimentos e ferramentas.”

“Certamente eles ainda vivem por lá”, respondeu Maria Angélica, “como já falei. ‘Botocudos’ ou ‘bugres’ são chamados aqueles índios que vivem junto à costa do Oceano Atlântico. Como vocês sabem, eles costumam inserir pedaços de madeira nos lábios e orelhas, que, com o tempo, são cobertos pela pele e proporcionam um aspecto desfigurado. Eles, realmente, são muito feios e miseráveis, se bem que menos perigosos que os Colorados, pois são muito mais medrosos e tolos que aqueles. Eles dificilmente atacam um viajante bem equipado com espingardas, pois temem os homens brancos; é, no entanto, verdade que já mataram ou levaram presas mulheres e crianças, e também escravos, que encontraram em habitações mais afastadas.”

Crueldade dos índios

“Eu não gostaria de ser capturada por um bugre”, exclamou Cândida. “Já ouvi contar que eles não gostam de ouvir o choro de crianças pequenas e que um deles arremessou a criança de uma mulher branca que haviam capturado contra uma pedra, porque seus gritos o incomodaram.”

“É que temem que através desses gritos seu paradeiro possa ser denunciado, e que os brancos, que talvez estejam no seu encalço, possam encontrar seu rastro”, explicou Maria Angélica. Maria do Carmo então tomou novamente a palavra e disse: “Por isso é que eu acredito que Limeira seja o melhor lugar para se viver. Lá não existem mais tigres, nem selvagens, e meu pai sempre diz: “Limeira ainda terá um grande porvir.”

“Porvir? O que é isso?”, perguntou a pequena Eulália. “Porvir é o que ainda está por acontecer, acredito eu;”, respondeu Felizbella, e Ana Maria acrescentou: „Muito mais pessoas deveriam vir para o Brasil, pois é um país tão grande e ainda tão pouco povoado e cultivado.”

Elisiária comentou: “Bem que eu gostaria de saber, por que na Europa existem tantas cidades e vilas, e tantos habitantes, e como todos eles podem viver”. “Sobre isso Mathilde já nos contou bastante,” respondeu Maria Angélica. “E ela também dos disse que lá não existem escravos como aqui, e que cada um precisa trabalhar para ganhar o pão de cada dia para sua sobrevivência.”

“O trabalho dos escravos é muito pesado”, comentou Cândida. “E quem iria fazê-lo, se não tivéssemos mais escravos?”

Nessa altura do colóquio, juntou-se ao grupo a professora, da qual as meninas estavam falando, uma jovem alemã que na escola era tratada por “dona Mathilde”. Ela fora testemunha de uma parte da conversa, cujo conteúdo despertara seu interesse, quando passava pelo jardim, uma vez que compreendia e falava o português corretamente, que era a língua materna de suas alunas. Vivendo já há dois anos nessa casa brasileira, empenhara-se em amearhar esse conhecimento tão necessário quando se vive num país estrangeiro, de forma que era capaz de ler um texto sem dificuldade, entendê-lo e escrevê-lo corretamente, podendo, também expressar seus pensamentos na língua portuguesa, sem maior dificuldade.

“Queridas meninas”, iniciou ela a exposição de suas idéias, “vocês, então, acreditam que o trabalho escravo seja muito pesado, mas será que vocês também poderiam explicar-me o motivo pelo qual essas pessoas, que executam tarefas tão difíceis, são tratadas com tanto desprezo, e mesmo com crueldade e dureza?”

A professora alemã

“Pois veja a senhora”, respondeu Felizbella, após um breve silêncio geral, “os escravos, muitas vezes, demonstram falta de vontade e não querem trabalhar o tanto que deles se exige, e, então, é preciso que sejam punidos e forçados.”

“Então, vocês estão sempre dispostas a trabalhar, e também acreditam que seja correto que sejam punidas e forçadas ao trabalho, quando boas palavras não conseguem convencê-las?”

“Certamente”, opinou Elisiária. “É bom que sejamos punidas, quando não queremos obedecer por bem, do contrário não aprenderíamos nada de útil”.

“Pois bem!”, disse Mathilde. “Vamos ver, então, quem terá o maior proveito do seu estudo e do desenvolvimento de suas capacidades! Quem pode me dizer, para que todas vocês se encontram aqui sob a guarda e orientação da nossa querida diretora dona Fortunata?”

“Bem, para aprendermos muita coisa boa e agradável”, respondeu Maria Angélica.

Por que devemos estudar

“Mas, com que propósito?”, indagou Mathilde.

“Porque agrada aos nossos pais”, opinou Ana Maria.

“Certamente seus pais ficarão contentes. Mas por quê?”, Mathilde continuou a investigar. E, como ninguém soube dar uma resposta, ela acrescentou: “Acredito que eles são da opinião que vocês aproveitarão muito melhor as suas vidas e encontrarão com muito maior facilidade um meio de vida, quando for necessário, quanto mais vocês desenvolverem e aprimorarem todas as suas capacidades, e de quantos mais conhecimentos e habilidades vocês serão capazes de apropriar-se”.

“Nada no mundo poderá nos trazer prazer, se não tivermos a devida compreensão, e, para podermos reconhecer e apreciar algo belo, sempre teremos antes que empenhar-nos em adquirir muitos conhecimentos a respeito.”

“Os mais belos poemas que declamarmos para alguém, que não possa compreendê-los, certamente não agradarão. Uma pintura, da qual vocês não consigam extrair o significado, pouco interesse despertará em vocês. E uma música, cujo sentido vocês não consigam apreciar e que, portanto, parecerá somente como uma sequência de sons enfileirados, não trará nenhuma satisfação.”

“Acredito que qualquer um ame a música”, observou Perpétua, “tenha ele estudado ou não.”

“É aí que você se engana”, retrucou Mathilde, “pois os selvagens que nunca tinham ouvido a nossa música, fugiram alarmados quando, por ocasião das primeiras viagens de Descobrimento, um grupo de músicos europeus tentou saudá-los com um concerto, enquanto que, muitas vezes, uma mixórdia bárbara de assobios, tambores e cornetas parece agradar-lhes sobremaneira.”

O que é “escravidão”?

“Somente um estudo prolongado e diligente poderá tornar-nos aptos a compreender as composições dos nossos grandes mestres, principalmente dos alemães, que foram aqueles que, até o momento, conseguiram os maiores avanços nessa arte, mas, certamente o deleite será tanto maior.”

“É, portanto, em seu próprio benefício e proveito, quando vocês são instruídas a desenvolver suas capacidades e adquirir conhecimentos e habilidades.”

“Não é verdade? Vocês entendem o que eu quero dizer?”

Todas as crianças responderam afirmativamente e Mathilde continuou: “Vocês agora continuam a partilhar da opinião de que os escravos negros são forçados a trabalhar somente para seu próprio proveito e em seu próprio benefício?”

Após uma pausa, durante a qual as pequenas alunas procuraram em vão por uma resposta, Cândida pôs-se a falar: “Se os donos fornecem roupas e alimentos a seus escravos, esses certamente deverão trabalhar para merecê-los”.

Mathilde respondeu: “Por roupas e alimentos, bem como pelo abrigo e tudo mais que um ser humano necessita para viver, ele deverá trabalhar! Sem dúvida! Até aí, você tem toda razão. A pergunta, no entanto, é quanto e o que é justo ele trabalhar por isso”.

“Pensem nos trabalhadores livres, dos quais o Brasil também dispõe, e lembrem-se do valor que eles recebem por um dia de trabalho, e, agora, calculem se não seria fácil para um escravo, se fosse livre, com pouco esforço, ganhar o necessário para seu sustento, enquanto que ele, como escravo, é forçado a trabalhar três vezes mais em benefício do seu dono, restando para ele nada mais que a simples sobrevivência.”

“Então, as pessoas pobres na Europa também não trabalham muito mais que as ricas?”, indagou Maria do Carmo.

Por que somente o homem livre gosta de trabalhar

“Certamente!”, respondeu Mathilde. “Em todos os lugares, a humanidade ainda é pouco evoluída e as dádivas da natureza nem sempre são distribuídas de maneira justa; no entanto para um pobre na Europa sempre existe a possibilidade de elevar-se acima de sua insignificância opressora por meio do seu esforço pessoal e da sua postura, uma vez que seu trabalho, de modo geral, será pago pelos valores vigentes e ele possui a liberdade de empregar-se onde mais lhe aprouver. Se bem que não se pode negar que terá bastante dificuldade nessa empreitada.”

“Ao escravo, entretanto, não se dá a oportunidade de aprender, trabalhar, sequer de pensar alguma coisa, para qual seu dono não der a expressa permissão. Ele deve contentar-se com qualquer recompensa concedida, seja ela um elogio ou uma descompostura, algo bom, ou algo ruim, uma vez que não tem a liberdade de usar suas forças da forma e onde ele melhor as possa empregar. Ele não pode trocar de senhor por vontade própria e não pode empregar-se com alguém que melhor o remunerará.”

“Ele não tem, portanto, qualquer expectativa de conseguir melhorar seu destino por esforço próprio. Tudo que lhe diz respeito depende do humor do seu patrão, ou do acaso. Não é de admirar, então, que ele, no geral, demonstre pouca vontade e amor pelo trabalho.”

“Porém, é possível que vocês não compreendam bem o que estou falando! Minha intenção, no entanto, era somente a de alertá-las para a injustiça que seria tratar pessoas, cujo trabalho é tão proveitoso para nós, com dureza e desprezo.”

Essas palavras aparentemente tocaram os corações das crianças. Por um certo tempo, permaneceram caladas e pensativas. Pouco depois, no entanto, algumas delas pediram a Mathilde que contasse alguma bela história. Ela se lembrou da festa do próximo dia e pôs-se a contar:

As comemorações natalinas na Europa

“Na Alemanha, o aniversário do nosso Salvador já é comemorado ao anoitecer do dia de hoje, na véspera da Santa Noite sagrada, e, certamente, é um belo costume presentear as crianças com uma árvore verde, enfeitada com muitas luzes, maçãs douradas e presentes.”

“Isso deve ser maravilhoso! Também gostaria, algum dia, de presenciar algo parecido! É pena que por aqui esse costume não seja conhecido”, várias vozes fizeram-se ouvir, e Felizbella indagou:

“Por que será que nós aqui não temos uma festa de Natal tão bonita – nós também somos bons cristãos, como aquela gente na Europa!?”

“Isso deve-se, provavelmente, ao fato”, retrucou Mathilde, “que as festas de júbilo nesta época do ano (que para nós é justamente a mais fria e triste) já eram conhecidas, muito antes do advento do cristianismo, nas regiões nórdicas do nosso continente. Festejava-se com oferendas, orações e banquetes o solstício, ou a volta dos dias mais longos, que antecediam o retorno da agradável primavera. O esmorecer de toda natureza, as longas noites escuras, as poucas horas de luz do sol, eram vistos com grande pesar.

Então, ocorria o solstício. Isso queria dizer que os dias mais curtos ficaram para trás, e a terra, agora, iluminada por mais tempo pelos raios generosos do sol, acordava para uma nova vida, mais bonita e florida, preparando-se para presentear a humanidade, novamente, com muitos frutos e fartura.”

“O júbilo e a esperança propagavam-se nas comunidades, como é próprio de toda a alegria sincera, duplicar-se quando partilhada com outros.”

“Não se trata, então, de uma festa cristã?”, observou Maria Angélica.

A festa do solstício hoje e na Antiguidade

“Pois sim!”, respondeu Mathilde. “Acontece que não foi somente através do cristianismo que se chegou a essa linda comemoração, porém, podemos observar que já na antiguidade mais remota, em vários países, havia o costume de celebrá-la uma vez por ano. Até nos dias de hoje, perdura entre os hindus do vale do Ganges na Ásia, o costume de considerar-se a época do ano em que a natureza parece morrer, (a saber, os meses de novembro e dezembro), como desditosos, crença que herdaram de seus ancestrais há mais de três mil anos atrás. Por meio de rituais de purificação e de jejuns, eles se preparam simbolicamente (da mesma forma como faziam no passado) para o retorno do vivificante e benfazejo Deus Sol. Comemoram seu despertar, iluminando as ruas e praças com lâmpões coloridos, com danças alegres, música, canto e refeições fartas.”

“Desenvolveu-se, na Grécia Antiga, a partir da dor pelo sofrido e lento desfalecer da natureza, provocado pelo impiedoso inverno, muito cedo, o culto a Dionísio, pelo qual, no seu papel de Deus da Juventude e da Força Vital, nesses dias mais curtos do ano, a população se cobria de luto, como se ele realmente tivesse morrido. Porém, todos sabiam, que ele não poderia ter sido destruído para sempre e logo ouviam-se, em todo o território, manifestações de grande alegria pelo seu renascimento. Sua imagem era mostrada, retratando uma criança recém-nascida, e levavam-se oferendas de gratidão aos templos e acendiam-se fogueiras no topo das montanhas, enchendo de júbilo todas as ruas e praças.”

“Entre os Romanos, o conteúdo ético dessas comemorações alcançou seu ápice, quando as Saturnálias, que se repetiam anualmente na época do solstício, representavam também festas de reconciliação entre as pessoas. Os enormes sofrimentos, aos quais a existência humana se vê exposta, em consequência dos equívocos e das inclinações perversas, que frequentemente a dominam, agora, deveriam, ao menos por um curto período de tempo, ser completamente suprimidos; e a humanidade deveria poder entregar-se ao amor e à alegria generalizada, a fim de, dessa maneira, incorporar em si o ideal maior de todas as aspirações humanas.”

As Saturnálias dos romanos

“Sabemos que a natureza humana, em especial, tende a acreditar nas coisas boas que pretende alcançar, como se fossem algo que já tivesse existido e que desapareceu, algo que foi perdido. Enquanto que a história nos ensina que, ao contrário, os tempos passados nunca foram melhores que aqueles que os sucederam. E que os avanços do gênero humano, na busca por virtudes e bem-aventurança, no decorrer dos séculos, sempre foram significativos.”

“Pode-se, no entanto, compreender que os seres humanos, desde os primórdios de sua existência, sempre tenderam a considerar o bem como algo que sempre existiu, pois, certamente, os sentimentos nobres são inerentes a sua natureza, de maneira que nós consideramos o mal, por pior que ele nos apresente, sempre como um desvio de conduta, uma aberração.”

“Vocês, minhas queridas, no entanto, desejam saber, no que as festas romanas diferiam daquelas celebradas pelos povos mais antigos, não é mesmo?”

“Sim, sim!”, exclamaram as crianças. “Conte-nos, por favor!”. Matilde, então, prosseguiu: “As diferenças relacionam-se às crenças religiosas dos romanos em uma era denominada por eles de tempos áureos. Acreditavam que o deus Saturno, padroeiro dos agricultores, que viveu entre os habitantes da Terra como homem comum, a fim de transmitir a abençoada arte do cultivo da terra, tivesse se tornado Rei da Itália. E, com isso, todos os habitantes daquelas terras encontraram-se imbuídos de um estado de graça, que somente poderia existir sob a regência de um deus benevolente. Os poetas, mais tarde, cantaram seus feitos da seguinte maneira: “A terra, então, produziu, por si, todo tipo de fruto; gotejava das árvores o mel e fluía o mais precioso vinho dos riachos. O lobo não tinha ainda as presas mortíferas, nem a serpente o veneno. O homem ainda não estava degenerado, nem matava os animais. Em comunhão inocente e contente com seus iguais, desfrutava da bondade da bela terra. Não havia guerra nem miséria, nem dominação, nem subserviência, pois eram os humanos sábios o suficiente para abominarem a escravidão da mesma forma que abominavam a injusta exploração dos seus semelhantes; porque sabiam que essas atitudes só poderiam reverter em seu próprio prejuízo.”

Previsão do declínio dos tempos áureos

“Os tempos áureos, no entanto, chegaram ao fim, quando os humanos deixaram de obedecer ao mandamento divino da cooperação mútua, com amor fraterno, em favor do bem comum. Arvoraram-se alguns, pela trapaça e violência, a tiranos sobre os demais, cobrando direitos indevidos, aferidos de forma fraudulenta, em sempre maiores proporções, até que a paciência dos subjugados chegou ao fim e eles, em furiosa sublevação, levantaram-se contra seus opressores. Esses, por sua vez, tentaram garantir seus privilégios ameaçados, agravando seus atos injustos; e, com isso, a discórdia, o pecado, a crueldade e todo tipo de crime instalaram-se no mundo. É o que nos conta a lenda!”

A outrora pequena República Romana transformara-se num Império de dimensões colossais, depois que seus cidadãos dominaram quase todos os povos conhecidos naquela época, transformando-os, de certa forma, em escravos da cidade de Roma. Não é de se admirar, portanto, que a devassidão dos ricos habitantes dessa dominadora do universo aumentava na proporção em que essa aumentava, cada vez mais, o domínio do seu poder injusto; e que também a população pobre, sob o jugo da servidão, afundasse, sempre mais, na brutalidade e no crime.”

Da mesma forma, como já dissemos anteriormente, o mal, no geral, é tão pouco próprio da natureza humana, que, mesmo naqueles tempos sombrios, sempre persistiu a consciência da necessidade de uma transformação para o melhor. E, portanto, podemos notar que é nesse sentimento que as comemorações das Saturnálias se desenvolveram de forma sempre mais grandiosa. A felicidade paradisíaca, um ideal do qual a humanidade nunca se esqueceu, deveria retornar, mesmo que fosse por alguns dias.

Comparações aos tempos áureos

Os Conselhos, os Tribunais e mesmo as escolas eram fechados, não se executavam condenações, nem títulos de dívidas. Guerras e outras querelas eram proibidas. Aos brados: “Viva! As Saturnálias!”, multidões em intenso rejúbilo tomavam as ruas em direção dos templos para lá renderem louvor e gratidão.

As pessoas banhavam-se ao amanhecer e, como sinal de pureza, colocavam roupas brancas, esmerando-se em demonstrar sua alegria pelas boas ações. Logo, disseminou-se o costume da troca de presentes. Na noite do primeiro dia das festas, dois ou três escravos de confiança, quase sempre homens mais idosos, eram incumbidos de levar, aos amigos da família, presentes que já tinham sido providenciados de antemão, pelo que eram gratificados com um bom copo de vinho. Normalmente, os presentes consistiam de velas, que simbolizavam o feliz retorno da luz. Além de roupas de inverno de lã, tecidos, cálices, frutas em calda e muitas miudezas. Poetas e sábios recebiam presentes especialmente ricos, e as classes aristocráticas convidavam os mais humildes para partilharem de suas mesas e, muitas vezes, pagavam suas dívidas. A diferença de classes e posses deveria, ao menos por um curto período de tempo, ser completamente eliminada, dando-se ênfase somente aos valores morais. Como consequência dessa atitude, permitia-se também aos escravos que, durante as comemorações, usassem não só o chapéu, que na Roma antiga era considerado um sinal de liberdade, (da mesma forma como no Brasil atualmente acontece com os sapatos), mas que tivessem também o direito de censurar seus proprietários e declararem abertamente sua insatisfação, pois, pelo tempo que durassem as comemorações, não lhes cabia o direito de repreendê-los ou castigá-los. Às vezes, os papéis se invertiam de tal forma, que o anfitrião permitia que seus escravos sentassem à mesa ao lado de seus convidados, assumindo ele o trabalho de servir à mesa.”

Aniversário do deus Mitra

“Muitas famílias também se reuniam para eventos, onde o anfitrião escolhia um objeto sobre o qual cada um dos convidados deveria discursar. Em seguida, escolhia-se o melhor orador por meio de votação, o qual recebia, como recompensa, um livro raro, ou uma obra de arte, ou talvez somente uma coroa de louros. Caso não se chegasse à unanimidade sobre o vencedor, o prêmio estabelecido era doado ao deus Saturno.”

“Os últimos dias dessa comemoração anual eram dedicados inteiramente ao divertimento das crianças, que eram presenteadas com brinquedos, nozes e frutas, para a compra dos quais eram montadas feiras especiais.”

“Não era possível, no entanto, suscitar, através de comemorações como essas, por mais belas que fossem, uma real melhoria das condições cada vez mais depravadas que se instalavam no Império Romano. Da mesma forma que o mais belo, quando surge de maneira esporádica, no final, de uma maneira ou outra, acabará servindo às forças malignas, o bonito hábito de presentear-se mutuamente degenerou em um esbanjamento desmedido. O objetivo não era mais o de agradar um ao outro, ao contrário, cada um queria humilhar seu semelhante, pela ostentação da própria riqueza. Em muitos casos, assumiam-se dívidas, somente para poder ufanar-se com faustosos presentes, de maneira que os efeitos enobrecedores das comemorações acabavam por perder-se cada vez mais.”

“No entanto, em tempos de decadência moral, nunca deixaram de existir indivíduos espiritualmente elevados, que guardaram a semente da bondade e souberam preservá-la para as futuras gerações. Na época dos imperadores romanos, nesse sentido, a veneração ao deus Mitra, que em tempos anteriores existia somente na antiga Pérsia, alcançou rápida penetração na Europa; sendo que seus seguidores tinham como obrigação abster-se de qualquer ato ilícito e fomentar, com todas as suas forças, a disseminação do bem em todo o mundo. Celebrava-se, na época do Solsício, o nascimento desse “grande, onipotente e inexplicável Deus, que era considerado o real protetor da pureza dos valores éticos, da lealdade e fidelidade”.

Semelhanças entre o culto ao deus Mitra e o Cristianismo

“Mostrava-se o seu retrato, como ele nasceu numa gruta escura, como uma estrela no céu noturnal, envolto numa auréola luminosa, semelhante ao Deus Menino. Todo aquele, que desejava ser admitido no seu séquito, devia submeter-se a duras provas, (como sinal de que, somente através de uma força de vontade inabalável seria possível fazer frente às forças do mal) que consistiam em atravessar o fogo e a água, suportar geada, fome e sede e sujeitar-se aos esforços mais penosos. Todos os ‘Guerreiros de Mitra’ como esses crentes se autodenominavam, reuniam-se numa irmandade, a fim de protegerem-se mutuamente, prestando consolo e assistência uns aos outros; e eles obedeciam somente a um chefe eleito livremente, ao qual denominavam Pai.”

“Mas isso não se assemelha muito com tudo que distingue o Cristianismo?!”, interpelou, aqui, Cândida, com vivacidade, no que Mathilde respondeu, sorrindo: “Certamente, minha querida! Não se pode negar o velho ditado de que não existe nada de novo debaixo do sol. Pois, como é inerente aos seres humanos, sempre e em todos os lugares, terem carregado dentro de si a disposição tanto para o bem, quanto para o mal, eles também trilharam por caminhos semelhantes, às vezes mais na direção da desgraça, outras vezes mais na direção da ventura; sendo que o número daqueles que procuraram e também acharam o caminho do bem, tende a aumentar, na medida em que a mente humana se desenvolve.”

“Mas eu acredito que existe muita coisa nova no mundo!”, fez-se ouvir Ana Maria timidamente. “Você mesma nos contou que todos os dias são realizadas novas descobertas e novos inventos; e, veja bem, tudo se desenvolve de maneira diferente na segunda vez, que na primeira.”

“Realmente, minha criança”, replicou Mathilde. “Nenhum pinga de água é exatamente igual ao outro. E nenhum dia, nenhum instante, ao seguinte! – Isso eu certamente não posso negar, muito menos porque não invalida minha afirmação anterior de maneira nenhuma. Ambas, nem de longe, encontram-se em desacordo, como vocês poderão observar sempre mais daqui por diante.”

Conteúdo e formas de manifestação das religiões

“As coisas realmente relevantes na vida de uma pessoa permanecem sempre as mesmas; a forma, no entanto, através da qual se apresentam, no decorrer do tempo, sofrem alterações que, dependendo do local e das circunstâncias, podem ser muito divergentes.”

“Assim, por exemplo, é certo que boas ações sempre trazem bons frutos, enquanto que as atitudes reprováveis, ao final, sempre sofrerão uma autopunição, mesmo que esse fato não seja percebido de imediato. E sempre existiram pessoas sábias e lúcidas que possuíam esse entendimento, e que se empenharam em transmiti-lo aos outros para que todos pudessem desfrutar do bem-estar decorrente.”

“O caminho, no entanto, que trilharam para encontrar o verdadeiro bem e escolhê-lo para si, e levar seus semelhantes à mesma consciência, foi, em tempos diferentes e entre povos distintos, infinitamente divergente. As manifestações externas rapidamente mostraram-se ainda mais alteradas, e muitos se esqueceram completamente do ideal original que os guiava, imaginando, agora, aspirarem a metas inusitadas, nunca antes conhecidas; sem terem consciência de que se tratava do antigo, que se lhes apresentava de forma renovada e melhorada.”

“É, dessa forma, provavelmente, que o Cristianismo seguiu os ritos do culto ao deus Mitra, que acabei de descrever, e que só se tornou conhecido no Ocidente (como era denominada a Europa em contraposição à Ásia) numa época bem mais recente”.

“Mas eu gostaria de ouvir um pouco mais sobre as celebrações na sua terra natal! Por favor, conte-nos mais a respeito!”, exclamaram várias das nossas pequenas amigas.

A Festa de Jul do Norte da Europa

Mathilde, então, contou: “Também no norte da Europa reinava, todos os anos, por ocasião do solstício, grande júbilo em cabanas e nos palácios, muito antes do advento do Cristianismo”.

“Acreditava-se, então, na Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Noruega e na ilha chamada Islândia, em deuses mansos e paternais e em deusas benevolentes e amorosas, aos quais se deviam todas as dádivas generosas. Celebravam-se, em épocas diversas, cerimônias em seu louvor. A mais importante dessas comemorações era o ‘Festival do Jul’, que, de início, era celebrado em meados do mês de outubro, entre os ingleses, no entanto, muito cedo, já havia sido transferido para o mês de dezembro, o que, mais tarde, aconteceu também entre os demais povos germânicos. Acredita-se que a palavra ‘Jul’ significava ‘roda’; provavelmente, imaginava-se o sol como uma grande roda reluzente, que parecia, agora, retomar sua rotação. Eram enviados mensageiros, que deveriam determinar exatamente o dia em que o sol terminasse seu ciclo de rotação, mostrando-se novamente propenso a iluminar a terra com maior intensidade; e, tão logo voltavam com a notícia auspiciosa, eram acesas fogueiras de alegria em todos os cumes dos morros, o ar enchia-se de júbilo e hinos de louvor, e aos locais sagrados nas florestas eram levadas oferendas de agradecimento aos deuses.”

“Em alguns desses países existiam costumes diferentes para a celebração dessa festa do que em outros. A crença geral de que, na época dos dias mais curtos, as forças do mal possuíam maior poder do que habitualmente sobre os seres humanos e de que, somente com a chegada do solstício, as forças do bem pudessem novamente alcançar o domínio, serviu de pretexto para uma série de adivinhações e cerimônias supersticiosas.”

“Na Islândia, por exemplo, acreditava-se que uma terrível bruxa com várias cabeças perambulasse pelos lugares à procura de crianças desobedientes, para colocá-las num saco e devorá-las. Conta-se que na Noruega e na Suécia, gigantes desciam as montanhas para roubar a carne salgada, armazenada pelos moradores das aldeias, ou até para raptar os próprios. Adveio daí, mais tarde, o costume de imitar-se o costume desses gigantes das florestas e demônios, vagueando, aos berros, pelos arredores e exigindo, sob ameaças, a doação de presentes!”

Banda Infernal e Vaticínios

“Na Alemanha, é principalmente a lenda da ‘Banda Infernal’, que nessa época parece vagar pelos ares, que muitas vezes inspira os poetas e que pode ser observada em alguns costumes tradicionais.”

“No encalço do Deus do Sol que retornava, avançavam, num tropel impetuoso de caçadores fantásticos, as hordas dos heróis tombados em defesa de seu povo, na companhia de seus terríveis cães. Do alto das nuvens, ouvia-se, então, o tropear dos cascos, o som das cornetas e o ladrar dos cães, enquanto que as árvores gemiam e estrondeavam com a inclemência da tempestade.

Onde várias portas numa casa se encontravam abertas em sequência, a insana algazarra passava, deixando para trás um dos cães, junto ao fogo, que, então, uivava o ano inteiro (sempre que uma tempestade bramia na chaminê), até que o próprio Senhor “Wotan” (ou “Odin”), o deus supremo, que, montado no seu corcel branco, sempre galopava na ponta da turba, no próximo solstício, tornava a chamá-lo de volta ao bando.”

“No Sul da Alemanha, acreditava-se até que seria possível ver os fantasmas, aos milhares, viajando, em carruagens, pelo ar, enquanto se ouvia um canto extraordinário. Remonta, certamente, daí o costume posterior de muitas pessoas de fantasiar-se e perambular pelas ruas cantando e, com muitos gracejos e barulho, distribuir presentes, ou ao contrário, exigir que lhes sejam dados.”

“São conhecidos o “Schimmelreiter” (cavaleiro branco) e o “Knecht Ruprecht” (auxiliar do Menino Jesus), que distribuem nozes e maçãs, bolos e brinquedos entre as crianças bem comportadas.”

“A Noite do Jul era especialmente importante, porque é nessa ocasião que, acreditava-se, podiam ser conhecidos os destinos reservados para o próximo ano; o que exigia a execução de inúmeros rituais.”

“Era, por exemplo, necessário ir até um cruzamento de estradas, mas, lá chegando, somente poucos tinham coragem de fixar o olhar no céu pelo tempo necessário para que se abrisse e, em várias aparições, fosse profetizado o futuro próximo. Alguns, depois, garantiam que tinham visto féretros, incêndios, casamentos e carros de colheita.”

Costumes supersticiosos e interpretações

“Mocinhas, às escondidas, arrumavam, em seus quartos, a mesa, sobre a qual dispunham nove tipos de pratos, e aguardavam, então, o espírito do seu futuro marido como convidado. Outras olhavam para dentro da boca do forno, ou sobre o espelho da água do poço, onde lhes deveria ser revelada a figura do marido, que para elas estaria reservado. Colocavam-se velas acesas em barquinhos de casca de nozes com o nome de duas pessoas e deixava-se navegá-los numa pequena bacia com água. Caso os barquinhos se encontrassem, significava que haveria um casamento; caso uma das velas se apagasse, a morte iria levar a pessoa em questão no próximo ano.”

“Com os olhos vendados, apanhava-se um de nove objetos escondidos, a saber: dinheiro, pão, anel, berço, caveira, cruz, idoso, chave e escada celestial, a fim de descobrir seu destino futuro; ou derretia-se estanho e jogava-se o estanho derretido sobre areia ou em água, tentando-se, em seguida, prever, das figuras que se formavam, acontecimentos que estariam por vir.”

“Hoje em dia, tais brincadeiras são reservadas unicamente para a noite da passagem do ano, num círculo de amigos, para animar e alegrar a comemoração, sem que seja atribuída alguma importância. Antigas lendas, que envolvem esse ciclo do ano, são contadas e, com prazer, é lembrada a crença na querida e bondosa progenitora dos deuses, a Senhora Holda (ou Holla) – que serve como exemplo de trabalhadora prezada e incansável aos seres humanos, pois sempre arruma com zelo sua própria cama, quando, então, ao sacudir seu acolchoado de plumas, os flocos de neve alegremente se espalham sobre a terra. É por isso, que, na época da Festa do Jul, arrumava-se a casa com esmero especial, pois como é que as mulheres e as mocinhas desleixadas poderiam enfrentar a visita da Senhora Holda? Elas, então, teriam de arcar com a culpa, se o próximo ano não traria bons frutos! A aplicação das boas donas de casa, no entanto, a Senhora Holda recompensava com o envio de uma alminha de criança, que ela pescava do seu poço celestial, localizado nas nuvens, e que mandava através de sua fiel e rápida mensageira, a cegonha. Então, a alegria era grande naquela família presenteada.”

“Em algumas regiões do Norte da Alemanha, esse costume ainda é lembrado por meio da prática do Julklappwerfen (arremesso secreto de presentes), onde se arruma um embrulho na forma de boneca-bebê, que é recheado de presentes e é jogado nas entradas das casas aos brados de ‘Julklapp!’”

Transformação da Festa de Jul

“Durante muito tempo, essas comemorações não possuíam qualquer relação com o Cristianismo; mesmo depois de esse já ter alcançado significativa expansão no país; pois, aos primeiros cristãos, somente o sofrimento e a paixão de Cristo tinham importância, enquanto que uma festa em comemoração ao nascimento, para eles carregava uma grande porção de pecado. Tristes e sombrios eram os pensamentos naqueles dias e, somente depois de a igreja cristã ter chegado à soberania e ao poder é que ela assumiu os costumes alegres e gratificantes do paganismo, que ela própria extinguiu.”

“Assim, a celebração do nascimento de Cristo foi fixada na data de 24 ou 25 de dezembro, somente no fim do século quarto após o seu nascimento. E, com isso, incorporaram-se as “Saturnálias” e outros dias de festas pagãs em uma grande comemoração cristã. Aos antigos costumes, acrescentaram-se inúmeros novos, não se encontrando dificuldades para que várias modificações fossem feitas. No lugar das imagens enfeitadas dos deuses pagãos, foi colocado o Deus Menino na manjedoura, ou no colo da Virgem Maria, e apresentado ao povo, que se rejubilava, para adoração. Não podiam faltar, também, os três Reis Magos e o Pai José, e todo esse quadro agradável vinha emoldurado de um arco reluzente.”

“Não demorou muito para que, nas igrejas, fossem apresentados autos, nos quais o nascimento do Senhor era representado; e, mesmo nos dias de hoje, em algumas regiões da Alemanha, meninos cantores, representando os três Reis Magos, andam de porta em porta, vestindo roupas coloridas e coroas de papel dourado sobre as cabeças; enquanto que em outros lugares, é o ‘Knecht Ruprecht’ que distribui presentes ou castigos aos pequenos, no lugar do Menino Jesus.”

A Festa do Nascimento do Cristo

“Nozes e maçãs sempre representam sinais de fertilidade e continuam, nos dias de hoje, a manter sua importância, sendo que o pinheiro enfeitado com bandeirolas, fitas e muitas velas, um legado dos tempos pagãos, firmou seu lugar em nossa Festa de Natal cristã, onde ocupa lugar de destaque como símbolo da sublimação espiritual, contribuindo, em especial, para o júbilo das crianças.”

“Uma festa de alegria, uma festa de reconciliação, uma festa para as crianças é o que sempre foi e que ainda deverá ser, por muito tempo! Pois foi Jesus Cristo quem disse: “Deixai que venham a mim as crianças e não lho embargueis: porque de tais é o reino dos céus”. (Mt 19,13)

E em outra ocasião: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele.” (Mc 10,13)

“O Reino dos Céus, no entanto, só poderá existir, se houver paz sincera em relação a si mesmo e aos outros!”

Instalou-se um longo período de silêncio, até que a pequena Eulália, tomou a palavra e disse: “Aqui, trocamos presentes no Dia de Reis e os negros celebram uma grande festa.”

“Sim”, complementou Maria Angélica, “eles cobrem os rostos com máscaras horrendas e usam fantasias estranhas, muitas vezes feitas de palha, com longos rabos, e casacos coloridos, capacetes adornados com penas, ou coroas de papel dourado, e, então, vagueiam pelas ruas pulando, berrando e fazendo muito barulho, até a noite, quando, acompanhados do incessante bater de bumbos e do soar de pífaros, ao que eles chamam de música, dedicam-se à dança e à comida farta.”

Festas de negros, reis e escravos

E Ana Maria acrescentou: “Os senhores, nesse dia, dão folga a todos os seus escravos de cujos serviços possam prescindir, permanecendo na casa somente alguns para os trabalhos absolutamente indispensáveis. Eles também colocam à disposição dos escravos algum celeiro ou armazém desocupado para a sua reunião. Elegem, então, um Rei e uma Rainha, aos quais os outros deverão, por todo o dia, obedecer incondicionalmente.”

“Ó, não somente durante o tempo de duração dessa festa, mas como se comenta em geral, durante todo o ano seguinte, esses reis mantinham um domínio significativo sobre os negros que pertenciam àquela sociedade”, opinou Cândida. “Cabe a este Rei o direito de nomear os capitães, que são colocados à frente de cada agrupamento, através dos quais, ele consegue transmitir as ordens aos seus súditos por um curto período de tempo.”

“Mas o que é que ele pode fazer, quando a obediência lhe é negada?”, perguntou Maria do Carmo. “Ele próprio é, na maioria dos casos, um escravo! Que tipo de castigo ele pode aplicar para punir os rebeldes?”

“Como, então você não sabe?”, admirou-se Felizbela. “Você não reparou com que animação os negros participam de todas as nossas festas religiosas e das procissões?! Que desgosto representa para eles, portanto, e que desonra, ser impedido de ocupar algum lugar de destaque em torno do Santo! E isso depende somente da vontade do rei, que para tanto recebe apoio de todos os lados. Há muito, os sacerdotes acostumaram-se a dar total liberdade a ele nesse assunto!”

“Sim, principalmente na Festa de São Bendito”, disse Ana Maria, é motivo de júbilo entre os negros, poder caminhar, enfeitados com fitas coloridas e velas em punho, ao lado do seu Santo Padroeiro, a segurar o pódio sobre a custódia, que leva sua imagem.”

Visita de São Benedito à Santa Virgem

“Vocês ainda se lembram, no ano passado, quando São Benedito saiu do convento“, exclamou Honória, “para visitar sua madrinha e tia, a santa negra Nossa Senhora do Rosário? Como foi lindo! E como ela, a ricamente paramentada Senhora do Rosário, carregando sobre a cabeça a coroa de diamantes, veio ao seu encontro a meio caminho, e, reverente, inclinou sua cabeça para cumprimentá-lo, quando o colocaram no chão”

“Na esquina da rua, montaram um púlpito”, acrescentou Elisiária, “bem no local do encontro das duas procissões, e, então, o Padre proferiu um sermão muito bonito, enquanto que a multidão permanecia ajoelhada.”

“Vocês acompanharam o sermão atentamente?”, perguntou Mathilde. “Qual foi seu conteúdo?”

“Certamente que sim! Pudemos ouvi-lo muito bem! Estávamos de joelho na sacada da casa mais próxima;” várias vozes fizeram-se ouvir, e Felizbela continuou sua narrativa: “O Padre contou toda a história da vida do São Benedito, que foi tão bom e piedoso, como antes nenhum outro negro o fora, e que, portanto, foi merecedor de tantas graças da Santa Virgem que ela, em sua homenagem, sempre se apresentava a ele com a face escura, como a de uma verdadeira negra.

“É por isso, pois”, disse Cândida, “que os negros acreditam que existe uma Nossa Senhora negra exclusivamente para eles, enquanto que os brancos teriam uma Nossa Senhora branca como padroeira sua padroeira.”

“Eu mesma já fui uma vez a Nossa Senhora das Dores!”, disse Honória; no que Mathilde a interrompeu sorrindo: “Você quer dizer que você foi paramentada para a procissão, para representar a Nossa Senhora das Dores”.

Procissões e anjos

“É isso mesmo”, confirmou Honória; “eu trazia sobre a cabeça uma coroa de ouro cravejada tão ricamente de pedras preciosas, que fiquei com muita dor de cabeça; e o vestido pesado de veludo roxo era bordado com tantos diamantes, que eu mal conseguia carregá-lo. Além disso, os sapatos de cetim branco estavam um pouco apertados e o sol ardia tanto sobre o calçamento de pedras irregulares, que eu, depois de algum tempo, não sabia mais como sair do lugar.”

“Para mim, também não foi fácil”, exclamou Eulália, “com aquela enorme peruca cacheada e a espessa coroa de flores e não sei mais o que ainda penduraram em mim.”

“Eu estava representando o Arcanjo Gabriel e ainda tinha que carregar nas mãos o lírio pesado de folha de flandres! Porém, as botinhas vermelhas todas bordadas com fios de ouro, que eu calçava, e o vestido de gaze prateada com as lindas asas; aquilo foi realmente magnífico!”

Mathilde sorriu e perguntou: “Quanto tempo durou a procissão?” ao que Felizbella respondeu: “Certamente não menos que cinco horas!”

“As crianças pequenas de seis ou sete anos, que acompanham a procissão vestidas de anjos, conseguem suportar todo esse tempo?”, perguntou Mathilde novamente; e recebeu como resposta: “Só é possível, porque são acompanhadas, a mando de seus pais, por um escravo vestido com uma farda muito bonita, que as levam pela mão quando o calçamento das ruas é muito ruim, ou as carregam nos braços, quando não conseguem mais andar.”

“Logo que o Santo retornou a sua igreja”, disse Maria Angélica, “os bondosos Padres do convento, que organizaram a procissão, ofereceram um banquete, e as crianças sempre são presenteadas com santinhos, e podem comer tantos bolos e doces quanto quiserem.”

“Não é de se admirar, então”, observou Mathilde, “se no dia seguinte eclodem grandes surtos de doença!”

“Tenho a impressão, também, que no Brasil muitas crianças morrem cedo. É possível que alguma culpa nesse fato possa ser atribuída às procissões!”

Morte e sepultamento de uma criança

“No entanto”, exclamou Cândida, “elas são tão bonitas, e sentimos muito orgulho em sermos chamadas para acompanhá-las vestidas como anjos.”

“Além disso, quando uma criança morre cedo”, acrescentou Elisiária, “após sua morte, não será lançada ao purgatório, mas se transformará, imediatamente, em um verdadeiro anjo, que intercederá, junto à Santa Virgem, em favor dos seus familiares.”

“É por isso que o caixão de uma criança é coberto de flores e o carro, sobre o qual será transportado, coberto com colchas de cor púrpura. Tocam-se músicas alegres durante a cerimônia do sepultamento, e todos os parentes acompanham o féretro em trajes coloridos. Os cavalos são adornados com penachos vermelhos e os cocheiros usam casacas vermelhas com galões dourados.”

“Mas será que uma mãe consegue dominar a sua dor de tal maneira”, perguntou Mathilde, “que se sinta capaz de participar de uma alegria tão pouco natural?”

“Não sei”, respondeu Maria Angélica, “minha mãe chorou muito quando meu irmãozinho morreu, e eu, com ela, apesar de o Padre afirmar seguidamente que isso não seria justo da nossa parte.”

Alianças entre os escravos

Novamente, fez-se silêncio. Finalmente, Mathilde continuou a inter-pelar suas pupilas: “Não se temem mais, hoje em dia, as confrarias e comunidades secretas, que os negros formavam entre si? Em tempos passados, como ouvi dizer, elas eram muito temidas.”

“Pois sim, os quilombos representam uma ameaça terrível”; disse Ana Maria. “Meu pai me contou que, bem no interior da província do Mato Grosso, existem muitas vilas fundadas por escravos negros foragidos e outros maus elementos. Esses vivem agora de furtos e raptos; uma vez que suas plantações, escondidas entre rochas, são pequenas demais para sustentá-los – e eles temem ser perseguidos e novamente capturados.”

“Certamente, essas situações são algo terrível”, respondeu Mathilde com um suspiro. “Eu, no entanto, não queria falar agora sobre esses quilombos. Eu me refiro às alianças que os escravos negros fazem entre si, em meio à população de brancos; e que são tanto mais perigosas, pois são formadas por membros da mesma etnia, uma vez que, como me disseram, os negros no Brasil são trazidos sempre das mesmas regiões na África; e que, portanto, a hegemonia nacional fortalece ainda mais essas coligações.”

“Na Ilha do Haiti, onde, sob condições semelhantes, a prática da formação de sociedades secretas alcançou proporções sempre maiores, culminando em uma revolta contra a população branca, que, após uma longa e sangrenta batalha, sucumbiu completamente.”

“Aqui no país, dificilmente ocorrerá algo semelhante, porque toda a população brasileira vive dispersa em uma área muito grande, o que também impede os negros de organizarem conspirações que abranjam vastas regiões. E, por outro lado, porque os escravos locais acostumaram-se a aderir às lutas políticas partidárias dos seus senhores, desviando sua atenção de eventuais ações próprias.”

“Eu nunca ouvi falar de revoltas de escravos”, manifestou-se Felzibella, “porém – envenenamentos costumam ocorrer com frequência.” “Pois, sim”, acrescentou Ana Maria: “Os negros costumam acreditar que voltarão à sua terra natal depois da morte e, portanto, não julgam ser pecado o fato de assassinares uns aos outros. Como, no entanto, o seu dono sofrerá um grande prejuízo quando seus escravos são mortos, muitos negros costumam dar vazão ao seu sentimento de vingança, causando grande devastação entre seus pares, pela administração de veneno. E eles agem com tanta cautela e habilidade que raramente são descobertos.”

O maior dos Quilombos

“Quem conhece a história de Estado Negro Palmares?, perguntou Mathilde. “Ouvi falar nele em certa ocasião e pareceu-me bastante interessante; apesar de que, como sempre em acontecimentos como os que lá ocorreram, muito triste.”

“Eu sei contá-la!”, exclamou Maria do Carmo.

“Eu a li recentemente, com muita atenção. Vocês querem ouvi-la?”

“Com prazer! Certamente! Somos todas ouvidos. Você nos alegrará muito com seu relato”; pode-se ouvir de todos os lados, e assim ela pôs-se a contar:

“Sobre o início do grande quilombo, sobre o qual vou lhes contar, não se sabe muita coisa. Tudo faz crer que, provavelmente, no início do século 17, um grande número de escravos fugiu para dentro da mata densa, e como muitos deles eram “malungos”, o que quer dizer companheiros de viagem, ou viajantes no mesmo navio, eles se reuniram, pouco a pouco, nas encostas orientais da Serra do Ibiapaba, perto das localidades de Porto Calvo e Anádio, e fundaram ali algo parecido a uma vila, que foi chamada de “Palmares” devido à floresta de palmeiras que cresciam no local.”

“Naquela época, os holandeses haviam se apropriado de uma boa parte do território brasileiro; e, principalmente a antiga Capitania Pernambuco esteve, durante muitos anos, sob seu domínio; porém, os portugueses não mediram esforços para expulsar aqueles conquistadores do seu território. Essa situação deu motivos para muitas hostilidades e lutas sem fim, durante as quais, de ambos os lados, foram destruídas e incendiadas inúmeras plantações, o que facilitava a fuga dos escravos.”

A República dos Palmares

“Alguns aceitaram participar como soldados de uma ou de outra das facções, mas a maioria tratou de arranjar meios de alcançar Palmares, que já se fortalecera, e juntar-se à população de conterrâneos, que lá se agrupara. Dessa forma, a população local multiplicou-se rapidamente, de maneira que surgiram várias pequenas vilas em torno do núcleo principal, formando uma força conjunta que representava um grande perigo para os habitantes das localidades vizinhas.”

“Seus chefes, acompanhados de um grande séquito, vagueavam por toda a região, que hoje forma a Província das Alagoas, separada do antigo Pernambuco, até alcançarem o grande rio São Francisco, ao Sul, assaltando todo e qualquer povoado ou plantação mais afastadas, matando tudo que oferecesse resistência. E levando consigo mulheres, crianças, gado e mantimentos, que encontrassem pela frente.”

“Em vão, os holandeses e os portugueses tentaram por um fim nessas jornadas de saques. A sorte estava do lado do Estado Negro, que resistiu a todos os ataques, e tornava-se cada vez mais audacioso nas suas conquistas, instigado por essas tentativas malsucedidas de derrubá-lo.”

“Para conseguir um pouco de paz, os ricos plantadores tiveram que decidir-se por firmar um contrato formal com os tão temidos quilombolas. Por intermédio de seus escravos, suas mulheres e filhas foram libertadas do cativeiro após o pagamento de um vultoso resgate, e a segurança de suas plantações garantida mediante o pagamento de tributos na forma de produtos de suas lavouras.”

“Como os negros queriam permutar artigos, que eles próprios não podiam fabricar, por dinheiro e produtos naturais, e porque os seus vizinhos já poderiam se dar por contentes pelo fato desses produtos não serem tomados pela força, não demorou muito para que se estabelecessem relações comerciais entre ambas as partes; por meio das quais o poder de fogo da República dos Palmares aumentava cada vez mais, pois os artigos que os negros mais compravam eram suplementos de guerra e armas.”

Constituição e costumes

“No topo desse Estado de Negros, estava um soberano vitalício, que provavelmente ocupava também a posição de sumo sacerdote, e gozava da mais alta consideração. Dizem que seu nome era “Zombi”, como na África, onde os mais altos Chefes de Estado portam nomes semelhantes. No geral, pode-se dizer que os costumes e as condições de vida eram essencialmente africanos; uma vez que abaixo daquele presidente estavam os chefes dos aldeamentos menores, que também exerciam as funções de comandantes de guerra e de juizes. Eram eles que reuniam todos os homens, quando surgia a necessidade de enfrentar-se o inimigo, e eram eles também que julgavam os litígios entre as partes oponentes. Eles julgavam as causas conforme a tradição transmitida verbalmente e não permitiam, no meio dessa sociedade, a presença de ladrões, assassinos ou arruaceiros.”

“Acredita-se que a República toda contava, no auge dos acontecimentos, cerca de 20 mil cabeças; o que não é de se admirar, pois já existia há várias décadas e recebia constantemente novos integrantes.”

“Esses negros também possuíam escravos que trabalhavam para eles?”, perguntou Mathilde, ao que a narradora respondeu:

“Com certeza! Eu li que eles escravizavam também os brancos que caíam em suas mãos, bem como os mulatos e negros que capturavam nas guerras. Somente aqueles que se juntavam a eles por vontade própria, fossem eles brancos ou negros, eram considerados cidadãos do seu estado.”

“Qual será a religião que eles professavam? Eram eles cristãos ou pagãos?”, perguntou Felizbella.

“Nenhuma coisa, nem outra, no entanto, de cada coisa um pouco”, respondeu Maria do Carmo. “Eles eram devotos da Santa Cruz e da Virgem Maria; o Zombi, no entanto, ocupava a posição mais elevada de todas e sua casa servia, ao mesmo tempo, como templo e sede do governo. Contam que lá foram reunidas muitas preciosidades e que reinava muita pompa, pois cada um doava tudo aquilo, de que conseguia apoderar-se de mais precioso, ao Zombi, pois acreditava que, com isso, alcançaria grande sorte e felicidade.”

“Aliás, aqueles negros, como ainda hoje os negros e as pessoas das classes mais baixas por aqui, dedicavam-se ao fetichismo e à magia. Todas nós sabemos o quanto os escravos se julgavam conhecedores de práticas de bruxaria. Naquela época certamente não foi diferente.”

Instituições religiosas e sociais

“A força combativa do Quilombo Palmares pode ser avaliada, quando se lê que, ao final, contava com dez mil guerreiros, fortemente armados, sendo sua aldeia principal muito bem fortificada e sempre mantida abastecida com alimentos.”

“Essa aldeia estava localizada ao pé de uma grande rocha isolada, que servia como torre de vigia e possuía um perímetro de aproximadamente uma milha. Somente três portões davam acesso ao interior, que oferecia espaço para que toda a população do Estado buscasse abrigo atrás de uma fileira dupla de enormes árvores, que circundavam todo o espaço como um muro intransponível. Cada portão ainda era protegido por um baluarte, onde 200 guerreiros tinham lugar.”

“No interior dessa fortaleza, ficavam as cabanas, na sombra de frondosas palmeiras, na beira de riachos cristalinos, que se precipitavam dos rochedos, formando lagoas repletas de peixes. Não é de se admirar, portanto, que uma comunidade como essa pôde existir tranquilamente por mais de meio século e desenvolver-se significativamente. Há muito que os portugueses já tinham acabado com o domínio dos holandeses no Brasil; no entanto, não haviam ousado ainda expulsar esses perigosíssimos vizinhos do seu esconderijo muito bem guardado.”

Ataque dos portugueses a Palmares

“Finalmente, concluíram que era chegada a hora de solucionar essa tarefa tão difícil, e principalmente o então Capitão General Caetano de Mello estava decidido a enfrentar a questão com pulso firme. Para isso, solicitou ajuda ao Governador Geral da Bahia, que não teve ideia melhor, senão contratar um bando de Paulistas, que estava em seu território em busca de aventura, para integrar a expedição pretendida.”

“O Coronel, que estava à frente daquela gente, de nome Domingos Jorge, porém, era teimoso, e, portanto, não acatou a ordem recebida de embarcar, com seus companheiros, para Porto Calvo. Ele preferiu procurar o caminho até a República dos negros por terra, pois não desejava encontrar-se com as forças armadas de Caetano de Mello, pois pretendia reclamar para si as glórias daquela empreitada. E, realmente, conseguiu encontrar o local sem quaisquer contratempos. Ele verificou, no entanto, que a fortificação era resistente demais para que pudesse ser tomada de assalto, ele montou, então, um acampamento nos arredores da cidade fortificada e procurou causar prejuízos à população encerrada, através de saques às plantações e queima das cabanas mais afastadas.”

“A população presa em sua fortaleza deixou que Caetano de Mello agisse durante dois dias seguidos, sem perturbá-lo; no momento, porém, em que notaram que os paulistas tinham se dispersado para saquear uma plantação de bananas, aproveitaram essa despreocupação para um ataque, do qual, depois de uma batalha obstinada, sagraram-se vencedores. O comandante das forças brasileiras conseguiu ao menos reunir sua tropa e bater em retirada, permanecendo um saldo de pelo menos 800 combatentes mortos ou gravemente feridos de ambos os lados. Perto de Porto Calvo, os Paulistas juntaram-se, então, às demais forças de combate recrutadas para essa empreitada e, após um breve descanso, um batalhão composto de 6 mil homens pôs-se em marcha.”

“Em Palmares já havia sido prevista a ocorrência de um segundo ataque, bem mais violento. Todas as cabanas e plantações nas cercanias foram propositadamente destruídas e reunidas provisões de todos os tipos no interior da cidade fortificada. Toda a população do quilombo encontrava-se, agora, reunida na fortaleza e não fez, por hora, nenhum esforço para desestimular os brasileiros de construir um acampamento fixo. Logo, no entanto, a luta de vida e morte teria de eclodir; pois os alimentos começaram a escassear, e não existiam perspectivas de conseguir-se qualquer reabastecimento naqueles rincões tão longínquos.”

Batalha de vida ou morte

“As investidas contra as trincheiras tornaram-se diárias, porém, os negros receberam seus inimigos com balas, pedras, água fervente e flechas incendiárias, conseguindo, com isso, que sua coragem inicial arrefecesse e eles mandassem mensageiros ao Capitão General, com pedidos de reforços, mantimentos e armamentos para reforçarem o cerco aos sitiados. A falta de tudo o que era necessário fazia-se notar com toda intensidade, despertando nos sitiados a impressão de que logo ficariam livres dos seus opressores.”

“Qual foi sua surpresa, no entanto, quando, certo dia, do alto de sua torre de vigia, viram aproximar-se uma longa carreira de carroças fartamente carregadas, ladeadas de um grande rebanho de rezes, que se dirigia ao centro do acampamento dos brasileiros, frustrando qualquer esperança de vitória da população do Estado negro.

Mesmo os mais valentes desalentaram-se, e, quando a cidade sofreu um novo ataque, ofereceram quase nenhuma resistência. Os portões foram arrombados e os vencedores invadiram a infeliz Palmares, saqueando e matando quem encontrassem pela frente. Somente o Zombi, juntamente com outros chefes e destacados guerreiros não se renderam; bateram em retirada, lutando bravamente, até alcançarem o topo do seu alto rochedo, de cujas escarpas se precipitaram, morrendo como homens livres. Os demais prisioneiros, quando fortes e saudáveis, foram vendidos como escravos para o trabalho nas províncias mais distantes, e as mulheres e crianças foram levadas a Pernambuco onde foram condenadas ao mesmo destino.”

“Mas, por que ouve essa separação?”, perguntou Cândida. “Isso foi muito cruel!”

O fim do Estado Negro de Palmares

“Provavelmente, por receio de novas revoltas, às quais os negros talvez se mostrassem inclinados, se continuassem mantendo o contato entre si”, respondeu Maria do Carmo. E prosseguiu: “Quando a notícia dessa vitória chegou até Olinda, que naquela época era a capital de Pernambuco, o acontecimento foi celebrado com procissões, festas de agradecimento e queima de fogos”.

“Será que ainda foram preservadas algumas das construções em Palmares?”, ponderou Felizbela. No entanto, ela recebeu como resposta: “Não, pois naquela época todo o lugar foi destruído e arrasado; e dessa forma o grande Quilombo terminou num grande desastre.”

“Certamente, foi um acontecimento terrível e lamentável”, disse Matilde; “no entanto, nesse caso, acredito que nenhum outro desfecho fosse possível, pois de outra forma, toda a população branca seria dizimada e aniquilada!”

“Não se podia permitir que esse Estado de negros continuasse a existir, por mais louváveis que tivessem sido algumas de suas ações, sem que se colocasse em risco, por um longo período de tempo, o desenvolvimento da civilização européia nessas terras, e, em defesa de seus próprios interesses, a ação dos brasileiros é justificada, quando lutaram para verem-se livres dos seus piores inimigos.”

“O pior dos males é, no entanto, a escravidão! Sem que ela existisse, a formação de um quilombo como esse não seria possível! E somente a ela cabe a culpa pelas terríveis crueldades que nela têm sua origem, e que não podem ser evitadas, enquanto ela persistir!”

“O que pode ser pior do que arrancar uma criança dos braços de sua mãe, e levar cada uma para um lado, sem que possam saber, se algum dia terão notícias uma da outra? Dizem, por aí, que os negros possuem menos sentimentos que os brancos, e acredita-se, por isso, que eles possam superar com mais facilidade as separações, do que nós o fazemos. Não posso, no entanto, acreditar que alguém incomodou-se em examinar a veracidade dessa afirmação. O que vocês pensam sobre o assunto?”

O carinho dos pais negros em relação aos filhos

“Tanto quanto pude perceber, até o momento,” retrucou Maria Angélica, “as mulheres negras amam muito as suas crianças e mesmo os pais negros, geralmente, são muito carinhosos com seus pequenos. Eles gostam de cuidar deles e assisti-los no que for possível, e chegam mesmo a passar fome para poder alegrá-los com um presentinho.”

“Nós, certa vez, tivemos uma jovem negra, muito bonita,” disse Cândida, “que enlouqueceu de dor, quando seu filho morreu. Minha mãe teve muita compaixão dela e, durante muito tempo, não permitiu que a tirassem dela. Seu estado de perturbação mental, no entanto, aumentou de tal maneira que teve de ser internada em um hospital, para que não provocasse alguma desgraça. É que ela, sempre que se apresentava a oportunidade, roubava alguma criança pequena e a escondia em algum local distante, com medo que alguém pudesse tirá-la. Quando a criança desaparecida, finalmente, era localizada, a escrava, em prantos, gritava e, desesperada, lançava-se ao chão, afirmando que aquela criança era dela, que não havia morrido, mas tinha sido roubada.”

“Na casa da minha tia, não faz muito tempo, uma negra envenenou-se”, contou Felizbella, “e foi ela mesma quem confessou que o tinha feito porque a tinham vendido, separando-a de seus filhos.”

“Chega de exemplos, minhas queridas!”, disse Mathilde. “Vocês estão dando provas, de quão poucos motivos nós temos para acreditar que os negros não são capazes de desenvolver grande afeição uns pelos outros. Acredito mesmo que, é justamente devido à pouca oportunidade que têm de acesso à educação e a sua falta de liberdade, eles devem desenvolver sentimentos muito profundos. Eles possuem tão pouco no mundo que lhes dá motivo para reflexões e desperta a vontade de ocupar sua mente com pensamentos; que eu acredito que eles concedam um valor muito maior do que o real às coisas que lhes são caras.”

Cristianismo e escravidão

“Você nos disse, certa vez, que o cristianismo não permite que haja escravidão”, disse Maria Angélica, dirigindo-se a Mathilde, “como é possível, então, que, apesar de sermos cristãos, não possamos dispensar o trabalho escravo?”

“Para que eu possa, de alguma maneira, explicar o assunto, minhas queridas, devo lembrá-las, primeiramente, de que o Senhor Jesus Cristo, andou aqui na terra como um ser humano comum e precisava de muito pouco para sobreviver. Seria difícil para ele entender que tantas pessoas entre nós acreditam que não possam viver, sem que milhares e milhares de desejos seus, sejam satisfeitos. O pouco, que lhe parecia suficiente para levar uma vida feliz, não exigia muito esforço, e, dessa maneira, ele acreditava que qualquer um pudesse suprir suas necessidades com o trabalho de suas próprias mãos. Para quê, então, serviriam os escravos?”

“Entretanto, com o avanço do conhecimentos e invenções, também aumentaram as expectativas, desejos e demandas dos seres humanos. E isso, certamente, não representa nenhuma desgraça, uma vez que, é, somente dessa maneira, que o bem-estar de toda a humanidade pode aumentar.”

“Também não podemos negar que, mesmo ao mais pobre, mesmo ao escravo, advém muita coisa boa, em razão do avanço dos conhecimentos e das instituições contemporâneos. É, porém, um fato muito grave que a divisão do trabalho, por muito tempo ainda, não poderá ser levada a um equilíbrio, porque a maior parte das pessoas, até hoje, não chegou ao discernimento, de perceber que seria mais vantajoso para elas, permitir que cada um trabalhasse livremente na função que melhor domine e na qual demonstre seu melhor desempenho.”

“Se isso fosse instituído como lei máxima, a concorrência teria um campo de ação livre e, com isso, cada um teria a oportunidade de ver seus desejos e inclinações satisfeitos da melhor maneira.

Cada um trabalharia por todos (sem ser forçado a isso, mas por livre escolha e de acordo com sua melhor capacidade) e, portanto, da mesma forma, todos por um!”

“Porém, voltaremos a esse assunto em outra oportunidade! Você não poderão assimilar tudo isso de uma só vez; e, justamente, porque muitos outros também ainda não estão preparados para entender, a escravidão até hoje não pode ser banida desse nosso mundo, que, sem ela, poderia ser tão belo, poderia ser tal qual o paraíso!”

Sul e Norte

“Onde fica o paraíso? Ou onde é que ele se encontrava?”, perguntou a pequena Eulália, e Felizbella explicou: “No Sudoeste da Ásia.”

“Lá faz muito frio?”, a pequena tornou a indagar.

“Pelo contrário,” respondeu Mathilde, “o Sul, na Europa e na Ásia, é uma região de clima quente, principalmente mais para o Ocidente. Fixe em sua memória, que lá é a região Norte, que abrange as regiões mais frias; pois mesmo os países meridionais, como Portugal, Espanha, Itália e a Turquia, já se localizam bem acima da linha do Equador.”

“Aqui, ao contrário, entendemos como Região Sul, aquela que chega quase até o Oceano Antártico, e onde são encontradas as temperaturas mais baixas; enquanto que o Norte do Brasil alcança a linha do Equador, onde as temperaturas são as mais altas.”

“Em Sorocaba, na Província de São Paulo, a temperatura em bem mais baixa que no Rio,” disse Maria Angélica. “Lembro-me bem que, nos meses de junho e julho, na época mais fria do ano, nas madrugadas, ocorrem geadas, causando grandes danos às plantações de café que se encontram nas baixadas.”

“Meu pai plantou todos os seus pés de café nas encostas dos morros, e lá, eles nunca sofreram a ação da geada”, comentou Ana Maria.

Uma lenda

“Isso é natural”, respondeu Mathilde, “pois a variação da temperatura lá não se faz sentir tão rapidamente quanto nas baixadas.” As meninas menores, no entanto, deram sinais de impaciência, durante essa conversa mais séria.

“Você disse que nos contaria alguma coisa bonita!” disse Eulália em tom lisonjeiro, e várias vozes exclamaram: “Por favor, por favor, querida Mathilde!”

“O que vocês querem ouvir, crianças? Algo verdadeiro ou alguma ficção?”, perguntou ela, sorrindo; pois sabia que os contos de fada e as obras poéticas exerciam maior fascinação sobre as almas jovens, que a séria e a árida verdade.

“Por favor, um acontecimento muito fantástico; um daqueles que na realidade nem pode ter acontecido, mas que seja bem bonito!”, era o que se pedia.

“Realmente, uma pretensão bastante ambiciosa”, opinou Mathilde, “não tenho certeza de poder satisfazer um pedido tão extravagante.”

“Sentem-se, no entanto, aqui perto de mim, e deixem-me pensar! Vejamos se posso encontrar algo assim no interior da minha caixa de pensamentos.”

“Pronto! Mas, agora, silêncio!”

E, então, ela iniciou:

“Quando o nosso Salvador nasceu, todos os anjos do céu cantaram em seu louvor e os mais sábios entre os homens vieram ao seu encontro, dos mais remotos rincões da terra, para alegrarem-se. Pois bem sabiam que essa criança se tornaria, um dia, o augusto exemplo do mais nobre amor ao próximo, e conheciam o belo ensinamento que ele proclamaria, para que todos aqueles que o guardassem em seus corações pudessem tornar-se melhores e mais felizes.”

“O Rei Herodes, porém, que naquela época residia em Jerusalém e que reinava sobre as terras dos judeus, chamadas de Palestina, sob o jugo e a proteção do governador romano, assustou-se muito quando recebeu a notícia de que, em Belém, havia nascido uma criança maravilhosa, a qual de todos os cantos da terra se cantava glória, louvor e adoração. Ele temia que, quando aquele rebento chegasse à idade adulta, pudesse ser coroado rei e o banisse do trono. Para fugir desse destino, ordenou que todos os meninos com menos de dois anos, em Belém e nos arredores, fossem assassinados, na esperança de que, desse modo, entre eles também fosse morto o nosso Salvador.”

Quase um conto de fadas

“Mas Deus Todo Poderoso enviou, em sonho, seu anjo a José e ordenou que fugisse imediatamente com Maria e seu filho para o Egito.”

“José levantou-se do seu leito e obedeceu. Muito cedo, ainda antes do amanhecer, ele já havia conduzido o fiel burro, que carregava Maria e o Menino Jesus, para bem longe, a uma região que os assassinos enviados pelo Rei Herodes dificilmente poderiam encontrar.”

“Foi uma jornada longa e difícil, aquela que os viajantes tiveram de enfrentar, uma vez que tinham de evitar os lugares habitados, procurando caminhos quase intransitáveis para seguirem adiante.”

“Certo dia, chegaram à margem de um rio muito largo, que lhes barrava a passagem, e, em vão, José procurou por uma ponte, ou um meio de transporte, para atravessá-lo.”

“Tal qual costuma acontecer aqui no Brasil”, riu Maria Angélica, no que foi imediatamente chamada a calar-se pelas amigas: “Silêncio!”

Mathilde então continuou:

“A correnteza rugia de forma cada vez mais assustadora e, com o coração apertado, José já acreditava ver ao longe como os perseguidores se aproximavam e seu olhar preocupado voltou-se para Maria, à procura de uma solução. Foi aí que o Menino Jesus, brincando, apanhou a rosa que percebera estar presa ao peito de sua mãe, e deixou que deslizesse para dentro das águas turbulentas.”

“E as ondas acalmaram-se, dividiram-se ao meio e apresentaram um caminho seco, que permitiu aos viajantes uma travessia segura até a outra margem.”

“Pouco adiante, uma cadeia de montanhas escarpadas barrou a passagem. As rochas amontoadas davam a impressão de serem inacessíveis e intransponíveis, e, estupefato, contemplava-se aquelas escarpas pontiagudas; mas foi com desespero que José ponderava, de que maneira poderia conduzir a mãe e a criança por cima daquelas alturas.”

O valor da alma pura

“Entregue aos seus pensamentos sombrios, ele havia soltado as rédeas do burrico, das quais o pequenino imediatamente se apossou, quando as moitas recuaram e o animal, aparentemente sem ser conduzido, pode seguir por uma bela estrada que se abria em curvas suaves à sua frente.”

“Com novo ânimo, seguiram viagem, até alcançarem um desfiladeiro perigoso, que oferecia um belíssimo panorama. O sol estava a pino e seus raios incandescentes refletiam dos paredões escuros em ambos os lados do caminho. Nossos viajantes logo foram acometidos de um forte sentimento de sede, e mesmo o fiel burrico parecia em breve perder suas forças.”

“Então, o Menino Jesus bateu levemente contra o paredão de rocha com um pequeno ramo que havia retirado de um arbusto e vejam! No mesmo instante José deparou-se com uma nascente borbulhante de águas límpidas, das quais todos puderam saciar sua sede.”

“Não demorou muito e as montanhas foram ficando para trás. O sol havia baixado, quando um bosque cerrado, solene acolheu a sagrada família. Ficou decidido que ali passariam a noite, uma vez que não havia sinal de uma moradia próxima.”

“Um brilho suave envolvia a cabeça do Menino Jesus adormecido e chamou para perto de si os animais da redondeza, que se aproximaram para render homenagens. Eles trouxeram raízes e nozes comestíveis e derramaram os frutos das árvores no colo da Virgem Maria. Os esquilos ariscos e as lebres, os macacos e os papagaios, e mesmo os leões e os tigres mostravam-se dóceis e acomodaram-se ao redor, como se quisessem guardar o sono do Santo Menino.”

“Com as forças renovadas, na manhã seguinte, os nossos viajantes seguiram caminho, na expectativa de conseguirem cruzar o árido deserto arenoso, que se abria a sua frente, entremeado somente por alguns parques rochados, ainda antes do calor do meio-dia. No entanto, em vão foram os seus esforços. O calor intenso do dia logo ameaçou derrubá-los, de forma que decidiram buscar abrigo numa caverna, que se abria ao lado da estrada. Mal havia adentrado o recinto, quando uma mulher, com sinais de grande angústia, precipitou-se a seus pés.”

Vitória da bondade

“Infelizes, vocês estão à procura da paz, aqui, porém, encontrarão luta e destruição!”, clamava ela.

“Fujam, eu suplico. Essa região é habitada somente por perigosos malfeitores, ansiosos pelo sangue dos viajantes que se arriscam por essas paragens, para repartirem entre si os seus pertences!”

“Já que José permanecia imperturbável, ela o admoestou mais enfaticamente: “Meu próprio marido é o comandante desse bando terrível, e vejam, ali jaz o meu menino, abatido por uma moléstia atroz e incurável, altamente contagiosa, que lentamente lhe está ceifando a vida. Vocês correm perigo iminente de contágio, principalmente o seu filhinho, se insistirem em permanecer neste local! – Fujam, por favor, fujam!”

“A Virgem Maria, porém, carregando no colo o seu filhinho, aproximou-se do leito de dor do pequeno enfermo, e apesar das súplicas e admoestações da infeliz mulher, que tentava evitar tal aproximação, o Menino Jesus estendeu suas mãozinhas, claras e delicadas na direção do rosto daquele pobre menino, coberto de terríveis ulcerações.”

“E mal havia tocado de leve aquele semblante sofrido, quando revelou-se aos olhos incrédulos dos presentes a mais maravilhosa transformação.”

Paz e reconciliação

“Nesse momento, também voltava à gruta, intempestivo, de uma incursão malsucedida, o irado comandante dos saqueadores com sua horda. Com gestos e berros ameaçadores ele avançava sobre o pequeno grupo dos viajantes, brandindo seu machado de guerra, ignorando as súplicas de sua mulher, que pedia por clemência para os forasteiros.”

“Ele já se preparava para lançar ao chão o pobre José, quando, de repente (e ele de início não conseguia acreditar nos seus sentidos), a voz do seu único e amado filho, soou aos seus ouvidos, forte e alegre, como ele já há muito não a havia ouvido.”

“Ele achegou-se junto ao leito do enfermo e, que milagre!, aquele, que ainda pouco se apresentava tão deformado e sofrido, sorria para ele, saudável e bem disposto.”

“Querido pai”, exclamou a criança, colocando os seus bracinhos macios e, agora, saudáveis em volta do pescoço forte do homem. “Como estou feliz! E, você, também está feliz de me ver assim recuperado? Pai, agora, eu poderei crescer saudável e ajudá-lo nas tarefas, e você não terá mais de praticar ações más! Iremos para algum lugar onde ninguém sabe da sua vida até agora, e eu ficarei tão contente quando estaremos trabalhando pela nossa subsistência juntos e de maneira honesta; de forma que você também ficará feliz.”

Lágrimas jorram dos olhos daquele ser emocionado e completamente transformado. Ele se coloca de joelhos ao lado de sua esposa em frente ao menino Jesus e promete repleto de gratidão sincera realizar todas as esperanças de seu filho, não causar mais prejuízo a ninguém, pelo contrário, a partir de agora, procurar trabalhar pela felicidade e bem-estar de seus próximos.

A véspera da grande festa

Com este intuito, ele se ofereceu para partir, imediatamente, com sua mulher e seu filho para acompanhar a Sagrada Família e levá-los com segurança até o Egito; em parte para protegê-los de qualquer perigo e em parte para iniciar uma nova vida neste país distante; como realmente aconteceu”, quando Mathilde se calou depois de ter contado a história até este ponto, todas as suas amiguinhas lamentaram muito que esta história que foi tão linda não pudesse se estender por mais algum tempo. Elas, no entanto, demonstraram-se satisfeitas quando ouviram a promessa de que, em breve, iriam ouvir uma outra e seguiram o conselho de Mathilde para correrem e pularem mais um pouco, uma vez que já estava começando a escurecer. Mathilde, por sua vez, dirigiu-se à casa em direção ao seu quarto, que ficava no último andar.

Nós, por outro lado, não temos mais nada a fazer do que acompanhá-la até lá. Pois, de fato, um panorama mágico se revela aos nossos olhos a partir dessa varanda construída acima dos telhados!

Que suave aroma, que leve brisa envolve toda a natureza, que parece em festa! O burburinho do dia ainda se faz presente nas ruas movimentadas dessa ampla cidade, localizada bem abaixo, mas que de minuto a minuto diminui. E cada som que ainda chega até os nossos ouvidos morre tremulante nesta atmosfera agradável.

Aqui e ali sobem fogos de artifícios, que, neste país, costumam abrir qualquer festa com suas caudas incandescentes e brilhantes. O badalar dos sinos, o estouro dos canhões e o assobiar dos fogos de artifício provocam em nós uma impressão ainda mais festiva do que aquela que podemos observar através desta chuva de luzes quando olhamos para o céu que começa a ficar estrelado.

A baía do Rio de Janeiro

O sol poente empresta à cadeia de montanhas azuis que delineiam o horizonte um brilho avermelhado, disputando com as estrelas e uma meia-lua resplandecente o espelho formado pela Baía que se apresenta diante de nós.

Sim, verdadeiramente maravilhosa extensão de água brilhante rodeada de estáticos gigantes de rocha, picos verdejantes de montanhas cujas coroas de palmeiras se levantam em uma decoração festiva por todos os lados, incluindo lindos vales com vegetação exuberante!

Imensos cactos disputam lugar ao longo das áreas nuas das rochas e pomposos emaranhados de grupos de árvores circundam as margens cercadas de flores cheirosas de inúmeros riachos que correm apressados, murmurando em direção à baía.

Durante muito tempo, estes pequenos rios serviam como caminhos para avançar da baía ao interior do país. Hoje em dia, no entanto, seus leitos se tornaram sempre mais estreitos, uma vez que a maré deposita maiores quantidades de lama em suas desembocaduras, de forma que as grandes “Faluas” (barcos com convés, cobertos com velas romanas) não conseguem mais avançar tão longe. Também, aqui, faz-se necessária a construção de estradas como uma necessidade premente, já que a falta de meios de transportes terrestres, até agora, foi responsável pela escassez de população no interior do grande Império.

Várias coisas passam pela mente de Mathilde enquanto, junto com ela, voltamos nosso olhar para o outro lado da baía, onde os lampiões de gás acabaram de ser acesos, iluminando a bela orla da “Praya Grande” e de seu prolongamento, os lugarejos de “Santo Domingo” e “Nitheroy”.

Um navio a vapor atravessa, várias vezes ao longo do dia, da Capital para aquelas praias, e de volta, transportando passageiros e carga de um lado para o outro. Neste momento, ele singra velozmente as águas da baía de volta para a margem de cá, deixando atrás de si uma espessa nuvem de fumaça. Podemos ver as faíscas e a espuma branca, o ruído, porém, de seu curso apressado não alcança os nossos ouvidos devido à grande distância que dele nos separa.

A dor da distância

Podemos observar muitas outras embarcações dos mais variados tipos, com os seus mastros imponentes e suas bandeiras multicoloridas, no suave do balanço das ondas. Navios ingleses, americanos, franceses em grande quantidade, de todos os tamanhos e de todas as classes; portugueses, chineses, brasileiros, alemães e, entre estes principalmente, os hamburgueses apresentam-se em incontáveis fileiras, um ao lado do outro, e parecem ter vindo das mais remotas plagas dessa nossa Terra, para celebrarem aqui a mais bela das festas da cristandade, com o olhar voltado para o Cruzeiro do Sul, a constelação que, desde os tempos mais remotos, é tão cara a todos os navegantes.

Porém, quantos olhares marejados de lágrimas, quantos pensamentos carregados de saudade estarão sendo enviados, neste momento, daqueles navios para a pátria amada distante, onde se encontram os entes queridos! Aqui e ali, certamente, existirão maridos, pais, irmãos e filhos que, no exercício de sua profissão tão rude, sentem-se arrancados do solo de sua infância feliz e despreocupada, e que, neste momento, com o coração apertado, procuram, ao menos, na imaginação, transportar-se para o seio de suas famílias.

Como é doloroso para muitos pais, que não possam partilhar a alegria natalina com seus filhos! Que não possam receber uma palavra de agradecimento pelo seu amor! Qual não será a mágoa de um filho ou irmão, de não poder abraçar, no dia de hoje, seus pais, não poder repartir a alegria com seus irmãos reunidos!

“Que a esperança de um reencontro, não me abandone!”, exclamou Mathilde para si.

“Certamente, o mundo de Deus é belo em todos os lugares. Aqui, em especial, e, em todos os lugares, vivem pessoas boas. Porém, meu coração, aqui, continua órfão!”

“Longe de vocês, minhas irmãs, que nascidas do mesmo tronco, estão intimamente atadas a minha alma, longe dos meus queridos, amados irmãos que, com confiança inocente, acreditam no meu amor por eles, e que por isso me amam, longe de tudo que me comove e que sempre representou todo meu mundo interior, sinto-me abandonada e sozinha, - neste país estrangeiro, tão distante!”

“Amizade e confiança, os mais nobres bens que a vida pode oferecer, só podem florescer aos poucos, se forem cuidados com paciência e perseverança incansáveis!

“E com que imprudência, muitas vezes, desfazemo-nos desses frutos da nossa infância, quando alcançamos uma idade mais madura!”

Cruzeiro do Sul

Neste intervalo, a maravilhosa baía foi tomada pela rápida chegada da noite, enquanto a cidade banhou-se de uma iluminação feérica.

Destacavam-se os conventos e as capelas enfeitados de inúmeras luzes dos morros mais distantes na iluminação festiva, enquanto que os sinos não se cansavam de badalar, convidando para a missa natalina a população de pessoas brancas, negras, amarelas e morenas que passeavam pelas ruas.

Mathilde elevou seu olhar desta cena comovente em direção ao límpido firmamento tropical e acompanhou a larga faixa da Via Láctea, este aglomerado claro de estrelas onde, na lateral de sua parte inferior, encontramos o Cruzeiro do Sul, até o limite do horizonte formado por escuros picos rochosos que completam a grandiosidade desta obra-prima.

E, então, em primeiro plano, observamos os deslumbrantes arcos do belo e luminoso aqueduto, que, elevando-se sobre as casas da cidade, constituem uma construção sólida, mas graciosa, que logo atrai o olhar do observador; e que, ao lado e por cima do convento de Santa Teresa, traz, por uma distância de duas milhas, a mais pura, límpida e fresca água para a numerosa população.

Sarau

Já era tarde quando Mathilde adentrou a Sala de Jantar para tomar o chá com a família e os outros moradores. Ainda perdida nos pensamentos e sentimentos voltados a sua terra natal, ela deparou-se com uma reunião bem peculiar de diferentes pessoas, na qual estavam representadas praticamente todas as matizes da coloração da pele humana.

Compareceram ao evento alguns senhores da própria cidade, como intelectuais, médicos, funcionários do Governo, entre os quais se destacavam um negro e dois mulatos, bem como vários fazendeiros com suas famílias e vários acompanhantes, pertencentes à classe dos agregados, e que, em parte, pareciam ter sangue indígena nas veias, enquanto que outros não podiam negar sua descendência africana.

Os primeiros, muito elegantes, nas suas casacas e colarinhos bem engomados, os outros em traje de montaria completo, com botas altas, enormes esporas, o guarda pó branco ainda sobre as costas, assim eles haviam se acomodado todos, sem se importar com qualquer tipo de hierarquia, em uma colorida mistura, em volta da grande mesa ao centro, posta com esmero; de maneira que tinha-se a impressão de que cada um estava envolvido profundamente na conversa com seu vizinho eventual, em tom comedido, mas espontâneo.

Eram discutidos assuntos como as viagens que tinham percorrido, o último acontecimento político, as perspectivas promissoras para a próxima colheita de café e alguns acontecimentos no círculo de amizades em comum; sem que pudesse ser notado qualquer diferença de cultura ou conhecimento entre os participantes.

A auto-estima do homem livre

No Brasil, reina o costume de considerar e tratar todo o homem livre como tal, e, portanto, não excluí-lo nunca, seja ele pobre ou rico, de uma reunião de mais nobres ou mais ricos, de maneira que, normalmente, o comportamento que se observa na sociedade é muito decente e cortês, e uma capacidade salutar de discernimento e compreensão é percebida entre as classes mais humildes. Longe de qualquer subserviência hipócrita, um brasileiro dessa categoria, que muitas vezes nada possui além daquilo que traz no corpo, sabe, em uma conversa, coloca-se muito bem no nível de qualquer outro, na defesa do seu ponto de vista, com humilde satisfação; e esse fato independe da cor da sua pele, uma vez que para ele isso não representa um motivo de humilhação.

Apesar de ser a pele branca uma propriedade muito apreciada no Brasil, ela certamente nunca será determinante em qualquer questão; uma vez que, como acabamos de ver, as pessoas livres de qualquer cor são consideradas iguais em quaisquer circunstâncias. Tanto maior é a distância entre eles e os que não são livres; apesar de não podermos negar que sua condição raramente se torna pública, enquanto que no geral a posição dos escravos, principalmente a daqueles que prestam serviços domésticos e estão em constante contato com seus donos, não é pior, e, em muitos casos, é até melhor do que aquela dos nossos empregados domésticos; o que se justifica pela benevolência, tolerância e generosidade de quase todos os brasileiros.

Nossa Mathilde, em silêncio, faz essas observações para si após ter tomado seu lugar ao lado da boa dona Fortunata, que, com o seu olhar terno, tinha o controle sobre tudo. As jovens senhoritas da casa que, como sempre, também hoje eram as suas vizinhas, estavam envolvidas em conversas animadas sobre o almoço festivo do dia de amanhã, típico de todo o Brasil, no qual seriam servidos muitos pratos raros, entre eles, um peru e um belo pedaço de paca, um tipo de porco do mato, nos quais iriam ocupar posição de destaque.

Hoje à noite, todos se contentavam com canjica, isto é, grãos de milho que são cozidos com água e açúcar até formarem um mingau; com bananas, queijo, pão e uma xícara de chá sem leite, do que, normalmente, consiste o jantar do dia a dia.

Missa

E, no Brasil, já é considerado um luxo quando pãezinhos de trigo aparecem à mesa, uma vez que só é possível comprá-los em cidades maiores. No interior do país, come-se a farinha de mandioca, incluída na maior parte das receitas; mas, mesmo no Rio de Janeiro, ela não pode faltar, já que, um verdadeiro brasileiro nunca pode dispensá-la.

Porém, em algumas províncias, é consumida em maior quantidade a farinha de milho tostada, que também é acrescida a todas as receitas, quando lá o milho se desenvolve melhor do que a mandioca. Ambas, porém, não podem substituir para o europeu o pão de centeio, que lhe faz falta.

Somente na parte mais meridional do Império, na Província do Rio Grande do Sul, crescem alguns grãos europeus, plantados e colhidos por colonos alemães; porém, em quantidade insuficiente para fornecer para todo o Brasil, e, como já foi dito, o nativo prefere farinha de mandioca e de milho.

Todos se levantaram da mesa e nossa amiga foi convidada pelas suas colegas para acompanhá-las à missa de Natal na Igreja. Por volta da meia-noite, todos se dirigiam, vestidos de pretos (mulheres, aqui, nunca podem entrar em um local sagrado como este, que não seja em trajes pretos), para a Igreja mais próxima, enquanto os fogos e rojões pipocavam ruidosamente.

As ruas estavam apinhadas de pessoas com seus trajes de festa e um ou outro rostinho bonito, com lindos olhos escuros, aparecia duplamente atrativo através dos véus de renda preta, trazendo pequenos buquês de flores no decote, caminhava virtuosamente ao lado de uma acompanhante mais velha.

Na Igreja

A música soava através do grande portal aberto, quando Mathilde e as outras senhoras da casa entraram no recinto já bastante cheio de mulheres de joelhos. Não sem sacrifício, elas puderam abrir um caminho entre as muitas devotas e, finalmente, conseguiram um lugarzinho para si para, com o rosto voltado para o altar-mor, como o costume aqui exige, também se ajoelharem. Elas faziam o sinal da cruz com o polegar e o indicador, primeiro sobre a testa e, depois, sobre a boca e o peito. E permaneciam, então, cabisbaixas concentradas na leitura do missal.

Em ambos os lados do corredor central, que era tomado somente por mulheres e crianças, os homens se colocavam em pé, atrás de uma pequena divisória, que não chegava a limitar o olhar, e somente durante a leitura da missa eles também se ajoelhavam.

Logo, Mathilde foi tomada de um sentimento de quase tristeza pelo murmurar alto da multidão reunida pela transpiração desagradável das negras e mulatas que estavam bem próximas a ela (como as pessoas de cor sempre exalam um odor desagradável em volta de si) e dos vapores sulfurados dos fogos queimados. Enquanto isso, perdurava o badalar os sinos e a música profana, que nessas oportunidades devem contribuir para a animação da festa, retumbavam alegremente para dentro daquela aglomeração de gente.

Finalmente, uma pausa! O Padre chega ao altar e a missa começa, naturalmente, de forma imprópria, acompanhada do latir dos cachorros e da gritaria das crianças. Os coroinhas tocam os seus sininhos repetidas vezes e espalham o incenso em volta do padre nos seus trajes ricamente bordados a ouro. Até que o sacerdote tenha se inclinado com o seu livro na mão e, murmurando incessantemente, para a direita e para a esquerda, para frente e para trás, e, finalmente, após várias reverências, ajoelha-se em frente ao altar principal. Em silêncio total, cada um permanece com a cabeça inclinada até que ele deixe o local, novamente, sob uma nuvem de incenso e som de sininhos; com isso, a missa está encerrada.

Ao deixar a Igreja, todos se benzem na pia de água benta e, normalmente, dirigem-se para a outra Igreja, na qual a cerimônia se repete. Muitas vezes, há uma terceira e uma quarta, de acordo com a necessidade e inclinação de cada um.

Após a missa

Nossa amiga, no entanto, preferiu ir para a casa, acompanhada de uma das serviçais, após, ainda, ter visitado várias exposições do Menino Jesus, como se costuma fazer em capelas montadas nas próprias casas e relicários enfeitados de flores e luzes, muitas vezes no colo de Maria ou em um presépio, rodeado pelos magos do Oriente.

Nas ruas, o mar sem-fim de pessoas agitava-se, onde um olho treinado facilmente consegue distinguir os nativos dos quatro ou até dos cinco continentes; porque não faltava um chinês ou nativo das ilhas do Sul, turco, grego, e menos ainda um americano ou africano de todos os tipos. Ao lado do loiro escandinavo de olhos azuis, podia-se distinguir um negro do Congo; ao lado de um filho vermelho do novo mundo, um verde-amarelado representante da raça mongólica.

“Fogueiras festivas, luzes, fogos em todos os lugares; e mesmo assim, não havia motivos para se temer qualquer perigo ou confusão!”, pensou Mathilde. “Tudo segue tranquila e calmamente, como se a gente estivesse entre as pessoas civilizadas da alta sociedade. E somente a mistura colorida de todos os rostos, línguas e roupas pode nos convencer que estamos longe de um país europeu que tanto se gaba de sua cultura

A noite de festa na rua

“Será que nunca acontece um incêndio nessas ocasiões?”, pergunta Mathilde a sua acompanhante. “Seria de se pensar que essa despreocupação que aqui predomina poderia facilmente levar a uma catástrofe.”

“Oh, não”, respondeu a negra. “As casas, aqui, não pegam fogo facilmente, pois a madeira da qual são construídas é muito dura e resistente e as pessoas têm o cuidado de evitar que se alastre qualquer fogo, uma vez que lhes causaria um grande prejuízo”.

Mathilde sorriu e pensou consigo: “Bem que eu acredito nisso, pois me lembro de ter ouvido que no Brasil ainda não existia companhia de seguro contra o fogo”.

Em cada esquina das ruas, podem ser observadas vendedoras negras sentadas no chão que rodeiam sua parca mercadoria com velas e papéis coloridos ou ramos verdes, oferecendo, principalmente, alimentos para a venda. Lá, também, podem ser encontrados fogareiros transportáveis nos quais se frita carne e peixes e é preparado o café de acordo com cada gosto. Em outro canto, são oferecidas frutas, doces e biscoitos ao lado de bebidas de todos os tipos, principalmente limonada, rum e aguardente, que, normalmente, são servidos e tomados em pé; pois mesas e bancos não se vêem em lugar algum, uma vez que neste país são consideradas um luxo.

O brasileiro de classes mais baixas, principalmente, então, a população de cor, raramente faz uso de cadeiras ou bancos, passando-se o tempo de pé ou de cócoras; e mesmo o mais distinto e rico prefere a rede, que não pode faltar na casa, a qualquer outro conforto.

O desfecho de uma comemoração natalina no Brasil

Mathilde se apressa em chegar ao seu quarto nas alturas, onde ela, envolvida pelo mais maravilhoso e alegre céu noturno, só é lembrada do burburinho abaixo dela devido às torres e cúpulas iluminadas.

Ela ficou sentada durante muito tempo lá, na varanda, com o olhar perdido na vastidão, comovida, mas, ao mesmo tempo, satisfeita com a lembrança do transcorrer do dia, até que todas as luzes se apagassem, todos os sons se calassem, e um profundo silêncio colocasse a natureza e as vidas humanas para o devido descanso.

Segunda Noite de Natal
no
Brasil
II.

Meus queridos simpáticos jovens leitores, permitam-se, hoje, levá-los ao, assim chamado, Sul do Brasil, onde, o clima é muito mais ameno do que no Rio de Janeiro; onde, é mais fresco do que no Norte, que compreende toda a região Equatorial e, portanto, é muito quente.

Seria, no entanto, conveniente que vocês, antes, observassem no mapa para, ao menos, poderem se familiarizar com a posição do extenso Reino, pelo qual pretendemos viajar; pois, com isso, vocês poderão ter uma melhor noção do que esperar.

Logo vocês perceberão que a grande península, que é chamada de América do Sul, é irrigada, principalmente, por três grandes rios, cuja nascente nos leva a Oeste da cordilheira, que é conhecida pelo nome de Cordilheira dos Andes.

Aqui, encontramos quase abaixo do Equador, perto da cidade de Quito, a imensa montanha, o sempre nevado Chimborazo. E, nas suas imediações, vimos as nascentes de muitos rios, grandes e pequenos, que, após o seu encontro, mais abaixo, formam o maior rio do mundo, o “rio das Amazonas”.

Ele revolve suas imensas massas de água, atravessando de Oeste a Leste a porção Norte deste continente do Hemisfério Sul, servindo de canal de escoamento através de terras planas, cobertas de mata e entremeadas por pântanos, e, desta maneira, permanece por, praticamente, 500 milhas somente em território brasileiro. Quando ele se precipita, com seu braço principal, acima da Ilha de Marajó, bem abaixo do Equador, no Oceano Atlântico; o seu outro braço, mais ao Sul, forma a ilha acima citada, e recebe as águas do impetuoso Tocantins.

A localização do Brasil

As duas outras bacias, de quase igual importância, desta parte do mundo são: a do rio Orinoco, no Norte, que não chega até a fronteira brasileira, e aquela do rio da Prata, no Sul, que recebe a maior parte dos seus afluentes das montanhas do Brasil Central; cujas águas correm em direção ao Oceano Atlântico.

Existem ainda outros rios de menor importância na América do Sul, como, por exemplo, o rio Magdalena, em Nova Granada, e o São Francisco, no Brasil. Estes não podem competir com os já citados, uma vez que, para nós, eles parecem ser simplesmente rios de menor porte.

Vamos falar, mais uma vez, em poucas palavras, sobre essa grande Península, na forma de uma pèra, da qual o Império do Brasil ocupa todo o terço Leste, e, portanto, abarca o Cabo de São Roque, o ponto mais Oriental do continente. A ponta Sul, por sua vez, é formada pelo mal falado Cabo Horn, o terror dos navegadores, que quase encosta no Círculo Polar, enquanto que o outro se aproxima do Equador.

Imigração e Colonização

Apresentei, então, a vocês a extensão da terra firme, que abarca todas as zonas e oferece ao vasto Oceano Atlântico uma costa respeitável; do que se deduz que o comércio com outros países e o daí decorrente fluxo de imigração, aqui, deveria ser muito favorecido. Foi e ainda é o caso, até agora. Logo, tudo ficará claro para vocês, meus caros, pois direi quais foram as causas disso.

O ponto mais ao Oeste da América do Sul é o Cabo Branco (no Peru) e se localiza no mesmo trópico que o Cabo de São Roque, e as zonas mais quentes ocupam, portanto, a maior parte do continente. Inundações frequentes e florestas impenetráveis tornam, praticamente, impossível que um europeu do Norte esteja fixado por um período mais longo nessas regiões e não permitindo que ele execute a menor tentativa de uma colonização permanente. Por outro lado, somente os povos nórdicos (os da raça germânica), até agora, mostraram-se aptos para a colonização; enquanto que os europeus do Sul (de origem romana), normalmente, logo largarão o trabalho na lavoura, que é muito cansativo, e vão se dedicar ao comércio, ou qualquer outra aventura.

Independente de todos os outros obstáculos, o relacionamento comercial com estas partes do mundo (principalmente com o Brasil), em tempos passados (quando a navegação ainda não tinha alcançado as proporções atuais), era muito difícil e ainda é, devido às perigosíssimas entradas para os portos da costa leste deste continente. Principalmente nos estuários dos rios, onde, constantemente, ocorre acumulação de areia, que forma barragens móveis por baixo do nível do mar. De maneira que, com a maré alta, pode-se chegar à baía sem sofrer danos.

A Pororoca e as montanhas no Brasil

Na desembocadura do rio Amazonas, este perigo é ainda maior do que em qualquer outro lugar, porque sua largura imensa, muitas vezes, no retorno regular da maré, forma uma onda de 12 a 14 pés, que encobre o rio de água doce e se arrasta para dentro da foz por muitas milhas. O estrondo desse fenômeno incomum da natureza, que é conhecido com o nome de Pororoca, pode ser ouvido a uma distância muito grande e, de perto, tem um efeito ensurdecedor.

Observando o território brasileiro, em especial, teremos de confessar que o seu relevo se mostra bastante montanhoso (com exceção da grande planície do Amazonas), o que representa um obstáculo para as civilizações europeias. Chama, principalmente, a atenção, a cadeia de montanhas da costa, que, iniciando junto ao Equador, e sempre a só poucas milhas distantes do mar, alcança o limite meridional do Reino, ultrapassando-o através do Estado do Uruguai até a foz do Rio da Prata; de maneira que ele se eleva, em uma altura de 3 a 6 mil pés, como uma muralha que parece querer proteger o planalto que se estende pelo interior. Seu ponto de convergência fica na província de Minas Gerais, que o conecta com a cadeia de altas montanhas do Brasil Central, ligando as províncias de Goiás e Mato Grosso, mais a Oeste.

Aqui, estamos, então, em terras altas, onde se localizam as nascentes tanto dos afluentes que levam as águas para o rio Amazonas, no Norte, quanto as que levam para a bacia do Rio da Prata, ao Sul, que será responsável por uma conexão natural com aquelas regiões que, provavelmente, serão colonizadas, primeiramente, a partir da Europa.

Como se pode gerar um clima saudável

Ao lado das faixas litorâneas, já bastante povoadas por descendentes de portugueses, devemos considerar as províncias mais meridionais do Brasil; bem como toda região da República Argentina (cuja capital é Buenos Aires), além dos Estados menores do Paraguai e do Uruguai.

Nestes vales, no alto das montanhas, o europeu encontra um clima moderado e saudável e a fertilidade do solo favorece o plantio e a criação de animais, de tal maneira que pode-se esperar uma melhoria das condições de vida, tão logo as condições climáticas, através da cultura e do esforço humano, são reguladas sempre mais em favor da saúde e da prosperidade.

Vocês devem saber, meus caros amigos, que um país, ou uma região, torna-se tanto mais salubre quando o solo é aproveitado com sabedoria.

A planta é o alimento dos animais e o homem vive dos animais e das plantas. A primeira preocupação do ser humano deve ser, então, o cuidado de ambos. Os três, em conjunto, possibilitam a existência de tudo, através da ação recíproca e da transformação (uma vez que a planta também vive de componentes animais).

Uma cultura do solo melhorada, da mesma forma, como uma criação de animais bem planejada, enriquece não somente plantas e animais, mas também a atmosfera e o clima; pois, assim, os pântanos devem ser drenados, os rios despoluídos e os desertos de areia transformados em campos de plantações. Uma outra consequência pode advir do desenvolvimento físico e espiritual dos moradores que, agora, terão a oportunidade de conseguir melhores alimentos, moradia, roupa e amenidades diversas; e serão forçados a desenvolver e usar cada vez mais o seu intelecto, para conseguir tirar cada vez mais proveito do solo embaixo de seus pés, porque uma população que cresce cada vez mais exige isso.

O Paraná, o Paraguai e o Uruguai

Somente após o encontro da bacia do Paraná com o Paraguai e o Uruguai (que formam a fronteira Oeste) é que este rio recebe o nome de La Plata, pouco antes de sua foz, permanecendo, praticamente, no seu estado original; como uma pradaria ondulada, coberta de gramas altas (ou seja, Pampas), são interrompidas por árvores, para mais perto da costa, e ao Norte, na região montanhosa. Mas, sem dúvida, em pouco tempo, devido ao maior afluxo de imigrantes europeus, uma maior vitalidade se espalhará nessa região tão abençoada pela natureza, partindo da foz em direção à Norte.

Por que uma penetração maior de imigração já não aconteceu muito tempo antes, compreende-se, facilmente, quando nos lembramos de que, além dos motivos já citados, havia um sistema de total bloqueio nesses países enquanto eles ainda estavam sob o domínio espanhol e português; que somente foi alterado no início deste século, desde a Proclamação da Independência.

Os soberanos desses Estados, que, na ocasião, viviam na Europa, não permitiam nem a livre imigração nem o comércio livre, e mesmo, em tempos recentes, devido às várias guerras civis que assolam estas regiões sulinas, não permitiu a prosperidade da população.

A origem da Escravidão

A todos esses obstáculos para o desenvolvimento de uma ética real pela imigração europeia, soma-se, principalmente, o costume pernicioso da Escravidão negra; que, por sua vez, somente poderá ser eliminada em consequência de um número maior de colonos livres e pela vida cultural mais elevada que eles trarão.

Como na Europa, a servidão foi, praticamente, abolida e com todas as suas consequências, deverá desaparecer, porque o rendimento de trabalhadores livres provou ser imensamente mais precioso e mais barato do que os serviços forçados e executados contra a vontade por escravos sem formação, assim, também, na América, o trabalho voluntário devido às suas inegáveis vantagens terá de dar um fim ao trabalho escravo de maneira definitiva.

Mesmo que pudéssemos pensar que a anulação total de qualquer tipo de servidão trouxesse vantagens, meus caros amigos, nem todos pensavam desta forma. Em tempos passados, a conscientização em todo o mundo era muito pequena. Algumas pessoas, sem conhecimento, acreditavam que poderiam justificar o seu bem-estar pessoal pela subjugação de outras, como um direito concedido por lei.

Nenhum provérbio é mais certo do que este: “O hábito é a segunda natureza!” E mesmo assim, aquilo que surgiu por falta de consciência fortaleceu-se pelo hábito: “Alguns se acostumaram ao poder injusto e os outros à Escravidão igualmente injusta”; e somente as más consequências, que ficam cada vez mais evidentes, conseguem nos convencer que esta ação é prejudicial e irresponsável.

Primeiro cultivo na zona quente

Esta conscientização adquirida, porém, exige sacrifícios imediatos, enquanto que as vantagens, somente se manifestarão mais tarde. Então, não é de se admirar que o hábito é muito mais forte do que a razão, e este privilegia o prazer do momento em detrimento da prosperidade futura.

Vocês podem comprovar isso, diariamente, meus caros, se vocês voltarem o olhar atento ao redor! Quantas vezes vocês não veem que um futuro belo e próspero é desperdiçado para satisfazer um prazer momentâneo?!

Para sermos justos, devemos confessar que o preparo da terra no continente americano, principalmente daquela nas regiões mais quentes, é praticamente impossível, se for feita por europeus. As vastas planícies dos muitos rios sujeitos a inundações frequentes mostraram ser mortais para a população branca. Mesmo passadas muitas gerações, essas águas ainda fazem muitas vítimas e a maioria das tentativas de colonização chegou a um fim lamentável. Grande parte dos colonizadores morria, de forma miserável, sem ter alcançado êxito, sucumbindo à febre, ao sol e ao esforço excessivo, respirando um ar contaminado e com uma alimentação inadequada.

Melhor seria se as terras da parte Norte do país fossem ao menos preparadas por indígenas e negros; já que a sua constituição física é muito mais apropriada a este tipo de clima ao qual eles, desde sempre, estão acostumados; o que não fariam por iniciativa própria, por não terem o conhecimento. Os negros, na África, por milênios, permaneceram nas mesmas condições precárias, que sempre existiram; e os indígenas nas Américas, em vez de progredirem em sua formação, ao contrário, só retrocederam, desde aquelas épocas, quando um povo mais desenvolvido já vivia neste chão.

Indígenas e negros

Porém, meus caros amigos, vocês não devem pensar que os negros ou os indígenas não sejam passíveis de educação. Certamente não. Parece-nos, no entanto, que eles, sem a mistura e o relacionamento com outras nações mais desenvolvidas não são capazes de, por conta própria (isto é, no espaço de tempo de vários séculos) chegarem a um nível cultural visivelmente mais adiantado. Sim, é possível até afirmar que eles terão de mudar a sua constituição corporal da mesma maneira que suas faculdades mentais, antes que consigam alcançar a civilização propriamente dita.

Não é de se admirar que naqueles dias, quando na Europa ainda reinava a maior barbárie, e os povos perseguiam um ao outro com um ódio sem fundamento e louco, na América, os selvagens, com crueldades assustadoras, matavam-se mutuamente. Também, na África, os negros tratavam seus iguais como escravos e os vendiam. Desta forma, o fato de os negros e indígenas serem arrastados para executarem serviços para os brancos naquelas terras tropicais, não era considerado exatamente um delito proibido.

Eliminação do trabalho escravo por trabalhadores livres

Parece-nos muito mais estranho que, ainda hoje, quando é reconhecida, no geral, a vantagem de um desenvolvimento livre e já se fizeram sentir as consequências danosas da Escravidão, o velho hábito ainda se faça presente de maneira tão acentuada e muitos insistem nele e até estão propensos a defendê-lo.

Sabemos que são eles mesmos que levarão o prejuízo e, assim, observamos que os atuais proprietários de escravos se vêem forçados a se mudar das zonas mais temperadas para as mais quentes. Vendendo as suas terras, que eles agora não podem mais cultivar e explorar com vantagem, para pequenos agricultores que executam o próprio trabalho e conseguem, com isso, tirar muito mais lucro, vendendo produtos por um preço menor.

Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, o destino dos proprietários de escravos será o de adentrar aqueles vales insalubres dos rios e com seus próprios corpos e o suor dos pobres escravos, para adubar as plantações, nas quais, futuramente, os descendentes livres e mais felizes irão colher os frutos daquela triste plantação.

Naqueles Estados americanos colonizados pelos espanhóis, a escravidão já havia sido abolida há algum tempo e devemos reconhecer com louvor que eles aprenderam dos erros cometidos pelos que lutaram pela independência nos Estados Unidos, mas não pela Abolição da Escravidão, pois continuaram a permitir uma instituição tão odiosa. Nos países de língua espanhola, eles declararam a Independência de todos, após a dominação espanhola.

Não foi assim no Brasil: a importação de novos escravos foi rigorosamente proibida a partir de 1850. Mais da metade da população total do Norte continuava não-livre e sem direitos, já que as terras estavam nas mãos dos grandes fazendeiros; e a maior parte da população pertencia à raça negra ou indígena. Enquanto que nas províncias meridionais, não havia um número grande de escravos.

A população do Brasil

Lembrem-se, caros leitores, que, na América do Sul, não faltam nenhuma das cinco raças principais da humanidade. Na Alemanha, a raça caucasiana foi a que, até agora, mais se desenvolveu. E, sem dúvida, também na América, vai se mostrar como o real suporte da civilização, pois, apesar de que a negra (etíope) e a vermelha (indígenas), no momento, aqui, são as predominantes, em número e distribuição, elas em cultura e importância ficarão subordinadas.

Dos troncos dos caucasianos brancos que, até agora, foram determinantes, na América, somente os romanos e os germanos estão representados em grande número. Os espanhóis e portugueses promoveram os primeiros descobrimentos e exploração, bem como a primeira imigração e colonização dessa parte do mundo. E, ainda hoje, são predominantes de ambos os lados do Equador. Os germanos tentaram se apoderar das regiões com clima temperado. E conseguiram se estabelecer com sucesso nas vastas planícies do território norte-americano. Recentemente, podemos encontrá-los, também, no Sul do Brasil, como lavradores livres, misturando-se à população portuguesa/brasileira que, em parte, ainda mantém escravos e parecem destinados com o melhor aproveitamento do solo tão rico, ao mesmo tempo, implantar uma cultura e uma ética mais elevada.

Viagem para o Sul nas festas de Natal

Vamos dirigir os nossos passos para este Sul! Lá, presenciaremos, na mata mais fechada, em regiões onde o homem branco nunca pisou, o início de uma colônia alemã; que será instalada na Província de Santa Catarina (que, ao lado de Rio Grande, parece ser a mais indicada para o recebimento de imigrantes norte-europeus).

Uma rápida viagem será necessária para conhecermos as características dessa região.

A pequena cidade de Desterro, na bela Ilha de Santa Catarina, de 13 milhas de comprimento e 4 milhas de largura, não nos irá deter; tão linda ela se apresentar em um cenário de maravilhosas cadeias de montanhas cobertas de árvores, esparramadas ao longo da superfície em tons de verde mar e de um azul profundo.

Não vamos perder tempo, olhando para os belos morros cobertos com lindas plantações de vários tipos, apesar de que, provavelmente, aqui e ali, moram alemães, que, talvez vão festejar o dia de hoje da mesma maneira que seus pais festejavam na pátria amada ou talvez não. O que nos parece ser mais provável. Hábitos tão belos costumam desaparecer rapidamente em um país estranho.

Vamos nos apressar para atravessar o pequeno Estreito que separa a Ilha do continente, o que não é tão fácil, conforme vamos relatar.

A partir de uma miserável casinha de aduana, parte uma simples canoa com dois remadores para levar-nos com nossas bagagens por um $\frac{1}{4}$ de milha até a outra margem. A maré está relativamente alta e os nossos cavalos, dos quais não podemos prescindir para a continuidade da viagem por terra, precisam ser amarrados pelo pescoço e impelidos para a água, por mais que eles, de início, não quisessem nadar atrás de nós. Seguramos suas cabeças para fora da água com o auxílio de cordas, tentando nos equilibrar na pequena canoa (tendo relinchos como resposta), o que só pode ser feito com muito esforço da nossa parte.

Estradas e construção de pontes

Uma amostra do tipo de trânsito em uma das praças mais populosas da Província não nos permite ter muita esperança de encontrar uma estrada razoavelmente bem construída, porém, durante um certo tempo, tudo parece bem melhor do que poderíamos presumir, pois o solo sobre o qual cavalgávamos se mostra firme o suficiente, pois foi construído com uma certa altura, o que garantia que se mantivesse seca; e, agora, encontramos uma ponte de pedras satisfatória de 16 arcos construída sobre um rio relativamente largo, que nos deixa maravilhados se não soubéssemos que no Brasil são construídas grandes pontes com mais frequência do que estradas normais (estou falando daquelas suportáveis para montarias; uma vez que estradas para carroças são ainda mais raras), pois as pontes, normalmente, são fornecidas mediante o pagamento de uma certa quantia (que é paga pela construção por algum empresário). As estradas são de responsabilidade do governo provincial, que não costuma se incomodar muito com isso, provavelmente, porque em um país tão despovoado não se tenha o necessário incentivo.

Os poucos moradores, normalmente de cor, vivem muito espalhados, o que para um europeu, que vive em áreas povoadas, é difícil de imaginar.

É por isso que a América do Sul se destaca, pois ainda existem em todas as direções lugares com poucos moradores. Não se sabe de descendentes de europeus que vivem de forma tão distribuída como acontece no Brasil e em outros Estados americanos. Pode-se, aqui, nos distritos mais povoados, viajar por muitas milhas sem encontrar qualquer rastro humano, muito menos, uma pessoa.

Contrastes entre os costumes brasileiros

O motivo reside, em parte, no primeiro domínio da terra por pessoas que souberam como receber um pedaço de terra muito maior do que os meios de que dispunham para colonizar e cultivar; um outro motivo, certamente, pode ser a tendência herdada dos indígenas de viverem com suas famílias de maneira muito isolada, o que podemos encontrar em todo o Brasil. Por isso, a defesa inviolável do lar nunca poderá ser ferida impunemente! Por isso, também, a retração arisca dos homens de posição inferior no que se refere à casa e à família; o que mais chama a atenção é que ele parece ter uma postura livre, disposto sempre a viajar, e prefere, sempre, perambular pelas (más estradas) prestando os serviços mais cansativos do que fazer algum trabalho útil em casa.

Mas, vamos adiante!

Nossa viagem não permite longas pausas, se ainda quisermos chegar ao nosso destino antes do cair da noite.

Nós estamos, agora, em uma baixada que, devido ao seu solo lodoso, muitas vezes, força-nos a desmontar para guiar os cavalos, porque, juntos, ficaríamos atolados na lama.

Adiante, pela costa do Oceano Atlântico

Encontramos um rio de águas claras de correnteza rápida, que se precipita pelas rochas sem que se encontre ponte alguma para fazermos a travessia. A estrada se eleva um pouco, e deixamos de lado um lugarejo na enseada que nos parece bastante aprazível, onde a ponta da torre da Igreja reluz gentilmente neste cenário esquecido.

Seguimos por uma cadeia de montanhas, cujo prolongamento pela costa, a partir de uma elevação, desfrutamos de uma maravilhosa vista sobre o mar, ilhas e grupos de árvores próximas. E cavalgamos na sombra agradável de altas árvores da floresta de cujos galhos inúmeras orquídeas (planta parasita) jogavam suas pétalas coloridas e perfumadas sobre nós, enquanto outras plantas dos mais diversos tipos despontavam por detrás dos blocos de pedra de formas bizarras que se estendiam pelo caminho.

Na baixada, somos recebidos por um outro rio, caudaloso e de largura considerável, e precisamos, novamente, de uma canoa, enquanto os animais nos seguem nadando. Mais uma vez, somos recebidos por uma paisagem erma e pantanosa. Garças e colhereiros dão vida à paisagem, passeando em bandos ou voando pelo ar.

De resto, tudo parece morto. Algumas plantas parasitas muito feias querem crescer, no lugar onde algumas árvores, mas elas parecem não permitir que algum tipo de vida se desenvolva.

Somos obrigados a cavalgar pela água do mar em volta de uma rocha e acompanhamos as dunas lançadas pela maré até estarmos diante do escoadouro de um pequeno lago. E como não temos canoas à disposição, não nos sobra outra coisa do que cruzá-la, nadando, corajosamente, com nossos cavalos.

Agora, deparamo-nos, novamente, com altas dunas de areia (com uma altura de 30 pés), que foram atiradas contra as grandes árvores pela maré e pelas tempestades, formando uma muralha móvel, por cima do qual, as copas das árvores só conseguem aparecer com dificuldade, enquanto que cactos e urtigas de várias espécies escalam por esses montes.

O butiá de vinagre

Finalmente, o caminho se eleva a nossa frente e chegamos até uma “venda” isolada, isto é, um ponto de vendas e botequim que, eventualmente, poderia ser usado por viajantes como acomodação. Aqui, encontramos, desde a nossa partida de Desterro, algumas primeiras figuras humanas de pele avermelhada seminuas com feições apáticas. Tomamos um refresco com pressa e fomos embora!

Uma bela trilha nos leva novamente para perto do mar que precipita as suas ondas gigantes incessantemente sempre com o mesmo rugido monótono sobre a lívida praia semimorta.

De tempos em tempos, ouve-se do lado do continente o cantar de alguns galos que para nós representam um sinal certo de que lá vivem pessoas. Porém, nós nos apressamos sempre adiante por meio da planície sem fim, que em parte é constituída de uma área de pântano, e em parte de um deserto e areia sobre a qual rastejam milhares de palmeiras bizarras.

Sim, olhem para esta palmeira de butiá-vinagre, como é chamada. Ela rasteja pesarosa entre enormes cactos, torta e encurvada pelo chão – sendo que o caule, de início liso, depois enrugado e inchado, apresenta um chumaço ralo de folhas de somente alguns pés de altura para servir de apoio e alimento a uma grande quantidade de repugnantes parasitas.

Certamente, uma visão desvirtuada de definhamento e inutilidade; que parece só existir para proteger outras plantas mais supérfluas e sem graça. Correspondem, bem neste sentido, as frutas dessas palmeiras atrofiadas, azedas e completamente intragáveis; e no seu interior, ela abriga uma semente preta e dura de um coração malévolos e endurecido.

Seguindo em frente pela costa solitária

Conseguimos deixar para trás esta floresta doentia e lastimável e chegamos a uma capela erma e em ruínas, em cima de uma pequena colina; como uma prova de que nas redondezas já existiu vida humana. A pressa com a qual viajamos não nos permite que nos detenhamos no local e, como até agora, cavalgando por pântano e floresta ou nas praias desertas, observamos, com estranheza, somente algumas gaiotas diferentes, porque esses animais com seus bicos em forma de canoa, com a ponta vermelha, que quase não conseguem arrastar pela areia.

Deixando as praias para trás, estamos, agora, em uma graciosa depressão entre montanhas e um riacho claro se precipita lateralmente em curvas pitorescas. Em seguida, chegamos a um rio calmo sobre o qual está uma ponte de madeira rústica em condições razoáveis. Chegamos até uma extensão de solo arenoso, com um terrível lamaçal, onde alguns bois que passam não nos parecem mansos, e bramindo ferozmente, estendiam seus chifres para nós. De forma que nós não poderíamos saber para qual dos lados nós deveríamos contorná-los, se seria melhor mergulharmos no rio profundo ou afundarmos no pântano. Enquanto isso, claro, nós nos salvamos!

Tudo nessa vida tem de chegar ao fim; apesar de que, é claro, para resurgir em forma e maneira diferente e em um outro lugar. Assim também é a nossa viagem, que, para vocês, meus impacientes, já está demorando tempo demais. Se nós não tivéssemos percorrido este caminho com toda esta atenção, para nós, pareceria muito mais enfadonha e entediante.

Finalizando a nossa descrição: o solo debaixo dos nossos pés, agora, está seco e entre as belas palmeiras, entremeadas por um matagal espinhento, um emaranhado de bananas e uma mata espessa de bambus, chegamos até uma casa de pescador, baixa, poeticamente disposta em uma enseada lisa como um espelho, com as suas redes e seus equipamentos rústicos. A superfície da água forma pequenas ondas, no rastro de pequenos peixes voadores ou no sulco de uma canoa que passa silenciosa; mostrando-nos uma imagem alegre, apesar da solidão a nossa volta, que nos parece emoldurada por uma cadeia de montanhas azuis ao longe.

Passando pela cidade portuária

Aqui, nós nos despedimos dos nossos animais, pois a região para a qual nos dirigimos é totalmente desprovida de caminhos ou trilhas que pudessem ser percorridas por cavalos.

Passamos, agora, de canoa, por uma cidade portuária de certa importância, localizada na outra margem, e que mostra, através das várias embarcações, maiores e menores, ancoradas na baía, um comércio bastante animado. Nós nos deleitamos com os graciosos arredores de morros que estão cobertos por bosques e plantações de mandioca, milho e feijão, e também pelo cultivo de arroz. Admiramos as bananeiras e as laranjeiras plantadas na margem das inúmeros nascentes que, rapidamente, corriam para o mar, em cujas sombras, movem-se alegremente famílias de galinhas, que, aqui não podem faltar, e grupos de leitões.

Mais ao longe, as ondas reluzem em volta de ilhas verdejantes e, sempre mais perto, elevam-se montanhas da assim chamada Serra Geral (os cumes mais próximos da costa), enquanto que as casas claras e as igrejas da cidadezinha, que vão ficando para trás, dão uma impressão muito agradável com seu fundo escuro de colinas arborizadas.

Saindo do braço de mar largo, chegamos, através de uma passagem estreita, a uma lagoa, circundada de um emaranhado baixo de plantas. E de lá, até a desembocadura de um pequeno rio, cujas curvas seguimos com dificuldade, devido às rochas e troncos de árvores caídos. Não raro, tínhamos de subir até a margem e puxar a canoa ou até carregá-la por cima desses obstáculos; e, logo em seguida, fazê-la, novamente, flutuar, para levarmos ao fim a nossa viagem para dentro do coração da mata virgem.

No meio da floresta virgem

Estamos a oito milhas de distância da costa do Oceano Atlântico. Agora, vocês podem ver a verdadeira mata virgem, isto é, a floresta intocada! Em toda a sua grandiosidade.

Trata-se de árvores que não foram plantadas e tratadas pela mão humana e cuja idade ninguém pode definir ao certo. O solo, no qual elas cresceram, verdejaram e floriram, até esta hora, não pertencia a ninguém e, entre as suas trepadeiras espessas e os densos juncos, no pântano, raramente ou nunca um ser humano colocou o pé.

É possível que, em alguma vez, um indígena de pele vermelha, nu, perseguindo a sua caça, cuidadosamente, curvado entre os juncos; mas, mesmo ele, certamente, não poderia permanecer muito tempo nesta mata densa e teria de procurar regiões mais abertas para ao menos encontrar um lugar para erguer uma cabana rústica e plantar alguns pés de mamona, cujos frutos oleosos constituem, praticamente, o único alimento dos bugres, além de um pouco da caça, alguns pássaros e peixes.

Se observarmos, com atenção, alguns exemplares das árvores da floresta, deveremos confessar que elas, como todas as plantas brasileiras, apresentam características bem diferentes das nossas europeias.

Peculiaridades da mata virgem

Diferentemente daquelas, as europeias mostram, já, bem embaixo, no tronco, galhos e ramos em forma de buquê, subindo de maneira quase uniforme; porém, aqui, o caule fino e reto eleva-se, sem galhos e sem folhas, altivo e forte em direção ao céu. Para, em cima, apresentar uma copa quase horizontal como um denso e impenetrável teto de folhas. Quanto à altura, não existem tantas diferenças, no entanto, em relação à espessura, os troncos são, relativamente, mais finos do que nas florestas europeias.

Apesar disso, existem árvores com circunferências notáveis, principalmente quando uma delas conseguiu eliminar todas as mais fracas da sua família, roubando a luz o ar e o alimento, porque a sua copa densa não permite que os raios do sol cheguem até as raízes, que parecem estar apenas apoiadas acima do solo, espalhando-se pelo chão, sem fixar-se profundamente, devido ao frio da superfície naquele local. E, às vezes, até, voltam a crescer como pilares de apoio para os longos galhos.

Nas áreas usurpadas destes gigantes da floresta, não raramente, observamos o cipó matador (uma trepadeira assassina), que, de início, sobre sorrateiramente pelo tronco, no entanto, quando fica mais forte, circunda-o apertando-o sempre mais e cortando na sua casca, destruindo a circulação da seiva no interior da árvore, até que ela morra asfixiada dentro daquele abraço mortal.

Muitas vezes, vêem-se esses restos mortais elevarem-se de maneira fantasmagórica, aos quais a assassina, ainda parece querer emprestar um toque novo de vida. A tempestade, no entanto, alcança as duas, atirando-as ao chão, quando o cipó matador também encontra a sua morte, uma vez que ele, por força própria, é incapaz de subir até as luzes imprescindíveis dos raios solares.

Samambaias gigantes e taquara

Entre as árvores de folhas, crescem enormes samambaias e xaxins. As samambaias alcançam até 60 ou 70 pés de altura, enquanto que as últimas chegam até 90 ou cem pés. Emaranhados de xaxins cobrem as baixadas dos rios e muitas gramíneas e juncos espinhosos estão nas reentrâncias úmidas das margens.

Descrevendo curvas sinuosas, a taquara (um tipo de bambu que se assemelha a uma trepadeira) invade todos os galhos das árvores. Muitas vezes, seus caules atravessam as copas das árvores mais altas e pendem com suas pontas em elegantes arcos novamente até a terra. Das partes mais grossas e inferiores, são feitos copos para água. Corta-se o canudo, e dos intervalos entre nós, de três a quatro pés de altura, preparam-se copos que podem ser usados para beber. A ponta fina trêmula e arqueada, enfeitada com pequenas folhas e espinhos da taquara, então, permanece na copa da árvore, e não convém tentar puxá-la para baixo porque a sua resistência é, no mínimo, tão grande quanto os seus espinhos.

Nos lugares sombreados, crescem um mundo de musgos, líquens e fungos, bem como plantas do pântano, com folhas largas, enfeitadas com as mais belas flores coloridas.

Muitas árvores também estão cobertas de flores perfumadas, conferindo à floresta não só um aspecto alegre como também aromático, que até chegam a impregnar as roupas de quem permanece lá por algum tempo. De forma que, ainda, após semanas, o seu efeito ainda pode ser percebido.

Cipó e palmito

A árvore de canela selvagem espalha um odor agradável, principalmente, quando usada como madeira para queimar, quando ela nutre a chama hospitaleira, ao lado de várias outras. Existem também outras (chamadas de árvores de bálsamo), que exalam um cheiro nauseante; e ainda outras, cuja madeira tão logo a casca seja retirada, provocam inchaços e mal-estar nos seres humanos que estão nas suas proximidades.

Mais importante para nós, por ser muito útil para todos os colonos, é o simples cipó, um tipo de trepadeira que cresce ao longo do tronco das árvores mais altas da floresta, prendendo-se a ele em intervalos com pequenos tufos de folha. Quando ela alcança os galhos maiores, divide-se em várias ramificações que voltam, perpendicularmente para a terra, sem galhos ou folhas, assemelham-se a cordas mais grossas ou mais finas e são utilizadas como tais para todos os tipos de trabalho. Em alguns lugares, podem ser encontrados milhares, enfileirados, que já criaram raízes. Uma corda deste tipo, por dentro, lenhosa, mas, por fora, apresenta uma cobertura flexível, semelhante à ráfia. Apesar de não ser completamente lisa, mas coberta com pequenos nós, ela se presta muito bem para amarrar, trançar e enrolar.

Entre todas se destacam aqui estas maravilhosas palmeiras de palmito que se erguem com seus troncos delgados e altos e suas delicadas coroas verdes-claras que como penas tremulam a cada sopro de vento sobre a mata pintada de verde escuro; sendo que elas se delineiam graciosamente no azul do céu e, com isso, transmitem a toda região seu caráter único.

A roça com a primeira cabana

Esta adorável palmeira é, para os europeus ainda não acostumados com o país, a maior dádiva da floresta! Aqui, onde a carne seca (ou seja, desidratada ao sol), que a gente trouxe de alguma cidadezinha da costa, juntamente com o feijão preto e a farinha de mandioca, constituem no único alimento que é possível conseguir em um local tão afastado de qualquer núcleo habitado.

Aqui, da ponta do “Palmito”, ou seja, a extremidade superior do tronco, constituída de milhares de rebentos de folhas brancas e macias representa um prato muito bem-vindo. Cozinha-se este assim chamado “coração de palmito” como um legume em caldo de carne; ou se come cru em fatias finas como salada com vinagre e óleo ou de qualquer outra maneira.

Vejam, portanto, meus caros amigos, esta é a roça, uma porção de terra desmatada, que ainda mostra os vestígios das árvores cortadas e queimadas, e outra parte de terra lavrada, circundada pela floresta impenetrável.

Em primeiro plano, observamos uma miserável cabaninha à margem de um pequeno riacho e, no qual, de tempos e tempos, aparecem crocodilos, aqui chamados de *kaimans*, para roubar dos colonos os patos que, despreocupadamente, nadam por essas águas.

Um pântano que se formou pelas águas deste riacho esconde uma quantidade enorme de sapos-bois e rãs, cujos gritos lembram martelos ou chocalhos... Eles também são vizinhos perigosos por comerem os filhotes dos patos.

A cabana construída originalmente de vime e madeira, preenchida rusticamente com barro, coberta com folhas de palmeiras, servia aos primeiros empreendedores que pretendiam construir uma colônia como primeiro teto. Transbordamentos, tempestades e chuvas comprometeram esta frágil construção completamente. As paredes estão desmanchando, cheias de buracos e prestes a desmoronar, apesar de que tentou-se fixar o pequeno telhado com estacas de sustentação diagonais, mesmo assim, aquele pequeno e frágil teto já havia sido levado pelo Pampeiro, isto é, as tempestades vindas do Sul que costumam varrer esta região.

O palácio como “edificação”

Somente os patos e os porcos deste novo assentamento ainda têm coragem de procurar à noite um abrigo em uma construção dessas que a qualquer momento pode ruir completamente.

Neste meio tempo, foram construídas para as pessoas duas moradias mais firmes e amplas, um pouco mais acima, onde as inundações não eram tão frequentes – e não sem humor, aquele casebre que, agora, tinha sido completamente abandonado, recebeu o nome de “palácio Thionville”.

Em contrato com o príncipe deste nome, estava autorizada a venda de terras de sua propriedade a colonizadores individuais. E no contrato se lê: “Todas as facilidades que se encontram neste território passam, sem nenhum ônus, para a posse da Casa NN”. E foi por isso que, quando os colonos avistaram pela, primeira vez, este casebre anunciado com tanta pompa, eles fizeram aquela observação jocosa.

Da mesma forma, tiveram de ser gratos pelo abrigo contra os perigos da mata virgem, do tempo e dos indígenas hostis. E isso não pôde estragar o bom humor desses corajosos colonos, que, à noite, ouviam algum grito de susto, quando o palácio estava se desfazendo.

O artesão berlinense, por exemplo, sempre se referia à queda da construção como se a “decoração” estivesse caindo na sua cama, querendo dizer que partes secas de lama tinham se desprendido das paredes.

Inundações

“De onde vêm as inundações nessa região, vocês vão perguntar, uma vez que no Brasil não cai neve nem nas regiões mais altas das montanhas e nunca os rios poderiam aumentar seu volume se não há derretimento de gelo ou neve?”

Lembrem-se, caros amigos, que nós estamos a oito milhas da praia e que o mar apresenta maré alta e maré baixa, isto é, ele sobe e enche em períodos regulares (de seis em seis horas), devido à força de atração da lua, que, agindo sobre as águas sem-fim do Oceano Pacífico, somente, de início, elevam a água do mar em uma onda pequena de poucos pés, mas que a mesma está vinculada à trajetória da lua, fazendo com que aumente de acordo com o seu movimento em torno da terra. Através da resistência, isto é, devido às partes de terra que encontra pelo caminho, essa onda que se move rapidamente na direção Norte se precipita, com força gigantesca, nas desembocaduras dos rios (da qual a Pororoca, no rio Amazonas, é o exemplo mais peculiar); e se, ao mesmo tempo, uma chuva tropical de longa duração levou grandes massas de água aos rios, tem-se como consequência o transbordamento das margens. É isso, principalmente, nas regiões onde há florestas demais ou de menos, fazendo com que a chuva se precipite com mais frequência ou irregularmente e onde a mão do homem ainda nada fez para regular o curso das águas ou secar os pântanos e fixar as margens.

Olhemos, agora, para essas duas casas à direita e à esquerda, um pouco acima, nos dois lados do riacho de águas de correnteza forte, sobre o qual foi construída uma ponte provisória. Elas são de tamanho muito maior do que aquela cabana deteriorada, porém, construída quase do mesmo modo, só um pouco mais resistente. A parte frontal apresenta três portas e a parte posterior, três janelas. As portas são providas, somente de trancas, sem trinco. As janelas são constituídas de simples aberturas sem encaixes ou vidros e podem ser fechadas à noite com painéis de madeira.

O início da Colônia

Ao lado das casas, podemos observar um pátio bonito, cercado às pressas com cactos (que foram enterrados um ao lado do outro), um pátio bastante nivelado, fechado com uma porta trançada de bambu e cipó na forma de grade, que nos permite um olhar sobre um grupo de novas e velhas galinhas, galos, perus que perambulam alegremente, cacarejando e cantando, “batendo suas asas à procura de vermes, roubando os besouros e outros animais um do outro, apenas como se estivessem na Europa. Embora, claro, não fossem alimentados com cevada ou aveia, mas com milho.

Ao lado, um pequeno bosque de bananas, composto de mudas novas, que, após alguns meses, prometem fornecer as suas úteis e doces frutas; enquanto que a área central a nossa frente está coberta com uma bela plantação de milho, ao redor do qual se estende um campo de arroz verde e uma cerca plantada com feijão. Entre os troncos quase queimados já cresceram e floriram inúmeras plantas, outra vez, sem permissão. Porém, a primeira mata entremeada densamente com plantas trepadeiras circunda esta clareira como um muro escuro, onde, acima das pontas das palmeiras nós podemos avistar muito longe, os picos da Serra Geral. Em dias calmos, podemos ouvir a quase duas milhas alemãs de distância o rugir de uma poderosa cachoeira que cai sobre sólidas rochas, procurando, para um outro lado seu caminho para o mar.

Coritiba, acima da Serra Geral

As terras altas, além daquelas montanhas azuis, habitadas por um tipo de população que é mais aberta aos forasteiros, que também é considerada a mais ativa entre os brasileiros, chama-se Coritiba, o mesmo nome dado àquela importante cidade que serve de ponto de encontro para o comércio entre os Estados do Rio da Prata e as partes mais ao Norte do Brasil.

No passado, ali, só se criava gado (como ainda se faz em várias partes mais altas, isto é, nas regiões cultivadas da serra). E naquela época, o mercado de carne do Rio de Janeiro era abastecido a partir de Coritiba, como também o forte comércio de peles, escoado pelo porto do Rio até a Europa. Hoje em dia, prefere-se utilizar esta região como local de concentração e pasto de verão para as mulas e cavalos que são transportados para Coritiba, em grandes tropas, de até mil unidades, para as planícies do Paraguai e de outros Estados do Rio da Prata, como o Rio Grande do Sul.

Muitos compradores de mulas e cavalos, principalmente da Província de São Paulo, responsável pelo transporte dali adiante para as regiões mais ao Norte, já encerravam as suas negociações neste local. E desta forma, existia uma vida extraordinariamente mais movimentada entre a população, fazendo com que a circulação de dinheiro fosse razoável. Mas, a preferência era por moedas, porque os negociantes de mulas e cavalos tinham dificuldade de aceitar dinheiro de papel. Um dos motivos era o medo de serem enganados. E, também, pela fragilidade do material, já que quando ocorriam chuvas torrenciais ou aconteciam acidentes durante a viagem, o papel poderia se desfazer completamente.

Índios mansos e índios do mato

As montanhas guardavam muitos vales ainda completamente desconhecidos. Ravinas e arvoredos, onde, em outras épocas, talvez morassem, pelo menos, algumas centenas de botocudos ou bugres. Especialmente na costa, o número de nativos não deveria ultrapassar 500 mil almas de uma população geral de 7 milhões de habitantes em todo território brasileiro.

Estes eram remanescentes das duas grandes famílias das tribos dos Tupi-Guarani, que ainda são encontrados nos planaltos e no Vale do Rio Amazonas, também chamados de índios mansos, ou seja, “domáveis”. E aqueles da costa, que se escondem nos desfiladeiros, tapuias, isto é, os botocudos ou índios do mato, que não podem ser domados. Os primeiros ainda existem em quantidade considerável. Enquanto que os outros, que parecem estar em condições muito precárias, estão desaparecendo cada vez mais.

A caça e a pesca eram, e ainda são, os únicos meios de subsistência destes pobres, que não conseguiam cultivar mais do que algumas poucas plantações de mamona para darem testemunho de uma lavoura rudimentar. Enquanto que os índios Guarani desenvolviam diferentes formas de plantação, como milho, mandioca e algodão, sabendo aproveitá-las de melhor maneira. Desde muito tempo, eles já demonstravam habilidades na fabricação de potes, armas e enfeites e moravam em aldeias bastante organizadas.

Os índios do mato ou bugres, que são tão temidos no Brasil, parece que costumam vagar solitários e não conhecem locais de assentamento. Eles se reúnem em número maior quando planejam praticar roubos em uma vila próxima. Na cidade, procuram comida (o que eles tinham, naturalmente, sempre faltava) e instrumentos metálicos, como facas, enxadas, pás, serras, machados, pregos etc.; mas só atacavam quando sabiam que não havia homens brancos em casa, pois tinham muito medo de armas de fogo. Parece que as mulheres desses selvagens estavam em uma situação especialmente precária. Como mais fracas, eram obrigadas a prestar todo o tipo de serviço e a transportarem as cargas; com exceção da guerra e da caca – função dos homens.

As mulheres entre os selvagens

Elas eram as responsáveis por produzir arcos, flechas, lanças, clavas e machados de guerra esculpidos artisticamente. E das peles das onças muito bem curtidas faziam aquelas belas bandeiras com acabamento artístico que eram levadas em longas hastes.

Eram elas que construíam as cabanas de folhas, mas quando havia necessidade, porque o clima exigia. Eram elas, também, que tinham de trazer a madeira e manter o fogo aceso, transportar a caça que o marido tinha abatido, bem como as suas armas.

E tinham de escavar os troncos de madeiras para a construção de canoas e os respectivos remos. Elas faziam as redes de cipó e fibra para que o homem pudesse se balançar na rede, enquanto era responsável pela alimentação e cuidados com as crianças.

Por isso, elas recebiam somente maus tratos de seu senhor e mestre. E eles quase não deixavam sobras de suas refeições, de maneira que a mulher e seus filhos mal podiam se sustentar. Diz-se que, muitas vezes, as mães já matavam suas filhas no nascimento para evitar que tivessem um destino parecido.

O capitão do mato

Os brasileiros do interior, uma mistura de portugueses e índios, que moravam em pequenas vilas ou também isolados em sítios, muitas vezes, empreendiam expedições para exterminar esses semi-humanos e, normalmente, sob o comando de um assim chamado capitão do mato, nome usado para designar caçadores de onças e índios renomados. Muitas vezes, um deles era um descendente direto de um índio que ele iria matar, mas, agora, apresentava-se como inimigo mortal...

As tentativas feitas por alguns brasileiros desta classe, que obrigavam os bugres apreendidos a fazer trabalhos e levá-los a uma vida que julgavam ser civilizada, foram, até agora, mal sucedidas, uma vez que os indígenas dominados à força, na primeira oportunidade que surgisse, fugiam para voltar à vida solitária e ociosa; apesar de lá correrem o risco de morrerem de fome e escassez de alimentos, doenças e guerras.

Mas deixe-nos voltar para a colônia, ou seja, o assentamento de vários ou até muitos proprietários de terras com direitos iguais.

Antes da tempestade

Hoje é, novamente, 24 de dezembro. Justamente quando os dias são mais compridos. Mas, independentemente disso, às 3 horas da tarde, está preocupantemente escuro. Nuvens cinzentas estão se formando, deixando o sol cada vez mais escuro no horizonte. E já são um prenúncio da tempestade, chuva, trovões e raios.

Nós não podemos detectar sinal da presença masculina. Mas, de tempos em tempos, aparece em uma ou outra das três portas abertas da casa principal uma figura feminina que olha preocupada para o céu ou para o rio abaixo, como se, com isso, a chegada dos que são esperados pudesse ser apressada.

Sem dúvida, cada se esforça em não demonstrar diante das outras o seu medo. Elas estão se esforçando em demonstrar uma face tranquila e alegre e coragem, que nós não podemos acreditar quando vemos a aflição estampada no seu rosto, quando acreditam que ninguém está observando.

Enquanto isso, a natureza se envolve, cada vez mais sombria, em um silêncio sufocante e abafado. Todos os ruídos parecem ter cessado. Os animais da floresta se esconderam e os pássaros, medrosos, procuravam abrigo na mata sem dar um piu. Somente a cachoeira, ao longe, parecia querer inundar aquele vale tranquilo com redobrado estrondo. Quente e sufocante, aquela atmosfera carregada de vapores de enxofre cobre toda a região e folha alguma se move. Havia a sensação de que o vento não soprava. Tudo estava ofegante, em um medo profundo diante do estouro inevitável da terrível tempestade.

Todos estavam na mesma situação. O desespero mútuo fez com que as nossas três amigas abandonassem os seus propósitos de não demonstrarem umas às outras as suas desesperanças, e, repentinamente, procurarem consolo na troca dos seus sentimentos.

As mulheres dos colonos

Martha, a esposa do primeiro colono, uma alemã, disse, então, às outras duas: a irlandesa Kitty, mulher de um biscateiro da região de Cork, e para Agathe, a esposa de um barão sueco e ela mesma sueca, que, mesmo nascidas em países tão diferentes, agora, vivem estranhamente juntas.

Ela disse: “Os homens estão demorando muito. Nós não podemos mais contar com a sua ajuda se nós ainda queremos trazer a árvore (de Natal) para dentro da casa antes da chuva. Vamos, ajudem-me”.

Já que nos cansamos tanto para tombá-la, seria pena deixá-la lá fora. Amanhã, já não seria útil para nada. O vento iria acabar com suas folhas (elas não tinham encontrado um pinheiro, mas uma árvore parecida). A correnteza poderia até levá-la embora.

Então, caro leitor, você vai se perguntar em que língua Martha se fez entender pelas outras duas de países diferentes. Vejam, para isso, foi bom que Martha já estivesse familiarizada com algumas línguas. Ela dominava o inglês, o francês e o português para poder se comunicar com facilidade. A primeira, servia para falar com a irlandesa. E como todos os suecos razoavelmente cultos falavam francês, ela podia se comunicar com a sueca Agathe em francês para que uma convivência razoável fosse possível.

Havia muita possibilidade para exercitar o português, uma vez que era necessário recorrer ao auxílio de brasileiros que moravam nas redondezas que moravam de três a quatro milhas de distância e que, por algum dinheiro e boas palavras, prestavam algum serviço, uma vez que naquela pequena cidade costeira distante oito milhas dificilmente seria possível se comunicar em outra língua para fazer as compras de alimentos necessários e para comprar animais e ferramentas.

Entre os colonos, havia também alguns franceses que tinham ido com os outros homens para a cidade e que gostavam que Martha servisse de intérprete, já que os franceses parecem ser a nação para a qual o aprendizado de uma nova língua é a mais difícil, já que o francês é, há muito tempo, falado em muitos outros países...

A árvore de Natal

É certo que quando a nossa maravilhosa língua alemã, devido a sua riqueza e sua multiplicidade, é aprendida por um não alemão, será necessário que ele conheça, além desta, várias outras. Isso se nós queremos ter um conhecimento mais aprofundado da literatura e das instituições sociais de um outro povo para podermos iniciar o nosso sustento.

Enquanto isso, as nossas três amigas tinham fechado a porta e seguiam pelo mesmo caminho que elas haviam percorrido hoje de manhã até o ponto distante mais ou menos cem passos, onde estava uma bela árvore de forma piramidal que elas tinham tombado com força conjunta para a festa de Natal. Caminhando bem próximas umas das outras, bem armadas, com as suas espingardas carregadas, elas foram, silenciosamente, só olhando em volta de si se uma folha caída ou um passarinho assustado as lembrava do perigo de serem atacadas pelos animais ferozes ou bugres.

Em silêncio, também, Kitty e Agathe agarraram a árvores pelos seus galhos mais fortes, após um sinal de Martha, que já havia pego o final do tronco e com cuidado, apesar do peso da carga elas a levantaram sobre os ombros e a carregaram até em casa.

Felizes de terem conseguido finalizar esta tarefa perigosa, elas dispararam (como se tivessem combinado) as suas espingardas no mesmo movimento para cima, tentando ouvir algum sinal. Um tiro de resposta teria anunciado a chegada dos homens, que tinham saído com duas ou três canoas grandes da cidade portuária, remando rio acima. Porém, deste lado, tudo ficou em silêncio. Somente trovejou ao longe. Raios esparsos relampejaram e o ruído da tempestade silenciava o barulho da cachoeira até há pouco ainda bem audível.

Os filhos de colonos

Do interior da casa, fizeram-se ouvir, simultaneamente, duas vozes chorosas de crianças. Uma delas pertencia à pequena Rosa, de um ano e meio, filha de Kitty, enquanto que nós pudemos reconhecer a outra a voz como sendo a do pequeno Paulo, filho de Agathe, que se apressava em chamar sua mãe, “porque a Rosa tinha acordado”.

O pequeno travesso, até agora, tinha sido contratado para, como já estava acostumado, balançar a irmãzinha na rede, afastar os mosquitos e supervisionar o sono dela até a volta das mulheres. Foi o que ele realmente fez, da melhor maneira possível, pois crianças que moram em uma colônia logo percebem que há muito trabalho a fazer para suprir as necessidades mais prementes da subsistência, de bom grado, estavam dispostas a pequenas prestações de serviço, até onde suas forças permitissem.

Kitty elogia, afagando a clara cabecinha cacheada da criança e corre, então, para dar a sua pequena filha, que chorava alto, algumas bananas para acalmá-la, enquanto que Paulo correu até a sua mãe para abraçá-la e receber dela um pedacinho de pão de mandioca (que vocês, certamente, não achariam saboroso), e algumas batatas doces cozidas (que vocês, da mesma maneira, não iriam saborear) como recompensa pela sua obediência.

A raiva da tempestade

As nuvens, enquanto isso, tinham se concentrado ainda mais e dividiam-se incessantemente em relâmpagos reluzentes que soltavam faíscas, que, como cobras de fogo, precipitavam-se para a terra. Os trovões retumbavam e a chuva caía, enquanto que a tempestade sacudia as árvores mais fortes de um lado para o outro como se fossem frágeis caules.

As mulheres tinham fechado as aberturas das portas e das janelas, pelo lado de dentro, e sentaram-se, muito preocupadas, junto às crianças, aparentemente, resignadas com a situação, em silêncio e imóveis.

A chuva logo começou a formar um rio pelo meio da casa, passando por baixo das paredes (entrando por um lado e saindo por outro).

Os calçados das nossas amigas eram simples tamancos de madeira e, portanto, conseguiam fazer frente a essa inundação. Da mesma maneira, não se temia perder os simples utensílios da casa. Algumas caixas que tinham sido empilhadas lateralmente e sem tampa, colocadas sobre blocos de madeira, constituíam os armários e cômodas improvisados, e cobertos na frente com uma simples colcha de algodão, poderiam resistir a enchentes tão bem quanto os bancos e as mesas de madeira. As crianças estavam sentadas sobre as mesas e logo esqueceram o medo por poderem pular com seus pezinhos descalços sem serem repreendidos.

O mesmo não ocorria com as mães. No entanto, Martha tomou coragem e falou, para aliviar a angústia: “Não adianta ficar se lamentando e pensando, vamos começar a montar a nossa árvore”.

Pegaram a pá e a enxada e fizeram um buraco bastante fundo no meio da sala principal, colocaram a árvore que trouxeram da floresta, preencheram o espaço em volta do tronco com firmeza, apertaram a terra com os pés e se divertiram com a alegria das crianças, quando o Paulo chamou aquilo de “jardim dentro da sala”.

Preparação para a festa

“Agora, vamos pegar uma grande caixa de madeira”, disse Martha e se apressou em fazê-lo a junto com as outras. Colocou próxima à árvore, mas quando ela percebeu que não alcançaria os galhos mais altos, ela colocou mais um banquinho em cima da caixa. Uma pequena reserva de velas de cera que só era usada em situações muito especiais, trazidas ainda do exterior, já tinha sido pega e depois de enrolar as pontas com folhas secas, elas eram amarradas com fios nas extremidades dos galhos. Na ponta de uma vara longa também foi colocada uma vela para que depois as outras também pudessem ser acessas. Bancos e caixas retornaram para os seus lugares e, então, iniciou-se a preparação da ceia para aqueles que estavam sendo esperados com ansiedade junto com os prováveis convidados – sobre a mesa de refeições cujas as quatro pernas estavam enterradas no chão.

Lá fora, a tempestade perdeu força e, no interior da casa, a água havia escorrido. Um tipo de forno à lenha construído de pedras soltas, na frente, à esquerda, oferecia um lugarzinho seco, onde as mulheres conseguiram, logo, com a madeira já preparada, acender uma chama viva.

De uma viga transversal, que havia sido colocada em triângulo sobre duas paredes, estava pendurada uma corda natural de cipó, sendo que na sua extremidade inferior havia sido fixado um gancho feito de uma forquilha de galho para pendurar a panela.

Ao cair da noite

“Que bom que temos este barbante natural”, pensou Martha, lembrando-se de que o já referido artesão berlinense tinha chamado o cipó desta forma, e ela, apesar da angústia, teve de sorrir.

“Bem que eu gostaria de alegrar as minhas companheiras contando sobre essa expressão peculiar”, ela continuou seu pensamento, porém, perguntou-se como se poderia traduzir esta pérola da língua alemã para uma outra língua?

“Normalmente, os brasileiros, franceses, irlandeses e suecos olham para gente com espanto quando rimos com estes jogos de palavras ou outras expressões idiomáticas alemãs, e nós não conseguimos transmitir o sentido delas!”

Enquanto isso, ela havia colocado uma chaleira sobre o fogo cujo conteúdo logo começou a ferver e com o seu agradável zunido produzia um efeito calmante sobre o ambiente.

Mesmo nos dias mais longos, nesta zona, o sol não fica no céu por mais de 14 horas (enquanto que, nos dias mais curtos, que lá se iniciam após São João, nunca duram mais do que dez horas), e o pôr do sol ocorre com mais rapidez do que nos países europeus e, praticamente, sem que haja crepúsculo, portanto, escurece antes que se perceba.

Isso também aconteceu com nossas amigas no dia de hoje, mas não considerando o perigo que poderia representar alguns selvagens escondidos nas redondezas, de serem assaltadas, elas não puderam deixar de abrir as portas várias vezes só para espiar a escuridão mata adentro.

Em parte para assustar os bugres e intimidá-los, mas, principalmente, para mostrar o caminho do ancoradouro até a casa, elas carregaram, repetidas vezes as suas espingardas para disparar a pólvora que soava através da noite, porém, nenhuma resposta. Tudo estava profundamente em silêncio.

O descobrimento do Brasil

O céu se abria cada vez mais e as estrelas brilhavam generosamente. Uma leve brisa se levantou e balançou as copas das árvores. De forma que se tornava duplamente impossível descobrir qualquer sinal de aproximação de um ser vivo naquela escuridão.

Refletindo sobre isso, as nossas pobres solitárias, ao final, chegaram à conclusão de que era inútil vasculhar a área e se retiraram, tristes, em volta do fogo.

Agathe e Kitty se dedicaram às crianças, mas não conseguiram contar nada de alegre. O que seria mais difícil de conseguir, pois tinham de se valer da língua portuguesa para a comunicação, que não dominavam muito bem.

Martha, para não deixar que a tristeza tomasse conta, resolveu encurtar o tempo, através de contos mais diversos. E era muito engraçado observar que ela usava alternadamente a língua portuguesa para fazer-se entender pelas duas. E para eliminar quaisquer mal entendidos, era obrigada a falar inglês com a Kitty e francês com a Agathe.

Como não pode nos interessar seguir uma conversa como esta palavra por palavra, vamos nos contentar com o discurso da Martha, mesmo que não poderemos perder as intervenções ou respostas e perguntas das duas outras mulheres.

Agathe pediu que Martha contasse algo sobre o Descobrimento do Brasil e esta pôs-se a contar: “Ao final da Idade Média, os povos da Península Ibérica mostraram-se especialmente hábeis na navegação, principalmente, pelo conhecimento dos mares e da cartografia. Os catalães e os habitantes de Maiorca (aquela grande ilha que pertence à Espanha) já utilizavam antes do ano de 1300 depois de Cristo cartas marítimas e alguns instrumentos anda rudimentares para, através deles, dirigirem o percurso de seus navios, que eles, provavelmente aprenderam com os mouros e árabes.

Auto de doação do Papa

Desde aquela época, no entanto, o prestígio maior era dos portugueses, que foram incentivados a empreendimentos maiores pelo infante Dom Henrique, conhecido como “o Navegador”, que morreu em 1463. Em consequência, foi descoberto o caminho para as Índias Orientais, em torno do Cabo da Boa Esperança, por Vasco da Gama, em 1498; porém, todas iniciativas bem sucedidas foram obscurecidas pelo genovês Cristóvão Colombo, que, em 1492, sob a bandeira espanhola, cruzou o Oceano Atlântico para Oeste e, com isso, descobriu a América.

No dia 12 de outubro, ele fincou o pé na Ilha de Guanahani e logo encontrou ilhas ainda maiores, como Santo Domingo, Cuba e outras, que ele denominou Índias Ocidentais, uma vez que, acreditava ser uma parte da Ásia (ou melhor, da Índia). Somente em 1498, na sua quarta viagem, ele também descobriu a terra firme da América, ou seja, a desembocadura do rio Orinoco na América do Sul.

Com isso, os espanhóis e os portugueses, daquela época, já tinham aumentados os seus conhecimentos geográficos e a vontade de descobrir regiões desconhecidas. Eles acreditavam que era necessário obter a autorização do Papa (do qual, naquela época, era costume esperar e pedir tudo e qualquer coisa), a fim de receberem terras para exploração exclusiva, como recompensa pelas suas conquistas e seus esforços.

Após algumas discussões entre a Coroa de Portugal e a da Espanha, chegou-se a uma linha de demarcação traçada pelo Papa, de acordo com a qual, o atual Brasil, a partir da Ilha de Marajó, no delta do rio Amazonas, até a baía de Laguna ao Sul, na Província de Santa Catarina, seriam propriedade de Portugal. Enquanto que, todos os outros países americanos pertenceriam à Espanha.

Pedro Álvares Cabral

Subentende-se que ninguém sabia que lucros poderiam advir deste contrato e, de fato, a costa do Brasil, na altura onde hoje é Pernambuco, foi pela primeira vez conquistada por um navegador espanhol, antigo companheiro de Colombo, de nome Pinzón, por volta de 1499, que tomou posse do lugar, em nome da Espanha.

Pinzón conferiu nome, também, à desembocadura do rio Maranhão, que, depois, foi chamado de rio Amazonas. E este mar de água doce o surpreendeu.

Após ter deixado o Brasil, esta costa foi novamente descoberta por um outro espanhol, Diego de Lepe, quase um ano depois. Este empreendeu uma viagem para o Sul e, por isso, devemos a ele, que, em 1500, já se conhecia a forma afunilada da América do Sul. Antes, porém, que esses dois espanhóis conseguissem voltar para a pátria, Portugal enviou uma frota para as Índias Orientais que, no dia 9 de março de 1500, zarpou do Porto de Lisboa. O almirante Pedro Álvares Cabral, para desviar das calmarias, na costa africana, rumou mais para Oeste, parando naquela corrente marítima (conhecida como corrente brasileira). E esta o levou mais para o Sul, a mesma costa que os outros dois mal tinham deixado. Ele chamou este território de Terra de Vera Cruz, velejou em direção Norte para encontrar um porto melhor e encontrou, após alguns dias, a baía (mais ou menos no fim de abril de 1500) batizada por ele de Porto Seguro, que continua sendo chamada assim até hoje. No dia 1 de maio, após ter tomado posse em nome da Coroa de Portugal, ficando uma cruz de madeira com o brasão de Portugal, deixou dois criminosos no local, e enviou Gaspar de Lemos para levar a boa nova ao Rei de Portugal. Enquanto que ele e o resto da frota dirigiram-se para as Índias Orientais.

Desbravamento da costa

Na sequência, já em maio de 1501, foram enviados três navios a partir da foz do Rio Tejo, para o desbravamento do novo território, e, nesta expedição, estava também o famoso Américo Vespúcio, de Florença, que, anteriormente, sob bandeira espanhola, já havia viajado pelas costas do Norte da América do Sul.

Eles iniciaram sua expedição pelo Brasil, pelo Cabo de São Roque, e velejaram, então, em direção Sul, dando a vários lugares nomes que ainda hoje são usados, como, por exemplo, Rio de São Francisco, Rio de Janeiro, São Sebastião, São Vicente e Cananéia, voltando, então, para Portugal.

Já ao final de 1503, encontramos Américo Vespúcio outra vez no Brasil, porém, quase contra a sua vontade. Ele havia naufragado perto da Ilha de Fernando de Noronha, quando empreendia uma viagem para a península de Malacca. Em 1 de novembro de 1503, porém, ele chegou à costa da terra firme, deparando-se com uma baía muito bonita, que batizou de Bahia de Todos os Santos, em memória ao Dia de Todos os Santos, cujo nome reduzido para Bahia é usado até hoje.

Então, ele permaneceu por quase seis meses na baía de Porto Seguro, e em vários outros lugares próximos, aproveitando para fazer amizade com os nativos e investigar a região. Ele também construiu a feitoria fortificada de Santa Cruz, fundando, com isso, o primeiro assentamento português no Brasil, equipado com 24 homens de sua tripulação, quando, em 1504, teve de voltar para Lisboa.

Por meio de Vespúcio, nesta ocasião, também, verificou-se que o Brasil ou a América do Sul não eram uma ilha que havia sido chamada de Vera Cruz, mas um imenso território, o que ainda causava dúvidas.

Aventura do alemão Hans Staden

Muitos anos se passaram sem que o Brasil fosse utilizado de outra maneira que não fosse como ponto de parada e abastecimento para os navegadores que iam para a Índia Oriental. Os portugueses reivindicavam o direito de serem os únicos a negociarem com os nativos, mas todas as outras nações navegadoras já sabiam como encontrar o caminho tanto quanto eles, e o direito do mais forte, que era muito disseminado em todo o mundo, mostrava-se predominante. Os indígenas, que eram inclinados a constantes conflitos e intrigas entre si, foram, agora, incluídos nessas desavenças entre os europeus, e não é de se admirar que uma guerra sem fim, logo se espalharia por toda a costa. O que impossibilitou a imigração e colonização planejadas.

O primeiro alemão que parece ter pisado no Brasil, e que nos trouxe notícias deste país, Hans Staden, da cidade de Homburg, em Hessen, foi levado pelo seu ímpeto de andarilho tipicamente germânico, através do oceano, e atuou como comandante de um pequeno forte português na Província de São Paulo. Em 1549, ele foi capturado pelos selvagens e, como contou o intérprete de um navio francês que aportou nessas praias para fins de comércio, avistou Staden, gritando para os indígenas: “Matem e comam este mal-feitor! Ele é um autêntico “portugalês” e tanto seu inimigo como o meu”. Beira a um milagre que Hans Staden conseguiu acalmar os selvícolas e salvar a sua vida. Enquanto isso, o francês empreendeu uma viagem para as diversas aldeias para trocar mercadorias e ficou bastante admirado depois de várias semanas, quando nosso contrêrâneo ainda gozava de boa saúde. Como o francês percebeu o quanto ele havia se enganado e que ele se deparara com um alemão, ele se arrependeu da sua decisão precipitada e maldade e fez, agora, de tudo o que estava ao seu alcance para libertar o infeliz.

Hostilidades entre indígenas e europeus

Ele considerou que havia feito o suficiente para se desculpar, quando acrescentou: “Naquela época, achei que você era português e eles eram facínoras; se nós pudermos capturar alguns, vamos enforcá-los imediatamente!”

Hans Staden informou, ainda, que os indígenas que tinham feito a sua apreensão contaram o seguinte: “Certa vez, um navio português chegou até a costa e quando um grande número de indígenas, sem desconfiar, aceitou o pedido dos portugueses de subir a bordo para encerrar os negócios de trocas de mercadorias, os portugueses se jogaram, sorrateiramente, em cima dos pobres homens vermelhos, colocando-nos em correntes e os entregaram aos seus inimigos de uma outra tribo de indígenas para serem devorados”.

Também ocorria, frequentemente, que europeus, principalmente portugueses, nas suas expedições de comércio, atraíam alguns silvícolas para os seus navios para levá-los como escravos para Portugal, onde eram vendidos em praça pública. Um exemplo foi registrado: em 1511, Cristóvão Pires velejou com seu navio Bretoa de Lisboa para Cabo Frio (na Província do Rio de Janeiro), e ele tinha sido alertado pelos seus armadores, isto é, aqueles que tinham equipado o navio e aos quais pertencia a carga, a não praticar o rapto de nativos e a tratá-los com respeito. Para reforçar esta recomendação, disseram a ele quais consequências danosas poderiam decorrer de um comportamento errado contra os indígenas: “pois se alguns deles não voltassem para suas tribos, os outros acreditariam que eles tivessem sido mortos para serem comidos, como era costume dos indígenas. E eles se vingariam de maneira terrível em um próximo encontro, quando já estivessem se armado”.

Acontecimentos graves em tempos remotos

Não dando ouvido a essas recomendações, o comandante da Bretoa não pôde se conter e capturou um grande número de selvagens desprevenidos. E parece que ele não sofreu nenhuma punição oficial. Por isso, logo em seguida, levou 36 indígenas escravos para Portugal, o que foi relatado por várias testemunhas. É certo que um mal feitor como estes não voltaria ao mesmo local, onde praticara aquele ato desprezível; porém, como quase todos os negociantes daquela época praticavam os mesmos delitos e os indígenas foram instigados a se vingarem da mesma forma, pode-se acreditar que essas atrocidades, que puderam ser evitadas em algum lugar, normalmente, encontrariam a sua punição justa em outro.

“Que terrível, que pessoas possam agir desta forma umas com as outras”, disse Agathe, suspirando.

“Sim, muito terríveis”, retrucou Martha e: “Vejam”, ela continuou, “este é o único consolo quando olhamos para essas atrocidades, que sejam somente retrospectiva! Eu quero dizer que tudo melhorou muito no mundo! Não é mais tão grave como naqueles dias, quando morte, trapaça e denúncias, de todos os tipos, degradaram o ser humano para um modo de vida de bandos de ladrões!”

“Ainda acontecem muitas coisas ruins e injustas; mas vivemos em um tempo quando a escuridão precisa ceder à luz do conhecimento; quando milhões, junto conosco, sentem que o mundo é belo e se tornará cada dia mais belo se nós seguirmos a premissa: ‘Ame a seu próximo como a si mesmo’ para que vocês, por sua vez, sejam amados e mantenham a paz entre si”.

Fez-se um silêncio e, em seguida, Martha disse: “Eu, certamente, tenho o direito de ser um pouco orgulhosa, quando eu penso que os meus conterrâneos, frequentemente, são caluniados injustamente em vários sentidos, mas nunca mancharam a sua bandeira com o tráfico de escravos ou captura de seres humanos, como a de muitas outras nações”.

Algo mais sobre a Escravatura

“Eu acredito que os irlandeses”, disse Kitty, “nunca foram culpados disso”.

“Não”, sorriu, Martha; “eu tenho certeza de que eles já tiveram o suficiente para carregar com a sua própria escravidão e, ainda hoje, carregam, que tivessem meios e coragem suficientes para iniciarem um comércio de escravos por conta própria”.

“Porém, e os ingleses?”, perguntou Kitty, não conseguindo suprimir o desejo de demonstrar o seu desgosto contra eles, que ela estava acostumada a considerar como tiranos da Irlanda, aumentando ainda mais a sua antipatia”.

“Eles realmente exageraram no passado”, respondeu Martha; “porque não somente escravos negros eles levaram para a Índia Oriental, em número de milhares, mas, na época do Rei Jaime II, o último dos Stewart, era costume que os presos políticos (eu quero dizer aqueles que se rebelavam contra o governo), eram presenteados à rainha e às suas damas para que elas pudessem praticar um comércio humano muito rentável para as Índias Ocidentais. E para cada um desses infelizes, que foram vendidos como escravos para aqueles fazendeiros da América Central e do Norte, podiam enfiar uma boa soma nas suas bolsas. Afirma-se que a rainha, da mesma forma que as suas damas, se mostraram insaciáveis nesta prática. As autorizações que lhes eram concedidas ficavam muito aquém dos seus desejos. Os ministros responsáveis (que eram, constantemente, bombardeados com os pedidos dessas mulheres) não conseguiam se opor, o que, de certa forma, significa muito se nós pensarmos que a Justiça daqueles dias, com certeza, não era muito conscienciosa como não o era o resto da humanidade; e que eles, portanto, não iriam oferecer resistência em fornecer a sua rainha sentenças condenatórias para todos aqueles dos quais eles poderiam se apoderar”.

Fé e virtude

“Mas”, opinou Kitty, “as pessoas daquela época eram mais devotas do que hoje em dia! Sempre se ouve lamentar que, antigamente, existia mais fé e virtude no mundo do que agora”.

“Como isso seria possível?”, disse Agathe, “quando se vê (e todos aqueles que têm olhos precisam enxergar isso!) que nos dias de hoje não acontecem tantas atrocidades como em séculos passados! Quanto tempo faz que a servidão foi praticamente extinta na Europa? Não faz mais de cem anos e, em algumas regiões, isso ocorreu a menos de 50! Na Rússia, ela ainda é praticada e na Alemanha ainda existem muitos resquícios dela, porém, exigi-se, agora, de todos os lados, com muita firmeza, que ela seja totalmente abolida”.

“Certamente”, respondeu Martha, “Tinha-se mais fé, antigamente (isso eu não quero negar); mas virtude, verdadeira moral? Não! Mesmo o conceito de verdadeira moral era praticamente inexistente; e temos muitos exemplos”.

“Lê-se que por ocasião da instituição das Capitânicas Hereditárias pelo governo português no Brasil, entre muitos outros privilégios, foi concedido o direito aos donatários expressamente escravizar indígenas e levá-los para Portugal para serem vendidos nos mercados, comprovação suficiente de como a fé não era capaz de dar suporte à verdadeira moral! Por outro lado, não havia falta de fé, prova disso era a subordinação dos portugueses, bem como dos espanhóis à linha demarcada pelo papa e outros acontecimentos.”

Lenda de São Tomé

Digno de nota, neste sentido, é também a infelicidade do historiador português Barros, que não se podia consolar que o nome Terra de Vera Cruz tivesse caído em esquecimento para ser substituído por Brasil (fazendo menção àquela madeira preciosa com a qual era possível tingir tecidos e que foi levada em grandes quantidades pela Europa). “Esta última designação”, dizia ele, “foi instilada pelo próprio diabo, pois”, acrescentou, “aquela infeliz madeira que servia para tingir de vermelho o tecido certamente não vale o sangue de Cristo, derramado pelas nossas almas!”

“Certamente você conhece a lenda de São Tomé, o apóstolo”, disse Agathe para Martha; “do qual os jesuítas contam uma história de que Deus tenha sido mandado para o Brasil para a catequização dos indígenas. Por favor, conte-nos como isso aconteceu.”

“Com prazer”, respondeu Martha e continuou: “é do conhecimento de muitos que em todas as regiões do mundo encontramos depressões nas rochas mais duras, que parecem com grandes pegadas; e da mesma forma, existem muitas lendas e contos que tiveram origem nesses fenômenos da natureza. Por exemplo, a Rosstrappe, na Alemanha, e as assim chamadas pegadas de Buda no Pico de Adão, na Ilha de Ceilão, na Ásia. Também na América encontramos impressões semelhantes. Os indígenas da Província da Bahia contaram ao jesuíta Manoel da Nóbrega, por volta do ano 1550, uma lenda correspondente: “Há muito tempo, apareceu nestas terras um homem santo com o nome de Zome, ensinando aos nativos como iniciar e fazer uso de uma lavoura de milho e raiz de mandioca, mas os seus antepassados iniciaram um conflito com o seu benfeitor e o perseguiram com arco e flecha, foi aí que Zome manifestou o seu poder celestial: as flechas a eles dirigidas, diante do seu comando, retornaram e perfuraram os arqueiros malvados, no que as florestas e os rios se retraíram para criar espaço para que esse Deus tivesse o caminho livre. Zome, no entanto, prometeu voltar e imprimiu como símbolo e lembrança suas pegadas na rocha”.

Pegadas santas

“A partir deste simples conto, alguns jesuítas, exaltados e cheios de fé, chegaram à conclusão de que Zome, provavelmente, teria sido um dos apóstolos de Jesus Cristo, conforme a opinião de Vasconcellos e como a própria semelhança do nome já evidenciava. Não satisfeito com isso, padre Vieyra também pregou que deveria ter sido o apóstolo Tomé, que, no conhecido surto de falta de fé e dúvida (por ocasião da ressurreição do Senhor), precisaria expiar a sua culpa, sendo condenado a catequizar no Brasil os mais incrédulos e teimosos povos da Terra.”

“E este castigo foi muito duro; pois, de acordo com Vieyra: ‘As rochas brasileiras guardaram a sua memória; e podiam ser vistas impressões do seu cajado, uma cruz e inscrições santas constituídas de alguns sinais já quase apagados. O que serviria como prova de sua peregrinação pelo Brasil. Porém, no coração dos nativos, não havia mais o mínimo sinal de fé anunciada pelo santo apóstolo’”.

Agathe estendeu a mão para a boa Martha, sorrindo, em agradecimento. E se levantou para colocar o seu filho, que já havia adormecido no seu colo para o descanso noturno; como Kitty já havia acomodado a pequena Rosa na rede.

Repouso noturno na Colônia

“Talvez, nossos homens não tenham nem cogitado de voltar hoje”, disse Martha para as colegas, quando elas, novamente, buscaram ouvir algo lá fora. E, com um suspiro, voltaram a fechar a porta. Sem descarregar, mais uma vez, as suas espingardas para não acordarem as crianças.

“Acreditamos que não deveríamos esperá-los mais.”

“Sim”, opinou Agathe, “a tempestade já se anunciava, logo após o almoço, e eu acredito que eles devam ter ficado na cidade”.

“Certamente!”, acrescentou Kitty; “porque, de outra maneira, eles já deveriam estar aqui. Eu não posso acreditar que eles teriam se exposto a uma tal tormenta, já que puderam observar a sua chegada muito melhor de lá do que nós daqui”.

Com esta suposição, elas se sentiram mais aliviadas, e lembrando-se da obrigação maior: “reservar as forças da alma e do corpo da melhor maneira para esforços necessários em breve”, nossas três solitárias procuraram os seus leitos; porque de camas, meus caros amigos, aqui, não se podia falar, somente os travesseiros, como lembrança dos mimos europeus, podiam ser encontrados. Alguns cobertores de lã para a proteção contra as noites frias e alguns pedaços de couro de boi com pelos, que haviam sido colocados sobre estrados de madeira por cima de uma camada de folhas secas, compunham os únicos móveis.

Não obstante, a exaustão de todas as forças, após o cansaço do dia de hoje, associada ao medo e às preocupações, fizeram com que as pálpebras fechassem pesadamente.

Preparo da refeição

Já era quase meia-noite quando Martha foi acordada por um tiro que ela logo reconheceu como um sinal. O sinal se repetiu. Logo, ela chamou suas parcerias, o fogo foi novamente aceso e o bolo de farinha de mandioca que servia de pão para os colonos e que estava cozinhando na cinza quente foi colocado sobre a mesa, enquanto, rapidamente, a chaleira foi, mais uma vez, levada à fervura. Depois, elas se apressaram para fritar uma boa porção de carne seca cortada em quadradinhos e já cozida com toucinho e cebola. E a Martha logo pegou a massa que havia preparado para fazer as panquecas de banana, uma receita que ela inventou, a comida predileta de seu marido.

“Vocês querem a receita deste doce festivo, meus queridos? Para que vocês possam apreciá-los devidamente, obviamente que precisam ter uma fome muito grande e se encontrarem como os nossos colonos há mais de meio ano, completamente sem ovos, leite, manteiga, carne fresca, pão ou açúcar. Nem pensar em uma porção de outros alimentos que vocês possam achar indispensáveis.”

Esse bolo de banana, a obra-prima de nossa Martha, precisa ser preparada com farinha de trigo, que, infelizmente, sofreu na viagem e ficou meio ano no Brasil – misturada com água e um pouquinho de sal grosso.

Toucinho derretido serve como banha e, em vez de fatias de maçã, que nós costumamos acrescentar, aqui, vamos usar suculentas bananas cortadas em rodelas.

O extraordinário teor de açúcar dessas formosas frutas substitui qualquer outro tempero e eu garanto, meus caros, que vocês, no lugar de nossos colonos também iriam ficar maravilhados com o aroma.

Batatas doces de cor vermelha-violeta por dentro e por fora e de formato redondo alongado tinham sido cozidas anteriormente e misturadas com pequenas fatias de palmito para agora serem temperadas com vinagre, pimenta, óleo e sal, produzindo uma salada de sabor muito agradável; uma vez que as batatas usadas na Alemanha, que no Brasil são chamadas de inglesas, ainda não existem na nossa colônia, já que elas não são plantadas e apreciadas pelos nativos. E nós não tivemos a oportunidade ainda de conseguir com colonos alemães.

Voltar ao lar e alegria da festa

Ramos verdes são colocados ao redor dos pratos e plantados no meio da mesa, o que é muito fácil, uma vez que esses móveis rústicos estão cheios de frestas - mas causa algum trabalho. É muito bom, portanto, que as salvas de espingardas que se ouvem de longe não se aproximem com rapidez, pois ainda há muito o que fazer. E, além disso, as crianças tinham acordado mal humoradas pela interrupção do sono noturno. Elas, rapidamente, são acalmadas com um pouquinho de pão de mandioca e algumas bananas.

Dos que estão retornando à casa, sim, já podemos ouvir o berlinense cantar de sua maneira peculiar.

“Morrendo, eu quero perdoar-lhe porque ainda na morte eu amo você, mas o que é a minha vida sem você? O que é a felicidade para mim?”

Cujo texto inadequado não impede que o seu tenor maravilhoso ecoe pela calma noite da floresta e eleve os corações de seus ouvintes.

Mas as panquecas estão prontas e o chá, claro, sem açúcar e sem leite, está fumegante e sempre convidativo no meio da mesa, pronto para os viajantes.

Bem-vindos à floresta

Agora, Martha pega uma espécie de vara, que já tinha deixado preparada, e acende, rapidamente, as velas na árvore de Natal, enquanto Agathe e Kitty abrem todas as janelas e portas para que ela possa brilhar para fora naquela densa e escura selva, na qual, certamente, nunca havia acontecido algo semelhante, para dar prova do amor do ser humano por seus semelhantes e da alegria que um amor assim pode oferecer, em qualquer tempo e em qualquer lugar!

E, agora, aí, eles estão! Com grande carinho, eles se abraçaram após aquela dolorosa separação.

O pequeno Paulo agarrou-se com júbilo ao pescoço de seu pai, quando este o levantou e a pequena Rosa se dividia entre o brilho das velas e as faces felizes de seus pais; enquanto que Arthur, o marido de nossa Martha, sussurrou, carinhosamente, em seu ouvido: “Eu também trouxe algo bonito para você, querida. Ao que ela, com olhos úmidos, sorriu e respondeu: “O melhor de tudo é que você trouxe a si próprio de volta!”

De forma quase imperceptível para as mulheres, cuja a alegria exuberante impedia que elas percebessem algo além de seu próprio círculo, entraram alguns novos moradores dessa colônia que acabavam de chegar da Europa. Esses, porém, não podem ficar magoados, ao contrário, eles estão profundamente tocados e surpreendidos por uma festa de Natal tão inesperada e única no meio do mato! Surpresos e comovidos com a cena peculiar da qual foram testemunhas, faltam palavras para expressar os seus sentimentos.

Logo, eles são recebidos carinhosamente e participam da alegria geral, aumentada pelo canto e bater de asas de dois vistosos jovens galos. Esses são os pupilos prediletos da nossa Martha, bichinhos bastimados, à noite, eles têm a permissão de ficar em um poleiro no mesmo espaço que os humanos, longe dos outros galináceos.

Os galos favoritos

Confusos com o brilho de tantas velas, eles acreditam, ao que parece, que o dia já raiou e que eles precisam cantar para saudá-lo.

Arthur, em feliz atrevimento, agarra os favoritos mansos, levemente, pelas penas e coloca-os nos galhos da árvore reluzente, onde eles, orgulhosos, passeiam, conscientes de sua beleza e importância, estufam suas penas reluzentes, abrindo as asas e enviando olhares altivos para baixo.

Sim, olhem, meus caros, um deles, no corpo inteiro, é branco como a neve, apresentando uma pequena capa preta sobre a crista vermelha-sangue, que enfeita a sua cabeça. Porém, ele também tem mais duas penas pretas no seu rabo imaculadamente branco. Seus pés delicados, como o seu bico, são de um amarelo-ouro muito belo; e, assim, toda a sua aparência é muito nobre e elegante.

Seu colega, ao contrário, é preto como carvão, com rabo arrepiado branco-neve, e a mesma crista imponente vermelho-escura; porém, os pés são de tom amarronzado. O seu comportamento é mais animado e os seus movimentos são mais delicados, de maneira que é difícil decidir a qual dos dois dar atenção.

“Parecem ser dois exemplares raros”, disse Herbert, um dos recém-chegados, e acrescentou: “Eu gostaria de chamar o branco de mais bonito do que o preto, porque ele caminha tão seguro de si, tão altivo e tão corajoso!”

“Não, eu acho o preto mais bonito, mais alegre e mais engraçadinho; eu gosto mais dele”, observou Walter, um outro estrangeiro; “seu jeito é tão gracioso e prova que ele possui um caráter amistoso e um espírito interessado em aprender”.

O canto do galo

“Eu já posso perceber”, disse Martha, voltando-se para eles, gentilmente: “Vocês dois, logo, vão se adaptar a nossa vida de matuto, e as nossas pequenas diversões! Aqui, é necessário ser criança e adulto, ao mesmo tempo, e se alegrar com os animais, se não quisermos cair em uma existência sem valor e sem graça. E se a gente conseguir fazer um bom começo tudo será interessante, apesar de que muitas pessoas sensatas ou racionais, que nunca estiveram em uma colônia ou em uma floresta, nunca conseguiriam entender isto; como eu, por exemplo, lembro que o meu galo branco cantou pela primeira vez no dia 2 de dezembro, enquanto que o preto, da mesma idade (quase três meses), não deixou que o seu canto fosse ouvido antes do dia 5”.

“Canto?”, perguntou Herbert, rindo. “Pois, aqui, os galos cantam?”

“Nada é mais certo do que isso”, brincou Martha; “uma vez que a língua portuguesa não tem uma palavra para “krähen” e, para logo introduzi-lo no espírito do país, vou contar que, em um casamento onde a mulher é considerada a pessoa dominante, diz-se jocosamente: ‘Nessa casa, canta a galinha!’”.

Os dois jovens riram, mas Herbert disse: “Então, eu ainda tenho razão! O galo branco deve ter a preferência”, ao que Walter apontou com o dedo, mas, aprecia concordar, quando Martha, seriamente, afirmou que o galo preto, realmente, não era tão sábio e obediente quanto o seu irmão mais prendado.

Enquanto isso, Arthur, havia colocado na árvore os pequenos papagaios verdes e cinzentos, com as cabecinhas vermelhas ou amarelas (bem como os pequenos periquitos), que, mansos, voavam pela casa; e era engraçado observar como eles se moviam entre as velas sem chegarem muito perto das chamas que despertavam a sua atenção. Principalmente os pequenos periquitos, que nunca vivem sozinhos, e, portanto, sempre precisam ser criados aos pares, eram especialmente bonitos no seu ‘subir e descer’ pelos galhos.

Outros novos conhecidos

Os dois macacos resolveram submeter as coisas a sua volta a uma investigação mais rigorosa. Eles esticavam os seus pequenos dedinhos finos, várias vezes seguidas, naquele elemento brilhante, e, logo, retiravam de novo, fazendo caretas ao sentir o calor; eles sopravam e lambiam os dedos, rolavam, com seus olhos redondos, tentando esfregar seus dedos nos seus rabos grossos até que eles pulavam adiante para, em uma outra chama, tentarem uma experiência ainda pior.

Um após o outro, toda a população de animais que em um canto da sala tinha seu lugar de descanso, aproximou-se para olhar mais de perto aquele brilho inusitado. E vocês, meus caros leitores, estranharão que eu somente, agora, falo desses seres que, em uma colônia, são de grande importância.

Desculpem-me, que, na falta de melhores surpresas natalinas, guardei uma tão sem importância, o que eu pude fazer com uma consciência mais tranquila, pois, esses simpáticos protegidos tinham se mantido, até agora, humildemente afastados.

Espero que vocês olhem para eles com benquerença, quando eu, agora, vou apresentá-los com a devida pompa. Apesar de que eles já estavam preparados e prontos para que eu o fizesse. Talvez, com exceção, da senhora cabra e do seu cabritinho. Como toda a sua espécie, ela tem o costume arraigado de permanecer, em obstinado desinteresse, virada para a parede em dias chuvosos e tempestuosos, e vocês não se admirarão muito se eu confesso que, em relação a essa nobre senhora, não há outra coisa a fazer do que esperar com paciência até que ela saia de sua teimosia.

Personalidade canina

Agora que todo mundo está desperto, permitam-me apresentar, primeiro, o corajoso senhor Correndo; um cachorro imponente, autenticamente brasileiro, cor de chocolate do tipo galgo, um corredor imbatível, como já diz o seu nome “o Corredor”. Porém, não faltam provas da sua coragem e, portanto, a sua habilidade na corrida não deve ser considerada motivo de mau juízo. Recentemente, ele alcançou um ladrão que havia entrado na colônia e roubado um pedaço de toucinho, que fritava sobre o fogo, na frigideira, antes que ele pudesse escapar para dentro da mata com a sua presa. Desenrolou-se, então, uma luta ferrenha, na qual o Correndo venceu o seu inimigo completamente. Ele ficou estendido, morto no local, apesar de sua força física considerável, onde a ele foi concedido um enterro honroso uma vez que se tratava de um cachorro desconhecido.

Ao seu lado, encontra-se o nobre cão de caça, chamado “Primeiro”, nome dado por Arthur. A sua magreza exagerada pode ser entendida pelo fato de ele, como europeu nato, não se acostumar à ração de cachorro usual nos assentamentos: pirão de farinha de mandioca, ressentindo-se da falta e carne. Mas, então, podemos dizer, de acordo com aquela história conhecida, como resposta à pergunta:

“Por que o cachorro está tão magro?”

“Pois é, ele não como carne!” E, na sequência: “Mas por que ele não come carne?”

“Por que nós não temos!” ou, como diz o provérbio: “Onde não existe nada, o Imperador perdeu seu direito! Se o imperador perdeu, o cachorro nem se fala”. Uma vez que, em uma nova colônia, que ainda não consegue cultivar todos os produtos próprios, que mesmo nas condições locais favoráveis, leva-se, no mínimo, meio ano de trabalho intensivo, sendo obrigados a comprar os mantimentos naquela cidade portuária bastante distante. Todos os produtos necessários são muito caros para que pudéssemos usá-los e, se esta regra vale para os moradores, e precisa ser seguida rigorosamente, é facilmente compreensível que os cachorros não representem nenhuma exceção.

Caça como diversão, uma raridade

Sempre, no entanto, será reservado um lugar de destaque para o “Primeiro”, porque ele acompanha Arthur na caça aos galos silvestres e patos selvagens, onde sempre sobra um bom bocado para ele, só que, isso acontece muito raramente, para suprir a sua fome de carne, uma vez que o seu senhor pode somente reservar um ou outro domingo à tarde para estes passeios.

Temos também o buldogue alemão “Caro”, um tipo imponente, que, originalmente, havia sido destinado a proteger os colonos dos nativos selvagens, mas o cachorro não foi aprovado para esta atividade. Como já se observou que cachorro algum serve de proteção contra os bugres. Parece que eles têm uma repulsa tão grande contra esses selvagens nus que eles se escondem, medrosos e covardes quando se deparam com um deles e não podem ser convencidos de jeito algum a atacá-los. É possível que isso resida no odor peculiar forte que estes indígenas exalam ou somente na completa nudez deles – ninguém ainda descobriu. Parece que esta última hipótese é a mais provável, uma vez que cachorro algum deixa de atacar um negro se ele não é reprimido (a menos que ele tenha sido criado por um negro); e eles, como já é sabido, a sua transpiração tem um cheiro peculiar ou desagradável; como também se observou que brancos que aparecem completamente nus diante de um cão não são atacados.

A dedicação tirana de um cachorro

Nosso “Caro”, que, no entanto, queria fazer jus a sua função de protetor da colônia, tomou a liberdade de permanecer sempre nas proximidades de Martha. Como ele, no entanto, não cuidava muito de sua limpeza, ela o trancava para fora, onde ele deveria se juntar aos outros cachorros, mas ele não obedecia, fazendo-se de muito carinhoso, para pedir permissão para ficar. Ao fim, porém, procurava manter o seu lugar à força. Martha tentou colocá-lo para fora com o auxílio de um bastão, que deve ter lhe parecido como uma tamanha ofensa, que ele se empinou-se, diante de sua dona, e com olhos flamejantes ameaçou pular no seu pescoço!

Uma amizade deste tipo pareceu para a nossa heroína algo que perdera toda a graça. E ela entendeu que deveria enfrentar suas impertinências com severidade, se não quisesse correr um risco real. Ela, portanto, carregou a sua pequena pistola, não com chumbo, mas com sal. Levantou o bastão mais uma vez para afastar o rebelde de si e quando este, rosnando, enfurecido, não obedeceu, ela atirou toda a carga em cima da sua perna traseira, fazendo com que ele saísse pela porta, chorando e mancando alguns dias. Ele aprendeu a lição para o futuro e, agora, basta um sinal para que ele permaneça no seu limite.

A boa educação no mato

Mesmo assim, “Caro” e “Correndo” podem considerados os bárbaros da vila, conseguindo sobreviver por conta própria. Sua educação só foi superficial e seu ímpeto animal procura libertar-se na menor oportunidade. Porém, ao contrário dos silvícolas humanos, eles, bem nutridos, conseguem tirar melhor proveito de suas caçadas secretas. Em relação ao “Primeiro”, os seus corpos são mais arredondados, o pelo brilhoso e liso, como se tivesse sido forjado em cima de seu corpo, enquanto os membros graúdos, provam que, em um país selvagem, a educação mais esmerada não encontrou seu lugar e não consegue se desenvolver.

Não tão grave é a situação do bom “Sultão”, um simples cão pastor, de baixa estirpe, que acompanhou o marido de nossa Kitty e proporciona à pequena Rosa uma companhia dedicada; e ainda terá de esperar muito tempo antes que ele possa exercer a sua função, cuidando de um rebanho de carneiros; uma vez que ainda tem a falta de todas as condições, principalmente de pasto, além de que as onças e os cachorros do mato, que existem em todo o Brasil, não permitiriam que um animal como ele tivesse sossego para alegrar-se de sua vida.

E eu ainda preciso apresentar a vocês, meus amigos, o pequeno “Preto”, um animalzinho meio metade Dachshund, metade Pincher, o melhor amigo de Paulo. E apegou-se com toda a fidelidade típica de sua raça ao seu pequeno senhor. Ele nunca abandona o menino e vê sua honra em conseguir entender qualquer gesto que ele faça. Também sabe buscar o que é jogado, pular sobre um bastão e brincar de fantasma. Nesse jogo, ele precisa ficar sentado, enquanto Paulo coloca um pano branco sobre a sua cabeça, o que fica muito engraçado, porque o cachorro empina o seu focinho preto bem para cima, de maneira que uma ponta preta transparece.

A cabra fiel

Quase mais admirável, no entanto, é a afeição e valentia daquela cabra mansa, cuja defesa Martha assumiu com especial dedicação. E até todos os cachorros se afastam, respeitosamente, dos fortes chifres, quando ela acha por bem enfrentá-los, o que quase sempre acontece quando Martha se vê obrigada a colocar algumas tigelas e utensílios de cozinha no chão, por falta de mesa, e, talvez, até afaste-se por alguns momentos. A fiel cabra assume, imediatamente, o seu posto de guarda e coitado do ladrão que tentar se aproximar! Ela vai desferir um golpe que ele se afastará em mal estado. Certa vez, quando Martha esteve de viagem de canoa rio abaixo, cruzando a larga baía até a cidade, ela levou a sua cabra, que, de início, perseguiu a canoa, pulando pela margem até a desembocadura do rio, para depois, no entanto, no mar aberto, alcançá-la, até que, ao final, os tripulantes da canoa viram-se obrigados a salvá-la porque as suas forças não teriam sido suficientes para levar a viagem até o fim.

Martha permitia a sua amiguinha, com o seu querido filhinho, repousar os seus pés e à noite deitar ao seu lado. E ela lhe deu o nome romântico de “Esmeralda” para mostrar que ela tem o mesmo valor que aquela da infeliz cigana de mesmo nome, desde que o autor francês Victor Hugo contou tantas coisas estranhas sobre ela.

Camaradas e ponchos

Por ora, é suficiente a caracterização destas personalidades animais, que não nos deve, por mais importante que seja, impedir de, finalmente, olhar os seres humanos a nossa volta, que ainda não foram apresentados, apesar de que, desde a volta de nossos colonos, entraram no recinto, ao lado, dos recém-chegados. Esses brasileiros livres das classes mais baixas, que podem ser contratados para certos serviços, são conhecidos por Camaradas, portanto, como auxiliares e parceiros. Eles estão envolvidos em seus ponchos coloridos e se agruparam no chão, perto da porta de entrada, para, com o silêncio que lhe é peculiar, observarem com espanto esse espetáculo novo de um Natal alemão, apresentado na mata mais densa.

O assim chamado poncho vale uma descrição detalhada por ser usado em todo o Sul do Brasil, sendo considerado em todo o país como uma roupa indispensável. Ele consiste de um tecido de lã completamente quadrado, azul ou com listras coloridas, com uma abertura no meio para a cabeça e o pescoço. Às vezes acontece que também os cantos foram arredondados e no Norte mais quente um casaco como este será tecido de algodão. Enquanto que, nas regiões mais frias, ele ainda costuma receber um forro de lã vermelho. A vestimenta dos Camaradas, na nossa colônia, é formada, além do poncho, de uma camisa de algodão muito simples e de uma calça de mesmo material, acompanhada de um chapéu de aba larga, que, agora, eles tiraram da cabeça, como eles hoje também não estão usando esporas nos pés descalços, porque, nesta região, ainda não se usam cavalos, pois não há nem caminhos nem pastos e todo o transporte é feito com canoas, pelos rios.

A reza do terço

Os rostos masculinos de cor escura, com os traços bem definidos, os olhos pretos faiscantes, o cabelo brilhante, que aparece por baixo de um lenço colorido, as fortes barbas escuras e os dentes brancos cintilantes, nessa iluminação ofuscante, parecem saídos de uma pintura, contribuindo para o ar singular da cena.

Agora, eles cochicham uns com os outros e enviam um deputado, que, com muita dignidade e não sem graça, faz uma reverência diante de Martha para oferecer à dona da casa dois lindos macucos abatidos durante a caçada e uma jacutinga, galinhas do mato, que nesta região são muito frequentes, para serem preparadas no almoço festivo de amanhã. Ao mesmo tempo, ele pediu a permissão para que eles pudessem cantar o terço, isto é, uma música improvisada como se costuma fazer em homenagens aos santos ou a pessoas respeitadas.

De acordo com o seu pedido, eles cantaram, então, essas estrofes rapidamente rimadas, seguindo uma melodia em tons menores, um pouco monótona:

“A três vozes:

Dos altos céus caía sobre vos como chuva

Sempre milhares de bênçãos:

Coro:

E veja sempre sem dor

É o que desejamos de coração.

A três vozes:

Se cumprirmos sempre as nossas obrigações,

não esqueçam do nosso pagamento;

Coro:

Para participarmos da brincadeira das festas

Dai-nos de bom grado!

A três vozes:

Que a infelicidade nunca vos alcance

Sempre brilhe a vossa estrela;

Coro:

Como de dores albeias,

vocês sempre devem se apiedar!”

Conversa em várias línguas

Ao final, os cantores se levantaram, exclamando: “Viva! Viva! Senhoras e senhoras donas!”, enquanto que uma alegria geral de Natal tomava conta de todo o grupo, de maneira que os nossos alemães, como, de uma só boca, cantaram o lindo hino “Dai graças ao senhor”, que cantaram até o fim em uníssono.

Depois, todos se abraçaram e desejaram felicidade!

Agora, nossa Martha, seriamente, chamou todos para se sentarem em volta da mesa, porque os alimentos iam perder o sabor. Rapidamente, todos atenderam ao seu convite. E cada um se empenhava em mostrar a sua satisfação.

Depois que a primeira fome foi saciada, a alegria descontraída tomou conta do grupo do qual também os brasileiros, sempre mantendo a devida distância, participaram, já que Arthur e Martha não deixavam de falar com eles na sua língua, incluindo-os sempre de novo na conversa. Os franceses, estavam em pior situação, pois não falavam português e não conseguiam entender uma única palavra em alemão. E somente podiam conversar com aqueles que sabiam falar francês, mesmo assim, nada diminuía a sua interação, porque Martha sempre estava preocupada em partilhar com todos as suas anedotas engraçadas, recebendo muitas manifestações de agradecimento.

Viagem de canoa após a tempestade

Conversava-se, ria-se e contava-se aventuras de viagem, experiências nas caçadas e acontecimentos na floresta; na maioria de vezes, em língua portuguesa para que a maioria dos presentes pudesse entender; apesar de acontecerem conversas paralelas com os recém-chegados alemães e no círculo dos colonos, suecos e franceses, na língua francesa; sem nos aprofundar neste momento para não desviar a nossa atenção para esta Torre de Babel.

É claro que a viagem de hoje foi o principal assunto das considerações mais animadas. Contou-se que a canoa leve, no meio da baía, foi alcançada pela tempestade e como de início ainda foi possível usar as velas para, com o auxílio do vento, deslizar mais velozmente sobre as ondas.

Porém, Arthur dirigiu-se, sorrindo, para Martha: “Você, minha querida, fez falta. Ninguém conseguiu segurar a corda tão bem, ou melhor dizendo, não tão bem, como seria desejável”.

“Sim”, disse Martha, explicando-se a seus novos amigos: “Meu marido, nessas viagens em tempestades, deixa-me sempre como responsável por segurar a pequena corda presa na vela, com ambas as mãos, pois, justamente, minhas forças não são suficientes para isso, e eu tenho de soltá-la no momento crucial, permitindo que a vela, agora livre, virasse para pegar o vento que poderia ter nos derrubado do lado oposto; apesar do susto nós nos salvamos”.

A emergência ensina a sabedoria

“Você quer dizer com o seu susto!”, disse Arthur, rindo. “Você não vai querer afetar a imagem do seu senhor esposo de que ele por uma insignificância dessas perdesse a sua compostura.”

“Porém, isso, certamente, é perigoso”, disse Walter e Herbert acrescentou: “Este tipo de viagem não é adequado a uma mulher devo confessar! A frágil constituição feminina sofre muito nessas situações”.

Mas Arthur respondeu com humor: “Essas observações europeias logo lhe serão tomadas quando você se conscientizar de que, em uma colônia, deve-se dizer com muita razão: “Não é bom que o ser humano viva sozinho, isto é, solteiro!”

“E se nós quisermos ter mulheres, nós teremos de nos conformar que elas terão de fazer essa viagem aqui. E se elas pretenderem viver aqui conosco, sem representarem uma carga muito pesada, então, teremos de abrir mão dessas fragilidades, em contrapartida, deveremos desejar uma afeição suficientemente grande, que não se assustaria diante das dificuldades e do cansaço.”

“Pode acreditar”, Martha acrescentou, “que nós, mulheres, no geral, temos nossas aspirações e sentimentos fragmentados, a acusação de não termos sentimentos, certamente, na maioria das vezes, não tem fundamento; porém, é verdade, que as inclinações femininas se dirigem a muitas pequenas ninharias e, por isso, não são capazes de produzir algo útil. Neste caso, a necessidade premente nos obriga com todas as nossas forças a aspirarmos a tarefa principal: promover o bem-estar geral; e isto é muito bom!”

“Sim, a utilidade, aqui, é a primeira lei”, disse Érico, o sueco, cuja simpática esposa Agathe, já havíamos conhecido e ela opinou: “Nós nos acostumamos melhor com um começo difícil quando sabemos que ele em breve nos trará um futuro melhor, que apreciaremos tanto mais depois de tantas privações”.

A impossibilidade do comércio da madeira

“No decorrer do ano”, exclamou Arthur, “acredito que a aparência da colônia já será outra, apesar de que ainda muitas nuvens ameaçadoras pairam por aqui, parecendo querer bloquear o futuro da colônia”.

“Nós devemos nos reunir, nos próximos dias, um relatório fiel dos acontecimentos, que será enviado para a Europa, para que algumas modificações da situação que nos oprimem possam ser resolvidas. Especialmente, nós teremos de alertar para o preço de compra muito alto que nós devemos pagar por terras ainda completamente selvagens e ainda não cultivadas, porque a especulação da venda da madeira, que nos foi imposta, no sentido mais real da palavra, desfez-se como fumaça.”

Érico riu com vontade, dizendo aos dois outros estrangeiros, que olharam para ele, como se quisessem saber mais: “Amanhã, durante o dia, vocês entenderão esta conversa jocosa do nosso amigo, quando lá fora, vocês verão os gigantes da floresta derrubados e, agora, quase queimados, que nós deveríamos, de acordo, com a ideia de nossos patrocinadores em Hamburgo, ter enviado de navio para as feiras na Europa; quando, ainda, poderemos agradecer que possamos nos livrar deles, aqui, no local mesmo, com machados e fogo”.

“Vocês poderão ver também como essas árvores são trazidas para o chão”, disse Jorge, marido da nossa Kitty, “e vocês terão de admitir que isso não é pouca coisa. Nós, europeus, quase nos matamos, nos primeiros tempos, neste trabalho, e, realmente, custou uma vítima lamentável quando um jovem perdeu a vida nessa tarefa completamente desconhecida para ele, porque ele foi atingido pelo tronco em queda e foi esmagado no local! Essa brava gente”, ele continuou, apontando para os brasileiros, “sabe desempenhar este trabalho melhor. E se eu, quanto a minha pessoa, sempre fui acostumado a trabalhar pesado, eu devo admitir que eu somente por eles consegui me aperfeiçoar nesta técnica”. “Um machado é amarrado em uma barra de madeira longa e, agora, a gente se posiciona a alguns passos de distância da árvore que se quer cortar. Bate-se com o machado sempre no mesmo ponto do tronco, e ainda deve-se ficar atento para que a árvore caia exatamente no local onde vá arrancar consigo uma fileira importante de outras árvores menores, nas quais já foram feitos entalhes. Isso causa um estrondo! Realmente digno de respeito!”

Adubagem do solo com cinza

Arthur acrescentou: “Pensem, agora, como nós deveríamos ter feito para levar esses troncos enormes por mil passos até o rio, colocá-los nas nossas canoas frágeis e levá-los até a cidade. E ainda não estamos nem falando do pouco valor que traria um desses carregamentos se é verdade que a maioria das árvores da floresta nativa, aqui, apesar de sua madeira muito dura, não pertence ao tipo muito apreciado na Europa”.

“Acredito também”, disse Herbert, “que não se pode prescindir das cinzas desses troncos, uma vez que, como ouvi falar, representam um adubo muito importante, enquanto não se tem a oportunidade de encontrar outro”.

“É isso mesmo!”, respondeu Arthur, e Walter perguntou: “Então foi por isso que o preço dessas terras é considerado muito alto, apesar de não representar nem a metade dos preços praticados na Europa?!”

Arthur respondeu: “As dificuldades da primeira preparação do terreno já seriam suficientes para considerar injusto o pagamento por este solo intocado. Deve-se, no entanto, saber que um terreno que já produziu uma vez não pode ser replantado com lucro se não for adubado. Como você bem sabe, não existe criação de gado nesta região e também não vai haver nos próximos tempos, porque nos faltam pastos muito mais do que terras para plantar. Aqui no Brasil, se costuma deixar o solo, no qual foi plantado uma vez, descansar por vários anos até que esteja coberto de floresta, que então será derrubada, queimada e usada como adubo”.

Capoeira, a mata renovada

“Mas a mata cresce tão depressa?”, perguntou Herbert, surpreso; porém, Érico explicou: “Não pode surgir uma segunda mata virgem se ela já foi derrubada e queimada, pois o solo perdeu a sua força para produzir novamente aquelas árvores gigantes. Essa vegetação nova, chamada, aqui, de capoeira, ainda é muito bela e, depois de 20 ou 30 anos, já apresenta troncos robustos; porém, não chega a alcançar a grandiosidade e a beleza da primeira e intocada floresta.

“Pena! Que pena!”, observou Walter, “desta forma, a verdadeiro mata virgem, ao final, é totalmente extinta sem que campos verdejantes ocupem o seu lugar”.

“Certamente”, interrompeu Arthur, “eu também acho que isso é uma desgraça, mas o que um indivíduo pode fazer?! No momento, nós não podemos fazer nada para mudar esta ordem perniciososa; já que não é possível, com poucos meios, iniciar uma criação de gado regular, que só ela seria útil para cultivar aquelas terras de maneira permanente”.

“Somente uma imigração significativa de pessoas livre pode se mostrar benéfica”, disse Érico. “Como nós sabemos, que na Província do Rio Grande do Sul, os colonos alemães, em São Leopoldo já praticam uma cultura do solo respeitável semelhante àquela que estamos acostumados na Europa”.

A colônia de São Leopoldo

“Sim”, acrescentou Arthur, “esta colônia alemã, que já foi fundada em 1824, conseguiu se desenvolver sob circunstâncias muito favoráveis. Lá, vivem, hoje, 11 mil alemães, quase que a totalidade de alemães que vive no restante do Brasil. Ali existia uma terra propícia para o plantio e a criação de gado, como já, muito cedo, foram trazidos os rebanhos de gado para São Paulo e Minas Gerais, onde sempre havia falta de carne”.

“A capital daquela Província, antigamente chamada de São Pedro e, desde 1747, construída como uma caserna militar, em 1835, quando foi concedido o nome de cidade, recebeu o nome de Rio Grande; é hoje, o seu primeiro porto; como capital da Província, no entanto, desenvolveu-se Porto Alegre, na Lagoa dos Patos, onde um terço da população é alemã. Algumas milhas mais ao Norte da capital, está a colônia mais importante e desenvolvida que o Brasil possui, chamada de São Leopoldo, em homenagem ao Imperador Dom Pedro I, e sua esposa, Maria Leopoldina, uma princesa austríaca.”

“Constituída, de início de 26 famílias, a colônia, que recebeu constantes levas de imigrantes, hoje, conta com cinco mil pessoas, porém, desde 1830, ocorreu uma parada neste crescimento, porque, devido à abdicação do Imperador Dom Pedro I em favor de seu filho, que ainda era uma criança, a colônia perdeu o seu defensor ativo. Além disso, os alemães daquela região se envolveram nos conflitos entre republicanos e monarquistas, mesmo sem levarem vantagem alguma, mas, ao contrário, muitos prejuízos; principalmente porque eles, desde o início, como toda a Província se dividiram em dois partidos e, de maneira inconciliável, começaram a atacar uma aos outros.”

Luta entre imperialistas e republicanos

“Sim, eu ouvi uma vez uma história da coragem de um certo Hermann, o filho de um pregador protestante que se tornou famosos entre os republicanos”, disse Herbert.

“É isso mesmo”, continuou Arthur, “entre os brasileiros, ele é chamado de Germano, e se fala do seu heroísmo, com admiração. Ele e seu pai eram, praticamente, os únicos alemães protestantes; que ao lado dos católicos alemães tinham se juntado aos republicanos. Ele, seu pai e todos os outros morreram na luta. Os outros alemães protestantes de São Leopoldo escolheram o partido do imperador.”

“Parece que esta guerra em vão, que não trouxe qualquer consequência para os alemães, além da queda do seu nível de vida, que já havia prosperado”, observou Martha. “Certamente”, continuou Arthur. “Após a emancipação do jovem imperador, não foi difícil acalmar toda a Província. Uma anistia completa reconciliou todos os ânimos, que já estavam cansados de tanta briga”.

“Não foi para essa colônia que o governo brasileiro enviou grandes quantias em dinheiro para construções públicas e outros fins comunitários?”, perguntou Walter.

“Sim, com certeza”, respondeu Érico. “afirma-se que, entre 1825 e 1832, foram gastos quase 500 contos (um conto é igual a milhão de réis) para este fim, um acontecimento inusitado no Brasil.”

“Que, no entanto, produziu os resultados mais brilhantes”, interveio Arthur, “porque como, de outra maneira, os alemães poderiam ter alcançado o seu feliz desenvolvimento e conquistado uma prosperidade tão firme como ali? Porque, após a eliminação total das interferências da guerra, a imigração já teve um aumento considerável. E a prosperidade de todos, mesmo sem auxílio do governo, foi importante. A população contava, agora, com 6,5 mil protestantes, 4,6 mil católicos, 21 igrejas e 24 escolas, diga-se escolas alemãs, que, no Brasil, são praticamente desconhecidas (porque, em local algum a população alemã é tão numerosa que uma instituição desse tipo pudesse se manter).”

Falta de escolas alemãs

“Então, os alemães, em todos os outros lugares, são obrigados a mandar seus filhos para escolas estaduais brasileiras?”, perguntou Herbert e Arthur respondeu. “É claro! Uma vez que o aprendizado da língua do país é tão necessário e eu não posso ver nada de mal neste fato.”

“Ó. Eu vejo!”, interveio Martha, calorosamente; “porque, ouvi dizer que os filhos desses alemães misturados entre os brasileiros, raramente aprendem mais do que um português precário e ruim, enquanto eles perdem a sua bela língua natal. O que ocorre, naturalmente, uma vez que os pais não falam um alemão correto e não estão em condições de ensinar os seus filhos na escrita e na leitura. A escola brasileira só fornece o ensino elementar mais deficiente na língua do país”.

“Para continuarmos falando de São Leopoldo”, Walter reiniciou a conversa, “pode-se pensar que uma população que já cresceu tanto e chegou a tal prosperidade, onde, por meio do navegável rio Jacu, concentra-se as cidades de Porto Alegre e Rio Grande, logo seria o centro do desenvolvimento, por estar em comunicação constante com outros territórios. E também com todo o Brasil. Embora eu lembre de ter ouvido que, naquela região, não há mais terras para comprar, o que é difícil de se acreditar, já que há uma falta tão grande de população”.

Contradições da imigração

“A explicação para estas contradições”, sorriu Érico, “reside no fato de os brasileiros terem muito medo de permitir que estas colônias fiquem fortes, apesar de que eles vêm com bons olhos imigrantes dispersos. Parece duvidoso que um número considerável de europeus cultos poderia ser visto com bons olhos, mesmo que eles, individualmente, comprassem terras para colonizar. Teme-se que estas pessoas, por inteligência, pudessem chegar a ter influência e poder e, isso, principalmente, se ficarem conhecidos como inimigos da escravidão, porque uma sociedade mais rica e mais culta de europeus que viesse para o Brasil, comprasse terras e mandasse cultivá-la por trabalhadores europeus, poderia fazer concorrência perigosa aos senhores de escravos.

“Levará muito tempo para que isso aconteça”, disse Martha, “e este medo seria inútil”.

“Certo!”, retrucou Érico, “e mesmo maiores colônias não são bem vindas! Isso é uma tendência que podemos notar em tudo o que as instituições públicas brasileiras e as autoridades fazem e ordenam. Nas assembleias das Câmaras, em todos os jornais, confessa-se o interesse em trabalhadores e colonizadores individuais, mas não se deseja um aglomerado de colonos europeus”.

“No fundo, nem podemos levar isso a mal”, disse Arthur. “Eles não querem que se formem pequenos Estados independentes dentro de um mesmo Estado.”

“Certamente que não”, respondeu Érico; “porém, seria muito cedo para pensar nisso. Temos o exemplo, na América do Norte, da Pensilvânia, que, por muito tempo, formou um tipo de local de passagem, de onde a imigração alemã partia para o interior. Milhares e milhares o seguiram da Pensilvânia para terras ocidentais e, assim, abriram caminho para a cultura, atraídos somente pela fama que os antecessores divulgaram!”

Senhores de escravos contra trabalhadores livres

“Os senhores de escravos não viram com bons olhos a chegada dos imigrantes no Oeste norte-americano”, disse Arthur, “disso, eu tenho certeza, pois eles precisavam de grandes territórios e os pequenos trabalhadores livres estavam no seu caminho. Ali, o partido dos senhores de escravos reinava absoluto, já que não existia uma população realmente independente e culta. Mas não podemos nos admirar, eu acho, que grandes colônias de estrangeiros cultos são antes temidas do que desejadas”.

“Sim, você tem razão”, respondeu Érico, “mas, veja, deve ser este também o motivo pelo qual a imigração no Brasil permanecerá por muito tempo fraca. Porque onde não há atrativo, nenhum meio artificial pode ajudar”.

“Isso não nos parece muito consolador”, disse Herbert, “que chegamos aqui com a melhor das esperanças na prosperidade dessa colônia”.

“Mesmo assim, não há motivos para arrependimento”, Arthur disse, encorajando. “Luta sempre custa vida em todo lugar e eu devo dizer que agiremos com forças reunidas para, no momento, só conseguir melhores condições de compra, e tudo vai melhorar; e nós devemos ficar orgulhosos do que conseguimos até agora!”

“Meu amigo, sempre tem as melhores esperanças”, disse Érico; “e devemos atestar que ele, muitas vezes, já conseguiu nos inspirar novo ânimo. E se tudo aqui fracassasse, paciência. O mundo é tão grande e quem já colocou o seu pé tão longe, pode ir um pouco mais além”.

Dificuldades de uma colônia

“E quem aprendeu a trabalhar não está perdido em lugar algum!”, observou Arthur alegremente. “Aqui, devemos esperar algumas vantagens”, Érico interveio, “uma vez que a nossa posição nesta colônia é mais difícil do que em qualquer outra. Por exemplo, as terras que pertencem ao governo são distribuídas gratuitamente e, no sistema de parceria, os trabalhadores recebem, de início, grandes créditos dos fazendeiros, que pagarão com o seu trabalho”.

“Mesmo assim, para mim, não quero ouvir nada sobre estas formas de colonização”, respondeu Arthur, “porque elas nos colocam em uma posição muito perigosa de dependência. Os primeiros são comandados pelos agentes do governo, os outros pelos fazendeiros e nós somos nossos próprios governantes; mas, é claro, teremos de correr os riscos por conta própria, com isso podemos nos considerar praticamente autônomos. E eu prefiro isso!”

“Nós também”, disseram Walter, Herbert e todos os outros concordaram. Ao que Arthur acrescentou: “Nós somos livres de impostos e de serviço militar por dez anos, podemos formar uma comunidade cuja administração seja delegada a uma diretoria escolhida entre nós, temos liberdade de religião e educação; pois, como somos protestantes, o clero católico local não se incomoda com as nossas convicções religiosas. Nós podemos instalar igrejas e escolas de acordo com o nosso desejo, contanto que tenhamos dinheiro suficiente para isso”.

“Sim”, riu Martha, “se nós tivermos dinheiro suficiente! Ainda vai demorar um bocado até que tenhamos alguma coisa e mesmo que eu me ofereça a fornecer a educação da juventude por um preço muito baixo (eu diria, de graça; se eu não tivesse de sobreviver, o que custa dinheiro, antes que eu possa começar a ensinar). Ah, quase que eu me esqueço de dizer, que outro terá de fazer as prédicas!”

Regularidade do vento e do tempo

“E por quê?”, brincou Érico. “Eu acho que a senhora se prestaria muito bem para esta função.”

Mas ela balançou a cabeça, sorrindo: “Se eu fosse capaz disso, eu deveria, em primeiro lugar, ministrar uma prédica sobre paciência, para mim mesma, pois sempre que nós, mulheres, vivemos, aqui, sozinhas, enquanto os homens estão na cidade, quase não suporto o medo e a preocupação e toda a minha filosofia de vida me abandonam, justamente, quando eu mais preciso delas”.

“Mas uma viagem dessas é realmente é tão perigosa”, perguntou Walter, interessado. “Eu pensei que só hoje tivéssemos sido atingidos por uma tempestade, foi, realmente, muito assustador.”

“Nessa época do ano e durante quatro meses, esta deve ser considerada a regra”, respondeu Martha, “pois, raramente, passa um dia sem que haja raio e trovão”.

“O vento sopra, aqui, durante a manhã, até as 11 horas, ininterruptamente do continente para o mar, quando ele vira e é substituído pelo vento Passat, que vem do Sul e sopra em direção ao continente. Na confluência desses dois ventos contrários, acontecem tempestades; e nós, justamente, para aproveitarmos o vento que vem do mar, costumamos encontrá-lo na nossa viagem de volta para casa, quando, não raramente, somos surpreendidos pelo mau tempo”, acrescentou Arthur.

“Pense agora”, continuou Martha, “que meu marido, quase sempre, carrega uma grande quantidade de dinheiro em moeda na canoa, que possui um peso considerado, como o senhor bem deve saber; e que o perigo de um acidente é muito maior”.

Transporte de documentos de valor

“Para quê tantas moedas de cobre?”, interrompeu Herbert.

“Para pagar os camaradas brasileiros pelos seus serviços”, respondeu Arthur.

“Essas pessoas não aceitam dinheiro em papel, porque elas temem que possa ser falso e também que possa se deteriorar quando o carregarem consigo.”

“Então, nunca pode-se enviar papéis através dessas pessoas quando for necessário? Não é possível enviar uma carta por eles”, perguntou Walter.

“Ó, sim!”, respondeu Érico; “porém, não sem colocar esses objetos frágeis dentro de bolsas impermeáveis de couro ou oleado, presa pelo pescoço a uma correia de couro forte por baixo da camisa”.

“Se observarmos esses cuidados”, acrescentou Arthur, “pode-se crer, com grande certeza, que o serviço será executado de forma conscienciosa. Existem até exemplos de escravos negros que se salvaram, nadando, de um naufrágio, a propriedade de seus senhores, que estava dentro de uma dessas bolsas. Especialmente tocante foi quando, certa vez, durante uma forte tempestade, o navio a vapor dos Correios estava quase indo a pique, e os botes salva-vidas lançados ao mar, onde todos, imediatamente, procuraram abrigo, mas não quiseram, ou não puderam, acolher no barco o negro que estava com os papéis do seu senhor. Eles se encontravam a meia milha da costa e o escravo procurou chegar até a terra nadando, mantendo o precioso pacote entre os dentes. Ele só conseguiu chegar até o bote, segurando-se na beirada, por algum tempo. Quando ele percebeu que as forças estavam se esgotando, jogou, decididamente, o pacote nas mãos do capitão que ele conhecia, pedindo que a encomenda fosse devidamente entregue e afundou nas profundezas sem um som ou gemido!”

Perigos das viagens marítimas

Nosso grupo fez um minuto de silêncio pela lembrança de uma atitude tão nobre; onde cada um teve de admitir para si como era difícil, em uma situação dessas, tomar a mesma decisão ou atitude.

“Ainda acontecem muitos acidentes em viagens marítimas”, Herbert retomou a conversa, “apesar de que muito menos do que em tempos passados, quando ainda não se tinha tantos conhecimentos”.

“Sim”, respondeu Érico, “Esta também foi a razão principal porque a colonização do Brasil, de início, só aconteceu muito lentamente. Quantos navios, muito bem equipados e tripulados, certamente não terão sofrido naufrágio nestas praias? E o que escapou do mar, normalmente, ainda era roubado pelos selvagens canibais!”

“Eu, recentemente, li algumas notícias sobre esse assunto”, disse Walter; “vocês sabem, quando decide-se emigrar, somos tomados por uma vontade muito grande de conhecer a história dos países que pretende-se visitar. Por isso, eu me interessei em conhecer algo sobre a primeira tomada de posse sobre o Brasil pelos portugueses. E não vou negar que as inúmeras dificuldades desses corajosos desbravadores tiveram um efeito encorajador sobre mim”.

“Como assim, encorajador?”, perguntou Agathe.

“Bem! Eu quero dizer que nós não devemos recuar diante de qualquer dificuldade, enquanto temos forças e saúde; uma vez que tudo o que vamos enfrentar não poderá ser comparado com aquilo que, naquela época, os colonizadores tiveram de superar e aguentar”, respondeu Walter.

Destino fatal de um grande empreendimento

“Ouçam, por exemplo, o que aconteceu com uma expedição empreendida por três grandes senhores aos quais o Rei de Portugal havia doado terras no Brasil, a fim de que colonizassem e cultivassem aquelas possessões, com grandes custos, equipou-se uma frota de cem navios que foi carregada com 900 homens, cem cavalos e muito material bélico, e que em novembro de 1535 partiu de Lisboa. As despesas e o grande barulho que foi feito em torno deste empreendimento foram tão significativos que chegou-se a supor que não se pretendia fazer um cultivo do solo doado no Brasil, mas, sim, uma expedição de conquista contra os Estados espanhóis na América do Sul. A corte, em Madri, sentiu-se obrigada a pedir explicações ao governo português, porém, ainda antes que as negociações tivessem sido possíveis, o destino decidiu, totalmente, contra este empreendimento, que deveria ser apagada até o seu último rastro.”

“Quando a frota tão bem equipada passou pelas Ilhas Canárias e por Pernambuco, ela parou, não se sabe se por falta de conhecimento ou negligência dos comandantes, na desembocadura do Rio Amazonas, no lado Norte da Ilha de Marajó, que, ainda hoje, é temida devido a seus bancos de areias perigosíssimos formados pela onda chamada de Pororoca. A frota sofreu tamanho prejuízo que somente alguns pequenos barcos se salvaram da destruição; mas não escaparam da má sorte do seu destino. Perambulando pela costa, eles pereceram por falta de alimentos e ataques dos indígenas. Um último dos barcos conseguiu alcançar o alto mar. Deve ter, porém, sucumbido por total falta de água e alimento, se não fosse um navio espanhol a encontrá-los e resgatá-los e ter levado a tripulação semimorta consigo para a Ilha Haiti.”

Fim lamentável da expedição

“Dos maiores navios ancorados na baía, alguns tripulantes conseguiram se salvar nadando até a praia. Logo, perceberam que estavam em uma ilha e lhe deram o nome de Trindade, fundando uma pequena aldeia, chamada Nazaré. Eles viveram das reservas que resgataram dos navios naufragados e trocaram com os indígenas alimentos por pregos, facas, machados e foices, instrumentos que foram muito bem-vindos. Logo, porém, esses utensílios chegaram ao fim e, então, eles se viram obrigados a viver de frutas e raízes que precisavam colher com muito esforço para matar a sua fome. Para escapar da morte certa, eles juntaram as suas forças e construíram, com os restos dos navios maiores, três canoas; nas quais embarcaram em número de 46, além de 200 indígenas que tinham mobilizado para acompanhar. Após muitos perigos e acidentes, dois deles conseguiram chegar até Porto Rico, e o terceiro até o Haiti, onde iniciou o seu sofrimento. Na ilha de Haiti, eles não foram bem recebidos, principalmente porque tiraram deles os seus companheiros indígenas e tudo mais que possuíam. E, depois, fizeram deles, praticamente, prisioneiros. Os espanhóis que já estavam assentados, negaram-lhes o consentimento de voltar para a pátria. E exigiram que eles fizessem trabalhos, em condições precárias, no seu grupo. Parece, também, que somente dois portugueses, os filhos do consagrado historiador João de Barros, através do esforço do seu pai, e depois de grandes quantias de dinheiro, conseguiram a liberdade deles e a concessão de voltarem para Portugal. E eles foram tudo o que sobrou dos 900 homens, com todos os custos e sacrifícios!”

Rio Amazonas

“É realmente muito pouco!”, disse Érico. E Walter acrescentou: “Este Rio Amazonas traiçoeiro não recebeu o seu nome sem motivo, uma tribo de mulheres deve, naturalmente, ser muito perigosa. Por causa de sua graça feminina que, como é conhecida, consegue dominar nós, homens, com facilidade e, além disso, devido a sua coragem audaz.”

“É possível”, disse Herbert. “Não, na minha opinião, as antigas moradores do Brasil não podiam ser nem graciosas ou bonitas e nem deviam ter coragem”.

“Sim, mas a lenda de um Estado ou de uma sociedade, na qual, o gênero feminino era predominante em número e importância, não surgiu do nada”, protestou Érico.

“Não! Há sempre um fundo de verdade nesses contos”, confirmou Walter. “Mesmo que a gente não consiga definir a fonte.”

“Muitas vezes, são vários os motivos, ao mesmo tempo, que dão origem a uma lenda como esta”, opinou Martha. “Parece que a viagem do espanhol Orellana para desbravar a costa e a foz daquele enorme rio que o trouxe foi a primeiro a trazer este nome para a América, enquanto que antes, somente, sabia-se, na Idade Média, das fabulosas ilhas habitadas por uma tribo de Amazonas”, esclareceu Herbert.

“Então, você também deve conhecer a primeira investigação que foi feita daquele rio tão importante”, disse Arthur. “E nós seríamos gratos se pudesse contar algo a mais sobre isso.”

Desbravamento do Amazonas

Herbert, de bom grado, começou a contar: “Já o espanhol Vicente Pinzón, um antigo acompanhante do grande Colombo, havia descoberto a foz do Rio Amazonas, como também foi o primeiro europeu a pisar em terra firme ao Sul do rio Orinoco. Mais tarde e muito tempo depois da tomada de posse da costa leste do Brasil pelos portugueses, aproximadamente por volta de 1530, um dos antigos colegas do conquistador do México (Hernandez Cortez), certo Diego de Ordaz, quis fundar uma colônia na atual Venezuela”.

“O governo espanhol deu autorização e a ordem expressa de investigar o rio que Pinzón havia visto e garantiu, para isso, meios especiais, só que não obteve êxito. A empreitada fracassou e a região do rio Maranhão, como antigamente era chamado, permaneceu inexplorada; até que pelo lado Leste, surgiu um aventureiro.”

“Tratava-se de Francisco de Orellana, um cavaleiro espanhol, de Quito, que acompanhava o governador Pizarro, quando este, com muitos outros cavaleiros e soldados viajava, para encontrar o tão sonhado El Dourado, a Terra do Ouro, que todos acreditavam existir, mas não sabia ao certo a sua localização. Orellana aproveitou o seu poder como comandante de um pequeno navio para conseguir uma grande vantagem sobre os outros, e por conta própria explorar os afluentes do Amazonas, apesar de que ele deveria ficar na proximidade do exército em terra comandado pelo próprio Pizarro.”

“Ele juntou sua tripulação e fez um discurso, convidando-os a desistir de qualquer contato com o exército principal para, com ele, tentar essa aventura. E que consistia em nada menos do que acompanhar o rio em toda a sua extensão até onde ele se precipitasse no mar. Desta forma, acreditava ele, o tão sonhado El Dourado não poderia escapar e eles teriam a honra e o privilégio da descoberta, enquanto que a pátria poderia anexar uma nova Província e a Coroa Espanhola aparecer em novo brilho diante do mundo.”

A lenda de um Estado de mulheres

“Quase todos os seus acompanhantes deixaram-se inflamar pelo seu entusiasmo, somente um exigiu ficar para trás para esperar por Pizarro e informá-lo sobre o que tinha acontecido no local. Foi lhe concedido o pedido e os outros embarcaram e seguiram rio abaixo no início de 1541. Logo, eles se viram nos mais amargos apuros, tendo de lutar com os mais selvagens indígenas das margens; de vez em quando, porém, eles também tiveram uma acolhida simpática, e munidos de tudo o que precisavam e, desta forma, encontraram (ao menos foi o que eles relataram) um bando de indígenas armadas que os enfrentou valentemente. Depois, no entanto, quando elas perceberam que eles vinham em paz, mostraram-se muito diligentes.”

“Dessas circunstâncias, os espanhóis deduziram que, mais para o interior, deveria existir um Estado de Amazonas. Os indígenas também lhes deram (como os espanhóis afirmaram) outras indicações a respeito. Parece que aquela comunidade de mulheres havia subjugado todas as populações ao seu redor, e obrigando-as a pagar tributos. Elas viviam em vilas muito bem fortificadas e eram temidas nos arredores. Também não admitiam nenhum homem na sua presença e somente de tempos em tempos elas recebiam visitas, dispensando-a, logo em seguida, com presentes.”

“Isso tudo parece muito fantasioso”, interveio Érico, “porém, não deve ser totalmente fruto da imaginação, pois, mesmo que ninguém, depois, conseguisse avistar um Estado de Amazonas como distrito, muitos relatos semelhantes surgiram, sendo que viajantes que vieram mais tarde disseram que ouviram a mesma história dos indígenas.”

“É bem possível”, continuou Herbert, “que, de vez em quando, pequenos bandos de mulheres escapavam do jugo que pesava sobre as suas costas e se juntavam em algum lugar para, com forças reunidas, conseguir repelir os ataques dos homens que queriam levá-las de volta para esta servidão cruel.”

O desfecho da expedição de Orellana

“Talvez, nessas lutas, essas mulheres indígenas tenham conseguido vitórias tão significativas, que podiam exigir o pagamento de resgate pelos presos ou qualquer outra vantagem. Seja como for, o nome Maranhão, que o rio teve, até agora, foi desaparecendo, cada vez mais. O ousado Orellana conseguiu alcançar o oceano Atlântico em agosto de 1541; e apesar de não ter encontrado a cidade dourada, foi muito grande a sua contribuição ao mundo, com a sua viagem arriscada, pois ela permitiu que conhecêssemos a ligação entre a costa Leste e Oeste do continente da América do Sul.”

“A Coroa da Espanha quis recompensá-lo por este feito e concedeu-lhe o governo sobre as terras do Vale do Amazonas; sendo que os custos da tomada de posse da colonização seriam de sua responsabilidade. Em contrapartida, ele receberia toda a receita desse novo Estado agrícola pelo período de dez anos. Ele preparou, então, uma frota com tudo que era necessário e deixou a costa espanhola no início de 1544; mas, agora, ele foi perseguido pelo infortúnio.”

“Uma doença grave, logo no início da viagem, matou os seus melhores homens. E dois dos seus navios naufragaram. Mais tarde, ele procurou por meses pelo braço de rio certo e perdeu grande parte de sua tripulação por febres e lutas com os nativos; quando ele próprio foi acometido da praga, que se espalhou, e morreu. Os espanhóis remanescentes perderam a coragem e alguns voltaram para a Europa. Enquanto que outros subiram em um navio português que ia para Pernambuco; de forma que nada sobrou da dominação espanhola nessa região”.

Após uma pequena pausa, Arthur disse: “a respeito das Amazonas, eu tenho os meus próprios pensamentos; e todas aquelas afirmações apresentadas até agora não me convenceram”.

Poligamia dos indígenas

“Então, qual é a sua opinião sobre o assunto?”, perguntou Walter.

“Para explicar isso, eu preciso lembrá-lo de que os mais importantes pesquisadores, principalmente Humboldt, divulgaram sobre a vida e os costumes dos indígenas. De acordo com o que disseram, podemos deduzir o seguinte: todos os índios selvagens vivem em poligamia e o destino das mulheres é extremamente miserável. No tempo de Humboldt (isto é, no início deste século), acontecia, frequentemente, que homens engordavam suas mulheres quando eles estavam fartos delas ou quando, simplesmente, estavam com vontade, para, depois, devorá-las.”

“Um desses casos tinha acabado de ser descoberto em uma aldeia missionária na qual Humboldt pernoitou, e da mesma forma, um indígena havia matado e devorado o seu colega que contraíra febre! Como desde aquela época menos se fez para desacostumar os selvagens a estas práticas bárbaras, não é possível que a situação tenha melhorado. A propósito, não são os caraíbas da terra firme, mas somente os caraíbas das Antilhas que estão acostumados ao consumo de carne humana? Enquanto, ao contrário, aquelas tribos do Vale do Amazonas e do Orinoco, que continuam mantendo este costume, são abominados pelos Caraíbas da terra firme por causa desta prática.”

“Mas você queria nos dizer a sua opinião sobre a lenda das Amazonas!”, observou Martha.

“Sim, você tem razão! Também entre os selvagens, confirma-se esta observação de que as lamentações em locais onde mais seriam justificáveis são ouvidas com menos frequência, porque a desgraça mais profunda emudece a pessoa de medo e de depressão.”

Inveja entre as mulheres

“Onde o lamento consegue achar a sua própria expressão já se fará presente a possibilidade de um lenitivo! Porém, as mulheres dos indígenas como se sabe, nunca reclamam da barbárie dos seus maridos. Ao contrário, elas parecem somente respirar, adivinhar de antemão cada capricho de seu senhor e satisfazê-lo. Sua abnegação chega a tal ponto de não fazerem diferenciação alguma entre o cuidado de seus próprios filhos e de suas companheiras. Porém, a paz entre elas só pode ser mantida pela presença do seu soberano. Sempre que ele deixa a oca irrompe a mais furiosa discórdia entre suas mulheres; e isso é agravado pelo fato de que ele sempre tem uma preferida, à qual as outras devem obedecer quase como servas, enquanto ele esteja em casa. Motivo pelo qual, depois, ela sempre será o alvo dos maus-tratos das suas inimigas vingativas.”

“De acordo com esse relato, não é muito plausível que as mulheres desses indígenas, alguma vez, tivessem sido tentadas a criar um pacto entre elas, a fim de se libertarem dos maridos.”

“Ao contrário, porque cada uma tentava se livrar das suas rivais para ganhar a atenção de seu marido.”

“Se eu devo dizer a verdade”, interveio Érico. “Eu vejo como um traço genérico da natureza feminina perdoar o homem tantas vezes, enquanto que não são capazes de perdoarem outras mulheres.”

“Mas isso não seria uma atitude louvável!”, exclamou Agathe.

“A natureza inculta sabe muito pouco sobre a nobreza de coração”, respondeu Érico, sorrindo, “é certo que somente em um estágio mais elevado da cultura do coração e do espírito, poderá se falar de amizade entre mulheres, enquanto a história nos ensina que já, no início dos tempos, existiram exemplos de homens que se sacrificaram uns pelos outros.”

Caraíbas da terra firme

“Sim. Você tem razão”, disse Martha, “eu também tenho essa convicção que, somente depois que todo o gênero feminino chegar à liberdade total, desaparecerá a inveja que, hoje em dia, faz com que as mulheres, de maneira injusta, dura e maldosa, fiquem umas contra as outras”.

“Por outro lado”, disse Érico, “as mulheres nunca se libertarão se não se esforçarem no interesse das suas próprias vantagens e se unirem, amigavelmente, para se protegerem da nossa tirania”.

Arthur fez que sim com a cabeça, concordando, e prosseguiu: “portanto, também é a minha opinião de que a lenda das Amazonas só pode ter surgido de fato por dois motivos, que nada têm a ver com o que o senhor Herbert nos contou”.

“Um desses acontecimentos é o seguinte: “Já que os Caraíbas da Terra firme desde sempre têm sido o povo mais hábil, forte e temido, os espanhóis e os portugueses sempre se concentravam neles desde a época em que procurou-se colonizar aquelas regiões, usando esses selvagens, preferencialmente, como escravos. Devido à fama de canibais que tinham os Caraíbas das Antilhas, a Europa instituiu uma lei que tornaria esses povos em escravos; duplamente injusta, pois se estenderia aos Caraíbas da terra também, que provocaram a mais viva resistência. As lutas travadas, às vezes, custavam a vida de todos os homens. Neste caso, as mulheres pegavam em armas e lutavam como feras por si e por suas crianças”.

Poliandria pelos mesmos motivos

“Os Caraíbas são, até hoje, o povo mais numeroso entre os indígenas daquela região e continuam mostrando as vantagens físicas e espirituais das quais eles estão cientes, demonstrando um grande orgulho nacional. Aqueles que Humboldt viu demonstraram um comportamento muito compreensivo e sério.”

“Os homens usavam muito mais roupas dos que as mulheres (como costuma acontecer entre os nativos); que, muitas vezes, usam somente uma faixa ao redor do abdome, enquanto os homens se enrolam completamente em um pano de cor escura; e, com isso, apresentavam um quadro pitoresco. Na parte posterior da cabeça, eles usavam um chumaço de cabelos, que sempre identificava a tribo como um sinal.”

“As mulheres eram feias (como acontece com todos os selvagens), provavelmente pela sobrecarga de trabalho e esforço; e sua beleza não era aumentada pela pintura com Onoto, de cor vermelha, que servia como vestimenta e era, ao mesmo tempo, muito preciosa, uma vez que era lavada com a chuva e sempre precisava ser reposta. As pernas das crianças eram enroladas com tiras de ráfia para dar uma bela forma às panturrilhas; mas não existia entre eles o costume de dar às cabeças uma forma chata; e seus crânios eram mais abaulados do que os das outras tribos indígenas. Eles sabiam, desde sempre, usar nos negócios especiais, um tipo de cordão utilizado para fazer cálculos, como aqueles encontrados no México, Peru, Chile, Canadá e alguns países asiáticos. Porém, eu estou divagando! Eu só queria alertar para o fato que uma luta de viúvas caraíbas contra os espanhóis e portugueses talvez tenha contribuído para dar início àquela lenda.”

Servidão das mulheres

“A segunda suposição que faço a respeito do início dessa lenda, baseia-se nas indicações de Humboldt, que afirmava que também existiu poliandria entre os selvagens, da mesma forma que, na maioria dos casos, existia a poligamia. E não por motivos antagônicos, mas pelos mesmos motivos; de forma que não se pode pensar em uma espécie de mulheres dominadoras.”

“Os homens exigiam que todo o trabalho pesado fosse feito pelas mulheres e como cada um podia ter tantas mulheres quantas quisessem ou que as suas forças permitissem roubar, não era raro acontecer que homens mais fortes roubassem as mulheres dos mais fracos, principalmente se eles pertencessem a outra tribo, até que eles, esses mais fracos (justamente por serem mais fracos) sofressem da falta de mulheres. Mas, como eles, mesmo assim, não tinham a menor vontade de executar qualquer trabalho, dois ou três homens, dividiam os serviços de uma mulher que, portanto, morreria mais rápido sob a carga imposta; aumentando, assim, o mal, e diminuindo a liberdade das mulheres.”

“Você acredita, então”, perguntou Herbert, “que poderiam ter existido mulheres guerreiras, mas nunca mulheres dominantes?”

“É certo”, respondeu Arthur, “pois, como você já pode ter visto, que vantagem alguma poderia advir disso, ao contrário, mostrou-se que a desgraça só seria maior se uma entre elas fosse responsável pelo trabalho de escravo para vários tiranos.”

“Amazonas, por assim dizer, acredito que não tivessem existido”, disse Érico. “Esta também é a minha convicção!” A fragilidade física só pode ser compensada por força intelectual; e como poderia entre os povos, que estavam na maior barbárie, as mulheres terem alcançado tamanha supremacia intelectual?”

“Muitas vezes, somos da opinião que a supremacia intelectual do gênero feminino ainda precisa ser mais temida do que a física, como se esta pudesse ser!”, acrescentou Water.

Arthur riu, enquanto respondia, “Com injustiça. Com certeza! Uma pessoa livre não tem medo das qualidades intelectuais de outra, pois sente que a sua própria liberdade só pode ser assegurada com a liberdade de todos.”

Liberdade

“É isso mesmo”, confirmou Érico com fervor. “Este é, na realidade, o verdadeiro sentido da liberdade, que não é possível sem certas limitações de todos.”

“Eu entendo”, disse Herbert; “Você quer que cada um tenha a liberdade para fazer o que quiser enquanto ela não prejudique o seu próximo e que, portanto, de certa forma, ele será tolhido?”

Érico concordou, mas Walter rebateu: “Sim, mas acontece que, muitas vezes, faz-se mau uso desta liberdade!”

“Como ‘feito mau uso’?!” retrucou Arthur. “Liberdade da qual se abusa não é mais liberdade; mas ânsia de poder, despotismo e injustiça! Porém, o que não existe mais não pode ser abusado, portanto, nunca pode ser feito mau uso da liberdade, mas é possível que alguém, em vez de lhe servir, torne-se um desprezível servo da violência e machuque os outros. É também possível (podemos ver isso todos os dias) que a sede de poder de alguns leva a destruição da liberdade comum! Pois eles, os tiranos, não são mais do que escravos do seu próprio sistema.”

“Pois é! Eles tremem diante das consequências!”, exclamou Érico. “Eles renegam a verdadeira liberdade e a paz abandona suas almas cheias de culpa para sempre!”

Herbert retrucou, ainda em dúvida: “Se cada um sente tão profundamente as desvantagens da sua ação injusta, como você pensa, com certeza, não haveria tanto mal nesse mundo!”, porém, Arthur respondeu, espontaneamente: “Sentimentos não são suficientes! É necessário que a consciência se junte a ele; e o costume pernicioso precisa ser ultrapassado; o que não é fácil, mas que, em geral, cada dia, fica mais evidente que a humanidade está evoluindo!”

“E assim por diante para a virtude e a felicidade! Amém!”, acrescentou Martha, e todos permaneceram em silêncio, por um tempo, perdidos nos seus pensamentos. Depois, a conversa começou novamente a ficar animada.

A canoa da entrega de encomendas

Os acontecimentos na viagem de hoje voltaram a ser o tema principal. Martha contou que havia passado a noite em claro para que seu marido não perdesse a hora da partida, que deveria ser, exatamente às 2 horas da manhã, porque, de outra maneira, não se poderia aproveitar o melhor vento do continente para o mar para a travessia das águas; e Arthur informou, então, que a viagem no rio antes do raiar do dia pôde ser concluída satisfatoriamente e que, às 9 horas, já estavam sãos e salvos na cidade.

“Lá, eu encontrei esses senhores”, ele explicou para a sua esposa, “que, provavelmente, já estavam inquietos, esperando a canoa para nos acompanhar até aqui”.

“Certamente, o tempo parecia não querer acabar!”, disse Herbert. “Nós nos esforçamos para, na falta de qualquer outra atividade, estudar a língua do país, porém, como nós tínhamos de, para cada palavra que quiséssemos falar, olhar primeiro no dicionário, as pessoas às quais queríamos nos fazer entender sempre perdiam a paciência e desapareciam antes que nós pudéssemos terminar a nossa frase.”

“Sim, imagine”, Arthur disse, rindo. “Mal nós pisamos em terra firme, eu me apressei a dar as boas-vindas aos nossos hóspedes, pois você sabe que eu, prevendo a sua chegada, já havia deixado recado na cidade para que os instalassem, provisoriamente, na nossa casa do lado de lá.”

“Bem-vindos” em alemão

Deparei-me com dois jovens vestidos à moda europeia, passeando pela praia do Oceano Atlântico, cada um com um livro na mão, no qual eles pareciam totalmente imersos, e, nos quais, meu olho certo, imediatamente, reconheceu dois dicionários das línguas alemã e portuguesa; logo, deduzi que se tratava dos nossos amigos e quis cumprimentá-los cordialmente, quando o senhor Walter gritou, em um português terrível (uma vez que os dois, pensaram que eu fosse um brasileiro): “Caro senhor, espere um pouco! Sim, espere! Nós queremos falar consigo, para aprender a sua bela língua; o senhor, no entanto, precisa ter paciência conosco; nós, primeiro, precisamos procurar as palavras”.

Eu não me contive e caí em uma gargalha tipicamente alemã, que, certamente, deveria ter me identificado como um conterrâneo, mesmo que eu não tivesse colocado as mãos sobre aqueles famigerados livros e exclamado: “Deixemos de lado essas coisas e falemos, naturalmente, como vem da boca e do coração! Os senhores estão vendo diante de si aquele que veio para levá-los ao seu destino e desejar boa sorte”.

“Isso, realmente, para nós, foi uma surpresa agradável”, disse Walter.

“Sim”, disse Herbert, “pois apesar de estarmos há poucos dias entre esses moradores estranhos, nós já estávamos com saudade de uma conversa e de um convívio alemão. De forma que a sua cordial simpatia nos causou dupla emoção e empatia!”

“Como nos pareceu encorajador e animador, o que o senhor tinha a nos dizer do nosso futuro próximo!”, disse Walter. E Herbert acrescentou: “Eu devo reconhecer que eu nos considero felizes em poder contar com a sua liderança. O senhor tem um dom que não deixa dúvidas para um empreendimento tão complicado! A sua confiança alegre, a sua coragem e o seu porte seguro não podem ser prezados o suficiente; em qualquer situação, mas em uma colônia em especial!”

Na tempestade no mar

Arthur fez um gesto de agradecimento com a cabeça, mas já querendo recusar os elogios; quando Érico e Jorge não permitiram que ele falasse, concordando com as palavras dos dois novos amigos e, cheios de gestos, mostraram como estavam convencidos que Arthur foi forjado para, com bons exemplos, guiar os outros.

“Nossa volta para cá já nos deu oportunidade suficiente”, comentou Jorge, “para mostrar a esses senhores o quanto Arthur é útil para nós.”

“Vocês perceberam?”, perguntou ele, para mudar de assunto, “como a tempestade nos perseguiu?”

“Certamente”, respondeu Walter. “Nunca vi algo semelhante; nem na viagem da Europa para o Rio, e também não no caminho de lá até a cidade portuária daqui; provavelmente, porque nós estávamos em navios maiores, que distraem a nossa atenção. Enquanto que, em uma canoa leve, tão estreita, o horizonte acima de nós ocupou todos os nossos sentidos e percebemos toda e qualquer alteração”.

“Um espetáculo sublime”, disse Martha. “Quando as nuvens no horizonte começam a se acumular, lentamente, e, depois, sempre mais rápido, sobem. A Oeste, o sol ainda brilha, mas como através de um véu vermelho, enquanto que a tempestade se forma sempre mais escura e ameaçadora, e parece nos perseguir. No meio da baía, vimos os cumes das montanhas à nossa frente e lateralmente, ardendo em fogo. Enquanto atrás de nós, as águas cobriam-se de um preto sombrio, enquanto tentavam alcançar as nuvens furiosas.”

A canoa na tempestade

“Os trovões já rugem, chegando sempre mais perto e, agora, os claros lampejos se transformam em raios ameaçadores, que atiram seus ganchos recortados para todos os lados, enquanto as nuvens raivosas se dividem e, ao mesmo tempo, são rasgadas com fúria, cobrindo todo o horizonte; como se quisessem envolver para não nos soltar mais e nos levarem ao fim fatal!”

“A senhora está descrevendo isso como se tivesse presenciado!”, disse Walter. E Martha respondeu: “É claro que eu já presenciei esse espetáculo várias vezes. Nesta oportunidade, aconteceu que eu, enquanto nós estávamos tentando escapar da tempestade, tive de segurar a corda que prendia a vela; para que esta pudesse trocar sua posição cada vez que o vento mudasse de direção. Eu cuidava do meu serviço, tanto melhor, quanto eu nunca podia evitar de manter os olhos dirigidos ao céu para acompanhar com atenção o percurso do emaranhado de nuvens que nos perseguia em alta velocidade, nós, voando, nesse turbilhão, nunca conseguimos virar a vela tão rápido, que fosse suficiente para fugir do vento. Sem fôlego, eu vi, o momento chegar, quando a tempestade nos agarraria. E, agora, quando este momento chegou, uma chuva torrencial, praticamente, inundou a canoa, ameaçando empurrá-la para o fundo. Não havia tempo para descer a vela e o vento soprava uma vez pela direita e uma vez pela esquerda. Enquanto nós, em uma noite de breu, não conseguíamos mais reconhecer a costa. Nem vislumbrar uma estrela. E estávamos somente preocupados em retirar a água da canoa para mantê-la em condições de navegação!”

“Lembro-me que, certa vez, em um momento como este, quando os raios relampejavam incessantemente, clareando a noite fantasmagórica em intervalos quase como a claridade do dia, onde tempestade e ondas nos perseguiram e nos atiravam. Não sabíamos mais para onde ir, então, veio-me, de repente, o pensamento: “Será que esta viagem não nos levará às profundezas?!” Espantosamente, nunca me passou pela ideia até agora qualquer pensamento preocupante; sempre me pareceu que, ao lado de meu marido, nada de mal pudesse me acontecer. Eu sei até que em uma viagem semelhante, há algum tempo, dormi profundamente porque o corpo, muito cansado, não queria mais trabalhar; depois, que a luta mais difícil contra o tempo havia ficado para trás”.

Você ainda pode me salvar?

“Porém, sobre aquela outra viagem, que também não deixou de ser interessante, só vou contar mais tarde. Por ora, eu quero dizer que o pânico tomou conta de mim e minha fé no poder do meu marido ficou diminuída. Sempre eu havia visto que nossos colegas e parceiros que já estavam acostumados a este tipo de viagem marítima desde criança, em todas as situações difíceis, confiavam e seguiam os conselhos de Arthur. Eu também não ficava muito abalada quando eles, em situação de grande angústia, suplicavam por todos os santos para a sua salvação e pediam para mim que indicasse algum santo, que eles, talvez, pudessem ter esquecido, para também chamá-lo! Mas, certa vez, como eu já disse, a minha coragem me deixou e eu não conseguia me acalmar, mas me inclinei até o ouvido de Arthur para perguntar: ‘Diga-me, se nós, agora, viramos, você poderá me salvar?’”

“E o que os senhores acham que ele me respondeu?”, somente uma única palavrinha bem lacônica e dita em um tom ríspido: “‘Não!’ Sem mais uma sílaba. E não falou mais palavra alguma durante uma hora. ‘Bem, querido, e isso não foi o mais sensato a fazer?’, Arthur interveio, sorrindo com vontade! Para que teria sido útil dar falsas esperanças?”

Uma outra viagem

“A margem se encontrava, ainda, a meia hora do local em que estávamos; e como eu poderia alcançar você em uma noite escura e tempestuosa? A isso, devemos acrescentar a arrebentação nas pedras da costa! Impossível! Eu não gosto de imaginar perigos em um momento como aquele. Fazemos o que é necessário e desligamos qualquer cismas que, naquela hora, só poderiam paralisar as minhas forças, portanto, a pergunta me pareceu supérflua e, talvez, a minha resposta tenha sido áspera. Uma mulher de colono precisa poder ouvir e aguentar sempre a verdade. Eu também posso conferir a você o diploma que você se mostrou calma e prudente. Graças a esta circunstância, pudemos preservar nossa vida e nossos pertences.”

“Mas a senhora ainda nos queria contar daquela outra viagem”, dirigiu-se Herbert a Martha. “Por favor, já que a senhora está no embalo, deixe-nos ouvir, ainda, mais uma história.”

“E por que vocês não usaram alguma oportunidade de viajar do Rio para cá de navio?”

Martha respondeu: “Por que estávamos com grande pressa para chegar até aqui, onde meu marido já estava sendo aguardado com impaciência e não quis ficar no Rio de Janeiro até que um navio dessa região, que só viaja a cada quatro semanas para lá para trazer algumas reservas de feijão e milho, pudesse nos levar junto na volta”.

“Compramos, então, uma passagem em um navio que iria partir logo, mas, que nos deixaria na metade do caminho do Rio para cá, uma vez que seu destino era outro. A viagem por mar, apesar da chuva constante, não apresentou maiores problemas, apesar de que, para mim, devido a enjoos terríveis, ela foi muito desagradável.”

Patachos, samacas e camarotes

“Provavelmente, os senhores conhecem, bem o suficiente, aquelas pequenas embarcações costeiras chamadas de patachos e sumacas, para entender quão pouco conforto elas oferecem ao viajante. As ondas do mar costumam, no real sentido da palavra, passear sobre o convés, das quais só se pode escapar nos camarotes, pequenas cabanas parecidas com gaiolas que foram colocadas em volta. Quando se fecham as portas, o calor dentro daqueles ambientes escuros e apertados é sufocante, quando se abre, sol e chuva batem constantemente no nosso rosto. Acrescenta-se o cheiro que costuma infestar aqueles navios mercantes, em parte, é causado pelo constante bombeamento da água na quilha, e, em parte, pelo carregamento de bacalhau (como foi o nosso caso, naquela vez), óleo de rícino, peles e outros produtos semelhantes. Bem mais desagradáveis do que tudo isso me pareceram as horrorosas baratas, que, provavelmente, foram chamadas assim, porque, até de graça, elas ainda são caras demais.”

“O que é isso”, perguntou Herbert. “Será que os senhores ainda não cruzaram o caminho desses simpáticos animaizinhos”, perguntou Arthur.

“Certamente, elas não poderão ser encontradas em um navio europeu que visita as regiões hibernais, uma vez que elas não aguentam o frio. Na Alemanha, elas são as *Schaben* ou *Schwaben* dos países tropicais, insetos feios, amassados, mau cheirosos, do tamanho de um besouro ou maior. Existem as marrom-avermelhadas, as preto-amarronzadas, as esbranquiçadas e as cinzas, com ou sem asas, que todas, como dizem os franceses, representam o mesmo indivíduo, dependendo de quando elas trocaram a roupa de acordo com a idade e sexo. Na infância, elas são claras, quase vermelhas, e, ainda, muito inseguras e descuidadas.”

As baratas

“Mais tarde, quase adultas, elas se mostram muito abusadas, agitadas e imprudentes, com couraças de marrom brilhante, firme e fortes na sua apresentação. Quando mais velhas, podemos vê-las, ainda corajosas, ponderadas, mas já titubeantes e ariscas, elas não procuram mais resistir ao perigo, mas tentam evitá-lo; quando sua roupa assume o preto-amarronzado fosco dos trajes dos monges. Elas, então, têm barrigas mais proeminentes, porém, a sua configuração é mais próxima ao chão, de forma que as pernas nos parecem mais curtas do que as outras. Agora, elas se juntam para roubar, enquanto que, na juventude, até brigam entre si, pois confiam mais na própria força.

Finalmente, nós a vemos na idade de anciãs, quando elas, totalmente achatadas, muito largas e de cor cinza, arrastam-se pelo chão ou voam. Parece que a sua falta de jeito ao andar torna, agora, o uso das asas mais necessário do que em épocas anteriores; embora, elas teriam a mesma capacidade de voar, o que não é necessário por já serem muito ágeis permitindo que escapem de qualquer perseguidor.

Agora, a voracidade permanece a mesma em todos os períodos de sua vida. E a sua capacidade de destruição é admirável. Roupas, livros, objetos de couro, e qualquer tipo de alimento são roídos e devorados, sendo que temos de nos valer dos meios mais eficientes se quisermos nos proteger desses ataques.

Potes de metal são, praticamente, os únicos que podem ser usados com sucesso, pois mesmo se colocamos as pernas de uma mesa em recipientes de óleo para evitar que elas subam, elas se rastejam pela parede, para depois se jogarem do teto sobre os utensílios em cima da mesa que querem alcançar.

Em alguns lugares, elas se concentram em grandes quantidades, principalmente naqueles onde encontram restos de açúcar. Mas elas têm apenas um inimigo: a pequena formiga preta, que aqui é chamada de correção, porque ela costuma devorar insetos perniciosos e, portanto, ‘corrige’ os males naturais, em favor do ser humano.”

Não há pousadas

“Eu acredito que já tive contato com essas criaturinhas úteis”, falou Walter. “Ao menos eu vi, não sem espanto, quando nós moramos naquela casa que os senhores gentilmente nos cederam na cidade, uma verdadeira legião de insetos muito pequenos pretos correrem pelas paredes para lá e para cá. Eles pareciam grãos de areia escuros, recobriam as portas, os bancos, praticamente tudo o que estava à sua frente!”

“Não poderia se tratar de muitas”, riu Martha. “Eu já queria ter perguntado se vocês gostaram da nossa ‘pousada’ na cidade, apesar de que a pobreza do mobiliário não justifica pergunta alguma.”

Herbert respondeu jocosamente: “Também eu não quero negar que, de início, nós ficamos admirados que nos foi colocada à disposição uma construção praticamente vazia. Muito próxima à praia, na entrada, havia um único cômodo, com três portas, sem janela. Estava mobiliada somente com bancos de madeira, fincados no chão, em volta das paredes. E, de resto, estava completamente vazia.

No cômodo de trás, uma solitária panela, com um cabo de madeira, pendurada sobre um braseiro de pedras brutas; é claro que achamos estranho! O simpático camarada, no entanto, que vocês tinham colocado à nossa disposição, soube como preparar um bom leito para nós e nos servir uma refeição razoável. O silêncio aconchegante e a vista maravilhosa sobre a margem da baía, do outro lado, o murmurar das ondas e o conforto de podermos, logo cedo, tomarmos um banho refrescante ficarão sempre na minha memória como uma lembrança agradável!”

“Como não existem pousadas nas cidades menores do Brasil”, disse Érico, “é preciso que, nos casos em que permaneçamos por mais tempo no local, já alugemos uma casa inteira”.

O capitão do Patacho

“E devemos confessar que essas moradias simples, de longe, dão uma impressão muito agradável”, retrucou Walter. “Porém, você ainda queria nos contar da sua primeira viagem para cá”, acrescentou, dirigindo-se a Martha. “Você acabou de falar daqueles animais feios”.

“Das baratas”, ela interveio. “À noite, elas sempre corriam sobre o meu rosto, quando nós fizemos aquela viagem com o Patacho Valente Americano; que, apesar de alguns erros cometidos pelo nosso capitão, teve um desfecho feliz. Entretanto, no decorrer dela, ainda aconteceu alguma coisa engraçada, e que eu preciso contar. Meu senhor esposo, que vocês elogiaram, certamente, com justiça, é, apesar de suas grandes vantagens e merecimentos, turrão feito uma criança. Nosso capitão, na época, um astuto descendente de indígenas, enganava-se, propositalmente, nos cálculos, e também acreditou poder tirar vantagem de nós sem ser punido!”

“Na nossa partida do Rio de Janeiro, ele havia prometido nos servir uma galinha na hora do almoço, assada ou cozida, e, agora, que já estávamos no meio do caminho, inventou uma porção de pretextos para nos servir refeições bem inferiores. Durante alguns dias, nós não reclamamos, porque eu estava muito enjoada e não conseguia engolir. E porque Arthur não se importava em comer feijão com carne seca em vez de galinha.”

“Depois, porém, quando eu quis, novamente, comer um pouco e não iria conseguir digerir aquele alimento pesado, meu marido exigiu, seriamente, que fosse preparado o prato prometido de início, mas, sempre havia desculpas! Diariamente, era servido um almoço, mas nunca galinha, até que meu marido ficou furioso e se colocou como um ditador, chamando toda a tripulação do navio e apresentando todo o caso para que tomasse uma decisão.”

O direito deve prevalecer

“Aqueles sujeitos mestiços, que sabiam muito bem que o direito estava do nosso lado, asseguraram ao seu líder que não iriam mais obedecer, mas que iriam seguir a vontade do estrangeiro em tudo o que pedissem, se ele não mostrasse boa vontade. Isso ajudou e eu recebi, diariamente, a minha sopa, que era muito necessária para a minha recuperação. É aqui que começou a verdadeira diversão! Por ventos desfavoráveis, nós ultrapassamos o ponto final da nossa viagem, de maneira que tivemos de jogar âncoras em um lugar que se localizava mais ao Sul. Mas oferecia a nós, meu marido e a mim, um local de desembarque mais propício, uma vez que o trajeto de nossa viagem, com isso, seria diminuído.”

“O capitão nos fez a proposta de deixar-nos em terra firme, o que para nós era muito vantajoso; o meu Arthur, porém, que só pensava nas galinhas que ainda não nos haviam tido sido servidas e que pela disposição do capitão de se ver livre de nós, contava com a sua ganância, não quis ouvir falar em uma proposta dessas. Voltamos, portanto, com o navio, até o local do seu destino real e tivemos, então, a diversão de não deixar para o nosso capitão nenhuma galinha quando pisamos em terra firme.”

A narradora, aqui, foi interrompida por observações jocosas e boas risadas, por parte de seus ouvintes; e pediram que prosseguisse com a sua narrativa. O que ele fez da seguinte maneira:

“Uma vez que nós estávamos levando várias caixas e malas do Rio de Janeiro à vila portuária, que compreendia cinco ou seis casas, onde desembarcamos, havia a necessidade de conseguirmos uma carroça para transportá-las. Excepcionalmente havia, naquela região, que era constituída de uma costa muito plana, poucas mulas, porém, alguns bois, que poderiam ser usados para puxar uma carroça com rodas de madeira. Alugamos um desses meios de transporte, carregamos nossas coisas e andamos, enquanto o condutor, munido de uma longa vara, andava na frente, virando-se, de vez em quando, para incitar animais renitentes.”

Um pouso na costa

“Nós andamos desta maneira até tarde da noite, e, finalmente, encontramos uma única casa, chamada de “pouso”, isto é, um tipo de hospedaria noturna, que as pessoas, naturalmente, só procuram para terem ao menos um teto sobre a cabeça para dormir (durante o dia, dá-se preferência ao ar livre). O dono da casa, descendente das raças negra e vermelha, recebeu-nos e mostrou um lugar onde poderíamos nos instalar. Nós tínhamos esteiras de palha e cobertores, portanto, a cama estava feita.”

“Dormimos sem tirar uma peça de roupa, como se costuma fazer por aqui, mas, agora, era engraçado de ver como as mulheres que não haviam aparecido, na próxima manhã, curiosas, olhavam por detrás da porta o que estávamos fazendo. Finalmente, elas ficaram tão ousadas de chegar bem perto e pareciam prestigiar a minha humilde pessoa com muita satisfação. Uma vez que acariciaram o meu cabelo e as minhas roupas, exclamando: ‘Como é bonito este jovem senhor!’ Eu usava um terno de homem completo, o que era muito aconselhável para este tipo de aventura. É claro que para pernoite e café preto de manhã, não quiserm receber pagamento, mas, meu lenço de seda colorido, que eu ofereci para a mais nova delas, foi recebido com júbilo.”

Pão por laranjas

“Uma manhã radiante reluzia sobre as ondas, que rolavam a nossa frente até a praia. Nós caminhamos por um bom tempo, felizes, na sombra de belas árvores, que cresciam na beirada da estrada natural de areia branca. Arthur levava pelas rédeas o seu cavalo, que, há semanas, ele tinha deixado no pouso. Enquanto eu carregava tanto os seus quanto os meus sapatos na mão, já que o solo úmido era um alívio para os nossos pés em brasa. O carro de boi rangia atrás de nós. O sol, porém, subia no céu e banhava tudo em brasa escaldante, de maneira que eu logo me senti muito cansada. O cavalo também se mostrou impaciente e, assim, eu entrei na carroça, rapidamente, procurando um assento embaixo das bagagens, que era tão precário que eu tinha de puxar os joelhos até a boca ou deixar os pés pendurados para fora.”

“Arthur, agora, montou o seu cavalo e continuamos, lentamente, o nosso caminho. O calor aumentou, já que o céu nublado não permitia nenhuma brisa e a irradiação do solo causava um calor ainda maior, uma vez que não era dissipada pelo vento. Eu já me senti morta de sede. Como é estranho que a vista do mar só nos deixa mais conscientes da falta de água potável.”

“Arthur já havia cavalgado adiante por um bom trecho, provavelmente, para achar em algum lugar alguma coisa que matasse a sua sede. Porém, não havia sinal de um riacho e, portanto, de seres humanos. Nisso, eu vi um menino moreno completamente nu, saindo de uma trilha lateral da floresta, carregando duas belas laranjas nas mãos. Eu lhe fiz um sinal, pensando no que eu poderia lhe oferecer em troca deste tesouro. Do fundo do bolso, eu tirei um pãozinho branco, duro como uma pedra, que eu havia comprado no Rio de Janeiro, e há duas semanas estava repousando comigo. E, rapidamente, a troca foi feita! Depois que eu saboreei uma das frutas, eu não podia esperar o momento de alegrar o meu marido com a outra.”

A família do pescador

“Finalmente, encontramos Arthur. E, também, uma cabana de pescador, portanto, abrigo contra a tempestade que estava se formando. Feliz, eu deixei aquela desconfortável carruagem e corri para colocar aquela dádiva aos pés do amado. Porém, como é que me senti quando olhei para o seu rosto enraivecido! Pois eu já havia me gabado de minha astúcia, quando ele respondeu, reprimendo: ‘A sua imprudência vai nos custar caro!’”

“Mas o que você fez de tão grave?”, perguntou Herbert.

“Ouçam só!”, continuou Martha, enquanto Arthur ria: “Naquela época, isso não foi nada engraçado! Na cabana de pescador, encontramos água suficiente para saciar a nossa sede (havia uma pequena nascente no local), mas não encontramos nada para saciar a nossa fome. Uma mulher muito magra, com três crianças famintas, estava sentada no chão, esperando a volta do marido, que fora pescar. Desde o dia anterior, elas já estavam sem alimento, com exceção de algumas conchas que haviam procurado e nos ofereceram de bom grado. Arthur comeu. Para mim, no entanto, foi impossível. Eu preferi engolir um pouco de farinha de milho seca, que eu, normalmente não aprecio, que nosso condutor havia cedido da sua pequena reserva”.

“A chuva começou a cair torrencialmente do céu e os raios relampejavam a nossa frente, fosse no solo ou no mar bravio. A pobre mulher não podia nos oferecer lugar algum onde não poderíamos esticar as nossas pernas, uma vez que as águas abriram um caminho no meio da cabana, onde não havia nem pedra nem outro bloco sobre os quais pudéssemos permanecer. De cócoras e apática, em um canto, ela só se levantava, de vez em quando, assustada com um trovão, e levantando a cabeça, exclamava: “Jesus, Maria! Proteja o meu marido!”

Perigos do carro de boi

“Ela me causou pena e, apesar de minha fome, eu não conseguia parar de pensar sobre a triste situação dessas pessoas. Uma camisa rústica, rasgada, de algodão, era toda a sua vestimenta; e mesmo isso me pareceu algo admirável em todas aquelas circunstâncias. Em vão, tentamos fazer com que ela falasse; e, assim a deixamos, depois que, com o pôr-do-sol, a tempestade diminuiu. A fome nos fez seguir adiante.”

“Eu havia entrado, novamente, na minha carroça e, Arthur, montado no seu cavalo, a cem passos na nossa frente. Repentinamente, caímos em uma valeta que o homem dos bois não havia visto na escuridão ou que pensou que fosse irrelevante. Os animais não puderam ser convencidos a puxar a carroça para fora da valeta.”

“Eu gritei o mais alto que pude, porém, o meu marido estava muito longe, separado de nós por um rochedo, e não podia nos ouvir! Agora, o condutor queria, de toda maneira, descarregar nossas caixas e malas para puxar a carroça do buraco. Eu, no entanto, protestei. E consegui convencê-lo de esperar a volta de Arthur. Então, eu subi em cima da bagagem, no topo, e arrisquei um salto, um verdadeiro salto mortal, alcançando, com sorte, a beirada da vala. Então, corri o mais alto que pude na direção em que eu esperava encontrar Arthur.”

“Desta forma, quase sem ar, virando uma esquina da floresta, eu encontrei dois homens escuros, de olhar aterrador e eu parei, assustada; porém, só por um segundo; porque logo me lembrei e que também sou um homem ou, ao menos, parecia-me com um, dirigi-me a eles em um tom muito grave e perguntei se eles não encontraram um cavalheiro. Eles confirmaram e me deixaram passar. Eu não olhei para trás e não andei mais depressa para não demonstrar medo. Meu coração, porém, parecia querer explodir; até que eu acreditei que eles estavam a uma distância segura e comeci, novamente, a correr.”

Bela noite nos trópicos

“Agora, encontrei com um cavalheiro e, logo, percebi que não se tratava de um estranho; mas de Arthur, que não ouvira mais o ranger do carro de boi e voltara. Desta vez, eu fui muito elogiada; pois, a retirada da nossa bagagem poderia ser muito arriscada, já que temíamos que a carga fosse se perder ou estragar. Antes mesmo que alcançássemos o local do infortúnio, encontramos com o nosso homem, juntamente, com o carro de bois bem conservado; aqueles dois sujeitos, que me infligiram um susto tão grande, ajudaram, gentilmente, o nosso guia a colocar o carro novamente em movimento.”

“Agora, a trilha entra, em curvas, para dentro da floresta. E nos encontramos uma canoa amarrada. Arthur, aqui, já é conhecido, então, nós deixamos os bois e o cavalo para fazer um desvio mais longo, enquanto nós, na noite silenciosa, remamos rio acima. As estrelas brilham e as copas das árvores sussurram mansamente! Nós, sozinhos, um ao lado do outro, somente sentimos os ventos tépidos e os odores suaves, toda a magia de uma noite de verão morna e úmida! Felizmente, também, encontramos, depois de algum tempo, a casinha onde podemos descansar e matar a nossa fome, que, agora, após um curto esquecimento, manifestase com vigo dobrado. Oferecem-nos café preto em açúcar, além de um mingau de mandioca, que eu degusto com prazer!”

“Eu não preciso dizer que dormimos profundamente no couro de boi duro, pois, de tanto cansaço, preferimos deixar os nossos cobertores no carro de boi. Logo de manhãzinha, recebemos, novamente, café e farinha. E seguimos nossa viagem. Enquanto, eu deixei a minha echarpe de seda como recompensa pela hospitalidade de um mulato que vivia sozinho por ali. Deixamos também, aqui, até melhores tempos, o cavalo que não queria continuar.”

Uma balsa brasileira

“Também, hoje, nós não encontramos por muitas horas, algum rastro humano. E muito menos algo para comer. A farinha de mandioca que levamos teria de satisfazer o nosso estômago, que roncava. O dia transcorreu sem tempestade, uma vez que a temporada de chuva, propriamente dita, ainda não tinha iniciado. À noite, chegamos a um braço de mar que parecia querer bloquear o nosso caminho, uma vez que, em toda a região, não se podia encontrar um meio de transporte e muito menos um barqueiro para nos levar à margem oposta.”

“Parece que, pela primeira vez, os bois não pararam diante da montanha, mas diante do mar. O que ainda era pior, pois, nós olhávamos, desnorteados, para as ondas agitadas, tão atônitos quanto eles. O que fazer? Nosso guia sabia que do outro lado da água, morava uma pessoa que tinha uma canoa, que ele costumava alugar por dinheiro e boas palavras.”

Arthur não pensou muito, tirou suas roupas e nadou para o outro lado para buscar ajuda, enquanto o nosso homem dos bois descarregava o carro.

“Não foi nada agradável”, ele comentou, “depois de um dia tão exaustivo, ainda ter de praticar natação!”

“E, pensem bem que com o medo que se tem dos bugres que dominam esta região, um ser humano nu facilmente pode ser reconhecido e recebido com tiros de espingarda! Eu, portanto, apressei-me a gritar, logo depois que alcancei a terra firme: “Não temam, ó, boa gente. Eu não sou um índio. Eu sou um cristão como vocês! O proprietário da casinha que eu logo havia avistado se aproximou, tranquilamente, emprestou-me seu poncho, no que preparamos a canoa e, rapidamente, iniciamos a travessia.”

Vigília solitária na praia

“Então, a carroça foi desmontada e levada até a outra margem, enquanto que o guia com os seus animais permanecia do lado de cá; e, novamente, fiz, com o barqueiro, a mesma viagem, e, depois, com o auxílio dele, levamos os bois, um de cada lado do barco, até o outro lado, uma tarefa muito difícil, devido à rebeldia dos animais.”

“Enquanto isto, eu precisei ficar de guarda das nossas caixas e malas, sozinha, deste lado”, disse Martha, “e a cena na qual eu agora terei o papel principal, por toda a vida, ficou muito presente na minha memória. Depois que eu acompanhei a canoa com os olhos, levando a sua tripulação humana e animal, longe o bastante e sumindo, ao final, como um ponto final, da minha vista, eu comecei a olhar com atenção à minha volta. A margem sobre a qual eu me encontrava só tinha 50 passos de largura e era coberta de areia branca, sobre a qual, em tempos de maré alta, o mar deixava as marcas em uma pequena elevação de miseráveis arbustos. Não muito longe, reconhecia-se os contornos de uma cadeia de montanhas, cujas ramificações, muitas vezes, chegavam até a praia. Depois do calor do dia, o ar tornara-se bastante fresco e a lua jogava uma luz pálida, através de véus de nuvens tremulando ao vento; enquanto que árvores retorcidas desenhavam sombras fantásticas naquele chão claro.”

“Para me livrar daqueles calafrios que me sacudiam e para poder apreciar sem ser incomodada o espetáculo que o céu nublado oferecia e que mudava constantemente, eu encostei duas das nossas caixas, uma na outra, e me deitei em cima delas. Um bom tempo deve ter passado, quando eu fui impelida a virar a cabeça para o lado, por algo que não sabia o que era; e imaginem vocês o susto que levei, quando vi três sujeitos que não usavam nada além de uma tanga de palha trançada, portanto, com toda a sua naturalidade rudimentar, estavam diante de mim como verdadeiros bugres!”

O feitiço

“De onde será que eles vieram? Tanto faz. Eles estavam parados na minha frente, como se estivessem brotados do chão; porque, na realidade, eles não moveram membro algum quando eu os vi. Meu primeiro pensamento foi, naturalmente, que eu não deveria tentar luta alguma contra três homens e, portanto, teria de vencer por astúcia. Eu levava a minha pequena pistola carregada comigo; mas, eu só poderia acertar um deles e seria duvidoso se, com isso, a raiva dos outros iria recair ainda mais sobre mim. Demonstrar medo deveria aumentar o meu perigo em muito! Enquanto eles ainda estavam de pé, ao que parece curiosos e surpresos com a minha presença inesperada, eu me lembrei que eles talvez entendessem algumas palavras em português. Sua vestimenta, por menor que fosse, aumentava a minha suspeita, porque somente pelo contato com pessoas de língua portuguesa, poderiam ter se acostumado a não aparecerem completamente nus.”

“Os selvagens vermelhos estavam completamente desarmados e não havia pedras nas proximidades que poderiam ter atirado em mim. Eu juntei, então, toda a minha coragem, levantando-me e aproximando-me deles, dizendo: ‘Amigos, eu peço que vocês não se aproximem de mim se tiverem amor por sua vida. Eu vim aqui para fazer um feitiço que trará muitos benefícios a esta terra se ele for concluído sem interrupções.’”

“Por curiosidade ou por medo da minha pistola, que eu segurava na mão sem ameaçá-los; eles pareceram querer atender ao meu pedido. Repetindo, claramente, a palavra ‘amigos’, como confirmação, eles levantaram a mão direita, para deixá-las caírem lentamente e permaneceram imóveis.”

O vulcão artificial

“Apressei-me para aproveitar a minha vantagem para com a vareta de minha pequena arma desenhar um risco na areia e fazer entender aos selvagens por sinais e palavras que seria muito perigoso para eles ultrapassarem o círculo no qual eu e as minhas coisas estávamos. Não foi difícil para mim reforçar o que eu havia dito. Para manter a sua atenção e ganhar tempo, eu peguei um pouco de pólvora do meu polvorinho, umedei o mesmo e amassei com um pouco de areia, formando pequenos montes, que eu acendi, de maneira que eles pareciam pequenos vulcões em erupção; uma experiência que eu, quando criança, vi os meus irmãos praticarem muitas vezes.”

“Parecia que o interesse dos índios era grande, apesar de não demonstrarem e permanecerem na sua habitual seriedade diante daquele espetáculo inesperado. Na falta de uma melhor explicação, eu comeci tudo de novo, quebrando a minha cabeça em vão de maneira que eu poderia introduzir uma variação, e eu já queria sacrificar o meu colar de âmbar, muito querido, pensando que eles pudessem acreditar que fosse uma obra da minha feitiçaria, quando a tão esperada canoa apareceu no mar, aportando na nossa frente.”

“Eu já havia visto de longe esta fogueira vulcânica”, disse Arthur, rindo, “e não sem admiração, cuja presença dos senhores pelas vermelhas eu não tinha percebido. Remando, às pressas, consegui perceber o motivo da mostra dos grandes talentos da minha esposa, e não pude me conter em soltar alguns tiros sobre a costa, que ressoaram nas montanhas próximas, produzindo um ruído significativo. Nossos amigos selvagens esqueceram, de susto, a sua elegante inércia e fugiram para o mato. Mas, imediatamente, arrependeram-se desta covardia, voltaram, pararam e acompanharam o nosso desembarque; retirando-se, então, lentamente, para trás, até mata.”

O retorno dos bugres

“Martha, ainda não recuperada do medo e muito cansada, ficou feliz de se ver livre do posto de guarda e poder embarcar conosco.”

“Certamente!”, ela continuou. “Por que eu devo negar que fiquei com medo? Ser arrastada por esses sujeitos seria bem menos desejável do que perder a vida em uma luta com eles. Se eles imaginassem que eu era uma mulher, minha sorte seria inevitavelmente terrível!”

“Agradáveis, essas expectativas, certamente, não seriam”, observou Walter. “Eu me admiro que a sua saúde conseguiu resistir a todas essas adversidades.”

“Porém, esta não foi a pior noite que passei de modo semelhante”, respondeu Martha; “mas isso fica para uma outra vez! Deixe-me contar, agora, que descansamos por algumas horas na casa do pescador e, razoavelmente refeitos, continuamos a viagem com o carro de boi”.

“À tarde, quando já ameaçava uma nova tempestade, chegamos a outra cabana de pescador e, aqui, despedimo-nos do nosso acompanhante com sua carroça. O piloto era um experiente e destemido lobo do mar, que morava aí e possuía uma canoa muito grande, com a qual nós pudemos, com toda a nossa bagagem, imediatamente, zarpar, pois aumentava cada vez mais a nossa impaciência para chegar ao lugar do nosso destino.”

A cobra do mar

“O céu se recobriu de um cinza enegrecido e o sol desapareceu, muito antes do pôr-do-sol, como se a noite já tivesse começado. Chuvas torrenciais, relampejos e trovões ainda muito distantes intercalavam-se em uma umidade semelhante à poeira. Enquanto que o vento estava muito fraco para que nós pudéssemos nos aproveitar dele e, constantemente mudava. Eu, portanto, não tinha nenhum trabalho na vela e nós remávamos, devagar, através da baía, com a maré enchendo, que nos carregava terra adentro. Minha cabeça doía e, involuntariamente, eu caí para frente e adormeci, deixando para os homens a preocupação com a condução do nosso barco. De repente, eu acordei assustada por um barulho, como me parecia, desconhecido, ao meu lado. Eu me levantei por cima da beirada do barco e vi uma enorme cobra que, abrindo as mandíbulas, assustadoramente, parecia querer pular em mim. Muda de susto, eu não consegui fazer ruído algum, somente tentei alertar o piloto com a pressão da minha mão. Como uma flecha, mudamos o rumo, e o animal, da grossura de um barco, levantou-se e mergulhou de volta no mar, sem nos acertar.”

“Isso foi uma cobra do mar?”, perguntou Herbert. “Já se ouviram histórias admiráveis sobre monstros deste tipo!”

“E todas, no entanto, só cabem no reino das fábulas ou pertencem ao reino da fantasia”, disse Arthur. “Tratava-se, realmente, de uma cobra d’água, mas que se movimenta bem tanto na terra quanto na água e está sempre à procura de uma presa. Porém, somente a descrição do seu tamanho já é prova suficiente, para mim, que ela não tem nada em comum com aquele ser fabuloso.”

Despertar curioso

“O que você pensa, então, daquelas cobras?”, perguntou Walter.

Arthur respondeu, sorrindo: “Na realidade, nada! Acredito que, a ânsia de querer ver algo de excepcional deu vazão a muitos enganos, como, por exemplo, um cardume grande de pequenos peixinhos que se movem muito próximos um ao outro, pode dar margem à fábula de um enorme réptil”.

“Bem, a cobra nos deixou ilesos”, disse Martha, “como fizeram os selvagens. Nós nem teríamos percebido, pois a noite ainda estava muito escura, se não fossem por algumas canoas nas proximidades, procurando camarões, e pelos seus lampiões a bordo, que iluminavam a área. Eu não posso nem dizer como esta visão me acalmou! A chuva estava leve, mas contínua e as estrelas começaram a despontar através do véu úmido. Quando a baía se estreitou, árvores e grupos de rochas podiam ser distinguidos na costa, e eu já me sentia mais aconchegada na proximidade de alguns pescadores estranhos e marrons, que, silenciosos, passavam por mim! Fazia um calor extraordinário e eu voltei a dormir, mais profundamente do que antes. Eu sabia que Arthur estava atento.”

“Porém, finalmente, ouvi uma voz no meu ouvido, que me parecia desconhecida. Estavam falando português comigo, com muita educação, mas, também, com muita insistência. Eu acordei e vi diante de mim um rosto escuro, barbado e desconhecido, que não me assustou, mas me deixou admirada. Há poucos momentos, eu havia sonhado muito nitidamente com a minha pátria longínqua e meus queridos na Europa e havia me visto no meio deles. E, então, não sabia como uma coisa combinava com a outra! Eu esfreguei os meus olhos e acreditei estar, agora, no meio de um sonho. O céu, porém, havia clareado, e as estrelas brilhavam amistosas. Quando me dou conta de que estou na canoa; porém, sem bagagem e marido.”

Em terra firme

“Ah”, disse Arthur, sorrindo, “primeiro você sentiu falta das caixas, e só depois do marido”.

Sua mulher também riu e disse: “O dever em primeiro lugar! Você havia deixado as coisas sob a minha guarda, mas não a você mesmo!”

“Esse motivo é válido”, ele gracejou, “e pode converter a mais sereníssima soberba”, como diz o poeta.”

“Por favor, siga em frente!”, impeliu Herbert.

“Sim, mas, agora, a longa história está chegando ao fim”, disse Martha. “Aquele homem moreno tornou a me perguntar, gentilmente: ‘O jovem senhor quer deixar o navio agora?’ Eu me levantei, porque ainda não havia compreendido o que ia acontecer comigo por mais simples que fosse. Como não ofereci resistência, o desconhecido me levou com firmeza para uma pequena canoa que estava preparada para me servir. Ele remou durante algum tempo e depois pulou da canoa, porque nos encontrávamos em um verdadeiro pântano de lama, e me empurrou com mãos fortes até a terra firme.”

“Finalmente, ele me pegou nos braços, sem cerimônia, e me levou até um pequeno morro que tinha uma superfície firme. E foi aqui que eu encontrei o meu marido infiel que, na maior paciência, estava esperando o meu desembarque. Um simpático cachorro, nosso ‘Primeiro’, que aqui estava para visitar amigos, pulou em minha direção para me cumprimentar! Pessoas vieram, da casinha próxima, para nos acompanhar. E eu estava muito feliz, principalmente, quando o meu olhar, após entrar pela porta, caiu sobre um cacho de bananas e eu pude me saciar com toda vontade. Acredito que nunca alguma coisa me foi tão saborosa! Prepararam-me um leito bastante confortável, com folhas de milho e esteiras de palha, e eu só acordei, com novas forças e refeitas, quando o sol já havia se levantado.”

O pobre dono de terras

“Nós tomamos o desjejum, sentados em blocos de madeira: café preto, carne seca, feijão e farinha de mandioca, além de algumas excelentes laranjas. Foi um manjar dos deuses! Pois, o mundo se apresentava maravilhoso aos nossos pés! Não conseguimos nos saciar com o silencioso encanto da paisagem, que estava aqui, esparramada a nossa frente! Em primeiro plano, a baía resplandecente na qual algumas belas ilhas com lindos jardins floridos pareciam nadar, emoldurada por rochas de formas bizarras; enquanto, dos dois lados, majestosas montanhas formam cenários com maravilhosas perspectivas, que, próximas de nós, inclinam-se sobre pomares e florestas de palmeiras. Um pequeno riacho de águas claras jorra aos nossos pés e, mais para frente, precipitando-se como um verdadeiro alívio para homens e animais. E, ao mesmo tempo, confere àquela região uma beleza sem par, mais ainda porque, em uma das árvores, um passarinho está cantando.”

“Porém, o proprietário dessas terras e da casinha, que pode considerar sua uma área de várias milhas quadradas (portanto, praticamente, um pequeno principado em extensão), é um homem pobre. Uma vez que não sabe o que fazer com a sua propriedade. Ele e seus filhos plantam um pouco de milho, feijão, mandioca e café para uso próprio. Agora, eles também praticam um pouco de pesca e conseguem ganhar, com isso, o suficiente para as suas roupas simples e para a compra de carne seca. Uma canoa é rapidamente construída, ou melhor, entalhada em um tronco de árvore de boa qualidade, quando eles acharem necessário. Mas eles não se sentem na obrigação de fabricar os artigos para a casa. A cem passos desta morada, já começa a floresta, totalmente impenetrável e, quem sabe, quando esse local paradisíaco será cultivado de maneira mais produtiva?”

Compra de terras

“Por que ele não vende uma parte da sua propriedade?”, perguntou Herbert.

“Com certeza, ele teria alguma vantagem com isso.”

“Quem deveria comprar?”, disse Érico.

“As pessoas, nesta região, não possuem dinheiro, e eu quero dizer: ‘nunca dinheiro vivo’, uma vez que vivem do que plantam e uma venda dessas por aqui seria muito difícil. A procura por terras é praticamente inexistente, porque, na prática, ninguém poderia pagar, em sã consciência, um preço tão alto como seria pedido.”

“Por que isso?”, perguntou Walter. “Porque as pessoas ainda não possuem medida para comparação. E se alguém quisesse comprar as suas terras, pensaria que haveria algum motivo secreto que valorizasse tanto a sua propriedade.”

“Além disso, em uma distância tão grande até a cidade portuária, e com o comércio tão pequeno dela com o Rio de Janeiro, não adviria bênção alguma na compra de um desses terrenos, por mais lindos que eles fossem.”

“De que maneira, então, este homem chegou à propriedade destas terras”, provocou, Herbert.

“É isto que eu pergunto para o senhor Amaral todas as manhãs”, respondeu Martha. E ele explicou: “ele havia herdado essas terras de seu pai e não saberia dizer há quanto tempo aquele teria chegado, há muitos anos, naquele local. Ele havia casado com uma mulher da vizinhança e se instalado aqui sem mais nem menos.”

Como as terras podem ser valorizadas

“Claro!”, riu Érico. “Quem iria querer tirá-las dele se ser humano algum poderia ser encontrado naquelas redondezas?! Ele as tirou dos antigos habitantes selvagens; e, assim, transformou-se na propriedade de seu neto. E mesmo assim, não parece provável que ficarão no poder dessa família. Um acidente ou uma doença pode levá-los. A cabana se deteriora. E, talvez, somente depois de muito anos, um novo colono surgirá, que também se apropriará dela sem pagamento. É possível que o governo, então, tome-a para si para ser doada. Isso depende das circunstâncias, que, por ora, ainda são desconhecidas.”

“A nossa colônia deve, como eu espero”, Arthur interpelou, “deverá conferir, em pouco tempo, a toda esta região, um valor mais alto, pois, se uma só pessoa quisesse comprar um terreno, teria muitas dificuldades, devido às condições precárias de negociação. Por outro lado, um grupo poderá transformá-lo a seu favor. E é o que eles precisam fazer”.

“Se nós levarmos os nossos produtos para a cidade, em grande quantidade, devem aparecer pessoas que realizarão o comércio com o Rio de Janeiro.”

Érico sorriu, incrédulo, mas não disse nada para não começar uma discussão. Em vez disso, ele encorajou Martha a terminar a sua história.

Esta, então, retomou a palavra: “Bem, apesar de tudo, trata-se de um local apazível. A frente da casinha do velho Amaral é um lugar tão encantador que, na Europa, alguém que pudesse apreciá-lo apenas uma vez pagaria com ouro! Assim, diferentes são os conceitos de valor e falta de valor!”

“Finalmente, nós nos separamos daquela vista, apesar de que eu devo confessar de ter ficado com lágrimas nos olhos por não querer sair de lá.”

A guarda de honra e a ponte

“O sol estava a pino, o que facilitou a nossa decisão de partir. Nós saímos da baía para entrar na foz do rio Cachoeira e, seguindo, lentamente, as suas curvas rio acima. Os barcos dos pescadores que nós encontramos, os pássaros que vinham ao nosso encontro, as palmeiras, que se debruçavam sobre o leito do rio (como talvez alguma tempestade as tenha vergado), o leve murmurar das folhas e o perfume de flores multicoloridas, tudo me encantava e me enchia de satisfação!”

“Desta maneira, chegamos ao nosso destino; e eu fiz a minha entrada triunfal nos respeitáveis cômodos do ‘Palácio Thionville’, diante do qual, a guarda de honra, com inúmeras bandeirinhas verdes, veio ao meu encontro, provavelmente, para apontar o caminho ou, talvez, mostrar a ponte sobre a qual eu teria de passar. Apesar de não se tratar de uma ponte elevadiça, mas, somente um único tronco de palmeira, ao qual se conferiu a honra de me carregar sobre o riacho.”

“A referida guarda de honra pisou sobre o tronco com total segurança e uma legião passou sem um único acidente, para o outro lado. Apesar de que vários soldados carregavam pesadas mochilas, que, às vezes, eram maiores do que eles próprios. Fiquei com vergonha do meu medo, por isso, eu procurei atravessar com grande pressa e agilidade para o outro lado, porém, a minha insignificância e falta de peso foram mais fortes do que toda a legião da guarda de honra. Sim, a ponte balançou e eu caí. Primeiro, a dez pés de altura pelo ar e, depois, mais três, para dentro da água. Mais tarde, eu medi isso com precisão!”

Todos os ouvintes riram e, principalmente, Arthur, que não conseguia parar de rir com a lembrança da guarda de honra, constituída de formigas. E, com o banho involuntário de sua esposa. Esta também riu e Herbert agradeceu por sua interessante narrativa. De tantas aventuras; acrescentando: “Hoje, nós também não nos saímos muito bem. Somente com grande esforço, conseguimos, apesar do forte vento Sul, encontrar a foz do rio. A tempestade que já havia causado tantos dissabores na baía, também causou danos gravíssimos na floresta e muitos troncos antigos foram derrubados, atravessando o leito do rio e bloqueando o nosso caminho. Tivemos de descarregar as nossas coisas e entrar com água até o peito para puxar a canoa para o outro lado do tronco”.

Amor filial dos macacos

“Pois, sim, eu conheço essas experiências”, disse Martha. “É isso que se pode chamar uma viagem com obstáculos!”

“Em uma dessas oportunidades”, disse Arthur, “aconteceu até que a minha espingarda de cano duplo caiu no rio. Eu mergulhei rapidamente e consegui pegá-la e trazê-la à tona. Para que ela não enferrujasse, eu tentei limpá-la e, realmente, ela disparou! Todos os meus colegas se admiraram da qualidade da espingarda que tão molhada como estava não negou o seu serviço; e, adivinha Martha, o que eu acertei com este tiro?”

“Um pássaro”, disse ela. “Não. Uma macaca! Um pobre animal do qual tive pena, em seguida. Eu não havia percebido que ela tinha um filhote consigo e pensei, no momento da euforia, em um assado de festa, pelo menos para os nossos brasileiros, que gostam de comer carne de macaco. Ferida mortalmente, a pobre senhora mico caiu do galho, no qual estava sentada. E quando nós a encontramos, ela já estava completamente morta. Foi, realmente, comovente como o pequenino, chorando copiosamente e, soluçando, pendurou-se no pescoço dela, e não havia meios de soltá-lo. Levamos, então, ambos...”

“E onde vocês colocaram esse filhote digno de pena?”, disse Martha. “Deixe-me vê-lo! Eu quero tratá-lo e acostumá-lo a mim!”

O ninho de colibris

Um dos camaradas se levantou da mesa e foi buscar o bichinho. Arthur, no entanto, continuou: “Bem próximo daqui, nós quase atolamos na lama. Somente a perda de um dos meus sapatos pôde me salvar”.

“Percebeu-se somente agora que ele, realmente, só estava calçado em um dos pés. E todos riram, quando ele afirmou, com segurança, que, de maneira alguma, ele iria encomendar dois sapatos novos na cidade, e que haveria de ser suficiente mandar fazer somente um deles (mesmo que o sapateiro não soubesse fazer outro par no mesmo estilo), já que não tinha meios para desperdiçar um calçado em boas condições.”

“Os cestos trazidos foram desempacotados e Arthur retirou um ninho muito lindo não maior do que meia casca de noz forrada delicadamente com algodão, que continha três ovinhos verdes claros do tamanho de uma avelã, e ofereceu à sua mulher, dizendo: “Aqui, você tem o seu presente de Natal. Não é maravilhoso este ninho de colibri? Veja como foi preso cuidadosamente neste galho, de forma que esta folha se inclinou para proteger os pequeninos contra a chuva e raios do sol!”

Martha admirou bastante aquele trabalho artístico dos passarinhos e agradeceu calorosamente o cuidado que ele teve de protegê-lo da destruição em uma tempestade tão violenta.

Os brasileiros, no entanto, balançaram a cabeça em dúvida e disseram: “Sempre é um erro tirar ovinhos de um ninho como este e a tempestade que os havia atingido foi um castigo justo por este ato. Sempre ocorreriam tragédias, tempestades e destruições quando alguém tivesse a coragem de destruir um ninho de colibri, porque a pobre mãe, que não consegue mais achar os seus ovinhos, ficaria gritando dia e noite para o céu”.

O filhote de mico

“Arthur e Martha ficaram comovidos com esta superstição sincera e prometeram ao eloquente advogado do colibri nunca mais causar sofrimento aos seus três protegidos, caso contrário, o meu amigo especial, aquele lindo colibri que todas as manhãs voa para dentro da janela para cumprimentar-me com os seu bater das asas poderia ficar bravo comigo e não aparecer mais”, Martha acrescentou; “e isso seria uma grande perda! Eu sempre faço questão da sua visita!”

“Enquanto isso, o filhote de mico foi trazido, causando comoção pelo seu choro. Sua nova protetora não achou que o ato de carregá-lo como uma criança nos braços estaria abaixo de sua dignidade, dedicando o mais tenro amor, e garantindo que ele iria encontrar nela um carinho próprio de mãe. Martha lhe deu água, pois já sabia que todos os macacos costumam ser acometidos de muita sede e lhe ofereceu bananas, que ele, finalmente, comeu com timidez.”

“Um novo ‘par de colonos’ saiu de outra cesta, que havia sido trazida da cidade. A saber: um lindo galo colorido e uma galinha bela e forte que, ó que milagre, apesar de todo o desconforto sofrido, havia botado um belo ovo, que ela, agora, parecia querer apresentar, para a admiração de todos, incessantes cacarejos e o arripiar das penas e das asas, junto com o seu marido, e da grande sociedade animal já presente.”

Os perigos da carne de porco

“Um dos macacos mansos havia decido da árvore e se aproximado para pedir um ou outro resto da mesa e, em pouco tempo, esse exemplo encontrou imitação geral. Assim, os papagaios, periquitos, galos e galinhas, cachorros, cabritos, patos e mesmo os pequenos porcos se aproximaram:

“Ó, meus queridos!” disse Arthur, quando ele viu os dois lindos patos. “Venham, venham. Eu quero cumprimentar vocês. E ele se abaixou para que esses bichos mansos e brilhantes pulassem nos seus braços, como eles estavam acostumados há muito tempo. Ele, agora, aprumou-se e andou com eles para lá e para cá. Enquanto eles levantaram a cabeça até o seu rosto e lá se aconchegaram.

“Isso até que nós ainda suportaríamos, vocês dirão, meus caros amigos, nessa altura. Porém, porquinhos? Não teríamos pensado que lá haveria hóspedes tão anti-estéticos!”

E de que adiantaria se nós negássemos a presença deles? Uma vez que, agora, acreditam poder exigir através de seus grunhidos marcantes uma pequena parte da ceia.

“Se nós quisermos viajar pelo Brasil, nós teremos de nos acostumar a ver animais, porque, naturalmente, vamos encontrá-los em todos os lugares e com muito mais frequência do que outros seres. Provavelmente, porque eles exigem poucos cuidados e trazem muita utilidade. Pode-se observá-los em todas as cores, porém, menores e mais magros do que na Europa. E raramente muito gordos. Por outro lado, a sua carne é consumida em grandes quantidades, o que provoca doenças perigosas; de maneira que deveríamos desejar que um segundo Moisés instituisse uma lei de moderação neste sentido. Já se provou, há muito tempo, que, nos países quentes, o consumo de gorduras animais é muito pernicioso! Por falta de uma criação de gado organizada, uma verdade como esta, no Brasil, ainda será ignorada por muito tempo.”

Um assassinato horrível

“O que vocês dirão se eu não puder deixar, por mais que me doa, de contar sobre um caso desprezível de assassinato contra um pequeno pássaro cantador, que, ouçam, foi cometido pelo seu galo predileto, o branco, para o terror de Martha. O pássaro, manso e sem culpa, cruzou o caminho do ágil devorador de insetos (como era conhecido), que o considerou como inseto, e o devorou. Isso aconteceu, apesar de Martha chamar, suplicar, correr atrás. O galo, provavelmente, não entendeu porque deveria poupar um passarinho tão apetitoso quanto os insetos e não conseguiu, por forças próprias, salvar-se.”

Martha mal conseguia segurar as lágrimas, por mais que tentasse, para não deixar afetar a boa atmosfera da festa.

“Hoje de manhã”, ela falou, comovida, “as jovens galinhas do mato, que eu havia criado com tanta dedicação, pularam sobre a minha cabeça e voaram para fora da janela, quando eu fui abrir a cesta, pois acreditava que elas nem estavam prontas para voar. E, agora, o meu pequeno cantador também foi perdido!”

“Não deixe se afetar tão profundamente! Isso é a ordem da vida!”, disse, tranquilamente, o velho François; uma pessoa ‘verdadeira’, amigo especial de Martha e o seu benfeitor.

“Quando eu ainda era carregador de água, em Paris, eu já sabia que ninguém seria capaz de almoçar duas vezes seguidas com o mesmo apetite. Por isso, nós somos todos iguais e, ao final, teremos de morrer!”

Filosofia simples

“Sim, meu bom velho”, respondeu a mulher, carinhosamente, oferecendo-lhe a mão, em sinal de entendimento. “Hoje, eu. Amanhã, vocês! E quem quer o bem não deve-se deixar desencorajar por nada. É isso que o senhor quer dizer?”

François concordou com a cabeça, gentilmente. Ele sabia muito bem que Martha já havia se familiarizado há algum tempo com o seu modo de pensar e falar. E que ela, muitas vezes, encontrava consolo e tranquilidade nas suas estranhas falas. A pequena nuvem que queria turvar a festa passou e o brilho de grande alegria voltou a reinar, principalmente quando um jovem e manso veado foi trazido e oferecido a nossa amiga por um dos brasileiros como presente.

Mas, a árvore, até agora, ainda brilhante, começou a se envolver em escuridão, na medida em que as velas se extinguíam; e todos sentiram a necessidade de descansar. Todos se desejaram uma boa noite, sacudindo as mãos com palavras de agradecimento e real boa vontade, em sinal de uma retirada geral.

Érico e Jorge acenderam cavacos embebidos em óleo de pinheiro, como tochas, pegaram as suas espingardas e acompanharam todos os homens jovens, camaradas e os recém-chegados para a segunda casa a alguns passos de distância, enquanto que os colonos já adaptados se retiraram cada um com suas famílias para o seu próprio quarto.

Vagalumes como lâmpadas noturnas

Se necessitássemos de uma lâmpada noturna, nada seria mais fácil do que pegar dois ou três vaga-lumes que haviam sido atraídos pelo fogo e pela luz às dúzias e voavam com o seu brilho para lá e para cá.

Colocados debaixo de um simples copo, poderia se passar uma noite de dez horas, lendo ou escrevendo, ou fazendo qualquer outro trabalho, sendo que, na próxima manhã, teríamos a alegria de ver os animaizinhos que prestaram um serviço tão útil voarem sem sequelas. Aparentemente, eles não parecem sofrer tanto com um confinamento tão curto, porém, morreriam no terceiro dia, se eles não fossem soltos.

Existem, no Brasil, muitas espécies diferentes de vagalumes; maiores e menores; com luz mais forte ou mais fraca. Eles carregam, às vezes, somente três, mas, muitas vezes, cinco ou sete lanterninhas azuladas na cabeça ou no corpo, sempre distribuídas regularmente.

No Sul do país, encontramos esses animaizinhos no tamanho de um besouro, porém, mais compridos e cintilando em um marrom esverdeado e, normalmente, carregam cinco pontos luminosos.

Procuramos, hoje, na nossa colônia, não fazer uso deste tipo de luz noturna, como se usava antigamente, como experiência ou porque um doente precisava de cuidados. Também não se acende fogo algum no meio de cada quarto, como era costume, para espantar os mosquitos ou, nas noites frias, produzir calor; porque o grande cansaço predominava e se achava desnecessária qualquer coisa que encurtasse o tão desejado descanso da noite.

Cada um se despiu tão rápido, no escuro, para chegar até o leito que lhe foi destinado. Porém, os homens, que ainda estavam meio molhados da viagem, se quisessem evitar doenças reumáticas, deveriam esfregar os seus membros com álcool. Depois, enrolados, bem quentes, nos seus ponchos, e, cobertos com uma manta de lã, todos dormiram, apesar da dureza do couro de boi sobre o qual estavam estirados. E eles sonharam.

Vida noturna na floresta

Até aqui, a floresta ainda estava muda e nenhum ruído interrompeu o silêncio noturno; mas a lua já havia se levantado e uma gritaria de milhares de gritos preencheu o ar. Mas nem sempre um turbilhão como este dos animais da floresta é acompanhado pela lua; apesar de que os brasileiros parecem acreditar que isso ocorra, pois dizem: os animais estão festejando a lua cheia. Muitas vezes, os dois fenômenos ocorrem ao mesmo tempo, porque, durante o período em que a mata está iluminada, é mais fácil encontrar um motivo para luta, causando mais medo e preocupação para os moradores da floresta do que nos dias mais escuros. O uivo de uma onça à procura de caça chama os sons de lamúria dos pequenos macacos. Alguns pássaros, tipo galináceos, e papagaios, emitem uma gritaria. O bicho preguiça assobia e os sapos-bois deixam ouvir as suas marteladas ensurdecedoras.

Essas noites costumam ser aproveitadas pelos brasileiros que moram pelas bordas da floresta (a classe da qual se originam os nossos camaradas), preferencialmente, para tocar cítaras e dançar fandango. Muitas vezes, eles, após o trabalho diário cansativo, deixaram os colonos alemães admirados com a persistência e a alegria que demonstravam nesses divertimentos. Com a maior seriedade, os homens se colocam em duas filas (mulheres não dançam o fandango). E, então, começam a pular com muitas contorções do corpo, que não deixam de ser belas, sempre no mesmo lugar, uma vez mais depressa, outra vez mais devagar, porém, sem girar em torno de si mesmos; enquanto mostram uma expressão muito importante nos rostos. A música que, normalmente, é acompanhada por um cantar baixo de cada um dos dançarinos é incrivelmente monótona, envolvente e melancólica, de forma que ouvida a distância combina com as peculiaridades de toda a vida nesse país.

Sonhos no novo mundo

Hoje, no entanto, os nossos brasileiros dormem e sonham!

Eles sonham ao murmurar da cachoeira e ao tumulto dos animais, que as árvores da floresta estão todas enfeitadas com lanternas, refletindo as suas luzes no ribeirão aos seus pés; que os macacos e os papagaios convocaram uma grande reunião à beira do rio, na qual queriam eleger uma onça muito forte como imperadora; eles, então, começaram a dançar um fandango diante dela, até que toda a floresta girasse em torno de si mesma e, dançando, subiram as montanhas, de onde foram lançadas luzes em direção ao céu, para se misturarem com as estrelas e aumentar imensamente o brilho do firmamento. Enquanto que as águas das montanhas, iluminadas de vermelhos, precipitavam-se para dentro do mar como rios em chamas na rebentação do mar!

Deixem eles sonharem

E eles acreditavam estar vendo diamantes reluzindo nas águas e trataram avidamente de correr atrás deles para alcançá-los e segurá-los. Os alemães, em contrapartida, sonhavam com a sua pátria e os queridos que lá ficaram. A sua saudade colocava-os na roda daqueles que lhes eram tão próximos e de cujos destinos, há meses, receberam somente informações esparsas! A cena escura que essas imaginações pintavam opôs-se a outra cena, que sorria e se defrontava, trazendo consolo. Eles sonhavam que aquele chão, que os seus pés haviam pisado com esforço e com as costas vergadas, agora, estaria maravilhosamente plantado.

Que essa região, agora, teria recebido as bênçãos da rica dádiva da cultura e teria se transformado em um jardim cheio de beleza; porém, onde receberiam seus entes queridos da pátria, há tanto tempo ausentes, e seriam capazes de introduzi-los neste mundo cheio de graça, que agora, eles seriam livres, saudáveis e felizes por poderem iniciar uma nova pátria em terra estrangeira, onde cada um, independentemente da vontade do outro, poderia chegar à bonança pelo próprio esforço; todos reunidos para o auxílio e o conselho mútuos em uma verdadeira humanidade para o uso consciente de todas as dádivas desta vida!

Deixem eles sonharem! Para que um sonho ilumine a dura realidade, mesmo nas horas de vigília!

Terceira Noite de Natal
no
Brasil
III.

Novamente, estamos no Rio de Janeiro, a bela cidade imperial brasileira. Mas, hoje, felizmente, não estamos em um colégio de meninas. E muito menos em um círculo familiar português ou brasileiro. O que só pode ser vantajoso, porque senão teríamos de desistir do nosso desejo de empreender uma excursão sem restrições pelos arredores. Se estivéssemos na companhia de meninas (ou se vocês preferirem jovens senhoritas), não teríamos tanta liberdade.

Vocês já devem ter ouvido falar que, no Brasil, não é permitido às pessoas livres do sexo feminino se apresentarem em público sem a companhia de cavalheiros de sua família (de preferência pai ou marido), ou ao menos, de um séquito de serviçais negros. Este tipo de passeio só ocorre em ocasiões especiais, como festas de Igreja, procissões e coisas semelhantes. Enquanto visitas, passeios e compras são totalmente proibidos para mulheres.

Este costume se estende até a mais tenra idade, sendo que mesmo meninas de quatro ou cinco anos não podem aparecer fora de casa sem a companhia de adultos ou, de preferência, deixar o seu lar.

Desta forma, vocês podem pensar que uma vida social como nós estamos acostumados no Norte da Europa (que, apesar de muito cerceamento, contribui para o desenvolvimento das forças anímicas e para as amenidades da vida), no Brasil, é inexistente; justamente porque o gênero feminino, por costume e tradição, é obrigado a se manter escondido, recluso, quase sempre, no interior de suas casas.

Sem vida social

Ultimamente, é claro, levantaram-se vozes que querem chamar a atenção para as consequências do mal causado por esta reclusão, já que se tornou quase uma obrigação enviar as senhoritas de famílias abastadas para uma temporada de alguns anos em um colégio de meninas, onde receberão uma educação adequada; acreditando que, desta forma, o problema estaria resolvido.

Em uma cidade de comércio internacional como o Rio de Janeiro, que, pela sua localização privilegiada, sempre permanecerá uma cidade cosmopolita, é priorizado o aprendizado de línguas estrangeiras, motivo pelo qual (como já vimos) pessoas cultas de várias nacionalidades, principalmente ingleses e franceses, não tiveram dificuldade para estabelecer pensionatos para a educação de meninos e, depois também, fizeram o mesmo para as meninas.

Os franceses, para este fim, pareceram especialmente privilegiados para transmitir a sua língua materna aos alunos; desta forma, muitos alemães, com o seu costume peculiar de renegar o seu sentimento pátrio; não tinham vergonha de mudar os seus nomes para se passarem por ingleses e conseguirem mais alunos e alunas.

Casamentos precoces

Como a educação em casa é absolutamente negligenciada, não se pode negar que a juventude das classes mais elevadas do Brasil pode tirar bastante proveito deste tipo de colégio, apesar de serem pobres os conhecimentos lá adquiridos nas outras matérias, para além das línguas. O período de tempo curto não permite uma educação mais aprofundada. “Por que, então (vocês se perguntarão), os pupilos não são colocados mais cedo nesses institutos, quando, após dois ou três anos, já são retirados de lá?”

Isso, como tudo nesse mundo, provavelmente, terá várias causas, cuja explicação exata só poderá ser muito vaga. Para não entediá-los demais, eu quero só dizer, que o mau costume, predominante em todos os países do Hemisfério Sul, do casamento precoce, também se instalou no Brasil, apesar de ser sabido que ele traz os maiores prejuízos para o desenvolvimento do corpo e da alma.

“Por que este costume não é abolido”, vocês se perguntarão. Mas eu preciso alertá-los que nunca é fácil abdicar de tradições trazidas de longa data; principalmente quando estas, por muito tempo, dominavam certo povo.

Mais homens do que mulheres

Além disso, sempre presumiu-se que o clima sulino propiciasse um desenvolvimento mais rápido no corpo humano e, com isso, favorecesse um casamento precoce; porém, de acordo com as pesquisas mais recentes, chegou-se à conclusão de que este mau costume nasceu da ânsia dos fazendeiros, donos de escravos, aumentar os seus laços de família e, com isso, expandir a sua influência e a sua notoriedade.

Certamente, também na Europa, no tempo do feudalismo, os casamentos nos círculos dos senhores feudais eram acordados muito cedo, como temos provas de noivados e casamentos de nobres na mais tenra idade juvenil por motivos de domínio. Como sempre, também nestes casos, as classes mais baixas e mais pobres estavam empenhadas em seguir os nobres e os ricos neste costume e, portanto, este mal começou a dominar também nas mais humildes choupanas; de forma que é praticamente impossível o casamento de uma menina que ultrapassou a idade de 16 anos.

Aqui, também, precisa ser observado que o sexo feminino da população livre deste país é maioria, enquanto que, entre os escravos, o sexo masculino é dominante; e por mais estranho que isso pareça à primeira vista, pode ser facilmente explicado. Os homens livres brancos ou mulatos levam, em geral, uma vida muito movimentada e muito irregular, uma vez que estão sempre em viagens de negócios, o que nas regiões tão pobres de estradas e de culturas só pode ser feito com muito esforço e risco. Eles, muitas vezes, morrem cedo, em parte devido a doenças e, em parte, devido a acidentes; enquanto que as mulheres ficam atrofiadas intelectualmente em casa, mesmo que seus respectivos corpos possam alcançar uma idade avançada.

Na população de escravos, ao contrário, as mulheres sempre estiveram em número menor, porque, desde longa data, foram trazidos da África muito mais negros homens do que mulheres; uma vez que, só preocupados com as vantagens momentâneas, acreditava-se que poderia ser exigido mais trabalho dos homens. Apesar de que fica muito claro que, desta forma, o aumento dos escravos por crianças nascidas aqui não poderia ser muito favorecido. O pouco cuidado que as escravas podiam dedicar aos seus filhos era responsável por uma grande mortalidade já em idade precoce. E como há algum tempo o governo brasileiro, conforme o contrato com os ingleses, não trouxe mais novos escravos, tem-se como certo que a falta de mão de obra, que já é muito grande no Brasil, logo, será mais evidente.

Colonos que não são colonos

Este é o motivo pelo qual, do lado do governo brasileiro, bem como dos grandes proprietários de terra, há muito tempo, são feitos esforços para trazer trabalhadores acostumados a atividades pesadas, principalmente da Alemanha. Estes europeus ofereciam parte de sua força para o fazendeiro, em cujas terras moravam e, em princípio, tinham a promessa de receber adiantamentos em dinheiro, alimentos, ferramentas agrícolas e sementes, até que pudessem sustentar-se sozinhos. Porém, eles tinham contraído dívidas, decorrentes da passagem e da instalação. E somente depois de quitarem esta quantia, eles teriam a possibilidade de constituir uma pequena economia para adquirirem terras próprias. Portanto, não é certo chamar estas pessoas de colonos, porque uma colônia não é outra coisa senão uma extensão de terras novas adquiridas por proprietários igualitários que dela tomaram posse para cultivá-las.

Mas, por ora, chega desses assuntos sobre os quais ainda teremos outras oportunidades para discutir quando falaremos das demais províncias deste vasto Império. Vamos nos apressar para iniciar o nosso passeio de barco por esta maravilhosa baía do Rio de Janeiro!

Agora são 11h15 da manhã e, neste momento, a brisa do mar sopra de maneira refrescante em direção à Terra. Assim, nós podemos, apesar de estarmos na época mais quente do ano (hoje é o dia 24 de dezembro) contar com uma viagem agradável, protegidos por uma tenda delicadamente enfeitada dos raios quase perpendiculares do sol.

Pois, de fato, provavelmente, não existe no mundo um panorama que possa se igualar a este! Da forma como ele se desfralda diante de nossos olhos, nós não somos capazes de absorver suficientemente todo o seu esplendor! A graça nos encanta e nos surpreende: “Como é rico o ser humano ao qual é dada a percepção e o entendimento de toda esta maravilha!”

O Pão de Açúcar

A entrada da baía (cujo perímetro deve abranger 11 milhas) é protegida de ambos os lados por rochas, a saber, pelo lado direito, pelo Pico de Santa Cruz, e, à esquerda, pelo muito conhecido Pão de Açúcar, assim chamado pelo seu formato peculiar. Íngreme e aparentemente inacessível, este cone de granito ermo e desprovido de árvores e arbustos, que oferece em seu silêncio majestoso de todos os lados resistência à rebenção tempestuosa do mar, atrai sempre primeiro o olhar do viajante.

Por muito tempo, duvidou-se da possibilidade de que um ser humano pudesse escalar o seu topo; porém, finalmente, na ocasião da chegada da segunda esposa do primeiro imperador do Brasil, Pedro I, uma nascida princesa Amália de Leuchtenberg, a tentativa foi feita por dois soldados alemães, que sabiam muito bem escalar, uma vez que um havia sido limpador de chaminés e o outro marinheiro. Eles conseguiram chegar ao topo em segurança e, no meio da noite, uma maravilhosa pirâmide de chamas flamejava em direção ao céu estrelado; quando nossos compatriotas tinham juntado todo o mato existente para uma grande fogueira que os esquentaria na noite fria e que, ao mesmo tempo, iluminaria a baía e o mar por muitas milhas e envolveria toda a região em uma atmosfera encantada.

Mais tarde, a escalada do Pão de Açúcar, apesar de apresentar grandes riscos, foi conseguida várias vezes e, sempre, à noite, foi acesa uma fogueira no seu topo, pois a volta só seria possível no dia seguinte e porque o cansaço exigia um tempo mais longo para repor as forças.

Da mesma forma, uma expedição, assim, foi empreendida por uma senhora americana com sua filha de 11 anos. Ambas conseguiram subir e descer tranquilamente.

O gigante deitado

Voltemos nosso olhar para o lado externo da entrada da baía, onde, para a direita e para a esquerda, estende-se a cadeia de montanhas da Costa. Em direção ao Sul, até um grupo de montanhas que se sobressai à chamada Gávea. E, para o outro lado, a partir dos rochedos chamados Santa Cruz, em direção a Leste, até o Cabo Frio (contornado pelo lado Norte, quando se viaja do Rio de Janeiro para a Europa).

A configuração das rochas se assemelha, vista de alguma distância, a um gigante deitado de costas; de onde parece que se originou o lema brasileiro “Surge et impera!” (“Levanta-te e impera”). Mote que, provavelmente, ainda terá grande significado, devido à importância do porto marítimo comercial incrustado naquelas plagas e que nunca poderá diminuir, seja qual for o destino que lhe couber. Talvez, aquele, de conquistar outros povos, formando novos países ou destruindo-os.

A cidade de Niterói

Mesmo que os dois maiores empreendimentos da nossa época, a saber, o Canal da Nicarágua, na América Central, e o Canal de Suez, entre a Ásia e a África, finalmente foram concluídos, abrindo perspectivas novas para o progresso da humanidade, não se pode falar da diminuição da importância do Rio de Janeiro, que sempre estará no centro das operações comerciais e, devido à sua localização privilegiada, é, especialmente, indicado para promover o intercâmbio da exportação do país e a importação para toda a América do Sul.

À primeira vista, a baía do Rio de Janeiro se apresenta como um estreito dominado e protegido pela presença de várias ilhas, principalmente, porque estas possuem fortes guarnecidos de tropas. Como também o rochedo de Santa Cruz é provido de um forte. Em seguida, abre-se outra baía, que, na sua margem esquerda, abriga a Capital do Império, Rio de Janeiro, e, na sua margem direita, a Capital da Província do Rio, a cidade de Niterói (isso significa, na língua dos índios, “Cidade das Águas Escondidas”); que também é chamada de Praia Grande ou São Domingo.

Dentro desta baía, localizam-se, ainda, mais ilhotas, que servem de adorno e segurança. A Ilha do Governador e a Ilha das Cobras, provavelmente, são as mais importantes e as mais bonitas.

Ilha de Villegagnon

De todas, no entanto, a Ilha de Villegagnon, pela qual passaremos inicialmente, antes de alcançar a cidade, chama a nossa atenção porque a história da primeira colonização desta região está intimamente ligada a este nome. Um nobre francês da Provence, cavaleiro da Ordem de Malta e experiente marujo que já serviu com honra ao seu país, de nome Nicolas Durham de Villegagnon, por volta do ano de 1552, tomou a decisão de fundar uma colônia de franceses definitiva nesta costa, contando com o apoio do almirante Coligny, o conhecido chefe-geral dos huguenotes, para, aqui, construir um reino colonial francês. Este, por sua vez, concordou, de bom grado as propostas de seu conterrâneo, porque via nelas um meio de garantir aos seus irmãos de fé, perseguidos pelo Estado e pela Igreja uma cidade livre além-mar.

O momento também era propício porque as Capitânicas Hereditárias criadas por Portugal, no Brasil, na sua maior parte, tinham sido abandonadas, muitas vezes, sem deixar sinal de uma vila, com exceção da Bahia. Somente as três mais antigas colônias de Portugal: Porto Seguro, São Vicente e Pernambuco encontravam-se ao lado de São Salvador (Bahia) em um Estado razoavelmente desenvolvido. E seria adequado, meus caros leitores, contar a vocês a história dessas capitânicas, bem como a fundação da capitania da Bahia.

A instalação das Capitânicas Hereditárias

Para garantir para si a exclusividade do comércio com os brasileiros nativos (os índios), ao qual os portugueses se achavam no direito, devido à tomada de posse do país por Pedro Álvares Cabral (em maio de 1500, em um morro perto de Porto Seguro), confirmado pelo certificado de doação emitido pelo papa, foi enviado o almirante Cristóvão Jacques, com seis caravelas, que aportaram nas praias da Província de Pernambuco, em 1526.

Aqui, na foz de um rio que já havia sido visitada, várias vezes, por navios europeus e aos quais os índios deram o nome de “a grande canoa” Jacques fundou uma vila fortificada, que, provavelmente, já naquela época recebeu o nome usado ainda hoje: Paranambuco, derivada das palavras indígenas: Paraná (água ou mar) e Buk ou Mbuk (braço). Jacques, porém, logo, voltou para Portugal e a pouca guarnição que ele havia deixado perdeu-se, não sobrando, praticamente, nada desse empreendimento. No entanto, este foi um pretexto para uma nova colonização do Brasil, que ele sugeriu ao rei de Portugal, dividindo as terras em Capitânicas Hereditárias, cujos proprietários deveriam colonizar, por conta própria, e reconhecerem a supremacia de Portugal, já que teriam vantagens com esta parceria.

A proposta foi aceita e o almirante Martim Afonso de Sousa, como comandante da frota disponibilizada para este fim, ao qual se juntaram muitos voluntários, foi provido de autorizações específicas. Ele deveria tomar posse de todo o Brasil para Portugal, providenciar as respectivas divisões e doações de terra e transmitir às pessoas todas as funções executivas e judiciárias.

O famoso Caramuru

Martim Afonso de Sousa desembarcou em Pernambuco, em 1531, e seguiu viagem após algum tempo para a Bahia, onde ele teve uma recepção calorosa por parte do conterrâneo Diogo Álvares, que há 22 anos havia se estabelecido entre os índios da costa. Levado para lá devido a um naufrágio, ele, de início, encontrava-se em grande perigo de ser devorado pelos nativos, uma vez que pôde presenciar este destino sofrido pelos seus companheiros de viagem. Ele próprio escapou porque havia conseguido salvar do navio uma espingarda e pólvora, impondo respeito diante dos índios com o seu uso. Principalmente, depois que ele ajudou os seus novos amigos em uma guerra contra uma tribo inimiga a sua fama cresceu cada vez mais, de forma que um dos caciques lhe ofereceu sua linda filha Paraguaçu como sua esposa.

Mesmo assim, a sua saudade de Portugal continuou muito grande e quando, finalmente, um navio francês chegou naquela costa, ele aproveitou a oportunidade e viajou em companhia de sua esposa Paraguaçu para a França, de onde ele pretendia chegar até Portugal. Este desejo, no entanto, não se realizou, apesar de que ele e Paraguaçu foram apresentados ao jovem rei da França, Henrique II, e à sua mãe Catherine de Médici, com grande deferência.

Paraguaçu foi batizada na presença de toda a corte francesa, com grande pompa, com o nome de Catharina, em homenagem à rainha mãe. Depois do batismo, foi celebrado o casamento cristão. Quando ele percebeu que os franceses não queriam deixar que ele chegasse à Portugal, ele aceitou a oferta de voltar para a Bahia com um navio mercante. E, a partir daí, o casal viveu, possivelmente em ainda maior prestígio entre os nativos e os parentes da assim Catharina, que se tornara tão famosa.

E foi assim que o almirante Martim Afonso de Sousa, após chegar naquela costa, foi tão amigavelmente recebido pelo nosso Caramuru (como o Diogo Álvares era chamado pelos silvícolas). Caramuru subiu com sua numerosa família e todos os caciques a bordo do navio do almirante, onde foram trocados presentes e alguns novos colonos deixados sob a sua proteção, providos de diversas sementes, que deveriam ser testadas quanto à adaptação ao solo brasileiro.

O primeiro monumento no Brasil

Logo, teremos oportunidade para falar mais sobre o destino de Diogo Álvares, mas, primeiro, devemos acompanhar Martim Afonso na sua viagem em direção ao Sul, para presenciarmos a fundação de São Vicente. Esta aconteceu um pouco mais tarde, após Martim Afonso ter permanecido por algum tempo na atual baía do Rio de Janeiro, onde mandou construir uma casa fortificada e uma ferraria para que os seus navios recebessem manutenção. É possível que o grande número e a ferocidade dos nativos daquele lugar o tivessem dissuadido a colocar em prática um projeto maior.

Ele continuou sua viagem em direção ao Sul e, logo em seguida, em agosto de 1531, lançou âncoras na baía de Cananéia (Província de São Paulo), onde ele, por sua vez, encontrou um outro português, que, juntamente, com outros, há 30 anos, fora deixado por Américo Vespúcio; e assim, foi possível também neste local estabelecer uma relação amigável com os índios. Provavelmente, o mais antigo monumento de origem europeia que existe em território brasileiro seja aquele construído na baía de Cananéia por Martim Afonso de Sousa. Ele consiste de três pilares de quatro palmos de comprimento, dois de largura e um de espessura, de mármore português, colocado sobre um penhasco. Cada um leva um brasão de Portugal e não há dúvida de que este monumento deveria servir para provar a tomada de posse destas terras.

Rumando mais para o Sul, a frota portuguesa foi atingida por uma tormenta e Martim Afonso de Sousa, em consequência disso, deixou o seu irmão com alguns navios para que continuasse a exploração da parte mais meridional do continente até o Rio da Prata, enquanto ele, novamente, dirigiu-se ao Norte, até que, em 21 de janeiro de 1532, ancorou na baía de São Vicente (próxima da atual cidade de Santos, na Província de São Paulo).

A fundação da mais antiga cidade do Brasil

Aqui, ele encontrou mais um português, que há 20 anos, já estava vivendo com os índios, João Ramalho, que falou muito bem do clima e do solo daquela região e fez de tudo para convencê-lo de uma colonização formal. “Tudo aqui era exatamente como na sua querida pátria Coimbra”, disse o homem. E, assim, Martim Afonso foi movido a fundar duas vilas, uma, São Vicente, na ilha de mesmo nome, a outra, Piratininga, um bom trecho para dentro o interior, perto do lugar onde hoje se encontra a capital da Província de São Paulo. Uma vez que, aqui, a numerosa família de João Ramalho já possuía uma propriedade.

Os voluntários que acompanhavam o almirante receberam terras; foram chamados de religiosos e fundaram um conselho local, seguindo as regras portuguesas. Com isso, eles iniciaram uma colonização sistemática.

Os primeiros donatários

Enquanto isso, o irmão de Martim Afonso, de nome Pero Lopez de Sousa, havia voltado da sua expedição ao Sul do Brasil, dirigindo-se, novamente, ao Norte, onde ele conseguiu chegar a tempo para salvar do ataque de franceses, em maior número, o que restou de uma pequena vila portuguesa que havia sido, há seis anos, fundada por Cristóvão Jacques.

Já no verão de 1831, um navio de Marselha, com 18 canhões e 120 homens, chegou à Pernambuco e conseguiu tomar posse do lugar, apesar da resistência apresentada por seis portugueses com seus amigos índios. Os franceses construíram rapidamente um forte, deixando 70 homens como guarnição; ao que parece para fundar uma verdadeira colônia neste local.

Pero Lopez evitou que isto acontecesse, sitiando o forte por 18 dias e forçando os franceses à rendição. Sendo que, seguindo as regras muito bárbaras daquela época, isso não aconteceu sem violência; garantindo o domínio português sob a colônia.

Porto Seguro, São Vicente e Pernambuco

A Coroa Portuguesa decidiu, então, ampliar o sistema de distribuição de terras a donatários e, subentende-se que os irmãos Sousa, aos quais já haviam sido doadas, duas colônias definitivas: no Sul, São Vicente, e no Norte, Pernambuco, aumentando as áreas e doando a Pero Lopez uma extensão do Litoral de 50 milhas e a Martim Afonso, uma de cem. Porém, só este último (que nunca mais veio para o Brasil, mas se estabeleceu como governador nas Índias) ainda favoreceu o desenvolvimento da colônia de São Vicente. Pero Lopez, por sua vez, cujas terras não incluíam o forte de Pernambuco, não pôde implementar a região.

Pernambuco deveu ao donatário Duarte Coelho o seu desenvolvimento; isto é, a fundação da bela cidade de Olinda, em 1535, assim chamada por sua localização privilegiada; sendo que, cem anos depois, foi construída Recife em uma península, de forma que ambas, com seus arredores, hoje, são chamadas de Pernambuco.

Duarte Coelho mostrou-se mais corajoso e empreendedor do que qualquer um dos outros donatários da Coroa Portuguesa e sua colônia, tornando-a muito próspera.

A capitania de Porto Seguro, doada a Pero do Campo Tourinho, em 1534, teve o mesmo destino feliz. Uma vez que recebeu um grande número de imigrantes. Mostrando-se, Tourinho um regente hábil e um astuto intermediário com os índios, garantindo um desenvolvimento próspero. Porém, no que diz respeito à produção de açúcar, ela ficou muito atrás de São Vicente e Pernambuco, vivendo, principalmente da extração de pau-Brasil e da pesca.

Com isso, conhecemos as três primeiras colônias reais portuguesas no Brasil, desde o seu início. E só nos resta dizer que as Capitânias Hereditárias distribuídas pela Coroa não conseguiram qualquer desenvolvimento, fazendo com que todas aquelas terras voltassem a ser domínio do Rei de Portugal.

Não queremos continuar a falar sobre estas tentativas mal-sucedidas de colonização por donatários. É suficiente confirmar que todos foram mortos ou expulsos das suas terras em lutas com os índios, em naufrágios ou outras mazelas.

Somente sobre as propriedades de Francisco Pereira Coutinho devemos dizer mais algumas palavras, uma vez que estas incluíam a atual Bahia. E nós, ao mesmo tempo, ainda vamos falar alguma coisa sobre o nosso antigo conhecido, o Caramuru, ou Diogo Álvares.

Caramuru na Bahia

O donatário era um oficial de muito prestígio, mas já com idade avançada e, além disso, não muito hábil para cumprir uma tarefa tão difícil. Ele apareceu por volta de 1537 na linda baía de todos os santos (Bahia) e construiu uma colônia na margem direita, a uma hora de distância da atual capital da Província. Subentende-se que, de início, o relacionamento entre o donatário e Caramuru e seus parentes índios foi muito vantajoso para este primeiro, já que Caramuru serviu de intermediário e protetor no seu trato com os nativos. Os novos colonos aprenderem com ele o plantio do algodão e o preparo da raiz da mandioca, como muitos outros costumes locais úteis para eles.

Logo, no entanto, surgiram desavenças, como costuma acontecer entre dois grupos que são reunidos de maneira aleatória, mas que habitam próximos um do outro. Francisco Pereira Coutinho não tinha autoridade suficiente sobre os seus companheiros e também pulso firme suficiente em relação aos índios. O que levou a uma luta aberta na qual Caramuru, junto com muitos dos seus companheiros, foi preso e trancado em um navio. Foi, então, que os silvícolas foram incitados pelos lamentos de Catharina (ou Paraguaçu) a promover uma guerra de extinção violenta contra os portugueses, provocando uma revolta contra o próprio donatário, que fugiu para Porto Seguro.

Já Diogo Álvares escapou da prisão para novamente chegar ao prestígio e poder entre os índios, que ele usou para convidar Francisco Pereira Coutinho a voltar a assumir a colônia, afirmando que eles, agora, tinham percebido as vantagens de um relacionamento pacífico com os portugueses, e que os próprios índios iriam apoiar e fortalecer a soberania do donatário. O velho homem deixou-se convencer e se pôs a caminho. No meio da viagem, ele foi surpreendido por uma violenta tempestade perto da ilha de Itaparica. Sua embarcação naufragou e ele e toda a sua tripulação caíram nas mãos dos nativos desta ilha, que mataram quase todos os naufragos e comeram os seus corpos (por volta de 1545).

A instalação da primeira Capitania Real

Em consequência de todos esses empreendimentos mal-sucedidos, o governo português viu-se, finalmente, obrigado a tomar outros caminhos em relação à colonização do Brasil. Foi decidido que seria instalada uma assim chamada Capitania Real, que deveria ser forte o suficiente e equipada de todos os meios para poder fornecer proteção e auxílio às outras colônias quando necessário.

Os herdeiros do infeliz donatário Francisco Pereira Coutinho empobreceram de tal maneira que eles concordaram em devolver todas as terras à Coroa em troca de uma pensão anual de 400 mil réis; e nas margens da “Bahia de todos os santos” foi construída uma cidade e uma fortaleza como sede do poder central Real sobre todo o Brasil.

Localização da Bahia de todos os santos

Foi designado um governador geral, um juiz, um administrador financeiro e um almirante da costa que, acompanhados de 600 soldados e 400 presos, levaram junto consigo uma grande quantidade de armas, canhões e outros utensílios necessários. Também alguns jesuítas, entre eles o padre Manuel da Nóbrega, juntaram-se à comitiva para além do oceano erguerem o seu primeiro convento da Ordem.

No fim de março de 1549, a frota entrou na Bahia de Todos os Santos e foi festivamente recepcionada por 40 portugueses, que vieram correndo de todos os lados, entre eles, também, o nosso velho conhecido Caramuru, que já estava em idade avançada, pois já morava nessas terras desde 1509. Na companhia destes conterrâneos, o grupo dos novos colonos chegava até a antiga vila, onde, embaixo dos seus escombros, ainda se sobressaía a pequena capela Victoria, erguida por Francisco Pereira Coutinho. Nesta pequena ruína, foi celebrada a primeira missa em ação de graças e, depois disso, a nova cidade começou a ser construída.

A península pobre de água, na qual, nos dias de hoje, encontra-se a pequena cidade de Victoria (devido ao nome daquela Igrejinha) não agradou ao governador geral para aquele fim. Buscaram, então, em volta de toda a baía, por um local adequado. E ficaram deslumbrados com o que viram. Não podendo ser comparado ao ambiente do Rio de Janeiro, mas, mesmo assim, deixando uma impressão encantadora.

A Bahia de Todos os Santos é protegida da impetuosidade do vento e das ondas pela ilha de Itaparica, que se localiza à sua frente e forma, desta maneira, um grande lago salpicado de pequenas ilhotas. As margens destas ilhotas possuem uma variedade enorme de pequenas praias que formam reentrâncias, enquanto que inúmeros riachos e pequenos rios se precipitam de seus morros. No seu interior, a costa se apresenta íngreme, em alguns trechos, e levemente ascendente, em outros, formando uma série de pequenos planaltos, sobre a qual a abundante vegetação tropical se espalha. Porém, falta, desta maneira, a maravilhosa cadeia de montanhas azuis que dá à baía do Rio de Janeiro a sua moldura grandiosa. Em compensação, o belo farol construído na assim chamada Ilha do Mel que, em um dia como o de hoje, pode ser avistada de longe, fornecendo, sempre, uma vista agradável. E a cidade construída em terraços é bastante imponente.

Fundação da cidade da Bahia

Naquela época, então, Thomé de Sousa, o governador-geral, decidiu-se pelo planalto localizado, próximo à antiga vila, e ao ponto de ancoragem costumeiro, para construir a cidade alta, que, depois, recebeu este nome para distingui-la da baixa, e esta, muito próxima ao mar, tornou-se um ponto de comércio importante. Thomé de Sousa deu a este conjunto o nome de cidade de Salvador, que, no entanto, é chamado de Salvador da Bahia, mais simples. Como brasão, a cidade recebeu uma pomba com o ramo de oliveira no bico em um campo azul sob o lema “Sic illa ad Arcam reversa est” (“Assim aquela retornou à arca”).

A construção foi muito rápida, já que os índios prestavam serviço por baixa remuneração; logo, foram erguidas habitações maiores e sólidas, no lugar das primeiras cabanas de palha cobertas com folhas de palmeira, além de uma igreja e uma habitação para o governador. Ao redor, como proteção contra ataques de inimigos, foi construída uma cerca de estacas que, após alguns anos, foi substituída por um aterro com seis torres; da qual, no entanto, não sobrou vestígio.

Foram trazidos animais domésticos tanto da Europa quanto das ilhas próximas. E como, todos os anos, chegavam novos colonos e, também, por causa da amizade com os índios obtida pela intermediação de Diogo Álvares, não havia falta de mão de obra e, portanto, a produção de açúcar e a lavoura logo começaram a florescer.

Porém, meus caros jovens leitores, chegou a hora de continuarmos a nossa viagem de passeio pela baía do Rio de Janeiro. E, agora, se oferece a melhor oportunidade para isso quando ainda lhes posso contar que o governador-geral Thomé de Sousa chegou à conclusão de que seria desejável que houvesse mais uma Capitania Real para promover o desenvolvimento mais rápido do Brasil e que seria indicada a região maravilhosa do Rio de Janeiro. Em uma viagem de reconhecimento, em 1552, ele havia visitado o local e se certificado de sua beleza e importância marítima.

Ele, portanto, escreveu ao Rei de Portugal, em Lisboa: “Certamente, este seria o lugar para se construir uma grande cidade; mas que, ele, próprio não estaria mais em condições de dividir as suas poucas forças e, nas outras colônias no Brasil, não havia pessoal competente para este fim. Se, realmente, seria desejável construir uma nova colônia, seria necessário que uma expedição viesse diretamente de Portugal para o Brasil, no entanto, haveria pressa, o assunto não poderia ser adiado!”

Os franceses na baía do Rio de Janeiro

O fato de seu pedido não ter sido logo atendido foi um erro muito grave; pois, dez anos depois, foi necessário reconquistar a baía do Rio de Janeiro com mão armada das garras dos franceses; cuja conquista formal, agora, relataremos.

Por recomendação do já citado nobre Nicolas Durand de Villegagnon, o almirante Coligny (o mesmo que, depois, foi assassinado na terrível noite de São Bartolomeu, em Paris, pelo Rei Henrique II, da França) conseguiu autorização para enviar três caravelas para o Brasil, sob o comando de Villegagnon, com o fim de construir uma colônia francesa nessas terras. Após uma viagem turbulenta, ele conseguiu chegar à baía do Rio de Janeiro, que já havia sido visitada várias vezes por mercadores clandestinos franceses (em novembro de 1555).

E, logo, ele conseguiu, através de um tradutor, introduzir um relacionamento amigável com os índios. Cheio de astúcia militar, ele escolheu, primeiramente, a pequena ilha de Lages, localizada quase no meio do estreito para a construção de um forte. A ilha, porém, era muito plana; a maré arrancou os troncos de árvore empilhados antes que houvesse tempo de erigir as devidas fundações, de forma que esta posição privilegiada teve de ser abandonada. Os emigrantes, que contavam cerca de 80 homens, mudaram-se para a ilha que, agora, chamamos de Villegagnon, onde eles construíram um forte bem acima, em um rochedo, que, em honra de seu protetor, o famoso almirante, chamaram de Forte Coligny.

Porém, por melhor que a localização fosse, do ponto de vista de toda a baía, e para a segurança de uma próxima grande colônia, ela mostrou possuir muitas desvantagens. A ilha não possuía nascentes, só pedregulho e areia e era imprópria para a plantação. Os colonos se viram, portanto, obrigados, tão logo as reservas trazidas da França foram consumidas, a remar para a terra firme para de lá trazer água potável e alimento. E parece que eles, além disso, eram obrigados a manter uma disciplina rígida e trabalhar duro, sendo que faltava, completamente, qualquer diversão, da forma que os franceses já, de longa data, estavam acostumados.

A colônia de Villegagnon

Quem, portanto, havia chegado ao Brasil com muita esperança (o que parece ter acontecido com muitos) se viu, logo, enganado, apesar de, no geral, devido à boa amizade com os índios, não houvesse motivos para reclamar e se pudesse em breve contar com reforços vindos da França, dando esperanças.

Um motivo fútil fez com que o mal-estar se revelasse abertamente. Villegagnon, logo de início, havia liberado aos seus companheiros o contato com os índios; porém, sob a condição de que não fosse praticado qualquer ato injusto. Mas um dos seus intérpretes, em breve, deu motivos para receber uma ameaça de castigo. Profundamente irritado com isso, ele iniciou uma rebelião, ao qual aderiram, um após o outro, cerca de 30 pessoas, que pretendiam assassinar todos os outros, a saber, o cavaleiro de Villegagnon com seus seguidores.

A rebelião foi descoberta a tempo e pôde ser evitada, sendo que os culpados foram condenados e executados por um Conselho de Guerra. Enquanto que os menos implicados foram condenados à escravidão e a trabalhos forçados. A ordem externa, assim, estava reestabelecida, mas não se conseguiu mais chegar a um entendimento geral; principalmente, porque os índios foram instigados pelo intérprete, que havia conseguido fugir, escapando de seu castigo merecido, e começando a ameaçar a colônia.

O caráter corajoso e perseverante do cavaleiro de Villegagnon superou todos esses obstáculos e, mais uma vez, a sorte parecia querer favorecê-lo, quando o seu sobrinho Bois-le-Comte, com um pequeno esquadrão de três navios e, aproximadamente, 300 imigrantes vieram para o seu reforço no Forte Coligny.

Desta forma, foi possível também apoderar-se das outras ilhas, principalmente da Ilha de Governador e a margem Oeste da baía, para iniciar uma cultura. Foi reatado, novamente, o relacionamento amistoso com os índios e muitas das tribos que habitavam os arredores aderiram à cooperativa fundada pelos novos colonos, atizando, porém, a inveja e a preocupação da colônia portuguesa.

Empecilhos para o desenvolvimento da colônia

Agora, juntou-se ao desentendimento antigo que sempre perdurou, um elemento novo de discórdia, porque os pregadores calvinistas que haviam chegado começaram a trabalhar à margem da autoridade de Villegagnon, o que este, naturalmente, não poderia permitir, causando muitas discussões desagradáveis que foram prejudiciais ao desenvolvimento.

Após longos e severos conflitos, Villegagnon acreditou que não poderia reestabelecer a paz se ele não implantasse novamente um Conselho de Guerra, que promoveu mais execuções e obrigou os rebeldes a procurar proteção junto aos índios. Então, os pregadores, com seus mais fervorosos seguidores, voltaram para a França, onde relataram a dureza e o despotismo de Villegagnon de maneira tão negativa, que reforço algum ou auxílio pudessem ser esperados de lá.

A volta do cavaleiro Villegagnon para a França

Villegagnon, porém, não perdeu as esperanças. Ele se gabava até que: “nem o Rei da Espanha nem o grande sultão poderiam expulsá-lo da sua posição conquistada com tanto sacrifício”. E ele logo pensou em uma nova conquista do território circunvizinho, viajando para este fim (1559) para a França para levantar novos fundos para esse empreendimento.

No entanto, ele chegou em má hora, já que o Rei Henrique II havia morrido há pouco tempo e a regência dos filhos, ainda menores de idade, foi marcada com sangue e destruição pelas horríveis guerras religiosas. Não era de se admirar que Villegagnon não fosse ouvido quanto aos planos que ele tinha para a América e que, ao final, até lhe faltou a oportunidade de voltar para o Rio de Janeiro; motivo pelo qual a sua colônia ficou relegada ao próprio destino, decaindo de tal forma que, nos anos seguintes, sucumbiu aos ataques dos seus vizinhos portugueses mais felizes.

Na Capitania Geral Real de São Salvador (Bahia), após Thomé de Sousa, certo Duarte da Costa havia assumido o comando e, depois, foi nomeado governador-geral Mem de Sá, que com grande sabedoria e capacidade, acompanhadas de muita disciplina e senso de justiça, comandou todo o Brasil com muito êxito. No topo do Governo Central, desde 1558, ele fez todo o possível para promover a expansão da Colônia Portuguesa e não é de se admirar que desejasse que a colônia francesa, na baía do Rio de Janeiro, voltasse ao poder de Portugal.

Mem de Sá alcança a Ilha de Villegagnon

Com este intuito, ele pediu reforço em Lisboa; porém, a regência, que assumira o lugar do rei Sebastião, ainda menor de idade, e que cuidava da administração, deixou o seu pedido sem atendimento por muito tempo. Somente em novembro de 1559 surgiram alguns navios de guerra na Bahia, e, logo, Mem de Sá empenhou-se em reunir todos os homens capazes de pegar em armas, colonos e índios aliados, que não tivessem tarefas urgentes em Salvador, ao seu redor. Ao mesmo tempo em que mandava mensagens para São Vicente a fim de receber reforços. Em março de 1560, toda a expedição reuniu-se na entrada da baía do Rio de Janeiro, a saber, no Norte, dois navios grandes e oito pequenos, no Sul, somente uma embarcação maior e um número respeitável de canoas de guerra indígenas.

O comando pertencia a Mem de Sá, tendo ao seu lado o jesuíta provincial que já conhecemos, Manuel da Nóbrega, que colocou à sua disposição todo o seu conhecimento e astúcia. O Forte Coligny prestou forte resistência, e as forças francesas somente se renderam depois de dois dias de combates violentos, nos quais esgotaram-se todos os seus suprimentos. O forte, então, foi destruído e a ilha transformada em deserto, a fim de que ela não pudesse mais ser usada como defesa em caso de ataques, um golpe que se mostrou fatal para todo o projeto de colonização francês. Apesar de que Mem de Sá não já não se sentia suficientemente forte para continuar a lutar com os franceses estabelecidos em terra firme e nas outras ilhotas; principalmente porque temia um conflito com os índios e seus aliados.

Outros assuntos importantes chamaram o governador geral de volta para São Vicente, em cujos arredores já nascia a cidade de Santos, a partir da qual os Jesuítas (que tinham fundado um colégio em São Vicente e, logo em seguida, também em São Paulo) haviam construído um caminho rudimentar, por cima das montanhas, para São Paulo, cujo percurso ficou preservado até os nossos dias, uma vez que o traçado da nova estrada que liga Santos a São Paulo, construída há cerca de 30 anos, acompanhou as mesmas curvas, tendo sido somente alargada, ficando menos íngreme e recebendo pavimentação.

Logo que Mem de Sá voltou a Salvador (Bahia), ele já se empenhou em pensar em novas medidas para subjugar a colônia francesa na baía do Rio. Ele foi, no entanto, impedido por uma grande revolta de tribos indígenas, que rapidamente se espalhou por toda a costa de Porto Seguro, em direção Norte até Salvador e em direção Sul até o Espírito Santo, e que tomou toda sua atenção.

Terrível estado dos indígenas

Ele foi, no entanto, capaz de vencê-los e expulsá-los para o interior do País, porém, no mesmo momento, havia se criado uma aliança entre os povos indígenas na província que, agora, chamamos de São Paulo, alcançando toda a planície do Rio Paraíba (a atual província do Rio de Janeiro), que superou em crueldade e violência toda e qualquer hostilidade, anterior ou futura, contra o poder português no Brasil. A cidade de São Paulo foi preservada da destruição total, graças aos índios catequizados, ou comprados, que prestaram auxílio corajoso, porém, em São Vicente e arredores, os selvagens continuaram vencedores por um longo período, matando e devorando os inimigos e seus animais, promovendo enorme devastação.

A luta, no entanto, continuou de ambos os lados com teimosia inacreditável e tomou dimensões cada vez maiores. O próprio filho do Governador, Fernão de Sá, morreu em um dos combates, e somente a grande habilidade do jesuíta provincial Manuel da Nóbrega, que junto com alguns de seus companheiros, fez-se ouvir entre os índios, preveniu a destruição completa das vilas portuguesas nessa região.

Aparato contra os franceses da baía do Rio

Porém, como se já não bastassem todos esses horrores, disseminou-se uma doença gravíssima semelhante à peste entre os colonos e os índios catequizados, que se alastrou, a partir da Ilha de Itaparica sobre toda a região da Bahia e do Espírito Santo, provocando um grave surto de fome, colocando em risco tudo aquilo que havia restado daquelas vilas que se haviam mostrado tão prósperas.

Dos 11 assentamentos que os jesuítas já haviam conseguido levar a um florescimento crescente, seis foram completamente destruídos, restando somente cinco em estado de total penúria, enquanto que as pequenas cidades se mostravam em aspecto de desolação e abandono.

Dessa forma, Mem de Sá não pôde contribuir em nada para a conquista da baía do Rio de Janeiro, até que, finalmente, no ano de 1563, seu sobrinho, Estácio de Sá, chegou de Portugal, com reforços de todos os tipos, trazendo instruções expressas para concentrar forças naquele lugar, alcançando em tempo breve a sua reconquista.

Havia, no entanto, necessidade de se obter mais auxílio, principalmente da Capitania de São Vicente. E Estácio de Sá, imediatamente, dirigiu-se para lá com as forças armadas que seu tio havia colocado à disposição, para supervisionar o armamento dos reforços ali conseguidos. Somente no início de ano de 1565 tudo estava preparado e a frota portuguesa pôde se apresentar na baía do Rio de Janeiro, onde lançou âncoras próximo ao Pão de Açúcar.

Ao pé desse enorme rochedo, na península que de um lado é banhada pelo mar aberto e do outro por um braço lateral da baía, Estácio de Sá construiu uma pequena aldeia, à qual ele deu o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro (provavelmente em homenagem ao jovem rei de Portugal). Ao mesmo tempo em que colocou no brasão da nova cidade um punhado de flechas em memória do martírio do santo do mesmo nome.

Fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro

Em meio às incessantes batalhas com os inimigos franceses e índios, que, muitas vezes, ainda recebiam apoio de mercadores franceses, os portugueses construíram uma vila nos moldes de um acampamento indígena, e procuraram fortificá-la com um cercado de estacas e um aterro, apinhado de canhões, contra possíveis ataques. Nos arredores da vila, a floresta foi desmatada, a fim de criar espaço para o plantio de alimentos e criação de gado. Foi, então, que o destemido comandante enviou todos os seus navios de volta para Salvador para impedir que ele e seus companheiros tivessem uma rota de fuga. Seguindo o exemplo do que tinha feito o conquistador do México, Hernán Cortés, que havia queimado todas as suas embarcações atrás de si e seus companheiros. Também para Estácio de Sá só restava a opção de, juntamente com os seus, vencer ou morrer.

Ele logo se arrependeria dessa decisão, uma vez que, sem o auxílio de embarcações maiores, não havia possibilidade de evitar que navios mercantes franceses entrassem na baía, trazendo sempre novos suprimentos e, principalmente, armas e munição para os seus contrerrâneos ali assentados. Os índios aliados dos franceses aprenderam, em pouco tempo, o manuseio de armas de fogo. Os portugueses ficaram limitados aos seus poucos meios e sua pouca força, muitas vezes, correndo o risco de sucumbirem nessa luta desigual.

Aqui, podemos observar, do que o ser humano que luta pelo seu sangue e sua vida, é capaz, e cuja perspectiva, em caso de derrota, é somente a morte ou uma dura escravidão. O pequeno grupo fez milagres de valentia! Durante dois anos, eles conseguiram afastar todas as investidas dos inimigos contra seu assentamento, tanto por terra como por mar; empreendendo, de tempos em tempos, incursões pela região para apoderar-se de armas, mantimentos e escravos dos inimigos. Ou, eventualmente, também ocorriam batalhas no mar, entre pequenos barcos construídos às pressas pelos portugueses com um barco francês, muitas vezes, apoiado por canoas indígenas, mas, sempre, Estácio conseguiu manter a coragem e a ordem entre os seus companheiros.

Última batalha pela posse da baía

Informado da difícil situação de seus conterrâneos, Mem de Sá, no entanto, também não poupou esforços para socorrê-los e, apesar da demora nas negociações, naquela época, ele conseguiu três navios de guerra, que zarparam de Lisboa sob o comando de Cristóvão de Barros, que chegaram na Bahia no final do ano de 1566. Às pressas, reuniram-se, então, reforços, mantimentos e homens de todas as partes e o Governador Geral se colocou à frente do comando da frota, que alcançou a baía do Rio de Janeiro no dia 18 de janeiro de 1567, chamando para apoio os colonos da colônia de São Sebastião, e, iniciando, finalmente, a derradeira batalha de vida ou morte.

Os franceses, que logo perceberam do que se tratava, empreenderam seus preparativos, reunindo todos os colonos que viviam espalhados pelas margens nos dois locais fortificados, um em terra firme junto ao córrego Catete e o outro na Ilha do Governador. Os índios aliados foram muito bem armados e convocados para auxiliarem na ação. E, com atitude altiva, todos se posicionaram para receber o inimigo, que iniciou o ataque no dia 20, dia de São Sebastião.

A vila no Catete foi tomada de pronto, sendo mortos um grande número de franceses e índios. Quem pôde, fugiu para a ilha, e ali travou-se uma longa e rancorosa batalha, na qual o valente Estácio foi ferido mortalmente, mas teve a felicidade de presenciar a vitória total dos seus companheiros. Os poucos franceses que não morreram nas lutas tiveram de fugir, enquanto que os vencedores destruíram todas as aldeias até seus fundamentos. Dessa forma, a tentativa de se implantar um Estado franco-brasileiro nessa região chegou definitivamente ao fim. E a posse da baía do Rio de Janeiro passou sem contestação para as mãos portuguesas.

Transferência da cidade para o Morro do Castelo

Logo após a vitória aqui narrada, o governador geral transferiu a cidade de São Sebastião da península estreita do Pão de Açúcar (onde, hoje, está o Forte Praia Vermelha) para o Morro do Castelo, a montanha é o símbolo da atual cidade do Rio de Janeiro; localizada mais adentro, na baía maravilhosamente delineada, e quase em frente à Ilha de Villegagnon.

Ao redor, Mem de Sá dividiu toda a região em sesmarias (isto é, propriedades arrendatárias). Além de todos os colonos interessados, a Companhia de Jesus também recebeu uma considerável faixa de terra, na qual os índios catequizados que tinham acompanhado a expedição foram assentados. E, logo, os padres conquistaram mais algumas tribos das redondezas que se juntaram a eles para dar início à civilização, de forma que uma série de vilas de indígenas cristãos se formou em volta da nova cidade, servindo a esta como uma proteção efetiva contra os ataques dos não-civilizados.

Não se pode negar que a Ordem dos Jesuítas se fez merecedora de muitos méritos na América do Sul e que, aqui, encontrou a oportunidade de trazer vantagens aos novos imigrantes, bem como aos nativos. Mesmo por ocasião da fundação da Bahia e de São Paulo, o Provincial dos jesuítas no Brasil Manuel da Nóbrega e seus irmãos de fé já provaram, de forma brilhante, sua habilidade no trato com os índios, que foram, em pouco tempo, acostumados à forma externa de um comportamento cristão e de uma vida em um só local.

A ação dos jesuítas

As dificuldades com as quais se viram confrontados, realmente, não foram poucas, pois, por exemplo, um incidente qualquer poderia pôr em risco o trabalho de vários anos. Ainda na época da administração do primeiro governador geral de São Salvador, alguns índios aliados da redondeza conseguiram atrair portugueses do assentamento para dentro da mata, matando-os e preparando uma refeição mórbida. A indignação dos cristãos foi grande e, mesmo assim, seria muito arriscado provocar uma luta aberta com os nativos, que eram em número muito maior.

Através da mediação dos jesuítas, conseguiu-se a entrega dos culpados pelos próprios companheiros, e o governador, então, mandou acorrentá-los em um canhão armado que, em seguida, foi detonado, como um exemplo desencorajador. De forma que os membros foram estilhaçados em todas as direções! Este procedimento foi considerado justo por todas as partes e a paz novamente foi garantida.

Agora também, aqui, na baía do Rio, os padres da Companhia de Jesus procuraram de forma amigável, mas astuta, ganhar, através de presentes e favores, a amizade de adultos e a confiança das crianças. A imponente solenidade da missa e o cerimonial pomposo do culto católico contribuíram de maneira importante para o controle dos instintos desenfreados dos nativos; foram a música e os hinos entoados, principalmente, que exerciam uma atração irresistível sobre os índios, de forma que os catequistas, muitas vezes, afirmaram: “No Brasil, repete-se o Hino de Orfeu, que deve ter emocionado com o seu canto as pedras e as rochas”; pois cada vez que um missionário, com os seus coralistas índios, entravam em uma aldeia carregando o crucifixo e cantando a liturgia, todos os moradores corriam alegremente para recepcioná-los e mostravam-se abertos para tudo o que fossem convidados a fazer. Sim, as crianças fugiam de seus pais para poderem ouvir os seus ensinamentos e participar dos cânticos propostos.

Processo de civilização dos índios

O mais culto entre os irmãos de Ordem, João de Azpilcueta Navarro, já havia, há muito tempo, traduzido as orações católicas e as confissões para a língua Tupi. Desta forma, os jesuítas puderam usá-las nas suas prédicas, não medindo esforços para impressionar as almas de seus ouvintes. Acrescentando aos discursos solenes os gestos assimilados dos índios.

Sempre, porém, eles tiveram de enfrentar a ânsia dos índios pelo prazer no consumo de carne humana e a agressividade dos nativos e dos selvagens em geral. Enquanto que, por outro lado, eles também entravam em conflito com os colonos porque eles não queriam permitir que estes atacassem os índios para roubar e forçá-los à escravidão pesada.

Com o tempo, o último destes conflitos se intensificou e deu início à expulsão total dos jesuítas do Brasil; sobre o que ouviremos mais adiante.

Por ora, os esforços dos padres ainda foram coroados de muito êxito em várias oportunidades; os índios permitiram que fossem batizados, entregaram os seus arcos e suas flechas como sinal de paz ao governador geral e, então, receberam terras, onde se reuniram para formar propriedades maiores ou menores, para iniciar uma vida civil na lavoura. A direção geral de uma missão ficava a cargo do irmão de congregação que havia sido designado como missionário ou padre. Porém, ao lado dele, sempre havia um cacique-índio chamado Meirinho, como autoridade secular, que, ao menos, na aparência, exercia o papel de juiz.

O desenvolvimento das duas capitâneas reais

O sábio Manuel da Nóbrega, que foi enviado ao Brasil pelo próprio fundador da Companhia de Jesus, Ignácio de Loyola, liderou os assuntos eclesiásticos, desde 1550, já na função de sacerdote responsável, por todo o vasto reino, e distribuiu os seus companheiros pelos primeiros núcleos da cidade.

Sob sua ordem, em pouco tempo, foram construídas igrejas e escolas, nas quais eram ensinadas, sem discriminação, tanto crianças cristãs vermelhas quanto brancas. Ignácio de Loyola entendeu muito bem a importância desta conquista pacífica e, muitas vezes, mandou ajudantes capazes. De maneira que ele, já, em 1553, elevou o Brasil a uma espécie de sub-sede autônoma da Ordem, sobre a qual Manuel da Nóbrega, de forma definitiva, exerceria sua maior dignidade.

Quanto à sua administração secular e Constituição, São Sebastião (isto é, Rio de Janeiro), foi, agora, equiparada completamente à Capitania Real de São Salvador (Bahia). E quando Mem de Sá, após uma permanência mais longa, partiu para voltar à sua cidade, ele nomeou o seu segundo sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, para ocupar o lugar de Estácio, como governador da cidade; sob a direção do qual o novo assentamento se desenvolveu de forma lenta, mas consistente. De forma que foi capaz de incorporar o litoral adjacente e as terras mais próximas ao seu projeto de colonização.

O país dos contrastes

Espero, meus caros leitores que, certamente, gostam de unir o útil ao agradável, que a minha narrativa sobre a fundação dessa agora tão bela cidade do Rio de Janeiro (como a de muitos outros lugares no Brasil) tenha despertado o seu vivo interesse, já que, ao final, sempre somente o útil pode ser realmente agradável nas suas consequências.

Vocês poderão, com isso, já ter uma ideia de quantas dificuldades trouxeram os anos a colonização de daquela região; e quanta coragem, força de vontade e persistência ainda hoje são necessárias para levar adiante um projeto desta envergadura; caso a gente se lance com forças próprias a realizá-lo; por não termos o dinheiro disponível, mas também por não termos a falta de consciência de deixar que um escravo faça o trabalho pesado.

Que contradição das condições sociais em um mesmo país. Sim, podemos observar isso em uma extensão de poucas milhas!

Aqui, diante dos nossos olhos, encontra-se a maravilhosa Capital, envolta em um manto de luxo e arte. E lá, logo adiante, encontramos, ainda, muita escuridão, pobreza e desgraça, crime e desespero!

Novamente, aqui, uma população farta da vida e, mesmo assim, temendo a morte, que se arrasta, cansada, carente na abundância e sem prazer. E, do outro lado, atrás daquelas montanhas, um novo ânimo de viver, divertimento sem malícia, trabalho alegre e descanso devido!

Sim, o Brasil é o país dos contrastes e eu ainda poderei contar a vocês várias coisas a este respeito.

Mesmo assim, o país somente reflete a sua própria imagem, que, apesar dos fortes contrastes que ele apresenta em muitas coisas, mostra também uma uniformidade. Chegando, às vezes, até a monotonia. Lentamente eu vou tentar introduzir vocês nessa minha afirmação.

Velejando pelo porto do Rio de Janeiro

Vejam, agora, o caminho nos leva ao longo do palácio imperial, que se encontra imediatamente logo atrás das docas. E pelo mosteiro de Santo Antônio, que se eleva logo atrás, em um morro, sobre as ruas que serpenteiam logo abaixo. Este ponto pode ser considerado o coração de todo este cenário adornado de construções de todos os tipos.

Na presença do palácio, nós já devemos ter visto, à esquerda, os bairros de Botafogo e Laranjeiras e, logo atrás, o Pão-de-Açúcar. Já passamos, então, a maravilhosa igreja da Glória, construída em uma elevação muito pitoresca, acima do bairro chamado de Catete e que resplandece em direção ao mar. E velejamos em torno da península que abriga o grande Hospital da Misericórdia e o arsenal de guerra. Voltamos, então, o nosso olhar para cima, em direção ao Morro do Castelo, que, agora, dá lugar a uma caserna e mostra no seu topo o mastro da bandeira, anunciando os navios e suas nacionalidades, que se aproximam do porto; uma vez que isso acontece a partir do forte de Santa Cruz, através do hasteamento de iguais flâmulas.

Não existe mais alguma outra elevação na periferia da cidade que pudesse ser usada para este fim. E, como, este mastro de sinalização é de vital importância para o tráfego de navios mercantes em um local como o Rio, essas circunstâncias devem contribuir para que, até hoje, ainda não se tenha tomado a decisão de se pôr em prática o plano de retirar completamente este morro.

Predominância das Irmãs de Caridade

Afirma-se, provavelmente, não sem razão, que a retirada deste morro traria muitos benefícios para a saúde dos moradores da cidade, construída abaixo dele, porque se obteria uma abertura muito maior para a entrada da brisa do mar e retiraria todas as más evaporações e miasmas retidos no seu paredão.

Também a “Misericórdia”, com suas construções gigantescas, sua Igreja e todas as suas outras dependências, chamou a nossa atenção. Trata-se, neste caso, de uma fundação privada, isto é, uma instituição que foi criada por doações de pessoas piedosas e que pode ser ampliada e mantida por contribuições regulares. Aqui, os doentes de todas as nacionalidades encontram atendimento e tratamento realmente humanos e, principalmente, nos períodos em que a “febre amarela” eclodia de forma mais violenta, nunca podemos esquecer de agradecer o sacrifício pessoal dessas incansáveis “Soeurs de Charitè”, que, aqui, como em tantos outros lugares exercem a profissão de enfermeiras.

Também nos hospitais, como “no hospício de dom Pedro II e Nossa Senhora da Saúde”, bem como em casas particulares, as misericordiosas irmãs trabalhavam com altruísmo carinhoso. Muitas delas adoeciam e até morriam, mas as outras não se deixavam abater, fortalecendo a sua fama de serem as mais abnegadas enfermeiras que já existiram, uma vez que elas cuidavam do bem-estar físico e contribuíam para a distração dos doentes sem, no entanto, tentar missionar ou fazer esforços para converter os seus protegidos.

A Carioca e o Passeio Público

Essas considerações nos levam diretamente à comparação de uma atitude que traz incontáveis benefícios em relação ao estúpido comportamento das freiras no “Convento de Santa Teresa” que tivemos há pouco a oportunidade de observar acima do jardim: “Passeio Público”, na lateral de um morro que se eleva a nossa frente.

A irmandade de Santa Teresa é submetida a regras tão severas da Ordem, que, de tantas orações, de auto-flagelo e exercícios de penitência, não têm tempo para outra ocupação. A sua total reclusão de qualquer contato com o mundo exterior e a monotonia de um modo de vida tão completamente sem qualquer utilidade só podem causar uma influência negativa sobre as forças físicas e espirituais dessas pobres prisioneiras; e, por isso, não nos deve causar surpresa o relato de médicos que, no exercício da sua profissão, de vez em quando, penetram no interior desta instituição e nos fornecem um retrato desolador da situação.

Por trás de Santa Teresa, por quase duas milhas, podemos observar o traçado do belo Aqueduto da Carioca, que se origina nas montanhas azuis, descendo em direção à cidade, onde, perto do Convento iniciam, então, os assim chamados “Arcos”, isto é, os grandes pilares de rara elegância encimados pelos arcos duplos que se elevam acima das ruas até o morro do Convento de Santo Antônio, terminando em um grande chafariz, fornecendo, assim, a mais pura água mineral para consumo da população.

O Passeio Público é um parque projetado, rodeado de um muro, com um portão para o lado do mar, que possui lindos terraços, ocupando uma área bastante grande entre o Catete e a cidade. Maravilhosas alamedas sombreadas pelas folhas das árvores dão uma sensação de frescor, e é extraordinariamente rica a vista a partir dos terraços que terminam em ambos os lados em pequenos templos octavados, enquanto que as ondas que rebentam contra os altos muros de pedra jorram água para o alto, contribuindo para a grandiosidade do conjunto.

Como nos parecem aprazíveis a entrada da baía, com o Pão-de-Açúcar, em primeiro plano, e o Forte de Santa Cruz, lateralmente, assim como Niterói e Praia Grande, que se estendem pelo lado oposto do nosso ponto de vista.

O Jardim Botânico

Uma vez que estamos falando deste lado da cidade e seus arredores, queremos, logo, dizer também uma palavra sobre o “Jardim Botânico”. Apesar de estarmos a bordo de um barco, não podemos vê-lo. Para chegar até ele, teremos de desembarcar em Botafogo.

Entre jardins cuidadosamente plantados que, muitas vezes, apresentam figuras de mármore sobre pedestais embaixo das árvores tropicais, podemos ver um conjunto de lindas residências, que são habitadas, na sua maioria, por comerciantes estrangeiros, principalmente ingleses e, em parte, também, por brasileiros ricos.

Um caminho estreito nos leva ao redor de um morro, na direção do Jardim Botânico, que ocupa uma área de, aproximadamente, dois quilômetros quadrados e possui grandes exemplares do Reino Vegetal de quase todos os países de clima mais ameno. O seu desenvolvimento (com o tratamento bastante precário que recebem) é extraordinário. E prova que o clima é favorável e o solo é excelente.

A primeira esposa do primeiro imperador do Brasil, Leopoldina, mãe do atual imperador, e irmã da segunda esposa de Napoleão, portanto, uma arquiduquesa austríaca de nascimento, empenhou-se, de forma especial, para o crescimento desta área. Foram, por sua conta e iniciativa, trazidas muitas plantas exóticas até aqui. Desta forma, então, podemos encontrar alamedas inteiras de canforeiros e outras plantas asiáticas. A palmeira-sagu abre suas folhas largas sobre os frondosos pés de jaca e, ao lado das árvores de noz moscada e canela, parece que todos os temperos das Índias orientais encontraram aqui uma nova pátria.

Trabalhadores chineses e chá

Campos inteiros foram plantados com pés de chá, que eram cuidados por trabalhadores chineses, especialmente contratados para este fim. Dos 500 chineses contratados que (tanto aqui como na propriedade imperial de Santa Cruz) foram destinados para trabalharem na plantação de chá, não sobraram mais do que uns 20, já que eles, homens solteiros e que já estavam saturados daquele trabalho forçado e pouco remunerado, começaram a debandar. Muitos foram batizados e se casaram com brasileiras.

Outros, pegaram mercadorias em consignação, vendendo de porta em porta, até que tivessem dinheiro suficiente para voltar a sua pátria. Além disso, o chá havia caído em má fama por culpa deles próprios. Devido à falta de supervisão, eles foram capazes de desviar o chá de melhor qualidade, já na colheita, e vendê-lo de forma clandestina. Enquanto que o produto inferior não encontrava compradores. Com isso, todo este empreendimento ficou estagnado. Apesar de o chá, em vários locais do Brasil, com o devido cuidado, poder se desenvolver muito bem - o que prova este remanescente do Jardim Botânico.

Também podemos observar, em grande quantidade, plantações de café, cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Ao lado de muitas flores multicoloridas, entre outras plantas ornamentais. Devemos dar a devida atenção a uma alameda peculiar de colossais palmeiras, plantadas uma ao lado da outra em linha reta e na mesma distância, que cresceram na mesma altura, cujo tronco de forma piramidal, arredondado para baixo, terminando em uma ponta, abre as suas maravilhosas folhas em forma de leque.

O tronco liso e reluzente de coloração verde acinzentada, na altura do chão, tem um diâmetro de 12 a 14 pés, formando um degrau de aproximadamente dois pés de altura, da qual se eleva um segundo, de diâmetro um pouco menor, e mais baixo, que serve de base para uma terceira, menor e mais curta. E, assim por diante. Até que, para cima, o último degrau parece recortado para dar lugar aos longos talos das folhas, que, como em todas as palmeiras, caem ao final do ano para dar lugar a um novo broto. Até que a árvore chegue ao estado de decomposição. Porém, este momento ainda está longe de acontecer. E a força vital destas gigantes plantas parece inesgotável!

O mercado com suas atrações

Voltemos rapidamente! Das mangueiras, com suas grandes frutas amarelas, suculentas e saborosas, já falamos anteriormente. Elas nos fornecem uma sombra bem-vinda por baixo do seu teto de folhas verdes escuras, que é impermeável, mesmo em caso de uma chuva torrencial típica dos trópicos. Nós, porém, voltaremos para o nosso barco, que deixamos em frente ao palácio imperial, na margem da baía, para continuarmos de lá a nossa viagem.

Em primeiro plano, estende-se, diante de um emaranhado de casas e igrejas, que são adornadas com muitas pequenas torres de todos os tipos, um largo muro, na beira do mar, que, de um lado, forma a demarcação do mercado, cujo burburinho ainda teremos de tomar alguma nota. Pois não só estão dispostas em grupos, de maneira atraente, as saborosas verduras e frutas de todos os tipos, decoradas de guirlandas de flores, como também são oferecidos à venda animais, principalmente macacos de todos os tipos, que mostram-se nas posições mais engraçadas. Uma grande quantidade de colibris e papagaios, que voam em volta dos pilares do pavilhão, ao lado de muitos outros quadrúpedes, aves e pássaros, seja como atração exótica ou para consumo.

Podem ser vistas lebres saltadoras, quatis, tatus bandeira e outros tatus (cobertos de um casco com escamas), tartarugas de todos os tamanhos, lagartos (comestíveis, e com um comprimento de dois a três pés), siris, camarões, ostras de várias espécies, peixes em grande variedade e quantidade e conchas, do tamanho e uma tigela até o diminuto tamanho de uma lentilha.

Artigos para compra

Há também esteiras de palha em cores e desenhos muito bem trabalhados, sobre os quais o brasileiro gosta de sentar ou dormir, como esteiras mais grosseiras de junco para o mesmo uso; chapéus de palha e de ráfia ao lado de redes que, em parte, são lindamente tecidas e enfeitadas. Cestos em todos os tamanhos e qualidades, que, normalmente, são usados para colocar farinha de mandioca. E potes e moringas, na qual a água pode ser conservada por mais tempo; artigos simples, de produção caseira, são expostos em grande quantidade.

Da mesma forma, são encontrados pássaros e mamíferos empalhados, borboletas preparadas, besouros e outros insetos. Flores artificiais feitas de conchas, escamas, penas, resina de árvore, pele de cobra curtida, extratos de plantas, coco, vários tipos de grãos, arroz etc. Muitas vezes, de efeito e beleza surpreendentes. Principalmente entre elas, é a marcela que atrai o nosso olhar, da qual são tecidas lindas coroas que brilham ao sol. Também nos chamam a atenção os enormes chifres de boi retorcidos e lindamente enfeitados, da mesma forma que aquelas minúsculas bonequinhas de santas costuradas com incrível delicadeza.

Aqui, falta a necessária calma para admirar tudo aquilo que realmente se mostra interessante. Nós nos esprememos através da multidão de pessoas, grande parte escuras, trajando roupas de cor amarela viva e de vendedores e compradores que sempre cruzam o nosso caminho e ficamos aliviados de poder nos esquivar daquele barulho ensurdecedor que vem de tantas vozes de animais e pessoas.

Trapiches, alfândega e arsenal

De volta ao nosso barco, nós continuamos a nossa navegação. Agora, através do emaranhado denso de navios de todos os tamanhos e tipos, que chegam até bem próximo da cidade e que lançaram âncora diante dos armazéns e das áreas abertas, construídos para dentro do mar para o armazenamento de inúmeras mercadorias. Existem vários desses trapiches ao longo da praia e todos eles têm ligação com a alfândega, que por si só já constitui um bairro, de forma que os comerciantes podem deixar as mercadorias lá estocadas até que resolvam pagar os impostos. E somente, então, será possível retirá-las de lá.

Tudo nesta região é vida e movimento! Centenas de botes, canoas, faluas e pequenos navios estão em constante vaivém e em todos os navios mercantes observamos uma atividade incansável. Em parte, pelo descarregamento e carregamento das mercadorias e, em parte, pela manutenção daqueles navios de três e quatro mastros.

Atrás dos vários trapiches e de ruas vemos o “Morro da Conceição”, onde outro mosteiro foi construído, além do “Hospital Nossa Senhora da Saúde”.

Finalmente, chegamos ao Arsenal Imperial da Marinha, que comporta importantes fábricas e instalações para a construção de navios a vapor e navios de guerra. E que, provavelmente, representa o maior empreendimento industrial de todo o Brasil. Grande número dos mais especializados trabalhadores de todas as nações sempre encontra trabalho por aqui, a saber, por um salário bastante alto. Porém, infelizmente, o local, no ano de 1850, ficou famoso por um trágico acontecimento durante o surto de febre amarela, pois foi, principalmente aqui, que aconteceu o maior número de mortes entre os mecânicos que acabavam de chegar da Europa. Dos 22 jovens belgas, por exemplo, só sobraram dois, no decorrer de duas semanas, que, assustados, voltaram à sua pátria para evitar que fossem também abatidos pela epidemia impiedosa; e inúmeras são as vítimas que, desde aqueles dias, ainda em nosso tempo, morrem entre os conterrâneos alemães.

O surto da febre amarela

Felizmente, o susto e a penúria que um surto deste tipo causa, agora, não são mais tão grandes como de início. E, com isso, o perigo diminuiu.

Na época, a população foi tomada por um desespero selvagem e um pavor irracional! Quem teve oportunidade de fugir, seguiu em direção às montanhas próximas ou para o interior do país ou, ainda, para além-mar. Todos os negócios foram paralisados, qualquer movimento, interrompido. E, em vez de, com coragem e cuidado, fazer frente à disseminação desta epidemia, alguns se atiraram aos mais hilários prazeres mundanos para escapar do medo, enquanto que outros se martirizaram com exercícios sem sentido de auto-flagelação, o que só acelerou o contágio daquele mal que causava tanto medo.

De início, a doença só se manifestou entre as tripulações dos navios ancorados no porto. Logo, no entanto, ela alcançou também os trabalhadores europeus da cidade e, como eu já disse, principalmente os mecânicos, no Arsenal da Marinha. Depois, ela se alastrou entre os jovens brancos. E, finalmente, entre os negros. Sendo que, milhares morreram entre todas as classes, sem distinção de gênero, idade ou condição social.

Os médicos que vieram da Europa para prestar assistência e somar forças com os seus conhecimentos, também pereceram em pouco tempo. Famílias inteiras foram dizimadas, ruas ficaram despovoadas, navios permaneceram ancorados, abandonados, sem tripulação. Portas e janelas (um fato inédito no Brasil!) foram fechadas. No lugar das reluzentes carruagens de luxo e elegantes cabs de dois lugares puxados por mulas que, normalmente, percorrem as ruas, estavam somente liteiras com enfermos, macas com mortos ou carros fúnebres.

Horrores da epidemia

Tudo isso acompanhado de um incessante badalar dos sinos, ao qual se misturavam aqui e ali os cânticos sombrios das irmandades que distribuíam aos moribundos a extrema unção em procissões solenes.

Após um inverno muito molhado, seguiu-se um verão muito seco e quente, de meados do mês de dezembro até o fim de março (de 1850), praticamente não choveu e o calor era tão intenso que, à noite, após as 10 horas, ainda uma temperatura sufocante tornava difícil a respiração. No dia 12 de janeiro, foram percebidos os primeiros sintomas da febre amarela, que, de acordo com relatos, por vários anos, da qual nunca se encontrou-se sinal no Rio de Janeiro, enquanto que na Bahia e Pernambuco aconteciam alguns casos isolados. Até abril, foram registradas mais de dez mil vítimas e a epidemia continuava a perdurar.

Encontravam-se nas ruas somente fisionomias assustadas, com medo, tristes e uma pessoa evitava o contato com a outra com receio de que o menor toque pudesse ser contagioso. Ao cair da noite, não raramente, revelava-se um espetáculo estranhamente comovente para aquela população sofrida. Via-se um infundável cortejo de vultos fantasmagóricos, mulheres distintas de posse das famílias brasileiras e portuguesas, que escondiam o rosto e o corpo em espessas mantilhas pretas, andando com os pés descalços em cima do calçamento precário das ruas, murmurando rezas lamuriosas. Como se já não fosse suficiente que elas andassem com os tornozelos à vista, diminuindo a sua dignidade, o que só as escravas eram obrigadas a fazer, elas, ainda carregavam pesadas correntes nas quais estavam presas grandes pedras atrás de si. Muitas vezes, por uma distância de uma hora, até uma igreja, para suplicarem a intercessão da Virgem Maria ou de um santo nesses dias de dor.

Porém, caro leitor, não é de se admirar que um grande número dessas suplicantes, devido aos jejuns e exauridas pelo esforço exagerado, nas horas seguintes, contraíam uma doença e morriam!

Cemitério dos protestantes

De outra forma, porém, infelizmente, não melhor, forçados pelos seus empregos não podiam deixar o Rio durante este período de horrores e, agora, procuravam controlar o seu medo, procurando consolo para a sua ansiedade nas maiores orgias. Eles se reuniam para jogos, cantorias e bailes; riam, faziam piadas, comiam e bebiam, até que o raiar do dia os trazia de volta à realidade. Não raramente, para pagar a sua tolice com uma rápida morte.

Eu não falei para vocês que o Brasil era o país dos contrastes?

Nossa viagem, porém, leva-nos, agora, em torno do assim chamado “Saco do Alferes”, um bairro à beira do mar. Nós voltamos o nosso olhar para a colina chamada de “Gamboa”, que, na sua encosta, apresenta um grande cemitério circundado por um muro. Trata-se de um cemitério inglês, onde também estão sepultados muitos outros protestantes, principalmente alemães.

À esquerda, acima da cidade, levantam-se os enormes rochedos, os conhecidos Corcovado e Tijuca. Mas, agora, vamos desembarcar nos de-
frontando, ao longe, com os picos azuis da Serra dos Órgãos, que se delinea no horizonte sobre a profundidade da Baía, em São Cristóvão, um tipo de subúrbio, cujas belas casas de campo, semelhantes às de Botafogo, do outro lado da cidade, na sua maioria, são muito bem localizadas e causam uma ótima impressão.

Palácio e bairro de São Cristóvão

É aqui que se encontra a Quinta da Boa Vista, a residência imperial, um palácio rodeado de um grande jardim que, até 1821, serviu de moradia a dom João XVI, que, na época, ainda era o Rei de Portugal e do Brasil, e toda a sua família. E, em seguida, ao regente e futuro primeiro imperador do país, Pedro I, até que este, dez anos mais tarde (1831) retornou à Europa; deixando a Quinta para os seus filhos, entre eles, o atual dom Pedro II, que, agora, está à frente do Império.

Leva à Quinta da Boa Vista, uma rua larga, muito bem pavimentada, ladeada de belas casas e jardins, que, à noite, da mesma forma que toda a cidade do Rio, possui uma maravilhosa iluminação a gás. Trata-se de uma construção irregular, mas, mesmo assim, bonita, que foi erguida, na sua maior parte, conforme as instruções de dom Pedro I, na época em que era príncipe herdeiro. Uma grade de ferro fundido com muito ouro cerca o pátio de entrada, enquanto que, do lado oposto, estende-se o enorme parque, com a sua exuberância em plantas tropicais incomparáveis, adorável arvoredo e belos jardins.

Uma densa penumbra e um silêncio misterioso envolvem quem caminha entre a cerrada floresta de laranjeiras, limoeiros, pessegueiros e outras árvores frutíferas, nas sombras das enormes mangueiras, por baixo de palmeiras, pinheiros e ciprestes. Babosas e palmeiras anãs mostram a sua linda formação como representantes autênticos da natureza tropical; e altas cercas vivas formadas de pés de café se alternam com alamedas de tamarindos, cedros e pés de figo. Abacaxis e melões vicejam nos canteiros ao lado de camélias e hortênsias, gerânios e rosas silvestres, enquanto a água cristalina cai de mansinho das elevações para acrescentar a magia do conjunto seu murmurar gracioso.

Proclamação da Constituição

Não conseguimos pisar nos recintos mobiliados com simplicidade do Palácio de São Cristóvão sem refletirmos seriamente sobre as decisões sobre o destino da humanidade que deveriam ter sido tomadas nessa Quinta, como assim também é chamado.

Quantas horas agitadas, angustiadas, tristes foram vividas aqui!

A Independência do Brasil, ou seja, a separação de Portugal e sua renegação do domínio português, assim como o seu desenvolvimento autônomo para um Império sob a regência do atual rei, foi negociada a partir daquele palácio e, aqui, referendada. A partir daqui, também, dom Pedro, em fevereiro de 1821, levou a aprovação de seu pai, o Rei de Portugal, da Quinta para o Largo do Rocio, na praça em frente ao teatro, no Rio, onde haviam se reunido tropas rebeldes e uma grande concentração popular, cedendo à vontade tanto dos brasileiros como dos portugueses na pátria para receberem uma Constituição.

Em uma cavalgada rápida, ele se dirigiu a São Cristóvão e, com a mesma rapidez, ele voltou com a boa nova. Apesar do grande júbilo, a população, mesmo assim, queria ver o velho Rei. Este, a pedido de dom Pedro, decidiu-se, muito contra a sua vontade, ir até a cidade em sua caruagem. Sob o estrondo dos canhões e o badalar dos sinos, ele entrou, solenemente, na cidade, apesar de o barulho da população, no júbilo retumbante da sua alegria, ter infligido tamanho susto que algumas pessoas garantem que ele desmaiou.

Enquanto seu filho, com sua espada desembainhada, do alto de seu cavalo, o acompanhava na frente de suas tropas. Do alto do balcão do teatro, dom João XVI confirmou tudo o que dom Pedro já havia dito em seu nome e a alegria foi inacreditável. Festas populares foram organizadas e durante nove noites seguidas, toda a cidade do Rio brilhou na luz da iluminação radiante. A notícia se espalhou para as províncias, que, também, alegraram-se com estes acontecimentos, promovendo festas em todos os lugares. O mesmo aconteceu nas províncias, quando receberam a notícia do que havia ocorrido. E, em todos os lugares, festejou-se a Promulgação de uma Constituição.

O rei deve voltar a Portugal

Porém, agora, o retorno do Rei foi exigido por parte de Portugal. Esta decisão teria de ser tomada, apesar do velho monarca sentir pouca vontade de se submeter a uma segunda viagem no mar e a população brasileira não querer que ele partisse. Estava claro que Portugal, de outra forma, se afastaria completamente da casa real legítima, que, desde a conquista do país pelos franceses (1808), fugira para o Brasil para deixar o país nas mãos dos aliados ingleses.

Após o reestabelecimento da paz europeia, em 1815, e a expulsão do domínio francês da Península Ibérica, o governo de Portugal, em nome do Rei ausente, ficou nas mãos do marechal Beresford. E contra este, em 1820, instalou-se uma rebelião que exigia uma Constituição, dando início ao acima relatado.

A fim de fazer com que a população brasileira se conformasse com a partida do Rei, o príncipe dom Pedro declarou que permaneceria no Brasil até o encerramento e instituição da Constituição. Ao mesmo tempo, foram anunciadas as eleições em todo o país para os representantes do povo que seriam enviados para Portugal (chamados de deputados).

Dom Pedro para os brasileiros

Imediatamente, os brasileiros se lançaram com toda energia na eleição dos deputados, que, de preferência, deveriam voltar junto com o Rei para participar dos debates sobre a nova Constituição. Desta forma, dom João VI, na noite do dia 21 de abril de 1821, pôde se dirigir sem empecilhos a bordo do grande navio de guerra que trazia o seu nome, enquanto que duas fragatas e nove navios de transporte constituíram a sua comitiva (formada por mais de mais de mil pessoas).

Quando chegou a hora da despedida, na Casa Real de Bragança (uma vez que eram descendentes dos príncipes de Bragança), teve de confiar suas vidas ao oceano para voltar ao país de origem, deixando um ramo forte no Brasil, que deveria criar raízes e, depois, abraçar também Portugal. O velho Rei se dirigiu ao seu herdeiro, seu filho mais velho: “Pedro, eu temo muito que o Brasil, em pouco tempo, vá se desligar de Portugal. Se isso acontecer, permita que, pelo menos, a Coroa deste país não caia na mão de um aventureiro. É preferível que você a coloque na sua própria cabeça!”

Luta entre brasileiros e portugueses

Dom Pedro I esforçou-se para seguir os conselhos de seu pai, Pouco tempo depois, o destino exigiu que ele exercesse toda a sua consciência e energia para garantir o controle do Brasil para si, mesmo que o país já estivesse perdido para Portugal.

Toda a situação havia mudado quando Lisboa havia instituído uma Constituição que não contemplava os interesses dos brasileiros. Sem esperar a chegada dos deputados, redigiu-se uma Constituição, por conta própria, para o Reino Unido do Brasil e Portugal, deste e daquele lado do oceano. Não causa espanto que a notícia deste ato precipitado e ofensivo gerasse grande repulsa na população brasileira.

Enquanto que, por outro lado, as tropas portuguesas e o partido monarquista exigiram o imediato reconhecimento e submissão à Constituição elaborada em Lisboa. O ciúme entre os portugueses e os brasileiros antigos (isto é, os descendentes de imigrantes anteriores), que já se fez sentir muitas vezes, ficou ainda mais exacerbado, culminando em uma luta aberta vencida, por ora, pelo partido português.

Na manhã do dia 5 de junho de 1821, as tropas do exército português, que, novamente, haviam se reunido no Largo do Rocio, com gritarias provocadoras, eles queriam a aprovação do príncipe regente da Constituição de Lisboa. Dom Pedro, convocado às pressas, do palácio em São Cristóvão, viu-se obrigado a ceder, apesar de que ele, cuidadosamente, proclamou: “Primeiro, deve-se ouvir a vontade do povo brasileiro.”

Os delegados com direito a voto, devido à urgência do assunto, logo declararam a sua anuência. E o partido português, com isso, no momento, saiu vitorioso. Porém, a paz não foi garantida, porque, o que é fácil de compreender, a efervescência política e os ânimos exaltados, de ambos os lados, só cresciam, quanto mais notícias chegavam de Portugal sobre a maneira grosseira e impositiva pelas quais o país desejava forçar sua aplicação e tirar vantagens.

O Brasil, que se apresentava, há muitos anos, independente de Portugal, e teve de acolher o Rei português porque ele havia sido expulso de seu país, agora, deveria, novamente, tornar-se completamente dependente e ser tratado como uma colônia deste minúsculo Estado europeu! Isto parecia desejado para o partido português, porém, os brasileiros se rebelaram com um ódio unânime.

Dom Pedro pretende manter as duas coroas

O próprio Dom Pedro, que, certamente, pretendia garantir as duas coroas para si, não estava disposto a favorecer a completa independência do Brasil de Portugal. Ao mesmo tempo em que também relutava em obedecer ao comando de Lisboa, que exigia seu retorno à Europa. Ele bem entendia que os brasileiros estariam irremediavelmente perdidos para a Casa de Bragança, já que, após a sua partida, iria irromper uma Guerra Civil, produzindo sofrimento, mas culminando com a independência do Brasil.

Vieram comitivas de delegados das várias províncias para expor ao príncipe regente que ele não deveria deixar o Brasil de maneira alguma, porque, caso contrário, ele seria responsável por um derramamento de sangue, que, sem dúvida, ocorreria se a sua presença não garantisse a paz. Dom Pedro, que, certamente, já se sentia inclinado a acolher esses pedidos, no dia 9 de janeiro de 1882, dirigiu-se a um grande número de dignatários e representantes de órgãos públicos que, novamente, trouxeram até ele os pedidos, dizendo: “Digam ao povo brasileiro que eu fico!” Uma declaração que, ainda hoje, é lembrada anualmente com uma festa em comemoração ao dia.

Destituição de tropas

Realmente parecia que, para o momento, a paz tinha sido estabelecida; porém, o partido português ficou ainda mais indignado e as tropas chegaram até a pegarem em armas, posicionando-se no Morro do Castelo. Prontamente, no entanto, reuniu-se a guarda nacional brasileira e outras milícias da capital na Praça de Santana. Com a rápida intervenção do príncipe, pôde ser evitado, também, desta vez, o entrevero sangrento. Porque os regimentos portugueses começaram a duvidar do êxito do seu empreendimento, concordaram em bater em retirada sob a condição de não terem de entregar as suas armas. Os brasileiros, no entanto, continuavam insatisfeitos, até que o príncipe regente ordenou aos soldados portugueses deixassem a cidade e montassem um acampamento do outro lado da baía, na Praia Grande, até que pudessem ser concluídos os preparativos para o seu retorno a Portugal. Ao mesmo tempo, não foram medidos esforços para proteger a cidade contra um eventual ataque. E as tropas rebeldes, realmente, só puderam ser convencidas a, finalmente, subirem nos navios, porque o governo brasileiro não forneceu mais os alimentos.

Com isso, dom Pedro, é claro, perdeu toda a proteção contra os desejos da população brasileira que, principalmente no Rio, trabalhava no objetivo de conseguir a total independência entre Portugal e Brasil. Enquanto que, em quase todas as outras partes do Brasil, irromperam lutas entre portugueses e brasileiros, que, principalmente, na Bahia, custaram muitas vidas, mas, ao final, culminaram na total aprovação da autoridade do príncipe regente.

Entretanto, aumentavam os sinais vindos da Europa de que a Assembleia Geral portuguesa iria tentar, com o uso de força, obrigar o Brasil a aceitar os termos da sua Constituição, relegando o país, novamente, à situação de colônia totalmente dependente de Portugal. E, na mesma medida, crescia a preocupação de dom Pedro, que se empenhava em trabalhar contra a separação das duas nações. Ele escreveu para Lisboa: “Agora, só nos resta duas opções: ou nos submetemos à Constituição de Portugal ou nomeamos a Assembleia Geral própria”.

Somente Personal Union

De fato, o príncipe regente não pôde, por mais tempo, resistir às pressões das províncias brasileiras. No dia do aniversário do seu pai, o Rei, foi lhe conferido o título de Defensor e Protetor Perpétuo do Brasil. Ele respondeu ao povo benevolente de acordo com as suas expressões: “Que o Brasil não necessitava de protetor, porque o país poderia proteger-se a si, mas o título de Defensor Perpétuo da nação, eu aceito”. E acrescentou: “E eu juro mostrar-me digno enquanto correr uma gota de sangue nas minhas veias.”

Agora, de todos os lados, reivindicava-se, um regime regencial próprio, bem como uma Assembleia Geral Constituinte. Não se queria continuar unido a Portugal de maneira alguma, a não ser por Personal Union. E o Príncipe regente cedeu aos pedidos para maior júbilo da população, ofereceu-se, então, a ele, o título Rei do Brasil, enquanto que o Rei de Portugal, seu pai, doravante, seria chamado de: Imperador do Reino de Portugal e Brasil.

Dom Pedro relatou todos esses procedimentos a seu pai no dia 19 de junho de 1822 e terminou a sua carta com as seguintes palavras: “O Brasil ainda o ama, senhor; ele o reconhece como monarca e sempre o reconheceu como tal. Os brasileiros até não se mostraram avessos ao sistema de corte, isto é, uma Constituição representativa. Não se sabe, ainda, se para a sua sorte ou para a sua desgraça”, desconfiando que uma constituinte representativa poderia ser benéfica (o príncipe tinha esta impressão porque ele acreditava na legalidade de um Reinado Absolutista, uma vez que, assim, fora educado).

Ele continuou escrevendo: “Porém, hoje em dia, o Brasil, despreza e odeia as Cortes portuguesas, que queriam relegá-lo a uma simples Província de Portugal ou, ainda, a alguma posição inferior. O país nunca mais obedecerá às ordens de Portugal e eu não permitirei que eles obedeçam. De agora em diante, os brasileiros só aceitarão leis da sua própria constituinte”.

Chamada para a união e independência

O governo, em Portugal, no entanto, de maneira alguma, iria tão facilmente desistir do Brasil. Rapidamente, foram convocados soldados para enviar um novo batalhão para o outro lado do oceano. Dom Pedro, porém, tomou providências para a defesa e convocou toda a população brasileira a reunir-se a sua volta, dizendo, entre outras coisas “Oh, brasileiros, reúnam-se no mesmo espírito de união e esperança para o apoio mútuo. Nenhum ou outro grito deverá ecoar entre vós do que aquele que diz união! E em um único eco, este grito deverá ressoar do Amazonas ao Rio da Prata, que os levará à Independência”.

(Montevideu, naquela época, ainda pertencia ao Brasil)

“Que todas as nossas províncias se enlacem em uma corrente indissolúvel! Que todos os velhos preconceitos sejam apagados de uma vez. E, no lugar do amor por cada província, por cada cidade, faça-se presente em vós a disposição de se doar pelo bem comum! Permita que sejamos uma unidade! Eu sou o vosso conterrâneo, o seu defensor; minha felicidade reside em vós. A minha aspiração é a de reger um povo livre. Deem-me o exemplo das suas virtudes e coragem. De sua união e de seu bom senso; eu me mostrarei digno de vós!” (no dia 1º de agosto de 1822)

A Proclamação da Independência

Com isso, a manutenção da Personal Union parecia não ser mais possível, uma vez que, Lisboa não se contentou com esta situação. E os brasileiros, ao contrário, apressaram-se em cortar qualquer relacionamento amistoso com Portugal. Desta maneira, o príncipe regente viu-se obrigado a desistir completamente deste país se quisesse firmar posição no Brasil. Durante uma viagem a São Paulo, onde as autoridades dessa cidade vieram ao seu encontro até a altura do riacho do Ipiranga, a duas milhas, para recebê-lo com discursos solenes, desta forma, uma multidão, havia-se reunido na planície de mesmo nome. Dom Pedro cedeu à pressão do momento e retirou as insígnias de Portugal do seu chapéu, afixando no seu braço uma fita verde bordada de ouro, enquanto bradou: “Independência ou morte!”

Isso aconteceu no dia 7 de setembro de 1822 e desde aí este dia é lembrado como o Dia da Independência e festejado solenemente. Desde aí, o verde e o ouro representam as cores brasileiras.

A subida ao trono, propriamente dita, como a de um Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil ocorreu mais tarde, no dia 12 de outubro de 1822, na Praça de Santana, que, a partir de então, deveria ser chamada de Campo da Aclamação, que, depois, no entanto, foi testemunha de muitos outros acontecimentos não menos importantes e várias vezes mudou de nome.

Todas as províncias, em pouco tempo, seguiram a Capital com uma sequência colorida de comemorações e a instalação do império independente foi acolhida com júbilo imensurável com procissões sem fim, missas em ação de graças, badalar de sinos, salvas de canhão, fogos de alegria e outras iluminações.

O Império do Brasil

Esta, meus caros, é, em curtas pinceladas “a luta brasileira pela Independência”, que será apreciada tanto mais por um humanista se ele souber que correu pouquíssimo sangue e custou poucas vidas. No entanto, ainda faltava muito até a pacificação de todos os ânimos e os próximos dez anos foram repletos de confusões e incertezas no quadro político. No final, sempre, tudo se resolvia de maneira pacífica. Ao contrário do que acontecia em tempos passados e nós também, nesta ocasião, podemos dizer: “O mundo caminha para um humanismo na prática, isto é um processo de humanização e ascensão; lentamente, porém, de maneira irrefreável!”

Com esta consciência que nos alegra, queremos deixar, por hoje, o Palácio de São Cristóvão e, postergarmos a narração dos acontecimentos do qual ele foi palco para outra hora. Agora, devemos nos apressar, se não quisermos perder a comemoração natalina que nos espera.

Entremos neste gracioso jardim, que serve de moldura convidativa e perfumada para uma casinha simples à beira do caminho. Sentamos no banco simples, ao lado da porta, embaixo das maravilhosas tamareiras que ultrapassam o telhado, disseminando sombra e fresco.

Petrópolis e Morro Queimado

Agora são cinco horas da tarde e, mesmo que o sol ainda castigue a estrada poeirenta, nós, aqui, debaixo destas folhagens densas nos sentimos abrigados, recebendo a brisa do mar, que vem pelo lado, de maneira que o calor não nos incomoda. Agradáveis perfumes emanam de canteiros de flor e alegres colibris flutuam de cálice em cálice para sugar o doce néctar. Um passarinho escondido entre a folhagem; claro, que não é tão bonito como as nossas cotovias e rouxinóis, porém, da mesma forma exultante, que nos induz a sentimentos semelhantes.

Os grilos cantam de maneira feliz, mas monótona. O seu constante: “zim, zim, zim!” alto e sempre alto. Tudo zumbe, sibila e volteia naquele momento mágico. Um sem-número de maravilhosas borboletas e besouros coloridos balançam em uma dança colorida de roda. Os pequenos insetos se banham nos dourados raios de sol como se quisessem concorrer entre si em beleza e alegria de vida; antes do cair da noite!

De longe, podemos observar o cone rochoso que, de longe, parece ser azul, ao pé do qual se estende a colônia alemã de Petrópolis, ao lado de um palácio imperial de mesmo nome, bem acima, nas montanhas. Até lá, um agradável caminho leva à pequena via férrea, que diminuiu significativamente a viagem entre a capital e a margem oposta da baía, há alguns anos. Além disso, o nosso olhar encontra os imponentes pilares pontiagudos da Serra dos Órgãos, que se agigantam delgadas, semelhantes a tubos de órgão.

Na lateral, para lá, além da baía, o caminho leva a Morro Queimado, onde também existe uma colônia alemã, ou melhor dizendo, Suíça (pois lá, foram assentados tanto alemães como suíços), recebendo o nome de Nova Friburgo.

Este caminho, no entanto, só pode ser transitado por pedestres, mulas ou cavalos, como quase todas as estradas no Brasil.

Mais tarde, teremos a oportunidade de conhecer esta e outras colônias alemãs do país.

As fronteiras naturais

Lancem, agora, o olhar para a Ilha das Cobras, que, com suas casas de campo que despontam no meio de uma exuberante quantidade de plantas tropicais, foi considerada uma joia entre as ilhas da baía. E veja, aqui, aos nossos pés, o mar, que nos parece tão uniforme, mas se encontra em constante movimento! Que belo ele descansa ou jaz no colo desse cenário de folhas verdes e de que forma monumental, em uma outra parte, ele se arrasta na rebentação, que ecoa, semelhante a um trovão, e se ouve de longe! Como um chafariz, jorrando as coroas brancas das ondas para as alturas contra a rocha imóvel ou deixando deslizar murmurante sobre a areia da praia!

Mares e rios, afinal, constituem fatores que ligam, promovem e impulsionam o ser humano e, rapidamente, a cultura e as sementes do conhecimento são levadas através destes corredores de água por um vasto território. Não existe, praticamente, nenhuma tribo nativa que não saiba, ao menos, construir uma canoa, com a qual colher as dádivas e, em seguida, procurar um pequeno comércio de troca. Com facilidade, um rio ou um braço de mar podem ser atravessados, estabelecendo em ambas as margens os mesmos costumes e as mesmas línguas. Enquanto que, altas montanhas dificultam a comunicação entre moradores de uma região. De maneira que, não raramente, nos seus declives, pode reinar um clima totalmente diferentes, crescer uma outra vegetação e existirem outras espécies de animais e, desta forma, promover um desenvolvimento distinto entre os povos.

Assim, não são as águas que produzem fronteiras naturais, mas as cadeias de montanhas. É o Brasil, de muitas formas, agraciado pela natureza, apresenta um relevo de planaltos bastante inapropriado para a expansão da cultura e da civilização. Como vimos, o Amazonas, o Rio da Prata e o São Francisco deságuam no oceano Atlântico, já os de menor vazão correm para o interior do país.

Bancos de areia movediça abaixo do nível do mar

Ao longo da costa, elevam-se os contrafortes de três a seis mil pés de altura, que mostram formações bastante pitorescas, enquanto que, a área da costa possui uma largura de somente dois a oito milhas. Os rios brasileiros apresentam enormes cachoeiras, infelizmente, não são úteis para a navegação, apesar de aumentarem a beleza da região. Juntam-se a este fato as más condições das entradas para os estuários dos rios e golfos, devido à constante luta entre a água doce que escoar com a maré que constantemente vai e vem cria bancos de areia movediça por baixo do nível do mar, causando perigo às embarcações que navegam naquelas áreas. Enquanto que, em outras partes, a costa foi desmatada às pressas, fazendo com que a fina areia das margens tenha perdido qualquer estabilidade, de maneira que as ondas puderam carregá-la, causando o assoreamento dos lugares de ancoragem; como aconteceu, por exemplo, em São Vicente, cujo comércio foi transferido, em pouco tempo, para Santos.

Mesmo a maravilhosa entrada do Rio de Janeiro apresenta alguns perigos. Os penhascos e os bancos de areia que se encontram na entrada somente podem ser evitados com segurança durante a maré cheia e o vento que regularmente muda a direção e precisa, constantemente, ser observado. É por isso que os navios preferem entrar na baía à tarde e aqueles que querem zarpar, procuram fazê-lo antes das dez horas. Se o vento não for suficientemente forte para que isso possa ocorrer, os navios à vela são puxados para fora da baía com o auxílio de um navio a vapor.

Vida de navegante

Em relação a isso, eu preciso contar para vocês, caros amigos, uma história singular, cuja veracidade eu posso assegurar.

Foi em um dos quartos especiais do hotel da marinha, uma hospedaria muito conhecida no Rio de Janeiro, que, na noite do dia 5 de abril de 1552, vários jovens cavalheiros estavam reunidos em torno de uma mesa sobre a qual uma poncheira muito grande fumegava, provando, sem dúvida, o porquê desta reunião.

Mesmo que se tenha exagerado um pouco, é compreensível se refletirmos sobre quão árdua e perigosa é a profissão de um navegador. Sua vida costuma ser cheia de privações, carregada de preocupações e, no entanto, monótonas. E só raramente podemos encontra-lo na idade mais avançada no convívio de sua querida família, depois de milhares de perigos e aflições.

Pois quantos encontraram seu túmulo na profundidade do mar, onde também perderam toda a sua propriedade e muitos jazem nas encostas longínquas, onde alguma doença grave se abateu sobre eles e a morte certa os levou; longe dos seus familiares e amigos, entre estranhos, cuja língua, provavelmente, nem conheciam; sem que ninguém chore a sua morte e sem que sua família pudesse ser avisada!

Vemos que estes jovens pertencem à categoria de navegadores, o que nos mostra a sua roupa e uma certa elegância que, em parte, trata-se de capitães de navios mercantes ou de oficiais.

Eles estão celebrando uma despedida, pois, amanhã, vários dos aqui reunidos iriam zarpar novamente para, com seus carregamentos de café, açúcar ou tabaco, dizerem adeus a esta costa acolhedora. Os anfitriões não mediam esforços para garantir, de todas as maneiras, a alegria de seus convidados. E, assim, não faltavam histórias e conversas divertidas. O principal motivo dos gracejos era o casamento de um dos senhores ocorrido hoje, cuja jovem esposa estava ocupada com os preparativos para a partida e, portanto, não se negara a permitir que seu marido participasse desta festa.

Caprichos das mulheres

Rodrigo, ao menos, afirmava que este tipo de folga era concedida sem mais perguntas, e os outros, rindo, diziam que ele deveria aproveitar esta tolerância porque nunca se sabia quanto tempo o bom humor de uma mulher poderia durar.

“Esta mulherada é mesmo de sexo instável”, disse um.

“Eu admiro que um lobo do mar esclarecido que não raro teve a oportunidade de conhecer as atrocidades do mau humor de um tufão tivesse unido seu destino ao de uma mulher que no melhor dos casos mudaria a cada 24 horas a direção do seu ataque tempestuoso.”

“Por que não?”, respondeu Rodrigo, sorrindo: “Ela possui uma voz bonita e, ao mesmo tempo forte, e eu ficaria muito contente se ela contasse bastante!”

“Hoje, não há como competir com ele”, opinou um outro, “Hoje, ele consegue ver na sua escolhida nada mais do que puro ouro; e isso é bom, porque ela, em breve, custará caro, devido ao dinheiro que gastará!”

Um antídoto eficiente

Todos riram. Rodrigo, porém, disse, em tom mais sério do que anteriormente:

“Aí é que você se engana! Vocês poderão me chamar de interesseiro, eu, porém, tenho absoluta certeza sobre este assunto; pois, vejam, minha pequena Rosa foi capaz de prover o seu sustento durante bastante tempo sem o meu auxílio e não somente para si, mas também para a sua mãe, que é cega, vive com ela e que, como vocês sabem, levarei junto para a Europa. Acredito que ela não dependerá da minha colaboração e isso me alegra porque agora eu sei que ela não concordou em ser a minha esposa somente para achar um provedor.”

Como os outros não sabiam, logo, o que deveriam responder, ele continuou:

“Quanto aos tão propalados caprichos das mulheres que os homens devem dirigir ao sexo feminino, eu sou da opinião que também, neste caso, não tenho nada a temer. Minha Rosa aprendeu uma profissão rentável como é de praxe para todas as francesas da classe média. Ela é chapeleira, como vocês sabem, portanto, ela não tem tempo a perder com mau humor. Quem tem um propósito de vida sensato e sempre trabalha com afinco para prover o seu sustento nunca terá tempo suficiente para “caçar grilos”.

“Mas”, retrucou, ainda, um outro: “Como você pode permitir que a sua mulher trabalhe pelo próprio pão quando cada um de nós se orgulha de não exigir de sua esposa nada além dos cuidados da casa?”

“Pessoas insensatas eu não aceito como juízas”, respondeu Rodrigo. “E como só posso passar pouco tempo na minha casa, já que a minha profissão me leva, às vezes, por anos, através do mar, certamente, não terei nada melhor a fazer do que deixar a minha Rosa seguir com sua vida costumeira para que nós dois ganhemos e possamos juntar um pequeno capital para os nossos dias de velhice, uma vez que seria mais difícil trabalharmos do que agora.”

“Pois bem”, disse o outro. “Mas seus filhos exigirão cuidado e custarão dinheiro”.

“Certamente”, disse Rodrigo. “E subentende-se que eu, com muito prazer, cuidarei da sua educação. Por outro lado, uma mãe zelosa, certamente, já os acostumará a trabalhos úteis, desde pequenos. E, sempre, dois bons trabalhadores terão mais facilidade de sustentar seus filhos e provê-los com uma boa educação do que um só seria capaz.”

Por que se deve casar?

“Para que, então, você está casando?”, perguntou um intrumetido.

“Porque na juventude, é necessário que se sele laços de amizade a fim de não chegar à velhice sozinho, respondeu Rodrigo, com simpatia.”

“Eu não tenho razão, Augusto?”, perguntou a um outro jovem que, até agora, não havia se mostrado muito participativo. E quando este encarou com olhar vazio, ele continuou: “Eu não tenho razão se eu sou da opinião de que nós devemos acumular na juventude para depois usufruirmos das nossas riquezas, quando chegarem os dias, como é dito nas escrituras.”

Augusto, no entanto, não respondeu. Ele se limitava a acariciar a cabeça de um enorme Terra Nova, que não tirava o olhar inteligente e fiel de seu dono.

“Ele ainda está ausente junto ao seu cachorro, apesar de estar, agora, no nosso meio”, um deles falou, rindo. E um outro concordou: “Realmente, vocês deveriam ter visto hoje de manhã! A cena foi hilária”.

“Conte, conte logo!” Fizeram-se ouvir vozes de todos os lados.

Mágoa

“Será que eu devo?” perguntou aquele, dirigindo-se a Augusto. E quando este concordou com a cabeça, ele começou a contar: “Com certeza, vocês sabem que o nosso nobre amigo foi convencido a passar para outras mãos o seu amigo de coração, o inigualável Nero, pelo valor de cem Louis’dor, de onde vocês poderão concluir que o comprador era tão fanático por cachorros quanto o vendedor.”

“A negociação só foi possível porque aquele mostrou uma afeição tão grande pelo Nero”, interpôs Augusto, que até agora não havia dito palavra alguma.

Os outros riram e o narrador continuou: “Nós já sabemos que você não estava interessado no dinheiro e que você só colocou um preço tão alto porque tinha esperança de que o novo dono de Nero trataria o cão com cuidados especiais”.

Augusto concordou com a cabeça. “Por que, então, você quer vendê-lo?”, perguntou um outro da roda, admirado. “Era do conhecimento de todos que Augusto era o único filho de pais muito ricos e proprietário de um belo navio de três mastros, que ele comandava e não precisaria abdicar de qualquer vontade que viesse à cabeça.”

O narrador respondeu no seu lugar: “Viram? É assim que agem as pessoas que não têm com o que se preocupar; elas mesmas é que vão atrás de preocupações. Aqui, o nosso amigo, é a prova viva dessa teoria; pois ele está convencido de que vai contrair a febre amarela e, em consequência disso, morrerá. Na realidade, eu me admiro ainda encontrá-lo vivo no nosso meio. Vocês todos sabem como é fácil morrer de uma dessas doenças, quando se tem tanto medo dela. E é por isso que ele vendeu o seu cachorro, pois estava convencido da proximidade de seu fim. Como o tempo da sua permanência aqui já se esgotou, antes que ele tivesse morrido, ele se arrependeu do negócio, e ele pediu para mim, nesta manhã, que eu o acompanhasse porque, de qualquer maneira ele queria resgatar o seu Nero custasse o que custasse”.

Violação ao Direito da Defesa do Lar

“Inutilmente, eu o fiz ver que o negócio já havia sido concluído e que seria impossível de desfazer. Ele insistiu na sua vontade e, desta forma, nós entramos na casa do novo dono do cachorro, na qual, como é comum em todas as casas brasileiras, todas as portas estavam escancaradas. O Nero logo ouviu a voz de seu antigo amigo, quando este se fez anunciar por meio de uma negra (o senhor não estava em casa), e iniciou um choramingar comovente do esconderijo onde ele havia sido posto na corrente. Sem aguardar a resposta da senhora da casa, Augusto invadiu o lugar sem pensar no Direito da Defesa do Lar brasileiro, que não permite a um estranho o acesso ao interior da casa. Em vão, eu tentei chamá-lo à razão para não correr o risco de ser morto, castigo que facilmente poderia ser aplicado em consequência de uma ofensa dessa grandeza. Ele não me ouviu e, antes ainda, de que a dona da casa aparecesse, ele soltou e trouxe para fora o cachorro, que demonstrava grande alegria em revê-lo.”

“Neste momento, apareceu a dona da casa e mostrou-se não pouco irritada pela violação dos seus direitos. E foi hilário presenciar o diálogo de ambos dos quais nenhum entendia a linguagem do outro, sem me dar chance de servir como intérprete, motivo pelo qual eu somente fiz o papel de um espectador mudo. Ambos gritavam ao mesmo tempo com o maior ímpeto e gesticulavam, de tempos em tempos, sem falar, mas não com menos intensidade.”

“Finalmente, o poder de persuasão do nosso amigo levou vantagem em relação aos protestos enérgicos da senhora, não tendo consideração alguma com as justas intervenções da dona da casa e, principalmente, não, quando ela afirmava que, neste caso, ela não poderia agir por conta própria sem o conhecimento de seu marido ausente, devolvendo o valor da compra, jogando-o em cima da mesa, dirigindo-se até a porta, assobiando para o cachorro, que, imediatamente, obedeceu ao sinal e, sem dar ouvidos aos gritos e berros que o acompanhavam, e saiu pela porta afora.”

Tristeza sem motivo

Todos riram com gosto e um dos jovens falou: “Eu quero apostar que o nosso respeitável senhor Augusto conseguiu triunfar de forma tão injusta e ainda tem coragem de festejar a vitória porque, amanhã, quando o seu opositor voltar da viagem ele já estará em alto mar”.

“Sim, se ele pelo menos desse ares de triunfo e de alegria”, exclamou um outro. “Porém, olhem como ele está macambúzio no seu canto! Homem, homem”, dirigiu-se ele ao próprio, servindo um copo cheio de ponche. “Saiba que a vida é curta e seja feliz! Agora que você tem o seu cão de volta e está vivo e saudável, o que mais você quer?!”

Augusto agradeceu, pegou o copo e brindou a saúde de seus colegas, caiu, no entanto, logo, novamente na sua melancolia.

“O que será que ele tem?”, sussurrou Guilherme. “Por que será que ele tem esta nuvem negra sobre a sua cabeça?”

“Ainda aquela maldita história de ler o futuro”, respondeu Frederico: “Não é terrível que uma pessoa se deixe abater por uma bobagem como esta?!”

“É fácil falar”, opinou Guilherme. “Você não acredita no diabo nem na morte, como se diz. E, por isso, você não tem medo de nada. E o malévolo não pode atingir você?”

“Claro!”, disse, aquele, de forma jocosa: “Por que nos preocuparmos com grilos, enquanto a vida nos sorri?”

Receber uma lição

“Mas não são todos tão incrédulos!”, respondeu Guilherme.

“Pior para eles!”, exclamou Fritz, alegremente. “É triste quando alguém não dá valor aos bens que tem, por medo do mal que eventualmente pudesse atingi-lo!”

“De fato”, concordou Rodrigo, apontando para o ainda mergulhado em si Augusto, concluindo: “Um homem jovem saudável e rico que nunca foi confrontado com qualquer infortúnio maior do que ter sido mimado demais, de repente, fecha-se em si e foge de qualquer diversão porque a sua cabeça foi recheada de mágicas malucas, ou eu sei lá o quê, porque a crença na sua morte iminente irremediável lhe foi incutida”.

“É estranha a mudança que ocorreu com ele desde aquele episódio”, falou Guilherme. “Mas dizem que o próprio Espírito Santo apareceu para anunciar a sua morte próxima.”

“Bobagens deste tipo deveriam ser proibidas pelo polícia”, opinou Frederico. “Para que seja evitado que um número maior de pessoas perca o seu discernimento devido a este tipo de charlatanismo.”

Rodrigo sorriu: “Aqui no Brasil, a polícia não se preocupa com essas coisas. E eu devo confessar que acho isso bom. O ser humano deve ter a liberdade de ser tolo durante o tempo que quiser até que, um dia, ele, por si só, torne-se sábio e sensato. E se a gente não coloca empecilhos no caminho da aprendizagem, isso acontecerá, rapidamente, sem a ajuda da polícia”.

“Mas, aqui, no Brasil, permite-se a liberdade total de ensinar e aprender?”, perguntou Guilherme. “Eu pensei que a religião católica, que, aqui, é oficial, não permitisse a liberdade de expressão e imprensa.”

Como algumas profecias se realizam

“Até hoje, aqui, não se ouviu ainda nada a respeito da censura à liberdade de imprensa”, respondeu Rodrigo; “E, da mesma forma, os professores gozam de grande liberdade, porém, quem sabe se isso não é somente porque este tipo de liberdade, até agora, não foi muito explorada? O brasileiro sempre, e de todas as maneiras, está acostumado à independência e não há de se temer que ele se submeta a este tipo pressão, como a que ocorre na Europa e em outros países.

Já estava tarde, e as pessoas começaram a se despedir, uma vez que, aqueles que amanhã teriam de partir, ainda precisavam resolver alguns assuntos, para que no último momento nada faltasse.

Nesta ocasião, todos se empenharam em encorajar um ao outro para enfrentar os possíveis perigos que poderiam acontecer. E, principalmente, tentou-se convencer o nosso Augusto de que as suas preocupações eram sem fundamento.

“Um homem tão culto como você”, disse Frederico a ele. “Não pode, realmente, acreditar que tivesse visto o Espírito Santo!”

“Não, certamente que não!”, respondeu Augusto. “Porém, é maravilhoso que justamente a mim foi dito que o meu sonho iria virar realidade. Como vocês sabem, tive muitos sonhos em que me vi morto. Enquanto que, para todos os outros, ninguém profetizou algo de seus sonhos. E somente ao Stefan, que, agora, já morreu, foi dado o conselho de ter o cuidado para não contrair a febre!”

“Ah, aí está!”, falou Rodrigo; “justamente este conselho sem sentido foi a causa de ele contrair a doença; uma vez que ele, desde aquele momento, foi tomado de um medo tal que não sabia mais o que fazer.”

Suspirando, Augusto deu de ombros, e como os colegas viram que não havia mais o que fazer, eles apertaram as mãos para um adeus, despedindo-se com afeição sincera e cada um se retirou para o seu navio.

Partida do Porto do Rio

A manhã do dia 6 de abril iniciou-se com um tempo surpreendentemente agradável. Nos dias anteriores, havia chovido muito, como é comum nesta época do ano. Hoje, no entanto, uma leve brisa já dissipou todas as nuvens e, às 8 horas, já podia-se ver o belo veleiro: “A Esperança”, que levava nosso Rodrigo e sua jovem esposa com a sua velha mãe, navegando a todo pano para fora do Porto do Rio. Recebendo e respondendo de todos os lados as saudações, Rodrigo estava de pé sobre o convés. A passagem estreita pelos Contrafortes e pelo Pão de Açúcar exigiram a sua atenção total até que ele, finalmente, com o seu navio, desapareceu do campo de visão de seus amigos.

Outros navios efetuaram de forma não menos feliz sua saída do porto e, agora, também o “Barneveldt”, o maravilhoso navio de três mastros do nosso amigo Augusto mostrou alguma vida, colocando-se em posição para a partida. As velas foram içadas, enquanto que a âncora foi levantada com muito esforço, acompanhada dos gritos constantes de marinheiros. Ao olhar experiente do nosso conhecido Guilherme não passou despercebido o fato de que todos esses trabalhos foram executados com uma lentidão e notável indiferença.

Tarde demais

“O Augusto é mesmo um sujeito teimoso”, exclamou Guilherme, quando viu Frederico se aproximar alegremente pela praia. “Olha só, parece que a sua própria irritação tomou conta do navio! O navio não quer mover-se do lugar e gira em torno de si só para gastar o tempo.

“É mesmo”, respondeu Frederico. “Eu já estou observando essas manobras estranhamente cautelosas há algum tempo e quero apostar que o rapaz turrão está sentado no seu camarote, totalmente absorto em si mesmo, e deixa a tripulação sem comando, de maneira que o pessoal não sabe o que deve fazer primeiro!”

“Finalmente, eles estão se colocando em movimento!”, Guilherme retomou o diálogo, após uma pausa; “também já não é sem tempo, porque já é nove e meia da manhã e o vento não este muito favorável”.

Os dois jovens cavalheiros, andando pela margem, acompanharam com certa insegurança o balançar do “Barneveldt”, esperando, não sem preocupação, a passagem do veleiro por aquele perigoso estreito, antes de a maré baixar e alcançar o alto-mar.

Porém, “O que é aquilo?!” exclamou Frederico, olhando para o seu parceiro com ar assustado. Este, no entanto, pálido de horror, não conseguia responder. Eles, no mesmo momento, tinham compreendido o enorme perigo que corria aquele navio que parecia ter encalhado no banco de areia. Atônitos, eles observaram o acontecido até que Guilherme exclamou: “Graças a Deus, eles estão baixando os botes. Ao menos poderão salvar as suas vidas e, talvez, alguma parte da carga!” E tanto ele quanto Frederico correram para pularem nas primeiras canoas que encontraram pela frente para prestarem socorro aos que estavam em risco, mas, mesmo antes que eles alcançassem a tripulação dos barcos sobrecarregados do “Barneveldt”, que rumavam em direção ao cais, eles viram como o maravilhoso navio, com um giro repentino, emborcou e mergulhou com a proa nas ondas, permanecendo por alguns segundos, enquanto o seu casco ainda estava visível, desaparecendo em seguida!

Fidelidade do cachorro

Um grito de terror dos botes chegou até a canoa de onde os nossos amigos, em vão, tentavam distinguir a figura de Augusto, que poderia estar em uma das embarcações que se aproximavam da margem. Eles perguntaram por Augusto tão logo conseguiram se comunicar com a tripulação do “Barneveldt” e aí ficaram sabendo que, lamentavelmente, ele não queria ser salvo. E, juntamente com o seu fiel cachorro, que também não pôde ser convencido a deixar o seu senhor, os dois morreram afogados.

Mais precisa foi a narrativa do mais velho dos timoneiros: “O senhor, hoje, pela manhã, mostrou-se mais deprimido do que já havia acontecendo há algum tempo. Ele se contradizia nos comandos à tripulação. Nós ficamos completamente confusos e nos preparamos muito tarde para a partida, motivo pelo qual aconteceu este desastre. Mas nós nos apressamos para baixar os barcos de salvamento, o que ele permitiu de forma tranquila, sem dar ouvidos a qualquer pedido para se juntar a nós na operação de salvamento.”

“Quando nós, finalmente, usamos de força para levá-lo, ele nos enganou, dizendo que teria de levar os seus papéis. Nós o vimos entrar na cabine, na qual ele, imediatamente, trancou-se. Seu cachorro uivava do lado de fora e nós suplicamos para que ele saísse, no entanto, ele gritou para fora da cabina para que salvássemos o Nero. E, de resto, não respondeu mais as nossas súplicas. Ao final, nós tivemos de nos apressar se quiséssemos salvar a nossa própria vida e, assim, nós até tivemos de deixar de segurar o animal que demonstrava brava resistência e, acomodado, na porta da cabine, ele deve ter se afogado com o seu senhor”.

Da morte para a vida

Todos se admiraram com esta insanidade estranha de um jovem rico e saudável que, por meio de uma fantasia de doença, foi incapaz de reconhecer e usufruir das dádivas da natureza com as quais ele foi contemplado de maneira especial.

E qual não deve ter sido a dor que sentiram os seus pais já idosos quando foi transmitida a notícia do fim inesperado do seu único e amado filho?!

Seria bom se eles tivessem o consolo de não encontrarem na educação que proporcionaram ao filho a semente para esta interpretação insana do sentido da vida. Porém, a maré segue se arrastando silenciosa e não devolve o que levou.

Deixe-nos voltar para a nossa casinha em São Cristóvão, onde cenas alegres nos encham de novo ânimo!

Observem, ainda, esta planta de babosa, que, semelhante a coroa, no meio das quais se desenvolvem flores vermelhas e brancas, cobrem o solo ao nosso lado. Vocês devem saber que essas folhas grossas, de cor verde escura, que são cultivadas artificialmente em estufas na Europa ou em janelas, são conhecidas como um ótimo medicamento quando são cortadas verticalmente são colocadas sobre feridas? O suco, extremamente amargo, quando usado puro, possui propriedades cicatrizantes e desintoxicantes. Por isso, aqui, ele é chamado de bálsamo.

Agora, olhem para esta palmeira estranha, conhecida, aqui, com o nome de Saca-rolhas, devido ao seu crescimento peculiar em forma de espiral. Da forma que ela se apresenta, o caule, relativamente, grosso possui uma altura de dez pés, cuja ponta, que envolve as folhas, cresce em espiral. As folhas inferiores caem quando em cima aparecem novos brotos, aumentando o caule desta maneira. Enquanto a coroa, lentamente, move-se para cima. Usam-se essas folhas afiadas e sem seiva da mesma forma que se utiliza a Cavalinha na Europa, para lixar e alisar trabalhos de marcenaria e torneamento.

Passeio ao ar livre

Ao seu lado, atrai a atenção uma planta delicada, cuja forma de arbusto com folhas verdes brilhantes e serrilhadas, do tamanho de uma mão e, anualmente, produzem uma flor de vermelho intenso, formada por um conjunto de pequenos buquês soltos, que parece ter sido feito de veludo e constituem o mais belo enfeite do jardim, e servem, também, para adornar o cabelo cor de ébano das senhoras brasileiras.

Nenhuma mulher, aqui no Brasil, é considerada totalmente vestida se ela não acrescentar uma flor natural ao seu enfeite na cabeça. Logo, teremos a oportunidade de comprovar isso! As casas de campo em São Cristóvão, que ainda, até há pouco, pareciam tão abandonadas no meio do verde, começam a se animar.

Grupos de senhoras, em trajes festivos, e senhores, passeiam nas alamedas sombreadas dos jardins vizinhos e inúmeras montarias de pessoas mais novas e mais velhas, de ambos os sexos, vêm visitar as famílias que aqui moram a fim de passar os feriados longe da cidade.

As pessoas gostam de fugir das ruas estreitas, sujas e barulhentas da cidade, que somente são atrativas à noite, devido à sua iluminação a gás realmente surpreendente e, que, provavelmente, não se encontra em nenhuma parte do mundo igual. Esta iluminação convida para passeios ao longo das vitrines muito bem decoradas das lojas. São, principalmente os europeus que aqui vivem que aproveitam esta oportunidade.

Durante o dia, quando negros e mulatos, ao lado de suas carroças, e também das carruagens de aluguel, os assim chamados cabs puxados por mulas, circulam pelas ruas da cidade e muitos poucos senhores bem vestidos podem ser vistos (ocasião quando a total ausência de mulheres chama a atenção do europeu. Os homens cuidam de seus negócios, de dia, o mais rápido possível para, então, com o cair da tarde, usufruírem do devido descanso, enquanto que a população feminina, em especial a brasileira livre, durante todo o dia permanece no interior das casas.

Encontro com o Imperador no caminho

Somente em festas especiais, acontece uma exceção. Aos domingos e nos Dias Santos visita-se a Igreja e, algumas vezes, até são providenciados piqueniques nos arredores. Aproveita-se para visitar parentes e, talvez, até passar um certo tempo com eles. Isso acontece com frequência, já que muitas famílias moram constantemente nas suas chácaras perto do rio; em neste caso, os homens saem muito cedo, antes das seis horas da manhã, para se dirigirem à cidade, tomando sua primeira refeição lá. Assumindo, então, a administração de suas casas de comércio até que eles, por volta das cinco horas da tarde, voltam para suas residências. No círculo familiar, nas chácaras, toma-se, então, a refeição principal, e o trabalho do dia está terminado.

Todos os estrangeiros casados, principalmente os ingleses, acompanham esse costume. E, por isso, não é de se admirar que, na véspera de grandes festas, as estradas para Botafogo, São Cristóvão, Laranjeiras, Andaraí etc. estão cheias de cavaleiros e veículos que se dirigem ao interior.

De repente, notamos que todos os carros param. E seus passageiros, imediatamente, descem dos veículos a fim de se alinharem ao longo da estrada; e, da mesma forma, vemos aqueles que montavam cavalos, descendo de seus animais, segurando-os pelas rédeas na lateral do caminho. Todos dirigem o olhar para a região do castelo imperial, de onde surgem, dois oficiais montados a cavalo que podem ser reconhecidos como batedores e sua majestade, tendo à sua frente um trompetista. O pó que eles levantam mal se dissipou, quando podemos avistar o próprio imperador na sua carruagem oficial que nos parece estranha, rodeadas de grandes janelas de vidro, como molduras douradas, forrada de veludo cor de púrpura e encimada por uma coroa dourada, adornada com muitas pedras preciosas. Enquanto que todos se inclinam para saudá-lo.

Pedro II

Os oito cavalos negros árabes de sua parelha estão ricamente enfeitados e o seu cocheiro e lacaios usam uniformes de fino tecido verde, ricamente bordados a ouro. Trata-se de mulatos claros ou brancos, mas nunca negros; apesar de que estes, em todos os lugares, no Brasil, costumam ser contratados para carruagens particulares ou de aluguel.

O imperador é um homem ainda jovem, alto, de boa aparência (nasceu em 1825), que, as suas afeições agradáveis reúnem uma expressão benévola. Ele saúda, amigável, a multidão da direita e da esquerda. Apesar de que a gente pode notar uma certa distração e cansaço nos seus traços delicados, uma vez que essas homenagens abertas se tornaram para ele desinteressantes e cansativas.

A posição isolada deste monarca, que sempre esteve limitado a si mesmo, que quase não teve contato com seus pares, já que ele não tinha permissão de deixar o país e, desta forma, também, não recebia a visita de monarcas europeus, foi responsável pela alta formação intelectual de seu espírito e temperamento, elogiada de todos os lados.

Forma e conteúdo de vida

Parece que Pedro II está preocupado em procurar a sua honra em ser um homem conciliador, inteligente, de boa índole e o melhor amigo de seu próximo, o pouco poder político que a constituição lhe permite é usado, unicamente, para fazer o bem e perdoar as faltas. Ninguém que pede uma audiência com ele precisa temer uma negativa. Suas portas estão abertas para todos. E ele tem o costume de conversar com cada um que se aproxima de maneira participativa e atenta sobre as suas questões; de maneira que não se conhece exemplo algum, onde ele não tivesse concedido o seu conselho, sua ajuda, sua colaboração conforme permitissem as suas forças e as circunstâncias.

Ele fala, além do português, espanhol, italiano, francês, alemão e inglês. E, devido à sua educação em muitas áreas, ele era capaz de compreender os pedidos e dar valor às potencialidades de cada um, bem como do todo.

Mas sempre o estudo dos escritos profundos da antiguidade e a pesquisa das leis eternas da natureza constituíam a sua ocupação predileta e o seu prazer.

Não é de se admirar, então, que as constantes obrigações de um cerimonial vazio lhe eram bastante desagradáveis. O costume português antigo exige um grande número e formalidades, que também no Brasil dominam ainda hoje. De forma que aquele que não se ativesse a elas seria considerado deseducado e sem cultura.

É por isso, meus caros amigos, que eu tenho, logo, que, alertá-los para a divergência entre forma e conteúdo, que, vocês encontrarão em todos os relacionamentos interpessoais, e que levarão à reflexão.

Por ora, é suficiente saber que os povos romanos (isto é, aqueles que surgiram a partir do Império Romano), na sua grande maioria, são mais inclinados à forma externa, enquanto que os povos germânicos (aos quais os alemães fazem parte) são mais preocupados com o conteúdo das coisas.

Cerimonial palaciano

Disso decorre, infelizmente, entre nós, alemães, não raramente, um grande descuido com a aparência externa, com o comportamento, com a indumentária e como se porta na sociedade; o que, de maneira nenhuma, louvável, uma vez que eles, com isso, prejudicam a beleza e as amenidades da vida. O que só serve para manchar a nossa imagem diante dos olhos de nações estrangeiras. Tenham em mente, por isso, meus caros amigos, que uma existência é tanto mais digna de respeito quando uma bela aparência e uma forma nobre os une. E procurem, então, caros leitores, com persistência, concretizar essas duas virtudes em vocês.

Permitam, no entanto, que o imperador siga o seu caminho para a cidade, onde ele, hoje, participará da missa de meia-noite. Nós acabamos de vê-lo em sua farda verde simples, bordada de ouro e com a cabeça descoberta; porém, em maio de cada ano, quando ele passa por essa mesma rua, para a abertura da Assembleia Geral, ele se apresenta em trajes de Grande Gala; ou, em setembro, quando, no encerramento da mesma, ele preside os trabalhos. Então, ele usa a capa púrpura de veludo, debruada de arminho, além da coroa imperial cravejada de diamantes, segurando nas mãos o cetro adornado de pedras preciosas.

Então, segue, na sua própria carruagem, a imperatriz Maria Theresa, de origem napolitana, que é alguns anos mais velha do que o seu marido. De estatura pequena, forte e não muito atraente. Também loira e de feições bondosas. Ela, normalmente, usa um vestido de cetim branco, decotado, tecido com fios de ouro, e muitas joias com pérolas e diamantes, bem como o diadema imperial, e plumas no cabelo. As damas da corte que a acompanham usam vestidos vermelhos, amarelos, azuis e verdes de seda, conforme o seu gosto, e enfeitados com guirlandas de flores artificiais. Outros carros estão lotados, hoje, de funcionários, ministros e diplomatas etc., enquanto um destacamento escolhido da cavalaria montada que faz a escolta no fim do longo cortejo.

Nossa nova amiga

Poeira, barulho e ruídos se perdem e nós voltamos o nosso olhar para o papagaio sentado à porta, em cima, do seu poleiro e já há bastante tempo cantarola: “Trará, trará!” Com o que ele imita o soar do trompete do batedor, interrompendo-se, constantemente com altas risadas, como se ele quisesse ridicularizar os seus próprios esforços.

Parece que ele faz isso de forma mais intensa porque, agora, passam duas pesadas carroças acompanhadas de vários lacaios a cavalo. Na primeira, estão duas menininhas pálidas de olhos azuis, em trajes de cor branca e azul clara, um deleite para os olhos, espalhando beijos com as mãozinhas. Elas são as filhas do imperador, as princesas Isabel e Leopoldina, das quais a mais velha é a sucessora de seu pai, no caso, como parece, que não nascerá mais um irmão, que, de outra forma, teria a preferência. Também elas, agora, já passaram junto com o seu cortejo.

“Papagaio!”, exclama uma jovem mulher, que logo vamos conhecer, saindo da casa. “Papagaio, você não é nada comportado! Você faz troça e ri das pessoas porque você está entediado! Entre no quarto e coma a sua janta para que você esteja disposto quando o seu novo dono pleitear a sua amizade.”

“Por que ele está demorando tanto?”, ela acrescentou, carregando o pássaro para dentro da casa para alimentá-lo no seu canto, porque “Elisabete” (como queremos chamar a nossa amiga) se lembrou que a surpresa seria maior se ela o mantivesse escondido por algum tempo.

Soldados que comem carne de cachorro

Ouçam o que aconteceu.

Elisabete e seu marido passaram o domingo antes do Natal a bordo do navio de um capitão de Holstein, amigo deles, para onde eles levaram o seu pequeno cachorro preto de nome “Guarda”.

Enquanto, então, os cavaleiros discutiam o preço dos carregamentos de café e outras mercadorias e falavam sobre as novidades que vinham da Europa e aventuras em alto-mar, Elisabete se pôs a brincar com o pequeno filho do capitão. Ela o serviu à mesa e pediu que ele contasse há quanto tempo ele já acompanhava o pai nesta viagem e quanto tempo ele já estava afastado da sua mãe. Quantos irmãos ele tinha. E quantos animais viviam na casa de seu pai. Assim, ela também teve de ouvir, entre outras, a história do pobre “Ami”, o qual os soldados austríacos (que haviam sido colocados nas casas dos moradores de Schleswig-Holstein para fins de pacificação) haviam abatido, assado e comido com grande apetite. O pequeno Henrique estava indignado com esta atrocidade dos maus “eslováquios” (como ele os chamava) e ainda mais porque eles tinham seduzido o seu irmãozinho, que somente tinha cinco anos, a participar do banquete; no que Elisabete só pôde dar razão.

A pedido do menino e com a anuência dos dois senhores, o “Guarda” também pôde participar da refeição à mesa, o que pareceu bastante cômico, já que ele se pôs de pé na cadeira, com as patas traseiras, apoiando-se no prato com as dianteiras; com o que lhe foi possível empurrá-lo com o focinho, ao mesmo tempo em que ele já havia rapado um dos lados para, então, degustar das iguarias que ainda estavam do outro lado. Henrique ria e batia palmas. O cachorrinho, no entanto, lançou um olhar longo e sério, indignado com essa expressão de divertimento inapropriada. Porque ele não gostava de ser alvo de risos e zombaria.

O astuto “Guarda”

“Ele é muito inteligente, o pequeno ‘Guarda’”, disse Elisabete. “Você quer ver que expressão triste que ele vai fazer quando eu lhe vestir o casquinho e colocar o gorrinho vermelho na cabeça? Nós pensamos em prepararmos um divertimento para ele e para nós. Ele, porém, abomina este luxo desnecessário.”

Ele retirou esses acessórios de sua bolsa de trabalho para vesti-los no bichinho. O que o menino acompanhou com grande júbilo, porém, o cachorro não se sentia bem no seu traje de macaco e parecia engraçado e comovente ao mesmo tempo, como ele fugiu, tremendo e envergonhado, escondeu-se em um canto, onde ficou deitado, cheio de ressentimentos.

“Permita que eu liberte você da sua dor!”, exclamou a sua dona. E, rapidamente, o animalzinho esperto apareceu e mostrou sua alegria, abanando o rabo, lambendo a mão da sua amiga em agradecimento.

“Procure o que eu perdi”, ela disse, então. E ele começou a procurar incansavelmente, procurando, farejando, até que ele parou em frente ao seu dono, o marido de Elisabete, pulando e batendo contra o seu joelho, abanando o rabo e latindo para ele significativamente.

“O que você quer de mim?”, ele perguntou, olhando, admirado, pela interrupção inesperada da sua conversa. “Penso que você está com sede, pobre ‘Guardinha?’”, falou ele, pegando um recipiente com água e colocando-o no chão. O cachorro demonstrava, claramente, que ele queria uma outra coisa. Ele encarava o homem e pulava, choramingando.

“A minha mulher perdeu alguma coisa?”, perguntou o marido, com mais atenção. E parecia que o cachorro estava querendo dizer que sim. Tentando, sem parar, alcançar o bolso direito do paletó.

Como ele sabe distinguir

“Ah, você quer o lenço da Elisabete”, exclamou Roberto, rindo, puxando ele para fora. “Pegue, aqui, ‘Guardinha’, eu coloquei no bolso sem querer”.

Orgulhoso, o cachorro já ia partindo com o seu prêmio. Mas ele foi chamado a voltar. “Onde você deixou a sua coleira?”, ele ouviu, então. Colocando o lenço no chão, parecia que ele tentava lembrar-se, logo, no entanto, ele tornou a pegá-lo e levou até a sua dona, que ele começou a cheirar e investigar de todos os lados. Ele olhou para ela com o olhar expressivo, soltando sons que pareciam dizer: “Você estava como ele”, sorrindo, ela respondeu: “Sim, mas procure”, mostrando suas mãos vazias.

Foi feita a brincadeira de esconder a coleira vermelha bordada com pérolas de ouro que a própria Elisabete tinha feito bem embaixo de cordas e cordoalhas. O cheiro de piche atrapalhou, de início, o faro do cachorro. Mas, depois que ele, várias vezes, pulou para mais longe, procurando o objeto em vão, ele voltou com novo ânimo para o monte e enfiou o seu focinho, decididamente, para dentro, entre as cordas, e empurrou, procurou, redobrou suas forças até que ele, realmente, puxou para fora sua propriedade por baixo das cordoalhas. Triunfante, ele a levou até Elisabete, que colou-a em volta de seu pescoço, dizendo: “Alegre-se por tê-la de volta!”

“Ele sabe bem”, ela se voltou para o pequeno Henrique, “que eu fiz esta coleira para ele como uma distinção especial, colocando o meu nome e, por isso, ele tem muito apreço por ela. Enquanto que ele não dá valor algum para aqueles trapos coloridos que não servem para nada e que devem parecer uma farda de empregados, inadequada para a sua dignidade”.

“Você está vendo, agora, como ele pula para o seu dono como se quisesse anunciar para ele, como está se sentindo bem, novamente, usando o distintivo da nossa afeição?”

O mal nunca traz vantagens

“Ele sabe muito bem que uma escravidão por amor não é considerada escravidão. E, por isso, ele permanecerá sempre o nosso único negro e o nosso único escravo!”

“A senhora ainda vai fazer de seu cachorrinho um filósofo”, disse o capitão, rindo. “Eu, ao menos, percebo que a senhora atribui a ele mais discernimento do que se encontra, normalmente, entre seres humanos.”

“Por que não?”, replicou Elisabete, divertida. “Neste país, devemos nos contentar com a companhia dos animais, porque é muito difícil, aqui, encontrar o convívio com outros humanos, principalmente para as mulheres europeias.”

“Como isso é possível?”, pergunta o capitão.

“Muito fácil”, disse Roberto, “porque as senhoras brasileiras só têm um pouco de liberdade no seio de sua família e o convívio com os estrangeiros não é acessível a elas, enquanto que os europeus que vivem aqui, na maioria das vezes, não são casados”.

“Entre os ingleses, isso não parece ser assim, retrucou o capitão”, e Roberto concordou, no entanto, expressou a sua opinião que “esses, então, normalmente, mantinham uma casa luxuosa e confortável e para alemães principiantes seria impossível acompanhar aquele modo de vida, coibindo um relacionamento amistoso entre eles”.

“Os senhores estão decididos a nunca comprarem escravos?”, perguntou o capitão no decorrer da conversa e confidenciou sua preocupação de que em um país, onde a Escravidão impera não se obteria sucesso trabalhando com negros contratados ou trabalhadores livres. Ouve-se, de todos os lados, que têm sido feitas experiências neste sentido que não correram bem”, ele acrescentou.

“Eu não me admiro”, respondeu Roberto.

Força de trabalho cara em países jovens

“Neste, como em qualquer outro caso, é certo que a humanidade e a Justiça sempre constituirão a melhor política! Não só pelo meu sentimento humanitário, também a minha sabedoria me diria que eu estaria melhor servido, pagando pelos serviços de pessoas livres ou alugando escravos de algum senhor, por muito dinheiro, do que se eu mandasse fazer o trabalho por negros próprios.”

“No geral, ouve-se, exatamente o contrário”, falou o capitão. Ao que Roberto respondeu: “Eu sei que afirma-se, neste país, que os trabalhadores livres são muito indolentes e não têm capacidade de trabalhar por um salário justo. E os escravos alugados, por sua vez, apesar da grande soma mensal que se paga a seus donos, abandonam o serviço quando surgem dificuldades, trazendo aborrecimentos sem-fim. Em relação a essas reclamações, a minha opinião é a de que, nós, europeus, exigimos demais desses trabalhadores locais. O estrangeiro, preocupado em ganhar dinheiro da maneira mais rápida possível, acredita que pelo salário que aqui é pago (o dobro da Europa) deveria receber do seu trabalhador, ao menos, a mesma quantidade de serviço executado que ele esperaria no seu país de origem. Isso, porém, é um grande engano, porque em um país, onde ainda não se conhece a substituição da força de trabalho humana pela das máquinas, tira-se mais renda do cultivo do solo e, portanto, o trabalho braçal tem muito mais valor do que na Europa.”

“Acredito que a sua avaliação seja correta”, declarou o capitão. “Porém, é natural que um europeu se assuste com as somas enormes que têm de pagar para prestadores de serviço.”

Trabalho forçado sempre sai caro

“Bem!”, disse Roberto. “Mas cada europeu terá o seu próprio prejuízo se não aprender a avaliar as condições locais de maneira justa e tentar se adaptar como pode. Eu prefiro, por isso, só exigir dos trabalhadores conquistados o que eles sabem fazer. E, nos casos em que se mostram habilidosos e conscienciosos, recompensá-los com alguma pequena quantia em dinheiro. É claro que isso pode sair caro, mas, ao mesmo tempo, eu posso contar com a sua fidelidade quando preciso. Se, no entanto, eles não querem cumprir as poucas exigências que lhes imponho, ou se não têm mais vontade para trabalharem para mim, nós nos separamos e, mesmo assim, eu ainda estaria em melhor condição do que se eu tivesse um escravo próprio.”

“Outros estrangeiros acreditam que só é possível impor a sua vontade a escravos próprios”, observou o capitão. Porém, Roberto respondeu: “Eu não entendo como se quer alcançar alguma coisa, exercendo pressão. O trabalho obtido por pressão nunca é bem feito; como a experiência já mostrou há muito tempo que, em média, um homem livre é capaz de produzir mais do que cinco escravos, ainda mais que se deve levar em consideração que em um clima tão quente não é possível trabalhar tanto quanto em um clima mais ameno.”

“No entanto, os nossos robustos camponeses europeus, certamente, não poderão se igualar aos negros que, no Rio de Janeiro, diariamente, carregam aquelas sacas de café pesadas na cabeça para fora dos armazéns, a bordo dos navios, onde serão embarcados”, considerou o capitão.

“Não, certamente não”, confirmou Elisabete e acrescentou: “Devemos confessar que tanto os negros quanto os mulatos possuem uma resistência extraordinária para esforços pesados, da qual, na Europa, não se consegue encontrar similar. Com que persistência eles costumam, por exemplo, superar as dificuldades de longas viagens nas piores tempestades e nos piores caminhos; enquanto que eles, é claro, não são tão apropriados para uma ocupação que exigisse raciocínio”.

Pacto entre escravos para a compra da liberdade

“Será que esses assim chamados negros do café, esses carregadores de cargas, dos quais falamos há pouco, não pertencem todos a uma mesma tribo?”

“Quase sempre se trata de pessoas muito bonitas e fortes de cor preta reluzente e muito bem apessoadas. Sempre me dói quando penso que eles foram condenados à escravidão eterna!”

Roberto disse: “Sim, quase todos são Negros-Mina e é por este motivo que eles conseguiram fundar uma sociedade entre eles, que serve para, anualmente, libertar alguns deles. Deve-se saber que estes negros do café, bem como quase todos os outros escravos, gozam do privilégio de, aos domingos e feriados, trabalharem em benefício próprio. E, assim, eles colocam uma certa soma em dinheiro que eles retiram do seu trabalho aos domingos, em uma caixa comunitária. O conteúdo desta caixa é usado para a compra da liberdade daqueles entre eles, que costumava ser definidos por sorteio.

“Quando eles estão livres, eles terão de trabalhar para sobreviver”, opinou o pequeno Henrique, que, até agora, havia acompanhado a conversa atentamente.

“Certamente, meu pequeno”, respondeu Elisabete. “Eles possuem nada mais do que a sua liberdade; isto é, somente o direito de trabalhar para si (ou talvez de gastar a renda de seu trabalho). O que já significa muito em comparação à vida de um pobre escravo que somente ao domingos e feriados pode trabalhar e, senão, deve entregar tudo o que ele ganha para o seu senhor.”

Apego dos libertos

“Mas no caso de um proprietário de escravos não concordar com a venda de seu negro?”, perguntou o capitão.

“Isto parece que nunca acontece;” respondeu Roberto. “Talvez, há alguma relação com os costumes ou com os efeitos da religião; é certo, no entanto, que um ato de libertação deste tipo nunca é tentado em vão. Os senhores até se acham na obrigação de permitir a alforria por um valor menor do que aquele que seria o preço de um escravo. Não raro, outros motivos em favor do escravo ainda podem ser levado em consideração, como, por exemplo, quando alguém volta para a Europa, onde os seus escravos seriam livres ou, em casos especialmente felizes, quando os senhores se encontram diante da morte, muitos escravos são presenteados com a sua alforria.”

“Aqui, então, é bem diferente do que nos Estados Unidos, onde os senhores de escravos são proibidos por lei a conceder a alforria”, considerou o capitão. E Elisabete respondeu: “Oh, não. Aqui, ninguém proíbe. Ao contrário, isso é visto como uma boa ação. E contam-se histórias comoventes a respeito. Assim, o antigo cônsul da Prússia, que viveu durante muitos anos no Rio, alforriou seus dois escravos quando voltou para a Europa. Um deles morreu de tristeza, devido à separação de seu senhor. Passado muito tempo, quando o filho daquele homem veio para o Brasil para ocupar a mesma posição de seu pai, o segundo dos antigos escravos do pai, que havia sobrado, logo, colocou os seus serviços à disposição de maneira altruísta, não pedindo nada além de voltar a poder ser escravo. Ao mesmo tempo, ele trouxe uma parte da pequena fortuna que ele havia economizado, bem como os modestos bens de seu camarada morto, alegando que o seu novo senhor teria direito a ele e a tudo aquilo. O novo cônsul, é claro, não queria concordar com isso, mas o bom caráter do negro fiel o comoveu profundamente e ele se sentiu feliz em poder contratar os seus serviços como os de um trabalhador livre, que este cumpriu com grande dedicação até o dia de sua morte.”

Boa morte

“E onde ficou, então o dinheiro que ele e o seu colega tinham economizado?”, perguntou o pequeno Henrique.

“Ah, quase que eu me esqueço de contar”; respondeu Elisabete, gentilmente. “E é bom que você me lembre disso.”

“O senhor desse escravo honesto prometeu a ele, quando percebeu que este negro morreria, que iria comprar a liberdade de alguns outros negros deste fiel Generoso e, com isso, proporcionou o maior presente que poderia ter recebido, porque ele não duvidava que o seu dono cumpriria a sua palavra, como realmente aconteceu, e morreu na certeza de ter vivido uma existência dedicada aos bons propósitos, partindo tranquilamente.”

A conversa foi dirigida a outros assuntos e todos passaram um dia muito alegre, principalmente o pequeno Henrique, que ficou muito feliz com a bondade de Elisabete de das peripécias do “Guardinha”. Na despedida, foi, então, decidido que o capitão passaria a Noite de Natal com o seu filho, na casa de Roberto, sendo que Elisabete pretendia convidar mais crianças para esta festa; e subentende-se que, ela, agora, começou com os preparativos. O papagaio deveria servir de surpresa para o seu pequeno amigo.

Algo mais sobre o “Guarda”

Então, podemos ver o menino depois que ele, na companhia de seu pai, desceu do navio, foi recebido por Roberto ainda na praia e levado para aquela casinha que já conhecemos, onde Elisabete e o “Guarda” os receberam e cumprimentaram cordialmente. O cachorrinho mostrou-se completamente inquieto de alegria. E foi ele o primeiro presenteado, com uma nova coleira, uma vez que se tornara costume dar-lhe, em cada Natal, uma roupinha. Henrique riu com essa expressão, mas Elisabete fez um sinal e disse: “Toda manhã, quando meu marido quer sair com o guarda, ele o manda, primeiro, até mim, avisando: ‘Vá e vista-se!’ Então, o cachorrinho pula para o prego que foi martelado na parede, onde, toda noite, a sua coleira é pendurada. Ele vem para mim e puxa na minha saia até que eu a coloque em volta de seu pescoço.”

“Sim. E toda noite, ele pede, devidamente, e de forma bem compreensível que ele quer que a coleira seja retirada e guardada até o dia seguinte”, acrescentou Roberto. “Ele também permite nos lembrar de que devemos ir dormir e fica impaciente quando, na sua opinião, nós permanecemos acordados por tempo demais. Como faz uma criança mimada, ele quer que os pais permaneçam o mais próximo possível.”

“Em troca, ele cuida de tudo enquanto dormimos para que nada de mal nossa aconteça e nós podemos ter a certeza de que ele não permitirá que sejamos surpreendidos por um perigo, sem antes nos alertar por meio de um latido forte. Ele merece o seu belo nome com toda a justiça”, disse Elisabete.

“Às vezes, quando, durante a noite, eu me sinto preocupada de alguma forma, eu digo para ele baixinho: “Vai, ‘Guarda’, procura”. E, porque, seguindo a tradição local, as portas no interior das casas não são fechadas, no máximo, encostadas, o cachorro consegue abri-las com as patas da frente. Eu sinto, então, como ele passa, farejando por toda a casa, e volta, depois de um quarto de hora, para mim. E, então, eu posso ter a certeza de que está tudo em ordem. O animalzinho tem mais coragem do que eu, não é?”

A dificuldade das crianças alemãs no exterior a aprender a falar alemão

O pequeno grupo de filhos de trabalhadores alemães que foram convidados para a festa já estava reunido, e Henrique arregalou os olhos, quando ouviu que falavam entre si e com Roberto e Elisabete na língua portuguesa, que, para ele, ainda era incompreensível.

Ele contou a seu pai sobre seu espanto, que respondeu: “É bom que pessoas tão pequenas já aprendam outro idioma”. Elisabete, que havia ouvido esta observação, esclareceu: “Neste caso, não pode ser chamado de vantagem quando a gente negligencia a própria língua mãe. No caso, principalmente, da nossa maravilhosa língua alemã, praticamente, indispensável para um conhecimento maior, isso é de se lamentar duplamente. Eu, ao menos, não posso me abster de achar quase uma tragédia quando as crianças de pais alemães aqui crescem e raramente ou nunca fazem uso a mesma”.

“Como isso é possível?”, perguntou o capitão. “Se o pai e a mãe, entre si, só falam alemão?”

“Isso só pode ser explicado”, respondeu Roberto. “Quando se vê que essas pessoas deixam suas crianças, desde muito cedo, como é de costume por aqui, aos cuidados de uma negra, que, naturalmente, só sabe falar português com eles; que mais tarde os pequenos só vão se relacionar com jovens negros ou crianças que só falam português e que, por fim, nas escolas brasileiras, elas não terão a oportunidade de praticar a sua língua mãe.”

Problemas de fonética

“Junta-se a isso, ainda”, acrescentou Elisabete, “que os pais, da maneira que fazem as pessoas sem cultura, muitas vezes, sentem um grande prazer em ouvir as crianças falarem uma língua que eles próprios não dominam, deixando de considerar quantos elementos lhes serão negados pelo desconhecimento da nossa bela língua.”

“Sim. Minha esposa, no seu cálido patriotismo, chega ao ponto de ministrar aulas de fala e escrita a vários desses jovens não alemães; e isso, sem receber nada em troca. Além de todas as outras atribuições cansativas que lhe competem; que, em um ambiente, de casa e fábrica, onde ela é a intérprete, contadora, cozinheira e lavadeira, tem de ser onipresente. Eu duvido que a sua benevolência traga frutos, pois, quando eu tenho a oportunidade de ouvir aqui e ali um pouco da sabedoria de seus alunos, fico convencido, cada vez mais, que elas não passaram além do ‘Hunte die Unte’”.

Rindo, Elisabete veio pulando e colocou a boca na mão de seu marido: “Eu preciso fazer com que essa má língua se cale”, ela falou. “Mas, para o esclarecimento de seu discurso jocoso, tem de ser dito que todos os povos de descendência romana e aqueles que estão acostumados aos idiomas de origem romana não conseguem pronunciar o nosso ‘h’ alemão de maneira apropriada. Por isso, infelizmente, essas pessoas pronunciam ‘und’ (e) como ‘Hunte’ e, em vez, de ‘Hund’ (cachorro), eles dizem ‘Unte’, o que naturalmente soa peculiar.”

Porém, a nossa anfitriã se apressou, agora, em trazer os homens que, normalmente, trabalham na fábrica de seu marido, para que eles também pudessem participar do Natal.

Cipreste como árvore de Natal

Na grande área da varanda, foi colocada a longa mesa de jantar, coberta com uma toalha grande e imaculadamente branca. E, no meio, estava um lindo cipreste verde escuro adornado com muitas velas, parecendo uma pirâmide luminosa.

De ambos os lados, estavam pequenas árvores de laranja, com frutas naturais, dispostas em fileiras uniformes e, também, brilhando em uma iluminação radiante. Guirlandas de pérolas de vidro foram colocadas em volta dos pratos com estrelas, corações e outras figuras feitas de pão de mel, que Elisabete tinha assado especialmente para esta festa.

Entre todos esses enfeites, foram colocados em recipientes simples, as mais maravilhosas frutas da natureza tropical, misturadas às suas flores cheirosas e multicoloridas, que esta estação do ano produzia em profusão, principalmente, abacaxis e bananas e que também crescem em outras épocas do ano, de acordo com a sua espécie.

Em toda a volta, no entanto, estavam dispostos os pequenos presentes com os quais Elisabete esteve ocupada para que a noite de hoje se tornasse uma festa bem alemã. Ninguém foi esquecido. Para a negra que morava nas vizinhanças com seus filhinhos, ela encontrou um avental colorido e várias guloseimas para se deleitarem. Para os trabalhadores europeus, uma simples lembrança. Para cada um, Elisabete tinha feito uma pequena lembrança, já que a boa vontade tinha de substituir os meios financeiros que faltavam, emprestando aos presentes um pequeno valor. Ela pôde, agora, apreciar a alegria que os seus arranjos causaram, principalmente, do lado das crianças, que nunca tinham presenciado algo semelhante.

Ainda não há divisão do trabalho no Brasil

O pequeno Félix, de seis anos, que montava o seu cavalo de pau costurado de couro, com um cabo de vassoura e uma cauda, cavalgava pelo local, soprando o seu trompete de metal, e estalava o seu chicote como se ele fosse um mensageiro do rei.

Sua irmãzinha, a loira Francisca, embalava nos braços sua boneca, um lindo bebê enrolado em panos, nos braços e, cantarolando, procurava fazer com que ele dormisse. Ludovico, de oito anos, orgulhoso, em círculo, carregava a sua bandeira branca que havia sido bordada pela dona da casa e que mostrava em uma inscrição: “Salve a nossa pátria mãe alemã!”, enquanto, Walter, que já completara dez anos, estava ocupado com o belo livro de figuras, que a própria Elisabete havia ilustrado e escrito tanto em português quanto em alemão. A sensata Paula alegrava-se com a linda caixinha de costura que havia sido equipada com todos os acessórios necessários.

“Espero que, agora, você logo vai aprender a costurar seus próprios vestidos”, Elisabete falou para ela, quando ela percebeu o alegre espanto sobre aquelas lindas coisinhas; “uma vez que possuir estas habilidades, no Brasil, é muito mais importante do que na Europa”.

“Aqui, não existem costureiras?”, perguntou o capitão, que se aproximara para olhar os presentes das crianças. “Nossas mulheres, na Europa, têm uma vida mais tranquila. Elas não precisam costurar sua própria roupa nem seus adornos. Lá, pode-se comprar tudo por pouco dinheiro e não vale a pena gastar seu tempo e suas forças para isso. A menos que se queira abrir um negócio e trabalhar por dinheiro.”

“Nisso o senhor tem razão”, respondeu Elisabete. “Aqui, a realidade é diferente. É necessário que a gente saiba lidar com todas as situações ou prescindir-las de vez. O que muitas pessoas, aqui, preferem fazer. No entanto, certamente, em prejuízo próprio.”

Modéstia e inércia em excesso

“Não”, disse Roberto, “isso não tem nada a ver com a modéstia e a simplicidade tão injustamente aclamadas na Europa. O ser humano que conheceu um modo de vida civilizado nunca mais descerá para patamares inferiores da cultura sem se sentir rebaixado e desmoralizado.”

“É possível dar um passo atrás, voluntariamente, durante um certo tempo para condições de privação e esforço caso se persiga algum objetivo maior; mas tão logo estes motivos não existam mais para nós, vamos nos sentir rebaixados, caso nos conscientizemos de como a nossa vida se tornou desagradável e insatisfatória desde que esquecemos de nos esforçar em perseguir a perfeição.”

“Da mesma forma”, observou Elisabete. “Mesmo que tenhamos a melhor boa vontade de organizarmos a nossa vida atual de acordo com as necessidades da civilização da qual estávamos acostumados sobra bastante coisa que nós, realmente, não conseguimos resolver; e temos de reunir todas as nossas forças se quisermos permanecer de maneira razoavelmente agradável, correta e sensata nos nossos costumes europeus.”

“Como pode ser isso?”, perguntou o capitão. E acrescentou: “Nós vemos os brasileiros sempre tão bem vestidos quando se mostram na rua e as suas senhoras demonstram, quando vão a missas, bailes, casamentos etc., um luxo que ultrapassa qualquer limite. Veludo e seda, com bordados de ouro e prata, dominam, nessas ocasiões, a ordem do dia.”

“Certamente”, riu a jovem senhora. “A grande questão reside, neste caso, somente no custo, porque o senhor há de compreender que um luxo desses exige grandes somas de dinheiro. Que nós, pobres estrangeiros, não podemos nem sonhar em amealhar em muitos anos de trabalho árduo. Tudo, aqui, é muito caro.”

Não existe classe média no Brasil

“Mas os brasileiros são todos tão ricos?”, perguntou o capitão, sendo que Roberto respondeu: “Os ricos, sim; mas, ao contrário, os pobres são muito pobres, sem, no entanto, terem consciência disso; o que quer dizer que, no Brasil, existem somente ricos e pobres e nenhuma classe média. Senão quisermos supor que, a partir dos poucos estrangeiros que vivem por aqui e com a Abolição da Escravatura, mais tarde, possa se desenvolver uma classe média aceitável”.

“Por enquanto”, opinou Elisabete. “As condições se apresentam de maneira que nós, estrangeiros, que viemos da Europa, acostumados a todos os bens da civilização, aqui, não possuímos os meios de comprarmos o necessário, porque os produtos são muito caros, uma vez que, na sua maioria, são importados já manufaturados de muito longe ou são produzidos com grandes custos (devido à falta de máquinas e de mão de obra especializada).”

“Ao patamar dos brasileiros pobres, que conseguem viver com quase nada nós não podemos nos rebaixar sem sofrermos a mais profunda degradação. Por outro lado, aquelas pessoas que nunca conheceram um outro modo de vida do seu próprio jeito são dignas de muito respeito, sim, até de admiração por sua nobreza e grandeza de coração.”

“Concordo!”, interveio o capitão. “Muitas vezes, já fiquei admirado com o modo livre, ativo e agradável de se expressar desses tipos marrons, cuja única propriedade é somente a sua camisa, calça e poncho, além de esporas e um chicote! Se, no entanto, um deles, tira o seu chapéu chileno de abas largas e nos oferece a sua mão forte para um cumprimento, tem-se a impressão de estarmos lidando com um senhor da terra, enquanto nós, somente, somos os seus fiéis servos. E devemos nos sentir lisonjeados com a sua autorização de podermos respirar.”

Sem dedicação não há ordem nem amenidades

Roberto riu e disse: “O senhor acertou em cheio! Este é, no fundo da sua alma, a verdadeira opinião de um brasileiro. E este é o ponto em que ricos e pobres se encontram nas relações conosco, os estrangeiros. Mas eu não posso guardar mágoas por isso, pois, apesar de o orgulho nacional, certamente, ser uma fraqueza, este sentimento lhes cai bem”.

“Bem! Eu concordo com você”, sorriu sua esposa. “E nós temos de concordar porque não podemos mudar; o que podemos é isso: transmitir aos brasileiros um melhor conhecimento das tradições e do modo de vida alemão, do que até agora foi possível, e para este fim, é necessário que nós, sem esses meios, isto é, o dinheiro dos ricos, organizemos o nosso dia a dia de maneira que seja possível dar o exemplo de asseio e esmero; e mesmo sem luxo, rodear-se das facilidades de uma casa bem disposta.”

“Eu posso imaginar como isso deve ser difícil!”, disse o capitão, e Roberto acrescentou: “Sempre será, principalmente, trabalho das mulheres cuidar daquelas milhares de pequenas necessidades cuja falta nós iríamos sentir. Apesar de que, na Europa, nós, praticamente, não damos valor, porque, por costume, parecem imperceptíveis, apesar da grande utilidade que nos oferecia na época. Nós, homens, não somos capazes de cuidar da organização e manutenção de tantos detalhes importantes; e, por outro lado, também temos de dizer com franqueza que mulheres e crianças decaem com muito mais frequência por desasseio e descuido por preguiça, porque devido à sua natureza frágil, elas decaem mais profundamente e perdem a beleza muito mais rápido do que os homens.”

Presentes de Natal brasileiros

“Ah, se nossos alemães não se entregassem tanto à bebedeira, que, certamente, vem em consequência de seu modo de vida desregrado!”, disse o capitão, e Roberto deu razão, “O brasileiro das classes mais baixas tem menor inclinação para este mal, talvez, pelo fato de que ele, no geral, está consciente das suas tendências, desejos e compreensão de sua posição e condições; enquanto que os alemães estão em desarmonia consigo, e não sabem como sair dessa situação, uma vez que foram arrancados do seu ambiente habitual e não conseguem encontrar segurança e satisfação em algum outro lugar.”

Elisabete, enquanto isso, dedicou-se ao pequeno Henrique para apreciar os presentes que ele recebeu uma pequena coleção de curiosidades brasileiras; a saber: um besouro dourado, várias borboletas espetadas em pequenas tábuas e guardadas em caixinhas de metal. Também havia pássaros empalhados com plumagens tão maravilhosas como só são encontradas no Brasil; flores artificiais esculpidas de uma noz de coco e lindamente pintadas que pareciam naturais; e muitos outros enfeites feitos de escamas, conchas e penas.

Além disso, sua amiga tinha preparado vários doces de frutas, como suco de marmelo fervido com açúcar, bem como abacaxi em calda e outras mais, que ele deveria levar para a sua mãe como lembrança desta festa no Brasil. Também havia entre os presentes um terno leve, calça e paletó de algodão para o menino; já que a boa Elisabete se apressou em costurar uma roupa adequada para a sua estada em um clima tão quente. Apesar de que ela afirmava que suas roupas de lã, em outra época, por exemplo, de março a outubro, mesmo no Rio, não deveriam ser quentes demais.

“Somente agora, no alto verão”, ela disse. “Você, de maneira alguma poderia continuar a usar roupas tão quentes, principalmente se você, como eu já combinei com seu pai, ficará comigo, pois, em terra firme, o ar é mais abafado do que em alto mar.”

Muitas doenças decorrem de resfriados noturnos

“Os marinheiros sempre dormem no convés por causa do calor”, disse o menino. Porém, Elisabete fez o garoto ver que esse procedimento não era correto, porque, nas regiões tropicais, as noites costumam ser bastante frescas e os maus eflúvios que se levantam ao cair da tarde são levados para a costa, provocando danos a saúde.

“Na Bahia e em Pernambuco é mais quente que aqui?”, perguntou Henrique. E Elisabete respondeu: “É claro, a Bahia fica muito próxima ao Equador e Pernambuco ainda mais”.

Porém, queremos conhecer o presente principal que nossa amiga havia destinado ao nosso pequeno favorito. Trata-se do alegremente tagarelante papagaio, que já conhecemos anteriormente. Ele se mostra surpreso por ser incomodado desta forma no seu descanso noturno e ter voltado à claridade da luz, e, contrariado, bate suas asas arrepiadas. Porém, parece que ele aceita os carinhos do felicíssimo Henrique com compassiva altivez. E, ao final, ele até saboreia algumas bananas com grande apetite.

Elisabete, que havia dedicado muito tempo ao pequeno Henrique precisou se ocupar, ainda, em servir a janta, pois, afinal, ninguém ficou satisfeito somente com a alegria, e como sabemos, a nossa amiga não tem cozinheira ou qualquer auxiliar e precisava cuidar dos preparativos.

Cachorros pequenos são muito apreciados no Rio

Finalmente, bastante cansada de tanta emoção e dedicação, ela afundou em uma cadeira; foi quando ela sentiu falta do seu amado único escravo, o cachorrinho preto, o incomparável “Guarda”.

Ela lembrou-se de que já fazia um bom tempo que ela não o vira. Todos chamaram por ele na cozinha, no quintal e nas construções adjacentes; porém, em vão. A alcova rodeada de cortinas coloridas e forrada de cobertores macios foi revirada de cima a baixo. Procurou-se em cada canto, mas o “Guarda” não respondia a voz emocionada de sua patroa.

“O cachorro desapareceu! Alguém o roubou. Ela lamentava, enquanto as lágrimas corriam pela sua face. Cachorrinhos deste tipo, no Rio, são muito apreciados e valem muito dinheiro. Eu sempre pensei que estaria segura com meu ‘Guarda’, porque ele não é bonito, somente muito engraçadinho e muito bom.”

Roberto e o capitão foram para a rua, porém, mesmo o assobio do seu dono, bem conhecido do animalzinho, ecoou sem resposta na noite escura. Elisabete tentou combater a sua dor para não estragar a noite dos convidados. As crianças não deixaram-se atingir, comiam o seu bolo, riam e conversavam como antes. Somente Henrique ficou ao lado de sua amiga, com olhos cheios de lágrimas e procurava mostrar a ela a sua compaixão.

“O Guarda’, com certeza, vai estar de volta amanhã de manhã”, ele consolava. “Provavelmente, ele perdeu o caminho de volta, nesta noite escura.”

Elisabete, tristonha, balançou a cabeça. “Oh, não minha cara criança”, respondeu ela: “Um cachorro nunca perde o rastro do seu dono e se ele não estiver morto ou preso, ele já deveria estar de volta há muito tempo.”

Como o cachorro provou a sua fidelidade

Os convidados sentaram-se à mesa para jantar, e a dona da casa escondia a sua dor da melhor maneira possível, porém, a alegria geral se mostrava contida. Todos gostavam do animalzinho e ninguém desejava que Elisabete sofresse uma perda tão grande.

“Eu estou ouvindo que alguém está arranhando a porta externa”, sussurrou para ela o pequeno Henrique, correndo, imediatamente, até lá para abrir, enquanto se podia ouvir um lamento baixinho, como de alguém pedindo acolhida. A boa senhora não encontrou palavras para a sua gratidão. O júbilo que tomava conta do coração quando ela tomou nos seus braços o querido cachorrinho saltou para os seus braços.

“Onde você estava, ‘Guarda?’”, ela perguntou depois de um tempo. Quase não podendo conter as suas calorosas demonstrações de amor. Parecia que ele queria responder com gritos de alegria. E, então, ela percebeu que uma corda estava presa por baixo da coleira conhecida, mas uma das pontas estava visivelmente roída. Ela olhou com mais atenção e encontrou uma ferida profunda que, claramente, comprovava que o pobre bichinho quase havia sido estrangulado.

“Parece que alguém amarrou você, que, com grande sacrifício conseguiu se soltar à força. Até que, no final, você conseguiu morder esta corda”, disse Elisabete. “Pobre amigo fiel. Eu fui presenteadada pela segunda vez. Você, agora, vai se tornar duplamente amado! Vá cumprimentar o seu dono.”

‘Guarda’ saltou, alegre, até Roberto, que demonstrou de maneira expressiva a sua afeição. Em seguida, todos chamaram o cachorrinho para acariciá-lo carinhosamente. Ele voltou para a sua dona, que retirou aquela corda má, cuidou da sua ferida e colocou um curativo. Ela ofereceu um pequeno lanche noturno e ordenou que ele fosse para a cama.

“Como um cachorro educado com amor se torna um ser precioso!”, disse o pai de Henrique. “Um ser humano que pudesse dedicar toda a sua vida ao seu semelhante seria completamente perfeito!”

Não há motivo para subestimar os animais

Elisabete fez que sim com a cabeça. “Veja como ele, ainda em sono, levanta as orelhas, ao menor sinal de que nós, talvez, necessitemos dele, e ele esteja pronto para nos servir!”

“Bem!”, sorriu Roberto, “mas, mesmo um ‘Guarda’, não é insensível a assado e bolo, e podemos deduzir, ao final, que ele não é tão altruísta assim”.

Sua esposa levantou o indicador, ameaçando-o e sorrindo, ao mesmo tempo: “Você não vai conseguir diminuir a minha alegria”, ela respondeu. “Eu sei bem que nem o ‘Guarda’ pode viver de ar! E se ele aceita, com prazer, um pedacinho de assado da minha mão, isto está muito certo. Você sabe muito bem que ele não costuma aceitar algum bocado de uma pessoa estranha. Você não concorda? Um cachorro assim ama os seus amigos sejam eles ricos ou pobres, nobres ou gentis, moços ou velhos, bonitos ou feios, saudáveis ou doentes, tenham eles recebido ou não educação. E ele vai amá-los sempre com a mesma fidelidade e sacrifício.”

Todos deram razão à boa Elisabete e mesmo Roberto afirmou que seria ridículo como algumas pessoas tratam seus animais com desdém, quando eles, muitas vezes, são superiores em alguns aspectos.

Iniciou-se, então, uma conversa sobre as propriedades extraordinárias dos animais em geral. E o capitão declarou sua surpresa sobre como os animais que não são semelhantes ao ser humano, como o elefante, o cavalo e o cachorro, são considerados os mais nobres e inteligentes.

A diversidade dos dons naturais

Roberto revidou: “De acordo com as minhas experiências, eu não quero concordar com isso, pois, não podemos negar que muitos macacos desenvolveram uma sagacidade extraordinária e, em muitos aspectos, ultrapassam aquela dos cachorros. Não raro, por exemplo, acontece que ao apresentar-se a um macaco um inseto desenhado em um papel, que está acostumado a caçar na natureza, ele tentará pegá-lo. Enquanto que ele ignorará os outros exemplares desenhados que não servem de comida. Afirma-se também que os macacos, em relação ao cuidador que gosta e já conhece há muito tempo, conseguem reconhecê-lo em um desenho fiel, mas não conhecemos algum exemplo de um cachorro, por mais astuto e fiel que seja, que consiga reconhecer a imagem de seu dono.”

“Isso acontece porque o faro do cachorro é o seu sentido principal e, portanto, tudo aquilo em que não pode reconhecer pelo cheiro, ele deixa de lado”, considerou o capitão. E Elisabete disse: “O faro, muitas vezes, é extraordinariamente bem desenvolvido; o ‘Guarda’, por exemplo, já provou muitas vezes que ele reconhece a letra do meu marido, depois de ter cheirado o papel da carta. Depois do que, ele se mostra tolo de alegria. O que, de nenhuma maneira, ele faz quando eu mostro alguma outra carta”.

Com essas conversas, foi passando o tempo e as velas queimadas lembraram que era hora de partir. Todos se levantaram da mesa e já se preparavam para desejar ‘Boa noite’ quando, do lado de fora, foi ouvido o barulho do cavalo. O ‘Guarda’ despertou de seu sono já latindo, mas, logo se acalmou, quando ouviu o chamado do seu dono. Ouviram-se batidas na porta e, logo, também, o pedido para entrar, em português, acrescido da súplica: “Pelo amor de Deus”.

Hospitalidade brasileira

Roberto abriu a porta e se deparou com vários homens de olhar sinistro e barbas negras, enrolados em seus longos ponchos, os grandes chapéus enterrados até a testa, com enormes esporas nos pés descalços e belos facões muito bem trabalhados, de prata, no cinto; além de pistolas de ambos os lados. E eles entraram.

Eles cumprimentaram os presentes com as seguintes palavras: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”, ao que Roberto, imediatamente, respondeu com a fórmula usual: “Para sempre seja louvado, Amém!”

Elisabete, então, pediu para que se sentassem e ofereceu alimentos e bebida, já que estavam visivelmente famintos e sedentos. Enquanto eles comiam, de maneira arisca, e inquietos, a dona da casa lembrou-se que seria indicado retirar os funcionários e as crianças, com seus presentes, para que não fossem testemunhas de uma conversa de certa gravidade. Ela, portanto, despediu-se de todos.

O pequeno Henrique foi colocado na cama, em um dos quartos dos fundos, e quando Elisabete retornou, os estranhos estavam terminando a sua refeição.

O nosso capitão não conseguia esconder a sua surpresa diante de uma demonstração de hospitalidade tão grande em relação a pessoas desconhecidas. “Este é o costume brasileiro e eu acredito que seja bom”, disse o dono da casa. “Essas pessoas pediram a permissão de serem recebidas e nós concordamos; então, a nossa obrigação, agora, é a de que esperemos que digam o que mais possam desejar de nós.”

“Porém, aqui, no país da Escravidão, parece-nos tão estranho, em um primeiro contato, que a liberdade pessoal, geralmente, é muito mais valorizada do que na Europa civilizada. Em alguns aspectos, nossos sábidos conterrâneos poderiam aprender muita coisa boa dos costumes desses semi-selvagens.”

Um começo para “Divisão do Trabalho”

“Aqui é considerado educado perguntar a alguma pessoa o que ela, talvez, não queira responder. Exige-se, nos relacionamentos, que se demonstre cordialidade; mas ninguém deve acreditar que vá conseguir alcançar direitos de afeição e confiança logo no primeiro contato.”

Elisabete acrescentou: “É certo que cada um possa fazer dentro da sua casa o que quiser e que nem passa pela ideia de alguém querer dar conselhos ou oferecer sua opinião como isso acontece na Europa com tanta frequência; que fingindo interesse somente se quer satisfazer a sua própria curiosidade e superioridade. E, com isso, dá motivos a muitos dissabores”.

“Mas, e os escravos!”, ponderou o capitão. “Eles não participam desta liberdade!”

“Realmente, muito pouco”, respondeu Elisabete. “Porém, alguma coisa; apesar de eu, certamente, não querer contestar que a Escravidão, em si, nunca poderá ser desculpada. Acontece que o próprio negro, aqui, não é submetido a uma supervisão mesquinha e a uma sujeição vexatória como a nossa própria classe trabalhadora e serviçal. Isso já se deve ao fato de, aqui, nunca serem exigidos trabalhos muito diversificados dessas pessoas, mas, que, cada um é destinado a um cargo onde seja útil. Portanto, não se exige de um escravo que trabalha como cozinheiro que ele faça outros serviços, como por exemplo, de limpeza da casa, no jardim ou qualquer coisa. Da mesma forma, uma negra, que trabalha como lavadeira e passadeira nunca será obrigada a exercer outras funções. E quando ela cumpriu o seu trabalho diário ou semanal, ninguém pergunta o que ela faz com o tempo livre. Ela, durante este período, está completamente livre e pode, de todas as maneiras, fazer o que quiser.”

Leis são ineficazes para a Escravidão

“Isto é exigido por lei?”, perguntou seu amigo.

Roberto respondeu: “Não, de maneira alguma; mas é o costume geral, que encontra os seus fundamentos nas condições menos mesquinhas, e, desta maneira, enraizaram-se de maneira mais firme e inabalável do que se estivessem escritas no papel”.

“Mas será que os escravos, mesmo assim, muitas vezes, não são maltratados?”, perguntou o capitão.

“Geralmente, o brasileiro tem boa índole e a cor escura da pele, aqui, nunca foi considerada um motivo para discriminação como a que aconteceu nos Estados Unidos; é este o motivo, com certeza, que a sorte dos escravos, aqui, não pode ser considerada tão dura, ainda mais se nós considerarmos as condições de vida desgraçadas que esses negros viviam na sua pátria, a África, e a maneira cruel e brutal que tratavam-se mutuamente.”

“Porém, não devemos esquecer, naturalmente, que um senhor de escravos bom e indulgente, em um rompante de mal humor ou seguindo algum vício, às vezes, comporta-se de maneira muito cruel contra os seus escravos. A lei, por sua vez, pune o assassinato de um escravo; mas, em primeiro lugar, é muito difícil provar, uma vez que somente brancos ou libertos podem servir de testemunhas. Enquanto que o depoimento de um escravo diante da Justiça não tem valor. E, com isso, é possível infligir muitas atrocidades sem, no entanto, tirar-lhe a vida.”

“Ah, poderia se pensar”, opinou o amigo, “que os senhores de escravos deveriam estar preocupados em preservar a saúde e a vida de seus negros, uma vez que obteriam vantagens como isso.”

Pelo amor de Deus

“Pois é”, respondeu Roberto. “Normalmente, é este o caso, porém, a ira, às vezes, é mais forte que o simples cálculo dos prejuízos.”

“Para os brancos, os senhores, a Escravidão, certamente, é muito mais prejudicial do que para os escravos”, acrescentou Elisabete; “será que não serão destruídas as melhores virtudes de um ser humano, que se acostumou a olhar o outro como uma besta de carga que lhe pertence?”

“Por aí, vemos que todo o mal carrega em si sua própria punição!”, respondeu o capitão. “Porém”, ele disse, levantando-se: “É tarde e os seus hóspedes parecem inquietos.”

Os estranhos chegaram mais perto e agradeceram pelos alimentos, ao que Roberto perguntou se ele ainda poderia, de alguma forma, ser útil, mas a resposta ainda não havia sido dada, quando ouviram-se, novamente, o barulho de cavaleiros apressados na rua, fortes pancadas e pedidos de que a porta fosse aberta. Roberto fez um movimento em direção à porta, quando um dos brasileiros o segurou pelo braço. Pálido e com os lábios trêmulos, ele pediu: “Deixe a casa trancada! Escondam-me! Pelo amor de Deus! Não me denunciem aos meus inimigos! Ou vocês provocarão uma luta de vida ou morte!”

Elisabete, que entendeu que não havia tempo a perder, pegou o estranho pela mão para levá-lo de lá, sussurrou ao seu marido que ele, agora deveria dar ouvidos aos que estavam esperando fora da porta, para não levantar suspeita. Os dois companheiros seguiram em silêncio, quando a nossa amiga levou o seu protegido para a casa dos fundos, apontando para alguns tonéis e barris, onde eles poderiam se esconder.

O Direito da Defesa do Lar vale também para os estranhos

Mal ela havia voltado ao salão principal, quando se deparou com duas figuras barbadas, muito parecidas com aquelas que ela já havia acolhido, que, apesar dos latidos enérgicos do ‘Guarda’ por causa dessas presenças em um horário tão impróprio. O cachorro não pôde ser acalmado tão depressa, dando tempo para o seu dono tomar fôlego para perguntar de maneira despreocupada o que eles desejavam. Esses hóspedes mostraram-se muito menos tímidos do que os primeiros. Sem rodeios, eles, logo, falaram qual era o seu objetivo.

“Estamos procurando alguém que, covardemente, fugiu!”, exclamou o primeiro.

“Sim, nós estamos na pista de um assassino”, confirmou o outro, com ênfase. “Aqui, perto desta casa, foram amarrados os cavalos que nós, logo, reconhecemos; nós, portanto, queremos perguntar quem eram os cavaleiros e se eles bateram à sua porta.”

“Sobre isso, eu não posso dar alguma informação”, disse o dono da casa. “Hoje à noite, nós, demos uma festa”, ele mostrou para os restos que podiam ser vistos sobre a mesa. “E estávamos nos preparando para dormir (o olho curioso, vasculhando todo o ambiente, mostrava, de maneira muito clara, que ele desconfiava dessa informação).”

“O senhor trouxe um pedido oficial do juiz para revistar a minha casa?”, perguntou Roberto. E quando ele não recebeu uma resposta, ele acrescentou: “Os senhores bem sabem que mesmo munidos de uma legitimação como aquela, os senhores não têm o direito de, à noite, adentrar uma casa sem ser convidado.”

“O senhor é estrangeiro”, retrucou aquele, com voz mais calma. “Nós acreditávamos que o senhor, talvez, estaria disposto a nós auxiliar na busca por nosso direito, se isso estivesse ao seu alcance.”

“Como? Vocês acham que para nós, estrangeiros, o Direito da Defesa do Lar é menos santo do que para vocês?”, disse Roberto. “Vocês acham que as leis do país não valem também para nós? Ou vocês pensavam que nós não as conhecíamos e iríamos nos submeter a uma busca na nossa casa? Nada disso. Voltem amanhã, durante o dia. Munidos dos papéis necessários. Então, eu continuarei a dialogar com vocês.”

O salvamento

Os dois ficaram parados, indecisos. “Amanhã será muito tarde”, murmurou um deles. “Amanhã, o assassino do meu irmão já poderá ter fugido; talvez, estará a bordo de um navio, e distante para sempre do alcance da minha vingança justa!”

“Nós não tiraremos os nossos olhos desta casa. Assim, no final, ele terá de cair nas nossas mãos se ele estiver escondido”, disse o seu companheiro. Mas o outro balançou, tristemente, a cabeça: “Quanto tempo nós teríamos de montar guarda, uma vez que, aqui, ele tem alimento e guarida. Enquanto que nós, lá fora, passaremos fome? Além disso, nós não poderemos prendê-lo sem a necessária documentação. E para conseguirmos isso, ele se aproveitará da nossa ausência para fugir a outro lugar”.

Elisabete olhou para o seu marido para se comunicar com ele. E, depois, decididamente, dar um passo à frente: “Enquanto que vocês, boa gente, gastam dinheiro e força à toa (uma vez que aqueles que vocês estão procurando não estão aqui), eles acharão meios de embarcarem amanhã de manhã e fugirem para o mar. Meu conselho, portanto, é que: corram para a cidade para conseguirem vasculhar até amanhã e amanhã todos os navios que vão partir, assim, os seus esforços não serão em vão.”

Bem ou mal, os dois, após pensarem por algum tempo, decidiram seguir este conselho. E Elisabete respirou aliviada, quando ela os viu montarem nos seus cavalos e logo ouvir o barulho dos cascos e o tilintar as armas, sempre diminuindo ao longe.

“Não julgais para não serdes julgados”

O capitão mostrou um espectador mudo, porém, atento, e conseguiu adivinhar o conjunto dos acontecimentos, mesmo que ele não entendesse as palavras, opinando, agora: “Talvez, tivesse sido melhor entregar um delinquente tão perigoso”.

“Será que um malvado como esse não representa um perigo para todas as outras pessoas?”, ele perguntou. E não seria aconselhável colocá-lo atrás das grades?”

“Caro amigo”, respondeu Elisabete. “Eu acredito que nós não devemos julgá-lo com tanta pressa, pois, quem pode nos dizer, agora, por exemplo, se a acusação é tão verdadeira? Nós não conhecemos um nem outro! Não cabe a nós o papel de juiz; o nosso dever nos dita, unicamente, não denunciar aqueles que se colocam, com confiança, sob a nossa proteção.”

“Está bem”, disse Roberto; “mas, não é este o ponto essencial. O que mais importava para mim era o fato de manter a lei inviolável, uma vez que ela serve como proteção para cada um dos cidadãos; e, com isso, revistas noturnas a casas, de maneira alguma, podem ser permitidas.”

“Por que o senhor, então, sugeriu àquelas pessoas que prestassem a atenção nos navios?”, questionou o capitão. Elisabete respondeu, sorrindo: “Principalmente para tirá-los daqui e porque medidas desta maneira parecem razoáveis e são permitidas por lei”.

“E, mesmo assim, vocês querem salvar o perseguido?”, falou o amigo, em dúvida. “E se eles trouxerem aborrecimentos a vocês?”

“Não há o que se preocupar”, disse Roberto. “Aqui, não se é perseguido por compaixão, como ainda acontece na Europa, para vergonha da humanidade. Além disso, já representa punição suficiente, eu penso, para um pobre coitado desses ter de ficar perambulando e fugindo por aí. E é possível que ele até se redima do que se ele ficasse em uma prisão, onde ele seria torturado e levado a sentimentos de vingança.”

Onde a Justiça humana tem pouca influência

Enquanto isso, Elisabete resgatou os escondidos dos barris.

“Eles estão procurando vocês no porto, nos navios que vão partir”, disse Elisabete. “Vocês, portanto, fariam bem em fugir para outra direção.”

“Nós iremos pelas montanhas até que cheguemos à fronteira da Província”, respondeu um dos homens. “E, então, estaremos em segurança.”

“A Justiça de lá não vai entregá-los quando receberem a notícia?”, perguntou nossa amiga, com interesse.

“Isso não é tão fácil, senhora”, sorriu aquele; “os caminhos são ruins e a mata é densa!”

“Então, vão com Deus!”, disse o dono da casa, depois que ele se convenceu que lá fora tudo estava em silêncio e parecia que não havia perigo; acompanhando os três para fora, que ainda agradeceram cordialmente toda a hospitalidade recebida.

Logo, não se ouviram mais os passos dos cavalos.

“Será que este assassino (no caso em que seja provado o delito) seria executado se ele fosse encontrado?”, ouviu-se a voz do capitão após um período de silêncio.

“Provavelmente não”, respondeu Roberto, “uma vez que a sentença de morte não é usual aqui; porém, isso só é válido para os brasileiros livres e os estrangeiros, enquanto que a lei não se aplica para os escravos. Estes são levados a morte, sem piedade, e enforcados como um espetáculo assustador por qualquer delito de pequenas proporções (que eles, muitas vezes, fizeram a mando de seus senhores)”.

“Lamenta-se muito o descaso com a Justiça neste país”, disse seu amigo. “E eu ouvi dizer que os libertos raramente ou nunca são considerados culpados; mesmo que os seus delitos tenham sido provados eles sempre saíam impunes.”

Menos mesquinaria do que na Europa

Roberto deu de ombros e respondeu, sorrindo: “Não se pode negar: que, aqui, governa-se muito pouco, enquanto que na Europa, governa-se demais! Aqui, nem tudo é resolvido por meio dos serviços públicos. As coisas são, de uma forma, que as pessoas precisam agir por conta própria e aprenderem com os próprios erros. Aqui, o poder principal está mais preocupado em facilitar a vida do que prender os malfeitores, porque considera-se que um Estado tem muitos cidadãos e poucos realmente criminosos, motivo pelo qual prefere-se deixar algum culpado livre a colocar pedras no caminho de um inocente. Para dizer somente uma palavra, aqui, no geral, as pessoas não são tão tacanhas, medrosas e mesquinhas, como acontece na Europa”.

“Sim, isso acontece, mesmo”, concordou o capitão. “Se a gente vê, com que facilidade alguém que possui uma fama razoavelmente boa consegue dinheiro emprestado por aqui para iniciar algum negócio que promete sucesso.”

“Sim, pelo negócio e pela probabilidade do seu êxito. É isso que importa”, riu Roberto; “a única coisa que importa é o bom nome em relação a sua dedicação e organização no trabalho, uma vez que o brasileiro nunca se interessa pelos assuntos particulares do outro. Ele só está interessado em saber o que iremos oferecer em troca dos seus serviços e deixa todo o resto de lado”.

“Os estrangeiros, normalmente, não estarão inclinados em confiar no primeiro que cruza o seu caminho!”, disse Roberto, enquanto Elisabete complementou, alegremente:

“E isso, especialmente, porque os estrangeiros (principalmente os alemães), mesmo que gozem da maior confiança, normalmente, não possuem os meios de fazê-lo, porque eles não possuem dinheiro.”

Como é possível, por dívidas, tornar-se independente

“Os brasileiros”, disse Roberto, “e, aqui, refiro-me aos ricos, pois só deles é possível falar, que sabem muito bem o que fazem quando ajudam um pobre diabo estrangeiro, que, sem amigos, ou mesmo sem conhecidos, corre o risco de cair na miséria, com o empréstimo de alguns cem mil réis, para que tenha a oportunidade de iniciar um negócio. Este se tornará dependente dele na vida e na morte, e, além disso, eles não terão dificuldades em forçá-lo a pagar as prestações da sua dívida (acrescida dos juros habituais que, como se sabe, são muito altos). Por mais vasto que seja o Brasil, um devedor não pode simplesmente fugir, uma vez que, nas cidades portuárias existem controles rigorosos neste sentido e, porque um europeu nato, de maneira alguma, sentirá vontade de esconder-se nas inóspitas regiões do interior. O credor também tem o direito de prender um devedor e fazer com que trabalhe para ele até que a sua dívida seja quitada”.

“Então, um estrangeiro que nasceu livre pode, facilmente, cair em um tipo de escravidão, cujas más consequências não são possíveis prever!”, exaltou-se o capitão. E Roberto tentou acalmá-lo, com as seguintes palavras:

“É isso mesmo! E eu não vou tentar atenuar essa realidade! Eu confesso que ela me incomoda bastante! Isso é um exemplo do que sobrou dos tempos bárbaros, dos quais nós, na Europa, também deveríamos tentar nos livrar. Mas, como costuma acontecer, não tomamos tanta nota dos prejuízos europeus porque, desde sempre, estamos acostumados a eles, e também porque eles só atingem as classes mais baixas da sociedade, para cujas queixas nós costumamos fechar os ouvidos e os olhos, já que, cheios de presunção vazia, acreditamos que em um país onde não há mais Escravidão visível (isto é, aceita), cada qual deveria ser capaz de alcançar o mesmo patamar de prosperidade como aquele que nós imaginamos ter alcançado, caso cada qual tenha a vontade certa para isso!”

A ilegalidade da prisão solidária

“Como se a vontade não tivesse de ser desenvolvida no interior do ser humano, por meio de uma educação sensata, isto é, abarcando todas as forças da alma!”, acrescentou Elisabete. “E como as nossas crianças das classes trabalhadoras se ressentem da falta do interesse em oferecer uma atividade realmente boa e que traga aproveitamento!”

“E como fica o brasileiro mais pobre que não pode pagar o seu credor, ele também fica obrigado a pagar as suas dívidas, como se exige dos estrangeiros?”, perguntou o capitão.

“Do mesmo jeito que os estrangeiros”, respondeu Roberto. “Aí, não existe diferença alguma; ao contrário, não existe diferença, ao contrário, esse destino é muito comum entre as classes menos privilegiadas dos nativos; enquanto que, entre os estrangeiros, esses casos são muito raros.”

“Os assim chamados colonos, no entanto, os ‘colonos de parceria’”, disse ele. “Respondem, com todos os membros da família, pelas dívidas um do outro. De acordo com as leis brasileiras, uma ‘responsabilidade solidária’, como é chamada, é totalmente ilegal”, respondeu o dono da casa. “Eu sei disso, com certeza, mas, é grave quando essas pessoas, na Europa, deixam-se aliciar por agentes sem escrúpulos e assinam contratos que incluem essas cláusulas sem sentido, e quando eles, então, aqui, sentem-se obrigados a cumprir isso, mesmo sem serem responsáveis legalmente.”

“Como? Só seria necessária uma intervenção enérgica das autoridades brasileiras para declarar tais contratos inválidos?”

Ao final, uma convicção satisfatória

“Certamente não mais do que isso”, respondeu Roberto. Sem querer entrar em mais detalhes por hoje, uma vez que estava muito tarde, já passava da meia-noite.

O capitão, no entanto, já se despedindo, parou mais uma vez embaixo da porta da saída e disse, brincando, “o que dirá, então, um brasileiro esperto quando um devedor lhe escapa, apesar de tudo?”

“Provavelmente, não muito”, riu Elisabete. “Ele vai contabilizar perdas e danos, como em um jogo, e vai se consolar com a certeza de ter aumentado em muito o seu bom nome, grandeza de espírito e generosidade, o que, para ele, certamente, é muito importante.”

“Você acha, então, que a tão afamada generosidade, hospitalidade e liberalidade não devem ser levadas tão a sério. E, na realidade, só se mostra como um papel, que é representado com maior ou menor destreza, para satisfazer a sua boa reputação.”

Roberto riu: “Caro amigo, porque você se admirou com isso? Na Europa, não acontece o mesmo? E, afinal, não é bom que esses queridos brasileiros, da mesma maneira que os norte-americanos, dão tanto valor ao que se pensa deles na Europa? Principalmente para nós, pobres alemães, que estaríamos completamente desamparados aqui, eu só posso ficar feliz! Sim, para nós, esse respeito sobre a opinião europeia só pode ser bem vinda!”

“Além disso”, acrescentou Elisabete, “que pessoa alguma, por muito tempo, pode representar um papel de nobres virtudes sem conscientizar-se das vantagens que elas trazem e incorporá-las”.

De muito longe

“Isso que pode ser considerada uma verdade e uma verdade consoladora por ocasião de um Natal feliz”, disse o capitão, “enquanto ele apertava a mão da dona da casa carinhosamente”, mas, neste momento, ouviram-se, de longe, sons familiares de canções alemãs, de forma simples, através da rua silenciosa.

*“O que você pretende no exterior?
Aqui, é tão belo, tão maravilhosamente belo!
...tão belo, tão maravilhosamente belo!”*

Soava muito saudoso; como se quisessem trazer de volta, em um passe de mágica, a pátria, sob o céu estrelado do Sul!

Emocionados, os nossos três amigos ouviram a canção que se afastada.

E mais uma vez, cumprimentaram-se com desejos de: “Feliz Natal, também para aqueles, em casa, na pátria alemã. Bom, feliz e alegre Natal! Amém!

